

DUOLOGIA
HADES' MEN
LIVRO 01



ATRACÃO *Fatal*

UM ROMANCE DE HARÉM REVERSO

HAYESHA DI MAFFEI



ATRACÃO

Fatal

DUOLOGIA
HADES' MEN
LIVRO 01

HAYESHA DI MAFFEI

Copyright © 2022 de Hayesha Di Maffei

Capa: Lucas Bernaliel
Ilustrações: Cacu Ilustra
Diagramação: Hayesha Di Maffei e Kamila M. P.
Revisão: Kamila M. P.
Betagem: Kamila M. P.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Neste livro foram utilizadas muitas abreviações como o “tá”, “tô” e “pra”, de forma que o texto fique o mais caracterizado possível com o estilo dos personagens.

Primeira edição, 2022
<https://www.instagram.com/haaydimaffei/>

Índice

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Dedicatória](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Nota da autora 2](#)

[Ei, Você](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça a Autora](#)

[Conheça: A Singularidade de Nós](#)

Sinopse

TRÊS HOMENS GOSTOSOS.

UMA MULHER FORTE.

A MESMA CASA.

Kyle Thorne conheceu Seth e Raffi quando se alistou aos Fuzileiros Navais. Juntos, eles se tornaram a equipe de operações mais letal, ficando conhecidos como os Hades Men. As coisas que enfrentaram na guerra transformaram a amizade entre eles em uma irmandade. Agora, de volta à vida civil, são os CEOs de uma das melhores empresas de Segurança Privada dos Estados Unidos.

Brooke Roberts é uma professora recém-formada. Ela acredita que sua vida está toda encaminhada: trabalho, namorado e amigos, porém quando seu relacionamento desaba diante dos seus olhos, irá precisar reavaliar tudo em que acredita e conhece sobre amor e união, e isso, enquanto convive com Kyle e seus amigos.

A proximidade desperta antigas e novas paixões. E dúvidas começam a surgir. É errado estar atraída por seus três amigos?

Eles já estão acostumados a dividir tudo na vida: a empresa, a casa, as mulheres. Mas Brooke é diferente, certo?

Um caso de fraude e uma nova ameaça podem colocar a vida de Brooke em risco, e Kyle, Seth e Raffi não vão parar até que ela esteja segura.

“Atração Fatal” é o primeiro volume da duologia de harém reverso Hades’ Men.

Nota da Autora

Olá, tudo bem? Primeiramente, muito obrigada por ter escolhido Atração Fatal para ser a sua próxima leitura, mas peço que você pare um segundo e realmente considere o tema do livro.

Atração Fatal é sobre amor, em todas as suas formas e não apenas da maneira que a sociedade nos ensina desde crianças. Se você não concorda ou acredita neste tipo de relacionamento, **este livro não é recomendado para você.**

A protagonista **NÃO** escolherá entre seus interesses amorosos, todos os protagonistas se envolverão em um relacionamento poliamoroso. Além deste tema, haverá outros gatilhos como violência física, tortura e estresse pós-traumático, se em algum momento durante a leitura você se sentir desconfortável, peço que pare a leitura. Sua saúde mental e emocional deve ser prioridade. Este livro é destinado à maiores de 18 anos por conter conteúdo explícito, tais como palavras de baixo calão e sexo.

Se esse não é o seu estilo, aconselho que não leia Atração Fatal.

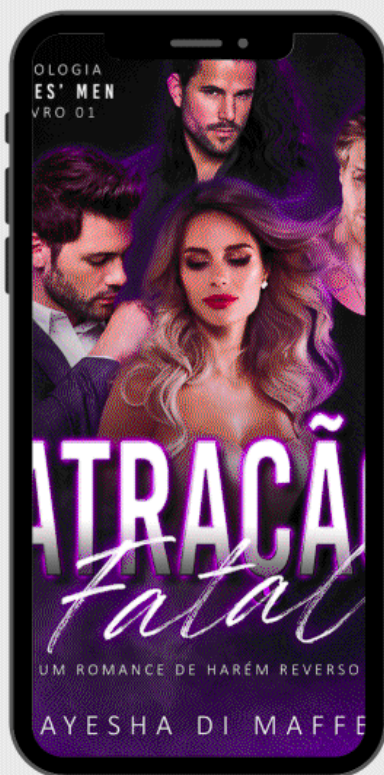
Porém, caro leitor, se você está ciente disso e preparado para embarcar nessa jornada de conhecer esse Harém Reverso, sugiro que se acomode e tenha à disposição muita água gelada.

Dedicatória

Esse livro é dedicado a todos aqueles que sempre se perguntaram porquê a Elena, Aelin, Rose, Buffy, Sookie, Mare, Alina, Bella e tantas outras precisaram escolher.

Playlist

Ouça a playlist do livro!



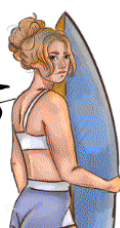
Abra seu spotify e ouça



ATRACÃO
Fatal

Prólogo

Brooke Roberts



Eu marquei esse dia no meu calendário, e todos os dias quando olhava para o círculo vermelho sentia um aperto em meu peito. Achei que demoraria mais para chegar, mas parece que pisquei e o fatídico dia chegou. Hoje é o dia do alistamento do Kyle, vou dar adeus ao meu melhor amigo. Minha paixão secreta.

E não podia ser em pior momento, como ele espera que eu sobreviva ao ensino médio sem ele? Sempre achei que ele estaria aqui durante essa transição, mas quando completou 19 anos tomou a decisão de se juntar aos Fuzileiros Navais.

Afinal Kyle Thorne esteve presente em todos os momentos marcantes da minha vida. No dia que eu decidi que aprenderia a andar de bicicleta sem rodinhas, foi ele quem me ajudou a tirá-las e me encorajou a levantar todas as vezes que eu caí. Como nossos quartos ficavam diretamente um de frente para o outro, costumávamos escrever em folhas de papel e colocar na janela. Chegou um dia que mamãe se cansou de gastar com cadernos todos os meses e nos deu dois quadros brancos. Gostávamos de deixar recados um para o outro, quando um de nós estava de

castigo passávamos o dia trocando mensagens, e esse nosso vício continuou mesmo depois que eu ganhei meu celular...

A campainha soou me tirando das lembranças e levantei os olhos da minha tigela de cereal, praticamente intocada.

Caminhei devagar para a porta, como se eu pudesse impedir o que estava para acontecer. Minha mão se fechou na maçaneta fria e senti meus olhos arderem. Respirei fundo algumas vezes para me recompor, coloquei meu melhor sorriso nos lábios e abri a porta.

Kyle Thorne estava ainda mais bonito do que em todos os outros dias. Seus olhos azuis brilhavam com determinação, seu cabelo loiro tinha sido cortado conforme os requisitos do *US Marines*^[1] e ele já estava vestido com o uniforme.

— Prometeu que não ia chorar — falou, me puxando para seus braços em um abraço apertado e tudo que eu queria era me fundir a ele.

— Não estou chorando. — Minha voz saiu embargada, devido ao nó que tinha se alojado em minha garganta desde que acordei. — Vou sentir sua falta.

— Eu também, mas você sabe que eu preciso fazer isso. — Afastou-se o suficiente para poder olhar nos meus olhos, suas mãos subiram para segurar meu rosto, e o polegar dele acariciou minha bochecha. — O tempo vai passar rápido, você vai na cerimônia de graduação, não vai? — confirmo apenas com um menear de cabeça.

Quando os recrutas terminam as 13 semanas do *Boot Camp*^[2] existe uma formatura, sendo este um dos poucos eventos abertos ao público.

— Não perderia por nada, já falei pra mamãe — digo, depois de um tempo olhando pra ele.

— Nos vemos em treze semanas, Brooke. — Ele me envolveu em mais um abraço e eu agarrei sua cintura. — Se mantenha longe de problemas, escute seus pais e se divirta!

Ele precisava ir e eu precisava soltá-lo. Estava a poucos minutos de não conseguir mais segurar o choro que ameaçava me despedaçar.

— Kyle, se cuida e volta logo, vou sentir saudades — murmurei contra seu peito, o apertando mais uma vez antes de soltá-lo.

— Pode deixar. — Ele inclinou o rosto até beijar minha testa. — Até logo, Brooke.

Ele se virou e desceu os três degraus da minha varanda até chegar ao carro onde seus pais o esperavam. Antes de entrar se voltou para mim mais uma vez e acenou com um sorriso orgulhoso, cumpri meu papel e acenei de volta prendendo o soluço que já ardia na minha garganta.

Segui com os olhos até o carro desaparecer na rua e entrei em casa, logo subi as escadas, correndo para o meu quarto, as lágrimas desciam quentes por meu rosto, meu corpo inteiro chacoalhava com os soluços. Involuntariamente minha atenção foi para a janela, aquela que dava diretamente para o quarto de Kyle, ele tinha escrito algo novo no quadro.

Levei alguns minutos para parar de chorar o suficiente e conseguir ler sua mensagem.

“Pare de chorar, B. Te amo e já volto!”

Capítulo 01

Brooke Roberts



O burburinho das conversas à minha volta servem de plano de fundo para o meu almoço. A sala dos professores da escola primária Greenbriar é simples, paredes em um tom de *off-white* e um grande quadro de anúncios, que está abarrotado de papéis fixados com tachinhas coloridas. Quatro mesas circulares ladeadas por cadeiras de plástico, extremamente desconfortáveis devo acrescentar, uma geladeira, micro-ondas e uma cafeteira que devia estar ali desde que eu frequentei o jardim de infância.

Meu celular vibra na mesa me alertando da chegada de uma nova mensagem.

Liv: *Quais as chances de você conseguir ingressos para a Underworld amanhã?*

Reviro meus olhos quando vejo a mensagem de Olivia Jones, minha melhor amiga desde a universidade, quando dividimos um dos dormitórios em Stanford logo em nosso primeiro ano.

Brooke: *Oi, Liv. Tudo bem por aqui e contigo?*

Brinco e sorrio quando vejo que ela já está digitando uma resposta. Consigo imaginar seu suspiro resignado quando viu que não respondi o que perguntou. Olivia não gosta de perder tempo, por que enrolar com conversa fiada quando ir direto ao assunto é muito mais prático?

Liv: *Oi, oi. Entendi, educação e tal, mas e os ingressos?*

Liv: *Vai ter um DJ incrível na Underworld amanhã. E, antes que você me pergunte, sim eu só soube agora, aparentemente eles anunciaram hoje de manhã.*

Underworld é o nome de uma das melhores e maiores boates de San Jose, é o lugar onde todos querem estar, principalmente numa sexta-feira. A razão para Liv estar me pedindo para conseguir ingressos é muito simples. Um dos donos da *Underworld* é Kyle Thorne, meu melhor amigo desde a infância, meu ex-vizinho, meu primeiro amor.

Liv: *Por favor, B. Coloca a gente na lista.*

Liv: *Eu nunca te pedi nada.*

Solto uma risada com o argumento ridículo, o que atrai a atenção de dois professores sentados na mesa ao meu lado, balanço a cabeça enquanto digito a resposta.

Brooke: *Você quer dizer que nunca pediu nada HOJE, né?*

Liv: *Eu prometo não pedir nada por uma semana, que tal?*

Brooke: *Nada disso, você fica me devendo mais uma.*

Brooke: *Eu pretendia planejar as aulas da semana que vem e talvez fazer um jantar especial para o Patrick, quase não estamos nos vendo.*

Liv: *Ao invés de ficar em casa cozinhando podemos agitar a pista de dança, pode até chamar o Patrick para se juntar a nós.*

Brooke: *Que atencioso da sua parte, considerando que você está me usando para conseguir entrar na Underworld de última hora.*

Brooke: *Vou tentar conseguir os ingressos, mas não se anima, não é garantia de nada.*

Liv: *Até parece que ele alguma vez te disse não.*

Liv: *Ah, você sabe que eu te amo.*

Brooke: *Eu também, te aviso depois de falar com Kyle.*

Liv: *Boa sorte com os pestinhas!*

“Pestinhas” é a forma carinhosa com que Liv se refere aos meus alunos. Ela não é a maior fã de crianças e acha um absurdo que eu tenha escolhido uma carreira que me faça passar grande parte do meus dias em uma sala fechada com eles, mas eu amo a minha profissão.

Ser professora da primeira série não era meu sonho, até meu penúltimo ano no ensino médio não tinha a mínima ideia de qual carreira escolheria, eu tinha apenas 16 anos. Como poderia escolher o que fazer pelo resto da vida? Naquela época, só queria que as aulas do dia acabassem e pudesse pegar umas ondas antes do fim da tarde, o que era raro. Mas depois de infindáveis horas com a conselheira vocacional, os milhares de testes apontavam apenas uma característica em comum: o trabalho com crianças.

Comecei a imaginar como seria passar meus dias em uma sala de aula rodeada pela energia caótica de crianças entre 5 e 10 anos. E, ao contrário do que eu imaginava, não me sentia apavorada ou irritada, mas ansiosa e com grandes expectativas.

Estava no meu segundo ano, como professora da primeira série na escola Greenbriar e me sentia realizada profissionalmente.

Checo o relógio e tenho quinze minutos antes de precisar retornar para minha sala, digito uma mensagem rápida para Kyle.

Brooke: *Oi, Ky! Preciso de um favor.*

Mal coloquei o celular na mesa e ele começou a tocar.

— Não precisava ligar — atendo, rindo.

— O que você precisa, *Sunshine*? — Kyle é a única pessoa no mundo que me chama de “Brilho do Sol” sem qualquer tom de ironia ou sarcasmo. Normalmente, esse apelido vem acompanhado de um deles, mas desde a primeira vez que se referiu a mim dessa forma nunca ouvi qualquer vestígio de outra coisa que não fosse carinho.

— Nada demais, quais são as chances de eu conseguir alguns ingressos para a Underworld amanhã? — questiono, enquanto vou guardando meus potes na mochila.

— Sabe que não precisa pedir, Brooke. Você tem entrada garantida sempre — responde com a voz séria.

— Fiquei sabendo que tem algum evento, pensei que pudesse estar esgotado. — Dou de ombros, sabendo que ele não pode ver.

— Pra você? Nunca. Não vendemos a área VIP, é só com convite e o seu é vitalício.

— Você é o melhor, Kyle!

— Quem mais vai com você?

— Ah, você sabe só meus amigos mais íntimos, umas 37 pessoas — brinco e ouço sua risada.

— Olivia e Patrick então, sem problemas. Vejo você amanhã, *Sunshine*, me liga se precisar de alguma coisa.

— Até amanhã. Se cuida, Ky.

A ligação se encerra e antes que eu me esqueça, mando uma mensagem para meu namorado perguntando se ele quer ir. Quando

estou voltando para a sala confirmo que ele leu a mensagem, mas não me respondeu. Ah, ele deve estar ocupado no escritório.

Já estou na sala quando meus pequenos furacões retornam. Suas vozes preenchem o ambiente, enquanto guardam suas lancheiras nas gavetas designadas para suas coisas, nos fundos da sala, esse processo geralmente leva em torno de quinze minutos.

Suas energias sempre parecem recarregadas depois de passarem quase uma hora brincando no pátio. A pequena Madelaine se aproxima da minha mesa com um sorriso largo, seus cabelos loiros presos em marias-chiquinhas balançam com seus passos.

— *Miss Roberts?*

— Sim, Maddie.

— É agora que vamos pintar? — questiona.

— Sim, quer me ajudar a separar as tintas? — pergunto, já me levantando e contornando a mesa, lhe estendo a mão que ela pega prontamente, praticamente me carregando até a área onde ficam guardados os materiais de trabalhos manuais. — Muito obrigada, Maddie — agradeço quando ela pega uma das caixas e leva para o meio da mesa e logo mais dois alunos estão ao meu lado, seus pequenos braços estendidos, esperando sua vez de poder ajudar.

Depois que todos os materiais são distribuídos, dou as instruções sobre a temática dos desenhos de hoje.



Josh e Lucas, são os últimos alunos em sala, a aula acabou há dez minutos, mas seus pais estão atrasados para buscá-los. Os meninos brincam com os dinossauros da caixa de brinquedos,

pulando em pedaços do tapete que aparentemente são um rio, uma piscina com peixes e uma poça de lama.

Duas batidas na porta quebram o encanto de suas imaginações e eles correm para os braços do pai.

— Até amanhã, *Miss Roberts*! — Josh grita da porta, enquanto seu irmão acena entusiasmaticamente.

— Até amanhã, meninos.

— Algum problema hoje? — pergunta o pai.

— Nenhum, eles são uns anjos, amanhã é dia de *Show and Tell*^[3], eles tem que trazer algo — lembro de avisar, ele acena com a cabeça e se vira, com os meninos um de cada lado e falando ao mesmo tempo, enquanto se distanciam pelo corredor.

Me espreguiço e arrumo as últimas cadeiras de volta em seus devidos lugares. A aula acabou, mas o trabalho do professor vai além das horas passadas com os alunos e, é por isso que retorno para minha mesa e corrijo os exercícios do dia, depois separo os que preciso fazer cópias e deixar na recepção, no fim do expediente. Essa última hora passa rapidamente enquanto mergulho em notas e planejamentos. Já estou a caminho do carro quando percebo que Patrick ainda não me respondeu. Seu novo emprego numa agência de seguros tem tomado muito do seu tempo, ele tem trabalhado tanto que está sempre exausto quando chega em casa.

Quando me dou conta já estou checando como está a maré em *Steamer Lane*, uma das melhores praias para surfar na região, e como esperado está incrível. Meu coração anseia pelo mar, a adrenalina e euforia que sinto quando estou numa prancha é incomparável, mas é uma viagem de 45 minutos se o trânsito estiver colaborando, o que é improvável e chegar lá para ter hora para voltar seria um tipo diferente de tortura.

Só mais dois dias, prometo a mim mesma. Sábado, passarei o dia no sol, um dia longe da cidade vai ser bom para Patrick e eu,

podemos fazer alguns passeios pela orla, quem sabe, um piquenique na praia. Sorrio com a ideia e começo a listar o que preciso comprar no mercado para colocar meu plano em ação.



Estou checando o salmão no forno quando ouço a porta da frente se abrir. Não demora para Patrick aparecer em nossa pequena cozinha. Seu cabelo está todo bagunçado, os pequenos cachos pretos indo para todas as direções e sei que teve outro dia atarefado no escritório.

— O cheiro está uma delícia, amor — comenta, contornando a bancada que serve como divisória entre a cozinha e a sala e beijando minha bochecha. — Vou só tomar um banho rápido e já volto.

Como se tivéssemos combinado no momento em que termino de servir o segundo prato, meu namorado voltou vestindo apenas as calças do pijama. Meus olhos percorrem seu corpo esguio até alcançar seu rosto e noto sua expressão cansada. A imagem de nós dois sentados na praia preenche a minha mente e sorrio, nós dois precisamos disso.

— Vamos jantar — anuncio.

Ele leva nossos pratos para a sala e os posiciona na mesinha de centro. Nosso apartamento é pequeno tendo apenas um quarto, banheiro e a cozinha/sala, era o que um casal recém-formado podia pagar, então não temos uma mesa de jantar e acabamos adquirindo o costume de assistir televisão enquanto comíamos.

Assim que estamos acomodados no sofá, cada um com seu prato no colo, coloco a série que estamos acompanhando e jantamos. Comentando aqui e ali sobre a história e o que imaginamos que vá acontecer, entre um episódio e outro, checo

meu celular e vejo a mensagem de Liv festejando que consegui nos colocar na lista da *Underworld*, o que me lembra que Patrick não me respondeu.

— Amor?

— Hm? — resmunga enquanto digita algo em seu celular.

— Não sei se você chegou a ver a mensagem que eu te mandei mais cedo, mas a Liv nos chamou para ir numa festa na *Underworld* amanhã à noite — comento, pausando o episódio na abertura.

— Acho que eu vi. — Ele desvia os olhos da tela para mim. — Mas eu não tenho forças para sair, amor. Essa semana me quebrou, estou exausto.

— Vai ser bom sair e se divertir, sem ter que pensar no trabalho — tento convencê-lo.

— Eu sei, Brooke, mas não *tô* afim. Só quero poder chegar em casa e ficar vegetando no sofá. — Ele deve notar a decepção em minha expressão porque acrescenta: — Mas vai com a Olivia, uma noite de garotas, você merece!

— Tem certeza?

— Claro, confio em você — declara.

— Queria que você fosse, faz tempo que não fazemos nada juntos. — Ele suspira e baixa os olhos para o prato vazio ainda em seu colo. — Mas eu sei como seu trabalho está puxado, então vou direto pra Liv quando acabar a aula de teatro e me arrumo lá, assim você pode chegar e descansar.

— Você é a melhor — se inclina e me beija rapidamente antes de me puxar para seus braços e reiniciar a série. Na metade do episódio sinto seus braços pesarem ao meu redor e a sua respiração aprofundar, espero alguns minutos antes me mexer e ver que ele dormiu, de novo. Com todo o cuidado saio do sofá sem perturbar seu sono, limpo a cozinha, arrumo minha muda de roupas e maquiagem em uma bolsa que levarei comigo pela manhã, para

poder ir direto da escola para o apartamento de Liv, do outro lado da cidade.

Quando estou prestes a me deitar, volto para a sala e tento acordar Patrick gentilmente, mas ele se vira no sofá e vou para o quarto sabendo por experiência que em algum momento durante a noite ele acordará e virá para a cama.



O som estridente do despertador me tira do aconchego do sono, uma fresta das cortinas mostra que o sol na Califórnia hoje está imperdoável, o que é esperado na alta primavera. Meu cérebro ainda está nublado com vestígios de sono e por isso leva alguns segundos para eu perceber que está muito mais claro do que deveria estar às 6h da manhã, quando meu primeiro alarme desperta.

Checo meu celular já com o coração batendo freneticamente e vejo que eu não acordei com o primeiro, nem com o segundo, muito menos com o terceiro, mas com o quarto que é o que me informa que é hora de sair de casa, não da cama. *“PUTA QUE PARIU, BROOKE!”*, repreendo-me mentalmente.

Pulo da cama e Patrick resmunga sem abrir os olhos, os benefícios de trabalhar num escritório e começar às 9h, não às 7h e meia.

Visto-me correndo, escolho um vestido solto e um par de sandálias, que foram as primeiras peças que meus olhos acharam, junto meus cabelos loiros em um rabo de cavalo, penteando os fios com os dedos, enquanto caminho em passos rápidos para o banheiro. Jogo uma água no rosto e escovo os dentes, pego minha bolsa do seu lugar, no cabideiro ao lado da porta, e saio apressadamente. Só me dou conta de que nem um copo de água

bebi quando já estou estacionando na ala reservada aos professores, na escola. Estou apenas três minutos atrasada, sorrio antes de sair do carro e chegar na minha sala, um minuto antes do primeiro aluno cruzar a porta aberta correndo para me abraçar.

Sabe quando o dia começa do jeito errado e parece que tudo só continua indo ladeira abaixo? Um dos meus alunos caiu durante a aula de educação física e aparentemente quebrou o pulso, outros cinco brigaram durante *Show and Tell* porque um queria o brinquedo do outro, cinco potes de glitter foram derrubados durante a aula de artesanato e tenho certeza que estarei limpando seus vestígios pelos próximos dez anos. E então chegou a hora da aula de teatro, que temos toda sexta-feira depois do horário regular e Madelaine passou o tempo inteiro chorando em meus braços, pois Leanne pegou as asas azuis de fada antes dela. A pequena Leanne tentou devolver, mas o estrago já estava feito, não sei como conseguiremos terminar a peça para a apresentação no final do ano letivo.

— Eu espero que seu final de semana seja melhor do que essa aula — diz Trevor com um sorriso em minha direção, ele é o professor de Artes das turmas acima do quinto ano, e que divido as responsabilidades das aulas de teatro.

— Se meus planos correrem como planejado, serão — respondo, guardando as fantasias.

— Ah, é? Vai surfar?

— Pretendo, semana passada choveu o fim de semana inteiro e não consegui ir, meu coração já está implorando para sentir a leveza que o mar me traz. E você, tem planos?

— Millie e eu vamos levar o Drake para visitar os avós em San Francisco. — Ele dá de ombros. Drake é seu filho recém-nascido.

— Que ótimo, tenha um bom fim de semana, Trevor, até semana que vem! — me despeço, pegando minhas coisas e seguindo para o meu carro.

Finalmente a semana tinha acabado. Liv tinha razão, eu precisava disso. Estava quase em sua casa quando parei em um semáforo e meus olhos se fixaram no meu banco de trás pelo espelho retrovisor. Mais exatamente, em meu banco completamente vazio.

— Merda! — exclamo, batendo com a mão no volante do meu Ford Focus.

Assim que o sinal fica verde, faço o contorno voltando pra casa, para buscar minha bolsa com a muda de roupas que está no chão, ao lado do cabideiro, mas na minha pressa esta manhã, esqueci completamente.

Assim que estaciono em frente ao meu prédio, percebo que o carro de Patrick já está na nossa vaga, deve ter conseguido sair mais cedo do trabalho hoje, isso é bom. Assim amanhã estará descansado e poderemos aproveitar o dia em *Steamer Lane*.

Meu celular toca enquanto subo as escadas até o terceiro andar.

— Cadê você? — É a forma como Liv me cumprimenta assim que eu atendo.

— Tive que voltar em casa pra buscar roupa, o dia hoje foi um caos, mas eu te conto tudo quando chegar — falo, equilibrando o celular entre o ombro e o ouvido enquanto destranco a porta. — Vou só pegar minhas coisas e dar um oi para o Pat, já que estou aqui.

— Me conta agora, tô esperando meu esmalte secar.

— Tudo bem, então... — começo, abrindo a porta e minha mente fica em branco. Pois no meu sofá está meu namorado nu com uma mulher desconhecida. — VOCÊ SÓ PODE ESTAR BRINCANDO COMIGO! — Ele se vira em busca da origem do grito e o sorriso que tinha parece derreter para longe dos seus lábios.

— Achei que você tinha dito que ela não estaria em casa — a mulher reclama, enquanto ele se afasta dela.

Eu vejo vermelho, minhas mãos começam a suar e as chaves escorregam pelos meus dedos. Meu coração bate na garganta e quero socar alguma coisa, mas estou paralisada, minhas pernas parecem raízes que me impedem de sair, de reagir. Como que ele pôde? Há quanto tempo? As dúvidas me preenchem, deixando um gosto amargo em minha boca. Sinto uma miríade de emoções, começando por tristeza, vergonha por ter sido feita de idiota, mas a que se sobressai é a raiva, esse filho da puta!

— Brooke, amor... — ele começa, vestindo a cueca e vindo em minha direção, mas não quero ouvir nada do que ele tem a dizer. Não tem nada que ele possa falar que vá mudar ou melhorar a situação.

— B, o que foi? — A voz de Liv no meu ouvido me tira do estupor e me abaixo, pegando as chaves e minha muda de roupa e saio batendo a porta.

Eu estava errada, parece que o dia podia piorar.

Capítulo 02



Kyle Thorne

Meu alarme soa pontualmente às sete horas, como todas as manhãs. Assim que abro meus olhos instintivamente escaneio meu quarto, iluminado pelo sol que se filtra pelas janelas. Sei que não existem ameaças em minha casa que conta com portões altos, um sistema de câmeras e um esquema de segurança com guardas, mas quando você passa anos em território inimigo se torna um hábito.

Quando chego na cozinha, Cérbero vem me receber e me agacho para afagar suas orelhas macias.

— Bom dia, garoto. Tá com fome? — pergunto e ele se encaminha para o seu pote como se dissesse: *o que você acha?*, encho seu pote com a ração e ele espera obedientemente que eu lhe dê permissão para comer.

Cérbero foi a primeira adição à minha vida, assim que meu tempo ativo com a *Corps* chegou ao fim. Passei por um pet shop, por acaso, enquanto esperava por um consultor imobiliário e lá estava ele, na vitrine com uma placa que dizia “me adote”, ele pareceu sorrir para mim e me vi cativado por seus olhos castanhos.

Naquela mesma noite, Cérbero já estava mijando no tapete da minha sala.

Depois de ter frequentado uma escola canina que treinava cães policiais, o rottweiler respondia a todos os comandos e não estragava mais nenhuma das mobílias. Enquanto ele come, faço um café e um *shake* de proteínas, antes de vestir uma calça de moletom e uma camiseta e me dirigir à academia no térreo.

O treino é pesado, trabalho meus músculos até que eles peçam misericórdia. Existe um tipo de consolo na quietude mental que acompanha os exercícios físicos, é um dos poucos momentos em que consigo espantar as memórias nefastas das missões. Corro por quarenta e cinco minutos na esteira antes de dar como terminado meu tempo na academia hoje.

A porta abre quando estou descendo da esteira e sinto um sorriso se formar em meu rosto.

— Está atrasado, Raffi — repreendo.

— Não, você que está adiantado, só tenho uma aula na sede na parte da tarde, o que significa que não existe razão alguma para eu acordar cedo — rebate, prendendo os cabelos em um coque.

— Sabe que o Sargento Washington discordaria... — começo.

— Se o sol raiou já é razão para estar de pé — completamos juntos e ele começa a rir.

— Poder acordar tarde é uma das maiores vantagens da vida civil — comenta.

Raffi serviu comigo, nos conhecemos no primeiro dia de *Boot Camp*. Eu, ele e Seth nos tornamos amigos instantaneamente, era como se sempre tivéssemos trabalhado juntos, e por obra do destino todos os nossos posicionamentos durante os primeiros anos foram para as mesmas bases, navios. Nós três estávamos sempre juntos, para o bem ou para o mal.

Treinaoos incansavelmente quando decidimos que nos juntaríamos aos MARSOC^[4], a tropa de elite dos Fuzileiros Navais,

a unidade de operações especiais. O processo de seleção é brutal, apenas os melhores dos melhores podem participar e as chances de refazer o teste é quase inexistente, você tem uma chance e nós não a desperdiçamos.

Durante as missões no Oriente Médio, salvamos as vidas uns dos outros inúmeras vezes e foi assim que Raffi e Seth se tornaram meus irmãos. Lutamos lado a lado e eu sempre soube que eles me davam cobertura, que podia confiar minha vida a eles, assim como eles a mim. Os laços formados através de sangue e sofrimento são forjados do mais duro titânio e praticamente inquebráveis.

— Mesmo um ano depois de termos voltado, ainda não consigo dormir além das sete — admito.

— Se você desligar seu despertador fica mais fácil.

— Alguns de nós precisam trabalhar, Raffi.

— Antes você do que eu. — Ele dá de ombros. — E eu trabalho, mas tente se lembrar que somos donos da empresa, o que significa que podemos fazer nossos próprios horários, Thorne.

Rio e dou um tapa em seu ombro tatuado como despedida.

— Te vejo no escritório.



A sede da Hades' Men Corp fica no centro de San Jose, um arranha-céu empresarial, onde os últimos oito andares foram remodelados para atender às nossas necessidades. Muitos veteranos sofrem para se readaptar à vida civil e não foi diferente para nós. Depois de termos sido treinados e moldados para sermos protetores, para sermos os melhores, era extremamente complicado

pensar em trabalhar em empregos convencionais, então decidimos abrir uma empresa de segurança privada.

Nossa antiga unidade de operações especiais era apelidada Hades' Men e nós fazíamos jus ao nome, éramos os cavaleiros do Hades, o Deus da Morte, e nós servíamos como sua mão direita. Nossas missões nos colocavam cara a cara com grupos terroristas, e seguíamos nossas ordens para proteger a segurança nacional. A minha unidade era mandada quando não havia mais opções. As coisas que fui obrigado a fazer e ver, ficariam comigo para sempre. Meu arquivo no Corpo de Fuzileiros Navais é praticamente todo redigido com fita preta. Confidencial.

Quando chegou a hora de nomear nossa corporação foi fácil, aproveitamos a fama que conseguimos entre as diferentes divisões militares para solidificar nossa posição como uma empresa de respeito, ficando no top 3 do ranking nacional de segurança privada. Nosso objetivo é oferecer oportunidades para homens e mulheres como nós e continuar a usar nossas habilidades para proteger aqueles que precisam.

— Bom dia, Sr. Thorne — Zach, o segurança, me cumprimenta enquanto espera que eu passe meu crachá para liberar a catraca no amplo salão principal.

— Bom dia, como está a pequena Isabella?

— Muito melhor, a febre baixou ontem à noite e quando saí pela manhã já estava deixando a mãe doida.

— Que bom, se precisar de alguma coisa, sabe como me chamar — despeço-me e sigo para os elevadores.

— Tenha um bom dia, senhor.

Subo direto para o último andar onde está localizada a parte administrativa, que conta com três escritórios, duas salas de conferência e o departamento de recursos humanos.

Assim que entro em minha sala o telefone toca, me adianto rapidamente contornando a mesa longa de madeira escura e atendendo.

— Thorne.

— Bom dia, Sargento Thorne. — Reconheço o tom grave do Sargento de Artilharia Jefferson e sinto que meus ombros se endireitaram por conta própria. — Encaminhei cinco perfis para que sejam analisados.

— Sim, senhor. — É impossível mudar a forma de se dirigir a um dos meus antigos superiores, mesmo que eu não fosse mais seu subordinado, porém é o que dizem: não existe algo como um ex-Fuzileiro Naval, uma vez que você é um, você sempre o será. — Que horas chega o entregador?

— Deve chegar na próxima meia hora. Os candidatos têm o perfil da Hades' Men e o seu tempo de serviço ativo está chegando ao fim. — Meneio a cabeça, mesmo sabendo que ele não pode ver. Só contratamos veteranos, porém checamos seus antecedentes para que só os melhores estejam sob nosso comando.

— Entendido, muito obrigado, senhor. Precisa de mais alguma coisa?

— Que você, Donahue e Martinez voltem a trabalhar.

— Estamos trabalhando, senhor — sorrio, sabendo que se ele estivesse aqui eu nunca arriscaria.

Ouçoo suspirar antes de responder.

— Insolente. — Percebo um sorriso em sua voz. — Nem sei porque ainda os quero de volta.

— Somos os melhores, senhor.

— Os melhores em acabar com a minha paciência. Espero uma posição sobre os candidatos até amanhã.

— Sim, senhor. Tenha um bom dia, senhor.

— Até amanhã, Thorne.



Como esperado, o mensageiro chegou no período determinado, ele me entregou as pastas e me fez assinar antes de se retirar. Queria entender como que eu acabei encarregado de toda a parte administrativa da Hades'Men Corp, Raffi só aparece para as aulas e treinamentos, para as reuniões aparece apenas depois de muita encheção de saco. Seth está aqui todos os dias, desde muito cedo até o fim do dia, mas seu foco também é nas aulas. De nós três, ele é o que tem mais turmas e as mais diferenciadas.

Meus olhos já estão ardendo de tanto ler quando meu celular vibra com uma mensagem.

Sunshine: *Oi, Ky! Preciso de um favor.*

Confirmo as horas e constato que ela deveria estar na escola. Será que aconteceu alguma coisa? Nem mesmo concluo o pensamento e já estou ligando para ela.

Ela atende rindo e sorrio em resposta, giro a cadeira encarando a vista da cidade pelas janelas panorâmicas do meu escritório, enquanto ouço sua voz doce.

— O que você precisa, *Sunshine*? — pergunto curioso. Sempre que uso o apelido lembro da primeira vez que o usei. Eu tinha acabado de voltar do meu primeiro *tour*, nove meses em um navio e Brooke estava sentada nos degraus em frente à sua casa, no momento em que saí do táxi ela correu em minha direção e me abraçou com o sorriso mais resplandecente que já tinha visto.

E foi assim todas as vezes que eu voltava de uma *tour*, ela estava lá. Não importava o dia, o horário. Brooke Roberts sempre estava me esperando, sentada no mesmo lugar e assim que eu saía do carro seus braços me envolviam e tudo valia a pena. Tudo que eu tinha feito e visto. Porque ela estava segura. Brooke era o raio de

sol na minha escuridão. E, eu tinha jurado protegê-la. A única vez que ela não estava me esperando foi quando eu consegui voltar mais cedo para surpreendê-la, mas assim que me viu correu para meus braços.

Ela me diz que quer ingressos para a *Underworld* e reviro os olhos. Ela sabe que não precisa pedir, ou pelo menos eu achava que sim. A boate é uma das maiores da cidade, e surgiu da necessidade da Hades' Men Corp de ter um local discreto para encontrar clientes que precisavam de discrição. Alguns clientes que contratam nossos serviços preferem que as razões para buscarem proteção não saibam que providências estão sendo tomadas. Então, o clube conta com uma pista de dança ampla e um mezanino onde fica a área VIP e três salas privadas para reuniões.

— Ah, você sabe só os meus amigos mais íntimos, umas 37 pessoas — ela debocha e sei instantaneamente quem vai com ela. Sua melhor amiga Liv e Patrick, o namorado, por alguma razão eu não vou com a cara do sujeito. Até onde eu sei, ele nunca fez nada para desencadear o ranço que sinto por sua existência, mas tem algo sobre a forma como ele fala que me faz pensar em uma cobra rastejando.

Ela se despede e sorrio mais uma vez, antes de retornar ao trabalho. Falar com Brooke foi como recarregar minhas baterias e me sinto com disposição suficiente para analisar o resto dos relatórios.



— Kyle? — Levanto os olhos dos documentos do último candidato da lista, e me deparo com Seth, que devia estar a caminho de sua sala para tomar banho depois de uma aula de artes

marciais, isso se suas roupas e o suor que escorre pelo rosto servem de indicativo. — Está ocupado, cara?

— Só vendo os possíveis novos recrutas que o Sargento Jefferson recomendou.

— Já temos lista nova? — pergunta entrando na minha sala e puxando uma das pastas creme, seus olhos azuis correm pelo documento. — Interessante, ela seria uma ótima adição ao time — comenta, devolvendo o arquivo da recruta do exército à mesa.

— Como foi a aula? — pergunto.

— Foi boa, sem incidentes, mas lembra dos três caras que chegaram há alguns meses? Na sessão de hoje tivemos treino livre, e eu lutei com eles. Percebi que eles têm muita raiva acumulada.

— O que quer dizer? — pergunto franzindo a testa, não é incomum que militares que estiveram em combate tenham raiva, faz parte do estresse pós-traumático.

Seth levanta a blusa e já tem um hematoma preto se formando nas suas costelas.

— Você está bem? — Contorno a mesa para olhar de perto.

— Estou. — Ele dá de ombros sem nem ao menos vacilar com o movimento. — Um deles me imobilizou e deu três socos no mesmo lugar esperando que eu desistisse. — O sorriso malicioso de Seth indicava o erro deles. — Mas eu reverti a posição e o coloquei num mata-leão que o fez bater no tatame instantaneamente. Acho que eles precisam de acompanhamento com a equipe de psicólogos.

— Vou passar seus contatos para o time e pedir que façam uma análise preliminar, mas não lembro de nada em seus históricos que poderia indicar a necessidade.

— Posso estar errado, Ky.

— Acredito em seus instintos, Seth. Você é o melhor de nós em ler as pessoas — admito, bloqueando as imagens de porquê e como ele tinha adquirido essa habilidade.

— Bom, vou te deixar voltar pra suas coisas, tenho uma aula prática de facas em... — ele tira o celular do bolso antes de continuar. — 20 minutos e prefiro não chegar todo suado. Até depois.

— Tenta não usar nenhum aluno como alvo, temos os manequins pra isso.

— Não faço promessas. — Ele sai rindo.

Volto para o computador e abro as fichas dos homens que Seth mencionou, relendo e tentando achar algo que posso ter deixado passar anteriormente.

Capítulo 03



Me concentrar em dirigir é praticamente impossível quando minha mente insiste em ficar repassando os últimos meses em um loop, tentando encontrar as pistas de quando foi que Patrick começou a me trair.

Lembro de todas as noites que ele trabalhou até tarde, seu distanciamento e como achei que nosso relacionamento tivesse caído na rotina e estivesse numa das fases baixas, afinal não éramos mais jovens despreocupados na faculdade, mas adultos com responsabilidades, então achei que fosse normal.

Como eu pude ser tão burra?

— Pera aí, a culpa não é minha — repreendo-me em voz alta, parando num sinal vermelho. Estou quase no apartamento de Liv e mal posso esperar para ver minha amiga.

A expressão do Patrick quando me viu toma a minha mente, sinto a bile subir na minha garganta em resposta à raiva que parece percorrer meu corpo. Soco o volante e fecho os olhos por um segundo, respirando fundo.

Uma buzina soa atrás de mim e aperto meus dedos no volante para me impedir de xingar a pessoa, já que ela não tem culpa do meu dia estar uma merda. Como esperado, o sinal já está verde, então ponho o carro em movimento.

Estaciono o carro em frente ao pequeno prédio de quatro andares em que Olivia mora. Saio do carro apressadamente, pegando minhas coisas antes de entrar pela porta ao lado da padaria, que ocupa o térreo da construção antiga. Assim que alcanço o último andar já estou ofegante de ter subido as escadas praticamente correndo.

Não chego a bater na porta e ela se abre. Olivia Jones me espera vestindo um roupão, segurando um pote de sorvete e uma colher, que ela me entrega enquanto tira minhas bolsas dos meus braços.

— Aquele filho da puta estava me traindo, Liv — declaro explicando, já que mesmo presente de certa forma quando descobri, para sua sorte não viu o que eu vi. Abro o pote de sorvete e me sirvo de uma colherada, antes mesmo de entrar no estúdio que foi convertido em apartamento.

Eu amo a originalidade do lugar. As únicas paredes na parte interna são as do banheiro, o resto é todo aberto, mas a melhor parte é que as janelas cobrem todas as paredes, o que faz com que o espaço pareça maior. Os móveis são todos em cores claras, dando destaque para as plantas e almofadas que colorem o ambiente.

— O que você vai fazer? — pergunta, caminhando para o sofá que serve como divisória entre o quarto e a sala. Consigo ver as diversas combinações de roupa jogadas em cima do colchão.

— Como assim, o que eu vou fazer? — dou de ombros, me jogando no sofá ao seu lado e apoiando minha cabeça em seu ombro. — Acabou, não existe a menor condição de eu ficar com aquele traste.

Pego mais uma colherada do sorvete, deixando que derreta em minha boca. É de *cheesecake* de morango, meu favorito.

— Sabe o que é pior? — Ergo meu rosto para poder encarar minha amiga, que arqueia uma sobrancelha, me incentivando a continuar. Coloco o sorvete sobre a mesinha de centro, precisando das mãos livres para poder liberar a frustração que se acumula em mim. — Eu desperdicei quatro anos da minha vida. Quatro malditos anos. Com um cara que não me respeita o suficiente para terminar comigo antes de se enfiar entre as pernas de outra mulher, dentro da casa que nós dividíamos.

Sinto meus olhos arderem e pisco rapidamente, me recuso a derramar uma lágrima sequer por aquele babaca. Levanto e começo a caminhar em frente ao sofá, enquanto expulso todos os sentimentos que estão no meu coração.

— Eu o amo, amava — corrijo. — pelo menos eu acho que sim. Eu achava que ia me casar com ele, Olivia. Como que eu pude estar tão errada?

— Amiga, para. — Ela se junta a mim e me abraça. Olivia segura meus ombros antes de continuar: — Não existe uma justificativa para o que ele fez. Você não tem que tentar achar os sinais, não é a sua função. Ele é um filho da puta que não te merece, é tão simples quanto isso.

Seus olhos azuis me encaram com firmeza, como se para enfatizar o que ela está me dizendo.

— Eu sei que dói, você investiu nesse relacionamento, mas quando foi a última vez que você se sentiu feliz nele? — pergunta indo direto ao ponto, como sempre.

Meus olhos voltam a arder porque não sei dizer e isso é assustador.

— Se me perguntarem, diria que o que ele te fez foi um favor, sabe? Você está livre — declara e sua expressão se ilumina.

Ela me solta e contorna o sofá para chegar na parte do quarto e abre uma das gavetas, voltando correndo com uma mão escondida atrás do corpo. Seu sorriso é contagiante e me vejo sorrindo em resposta antes mesmo que ela estenda a mão que tem uma meia listrada.

— Brooke é uma elfa livre — brinca, fazendo referência a Harry Potter, a saga de filmes do bruxo que fez parte das nossas maratonas nos tempos de faculdade e podíamos recitar passagens de cabeça até hoje.

É impossível resistir, começo a gargalhar e ela me acompanha.

— Assim é bem melhor — elogia. — Mas se você quiser ficar em casa hoje, vou entender, pedimos uma pizza e vemos filmes de comédia romântica dos anos 90.

Meus ombros cedem e volto a me sentar, considerando a oferta. Se ficar aqui vou ficar remoendo tudo que aconteceu e sentindo pena de mim mesma. Faz semanas que não saio para me divertir e é por este motivo que digo:

— Eu me recuso a desperdiçar mais um minuto da minha vida pensando em Patrick Anderson.

Liv bate palmas e sorri.

— Ótimo, agora vai tomar banho, temos que nos arrumar. Minha melhor amiga está solteira novamente e vamos causar estrago naquela boate hoje — declara.



A fila em frente à *Underworld* é tão longa que parece chegar na esquina do quarteirão. Nosso uber nos deixa na entrada do clube e assim que nos aproximamos sou recebida com um sorriso por Darius, o segurança.

— Brooke, quanto tempo. — Ele nos dá passagem e consigo sentir os olhares como adagas sobre nós. — Olivia — ele a cumprimenta com um meneio de cabeça, que ela responde mandando um beijinho no ar.

— Oi, Darius, tudo bem?

— Melhor agora, o chefe sabe que você tá aqui?

— Eu avisei.

— Divirtam-se, meninas — ele se despede e volta a encarar um grupo de homens que aparentemente não têm ingressos.

Assim que cruzamos as portas duplas Liv segura a minha mão, com medo de me perder em meio à confusão de corpos ao nosso redor, e já consigo sentir o reverberar das batidas da música em meu corpo. O bar no térreo está parecendo um formigueiro de tantas pessoas que se acumulam ali, para cada uma que saí, duas tomam seu lugar. A ampla pista de dança, que ocupa todo o restante do espaço, já está lotada também e as luzes em tons azuis e roxos criam uma atmosfera interessante e atraente.

Estou me movendo no ritmo da música, a sentindo conforme avançamos lentamente até as escadas que levam ao mezanino onde a área VIP está localizada.

— Nomes? — o segurança pergunta, não o reconheço então ele deve ser novo aqui.

— Olivia e Brooke — minha amiga declara com um sorriso. Ele checa o celular e volta a nos olhar.

— Desculpe, não estão na lista.

Liv olha pra mim, com a sobrancelha perfeitamente desenhada formando um arco.

— Eu pensei que Kyle tinha dito que estava tudo certo.

— Ele disse, fica calma, Liv. — Me viro para o segurança. — Pode, por favor, conferir novamente? Brooke Roberts e Olivia Jones.

— Desculpa, moça, mas se o nome não está na lista não podem entrar.

— Liga pro Kyle — minha amiga pede e eu nego com a cabeça.

— Pergunta no rádio pro Darius se a gente pode subir? — peço e ele me olha com atenção, percebendo que eu conheço um dos seus colegas pelo nome, o que se levar em consideração que nenhum deles anda por aí ostentando um crachá, só pode significar que eu o conheço. Com uma expressão contrariada, o segurança faz o que eu pedi.

— Você barrou elas? Tá maluco? Brooke tem entrada vitalícia, cara. Ela é amiga dos chefes. — Conforme as palavras de Darius são gritadas pelo rádio, vejo-o empalidecer.

— Desculpe, podem subir — ele libera a passagem para nós.

— Qual o seu nome? — Liv pergunta, olhando-o de cima a baixo.

— Gary Fanning.

— Hm, vou perdoar seu erro porque você é gostoso, mas só dessa vez — fala, acariciando o bíceps dele e piscando.

— Você é incorrigível — reclamo, empurrando-a para que comece a subir.

O ar parece mais fresco aqui em cima, longe da massa dançante de corpos na pista. Além de ser uma área exclusiva que conta com vários sofás, tem também um bar próprio, o que significa que não teremos que esperar nem um pouco para conseguir nossos drinques.

— Brooke, você veio — chama uma voz grossa que reconheço no mesmo instante. Me viro para encarar o homem de um metro e oitenta que veste um jeans escuro e uma camiseta do Guns'n'Roses, ele sorri antes de envolver minha cintura e me puxar para um abraço, sua barba arranha meu rosto quando ele beija

minha bochecha. Assim que se afasta, se vira para minha amiga e a cumprimenta: — Liv, bom te ver.

— Oi, Raffi. Você sabia que fomos barradas? — ela pergunta colocando as mãos na cintura, fazendo Raffi voltar a me olhar.

— Foi um mal-entendido, só isso. Aparentemente, Ky não colocou meu nome na lista — explico. Rafael Martinez, ou Raffi, é um dos melhores amigos de Kyle e, por consequência, acabou se tornando parte da minha vida. Há uns nove anos, numa das vezes em que Kyle voltou para casa de férias de um dos longos períodos que ele passou servindo, trouxe seus novos amigos, Seth e Raffi. Depois de passarem um mês morando na casa ao lado, eles já eram quase tão importantes para mim quanto o Kyle. Já, hoje em dia, não consigo imaginar minha vida sem eles.

— Ah, o novato.

— Ele é solteiro, Raffi? — Liv pergunta.

— Que eu saiba. — Ele dá de ombros. — Não perco meu tempo sabendo o estado civil dos meus funcionários, Liv, isso é trabalho pro Thorne.

— Assim você não me ajuda — ela reclama, me fazendo sorrir.

— Falando nisso — Raffi olha em volta antes de se voltar para mim. — Cadê a sua sombra? — Seus olhos azuis da cor de geleiras percorrem meu rosto com atenção e tento esconder tudo que aconteceu.

— Eles terminaram — Liv explica, me puxando pela mão para um dos sofás.

— Já não era sem tempo, ele era um idiota.

— Você fala isso de todos os meus namorados, Raffi. — Reviro os olhos, me acomodando ao lado de Olivia, e ele se senta do meu outro lado.

— E até hoje nunca errei, *babygirl*. — Pisca em minha direção antes de passar a mão pelos cabelos longos que caíam em seu

rosto, penteando-os para trás e os jogando para o outro lado do rosto.

A música muda e gritos de viva seguem os primeiros acordes. Liv dá tapinhas na minha coxa, coloca sua bebida na mesa e se levanta.

— É a sua música, vem.

Então, finalmente identifico a canção, é “abcdefu” da GAYLE, mas a batida está diferente, mais cheia de raiva e conforme ela proclama seu ódio pelo ex, me sinto validada até que chega o refrão e estou gritando junto com a multidão lá de baixo.

Outra música começa, mas não paramos de dançar. Deixo que as batidas guiem meus movimentos e com cada um deles vou deixando que as merdas que aconteceram escorram para longe do meu corpo, me desprendendo do dia terrível que tive. Meus músculos parecem relaxar enquanto me divirto com a minha melhor amiga.

Meu celular vibra no bolso do meu vestido e quando vejo o nome no visor, tenho vontade de jogar o aparelho no meio da pista de dança, mas sou uma professora trabalhando com salário mínimo e não posso me dar esse luxo, então volto para a mesa onde Raffi está tomando sua cerveja e o deixo lá.

— Não atenda — aviso.

— Não tinha intenção alguma de fazer isso — responde. — Você está bem?

Sua pergunta é sincera e é só por isso que paro para pensar.

— Eu estou puta com o que aconteceu, no momento só consigo sentir raiva de tudo, mas vai passar e vou ficar bem, não se preocupa, grandão!

— Sempre me preocupo, *babygirl*. — O celular volta a vibrar sobre a mesa e Raffi levanta o olhar para mim. — Se precisar que alguém converse com ele para que entenda que acabou, me avise.

Instantaneamente lembro da vez que Rafael Martinez “conversou” com um menino da minha turma, que estava espalhando boatos sobre mim durante o ensino médio. Nunca soube exatamente o que aconteceu, mas o olho roxo do garoto na segunda-feira explicou o suficiente.

— Acho que é só porque foi hoje, ele deve achar que ainda tem volta — respondo, dando de ombros.

— Olivia está te chamando — Raffi muda de assunto e vejo minha amiga balançando os braços, pedindo que volte para o seu lado. Sorrio e dou dois passos antes de voltar.

— Pede dois daiquiris de morango, por favor? — peço-lhe, entregando meu cartão.

— Peço — responde, ignorando minha mão estendida. Eu que não vou reclamar.

— Obrigada, Raffi — agradeço e me despeço, voltando para onde Liv dança despreocupadamente.

Algumas músicas depois, vejo um garçom se aproximando da mesa com as bebidas vermelhas e puxo Liv, que choraminga até notar a razão da mudança.

— Um brinde aos amigos de verdade — anuncio levantando minha taça, Olivia levanta a dela e Raffi levanta a sua cerveja.

— Um brinde a sua recém liberdade! — Liv completa e toma um gole antes de sentar e começar a se abanar com uma das mãos.

Raffi se levanta e sacode a garrafa de cerveja vazia.

— Vou buscar outras, querem alguma coisa? — oferece. Eu e minha amiga nos entreolhamos e sacudimos a cabeça em concordância.

— Por favor, Raffi!

O suor escorre pela minha nuca e sinto a base das minhas costas molhada, uma sensação de euforia me preenche e me

lembra do quanto eu gosto de dançar. Só não é meu passatempo preferido, pois existe o surfe na minha vida.

— Aí está você. — O sorriso em meu rosto congela.

Merda. Merda. Eu não avisei Darius, é claro que ele achou que Patrick tinha vindo nos encontrar e o deixou passar.

— Perdeu seu celular? — Patrick pergunta e me viro para encará-lo.

— Não, está bem ali. — Aponto para o centro da mesa.

— Por que não me atendeu?

— Olha a cara de pau do cara — Liv acusa, em seu lugar no sofá e Patrick a fuzila com os olhos. — Ela não atendeu porque ninguém importante estava ligando.

— Brooke, amor. — A risada de Olívia preenche o ar, queria acompanhar, mas a simples visão de Patrick embrulhou meu estômago e levou embora toda a leveza que eu tinha alcançado.

— Não temos nada pra conversar, Patrick — falo.

— Claro que temos, você não me deixou explicar.

— Explicar o que? Como você acabou nu sobre outra mulher no meu sofá? Não precisa ser um gênio para entender.

— Não é o que você pensa.

— Ih, a lá, agora vai tentar justificar — Liv diz, num tom debochado.

— Vem, precisamos conversar a sós. — A mão de Patrick aperta meu braço enquanto ele tenta me puxar para longe da mesa.

— Me solta — peço, tentando me desvencilhar dele.

— Não vamos conseguir nos acertar enquanto não conversarmos.

— Larga o meu braço, Patrick, tá machucando — reclamo.

— Tira a mão dela — ordena uma voz às minhas costas, o tom dominante como um sussurro da morte faz um arrepio delicioso descer por minha espinha até meu ventre.

— Isso não tem nada a ver com você. É entre eu e a Brooke — Patrick rebate apertando ainda mais meu braço e faço uma careta.

Seth passa por mim e fica frente a frente com Patrick, e o sorriso em seu rosto promete violência. Seth tem pelo menos uns 15 centímetros a mais que meu odiado ex-namorado e seus 1,70m, o que o faz ter que olhar para cima para poder encarar o meu amigo. Outra coisa que ele tem que Patrick apenas pode sonhar é o porte atlético, mesmo sendo esguio, o corpo de Seth é constituído apenas de músculos, todos cultivados por anos de treinamento na unidade especial dos Fuzileiros Navais.

— Você não está entendendo. Você tem duas opções, ou tira as mãos imundas de cima dela e sai daqui inteiro, ou sai daqui com uma ou mais partes do corpo quebrada. — Seth se aproxima dele e só consigo ouvir o que ele sussurra sob a música alta por estar tão perto deles. — Eu, sinceramente, espero que você escolha a segunda opção.

Patrick me solta rapidamente como se tivesse levado um choque, ao perceber que Seth não está brincando, porém não vai embora.

— Foi um erro. Me perdoa, Brooke, nunca mais vou fazer algo assim. Ela não significou nada pra mim — ele implora, num tom suplicante.

— Claramente nem eu — respondo, sentindo meus olhos arderem, com a verdade das minhas palavras me machucando.

A expressão de remorso do Patrick é substituída num piscar de olhos por raiva. Quem ele achava que era para estar chateado?

— Você não pode fazer isso. Não pode jogar fora o que nós temos.

— Foi você que jogou fora, seu idiota — Liv o interrompe.

— Brooke — Patrick ignora minha amiga. — Nós temos um apartamento juntos, pelo amor de Deus. Onde você vai morar?

Não é como se eu não tivesse pensado nisso desde que o deixei só de cueca na entrada do nosso apartamento, mas eu voltaria para a casa dos meus pais em Palo Alto se fosse preciso, antes de voltar para ele.

— Ela vai morar comigo, babaca — Liv declara.

— Naquela caixa de sapato que você chama de apartamento? — Patrick debocha e me enfurece não poder rebater, porque é impraticável morar com Liv. Seu estúdio é ótimo para uma pessoa, mas eu e minhas coisas, infelizmente, não caberíamos lá.

— Não é problema seu, e o mais importante, nós — aponto de mim para ele. — não temos um apartamento. Você insistiu em colocar só o seu nome no contrato, lembra?

— Mas é nosso — Patrick insiste.

— Deixou de ser a minha casa no momento em que você decidiu foder outra garota no sofá que eu escolhi!

— Eu não consigo arcar com ele sozinho — ele argumenta irritado, como se eu estivesse sendo absurda e nossa atual situação fosse minha culpa.

Liv começa a gargalhar, desvio o olhar de Patrick e vejo minha amiga segurar a barriga, de tanto que ri do ridículo da situação.

— Me parece um problema inteiramente seu. Chama a... qual o nome dela? Não importa — dispenso o pensamento com um movimento das mãos. — Chama ela para morar contigo. Amanhã eu estarei buscando as minhas coisas.

— Ah, é? — pergunta cruzando os braços sobre o peito. — E vai levar pra onde? — seu tom arrogante me deixa com vontade de socá-lo.

Eu queria ter uma resposta, só para apagar o sorriso presunçoso do seu rosto. Como que eu pude um dia amá-lo? Olhando para ele agora, não consigo me lembrar.

— Eu sei quem encheu sua cabeça com essas ideias — ele desvia o olhar para Liv que tinha se levantado. — Deixa de ser teimosa, eu sei que errei, já pedi desculpas, já prometi que nunca mais vai voltar a acontecer. Vem — ele faz menção de segurar meu braço mais uma vez, mas Seth se aproxima e ele repensa. — Vamos embora, vamos pra casa. Podemos resolver isso.

— Você não está entendendo, já está resolvido. Acabou, Patrick.

Meu ex-namorado dá um passo em minha direção e ouço Raffi bufar atrás de mim.

— Ela deixou claro que não está a fim, tá na hora de você vazar.

— Isso não tem nada a ver com vocês, caralho! Me deixem falar com a minha namorada.

— Ué, ninguém tá te impedindo de falar com a sua namorada — Seth fala, ironia colorindo sua voz, enquanto olha em volta. — Mas onde que ela está?

Tudo acontece ao mesmo tempo, Liv ri e depois grita, quando Patrick avança na direção de Seth, um sorriso rasga o rosto do último que segura e vira o braço que meu ex usou para tentar socar seu rosto. Em um piscar de olhos, Patrick está ganindo de dor enquanto Seth segura o braço virado nas costas dele.

Finalmente, a confusão foi o suficiente para atrair a atenção dos seguranças, que se aproximaram rapidamente. A expressão no rosto de Seth é quase triste quando tem que soltar Patrick, mas ele ainda empurra o braço dele em um ângulo completamente errado, o que faz meu ex-namorado gritar.

— Brooke, eu sei que você está chateada e tem todo o direito de estar. Quando você se acalmar a gente conversa. Podemos dar um jeito nisso — ele grita, enquanto é levado embora pelos seguranças.

— O idiota é insistente mesmo — Liv declara.

— Eu preciso de uma bebida — anuncio quando sinto meus braços começarem a tremer, agora que a adrenalina começou a deixar meu sistema.

Capítulo 04



Kyle Thorne

O carro para em frente à *Underworld*, o letreiro preto iluminado com luzes néon roxas por trás são a única indicação necessária do clube noturno. Achei que se chegasse mais tarde a fila estaria menor, mas Raffi tinha razão, trazer o DJ do momento só trouxe mais atenção e clientes.

— Oi, Darius! Algum problema por aqui hoje? — pergunto, assim que me aproximo do meu chefe de segurança.

— Nada por enquanto, chefe — afirma checando a identidade e ingressos de duas moças que me olham de cima a baixo antes de seguirem para as portas.

— Qualquer coisa, é só me chamar — aviso, dando um tapinha em seu ombro e me encaminhando para a entrada.

Assim que cruzo as portas duplas noto uma comoção, dois dos meus seguranças trazem entre eles um homem que tenta se desvencilhar, acredito que devem ter parado alguma briga. Apenas quando eles passam por mim é que o identifico, é o Patrick, namorado de Brooke. Os meus olhos correm pelo caminho que eles fizeram e não a vejo em lugar algum.

Sinto meu coração acelerar, se esse filho da puta fez alguma coisa pra ela, não me responsabilizo... tenho certeza que se ele tivesse brigado com qualquer outra pessoa, ela estaria seguindo-o, mas como ela não está, algo não está certo. Continuo procurando em meio a multidão, mas a boate está cheia e mal iluminada.

Ali. Na área VIP. Ela parece bem, constato, mas é a visão dos meus irmãos ao seu redor que afrouxam o aperto que tomou meu peito. Se eles estão ali, Brooke está segura.

Subo as escadas para o mezanino de dois em dois degraus, seguindo em linha reta para onde eles estão. *Que porra aconteceu?*

Olivia está segurando as mãos de Brooke nas suas, já estou próximo o suficiente para ouvir o que ela está dizendo:

— Brooke, vamos dar um jeito, eu sei que meu estúdio é pequeno, mas a gente se vira. — A morena parece tentar convencer e tenho vontade de rir. Eu ajudei na mudança das duas para seus respectivos apartamentos quando saíram da faculdade, e não existe a menor condição de todas as tralhas da minha amiga caberem no pequeno estúdio da Olivia, por mais que a Liv quisesse, a única forma seria um passe de mágica.

Mas peraí, Brooke precisa de um apartamento? Ela finalmente meteu o pé na bunda daquele cretino?

Tanto Raffi quanto Seth notam minha presença, e é o primeiro que se aproxima e segura meu braço em um cumprimento e sussurra no meu ouvido:

— Brooke e o idiota terminaram, aparentemente ele a traiu. Ele veio aqui encher o saco e tentar convencê-la a voltar, mas ela não quis nem ouvir, só que está nervosa porque acha que não tem para onde ir. Até falou em voltar para Palo Alto.

Ele sorri e eu começo a rir, atraindo a atenção das duas que se viram para mim. Me abaixo para ficar frente a frente com a Brooke. Seus cabelos loiros estão ondulados e emoldurando seu rosto em formato de coração. Preciso controlar a vontade de revirar os olhos

diante da sua expressão preocupada. Honestamente, chega a ser ultrajante que ela ache que não tem uma casa.

— Você sempre teve onde ficar, a nossa casa é enorme e sempre teve um quarto para você — declaro e seus olhos verdes se arregalam, disparando de mim, para Seth que está ao seu lado e Raffi, logo em seguida.

— Não, não, eu vou dar um jeito.

— Brooke, já está resolvido. Você vai morar com a gente — repito.

— Também quero ficar sem-teto se puder morar com vocês. — Liv bate palmas, desvio meus olhos para a morena que tem um sorriso largo em seu rosto.

— Liv, não tem graça — Brooke a repreende, mas ela só arqueia uma sobrancelha e dá de ombros. Minha amiga volta sua atenção para mim. — Você não acha que deveria falar com seus colegas de casa antes de me convidar para morar com você? — ela pergunta com aquele tom que usa quando acha que tem razão.

— Pergunte a eles — respondo, despreocupado.

Eu conheço meus irmãos melhor do que ninguém e no dia que compramos a casa, sabíamos que tinha um quarto extra e a quem ele pertencia, e ela só não sabia porque no dia que fomos contar, ela anunciou que estava indo morar com o idiota do Patrick.

Brooke se vira para Seth.

— Seth, o que você acha disso tudo? — A resposta do meu amigo é dar de ombros. — Raffi?

— Acho que você tem que parar de fazer cu doce, *Babygirl*. É a sua casa e ponto final.

Ela abre um sorriso e seus braços envolvem meu pescoço.

— Obrigada! Obrigada!

A loira se levanta e vai abraçar meus amigos, repetindo os agradecimentos.

— É temporário, eu juro. É só até eu conseguir me organizar e achar um lugar que possa bancar com meu salário. Nem vão notar que estou lá.

Isso é algo que eu duvido. Brooke é uma estrela, ela tem luz própria e, não importa onde esteja, é impossível não notá-la.

— Se deu bem, piranha — Olivia diz e a abraça. — Largou o macho escroto e vai se enfiar numa casa com esses três gostosos. — Acho que ela pretendia sussurrar, mas já deve ter bebido. Liv sempre foi fraca para álcool.

— Shhhh. Vem, vamos dançar. — Brooke parece decidir que é mais seguro levar a amiga para longe e as duas descem para a pista de dança. Meus olhos as acompanham por todo o percurso, observo o vestido azul claro, que a loira veste, ondulando conforme seus movimentos.

— O que diabos aconteceu? — pergunto quando me acomodo no sofá. Raffi e Seth sentam ao meu lado.

— Brooke não entrou em detalhes, mas Patrick apareceu aqui e estava tentando puxá-la para longe quando eu cheguei — Seth começa. — Ele falou várias merdas, mas pelo que eu entendi a Brooke pegou ele comendo uma qualquer e acabou tudo. Acredito que ele achou que ela voltaria para ele se aparecesse aqui como cão arrependido, mas quando viu que ela não cedeu, ficou puto e eu intervi.

— O que ele não está contando é que ele provocou o cara até que ele achou ser uma boa ideia partir pra cima, e aí quase deslocou o ombro dele no processo — Raffi acrescenta e eu volto a olhar para Seth que bebe seu uísque tranquilamente.

— Como ela está? — pergunto, indicando com a cabeça para a pista de dança.

— Você sabe como ela é, melhor do que nós até. Ela tá chateada, irritada, mas vai ficar bem. Ela não me pareceu triste — Raffi comenta antes de sinalizar para uma garçonete que se aproxima. Fazemos nossos pedidos e ela retorna ao bar. — E

estaremos por perto se ela precisar de alguma coisa, qualquer coisa — acrescenta com um sorriso sacana.

— Mantenha nas suas calças — advirto.

— E se ela quiser que eu tire? — Ele rola os olhos em minha direção e dá um tapa na minha nuca. — Você é tão fácil de provocar. Só estou dizendo que vamos todos estar morando sob o mesmo teto, não seria a primeira vez que dividimos.

— Cala a boca, Raffi. Ela é diferente. — É Seth quem responde contrariado.

— Vai dizer que vocês nunca pensaram nisso?

Meus olhos encontram Brooke no meio da pista, com os braços para o ar enquanto ela rebola ao ritmo da música e não posso responder. Não sem mentir. Quando eu me juntei aos fuzileiros ela ainda era uma criança e nunca tinha sequer cogitado tal coisa, mas ela já era uma mulher linda quando voltei de uma das missões. Lembro de estar em casa de licença entre uma missão e outra, quando a vi beijando um dos seus namorados nas férias do seu primeiro ano de faculdade, quase cruzei os jardins para chegar na sua varanda e quebrar os dedos do maldito que apertava sua bunda.

— Então tá, vou fingir que acredito.

— Para de falar merda, Martinez — reclamo.



— Podemos deixar a Liv em casa primeiro? — Brooke pergunta. Ela se pendura em meu ombro para sussurrar: — Não confio em deixar que ela vá de Uber sozinha, ela tá meio bêbada, sabe?

Sorrio, pois Olivia não é a única que se excedeu na bebida.

— Vamos fazer isso — digo e Brooke se vira sorrindo e levantando os polegares afirmativamente para a morena. — Seth, você e o Raffi vão direto e nos encontramos em casa.

— Tá bom, até daqui a pouco — fala e se vira para avisar Raffi da mudança de planos.

— Ei! — Brooke chama e ele se vira. — Vai embora sem se despedir?

— Você vai me encontrar em casa, Brooke.

— Ah, é. Esqueci. — A loira fica na ponta dos pés e beija sua bochecha. — Até daqui a pouco.

Os dois carros chegam ao mesmo tempo. Temos o costume de usar o serviço de transporte privado quando visitamos a *Underworld* para não correremos o risco de precisar deixar um dos carros para trás, caso bebermos. Vou com Brooke e Olivia, elas vão conversando e rindo até o endereço da morena.

— Boa noite, Liv. Vamos marcar de tomar café semana que vem — Brooke se despede.

— Noite, amo você! — Ela já está fechando a porta quando a abre novamente, colocando a cabeça para dentro do carro e apontando para a loira. — Não faça nada que eu não faria. Tchau, Kyle!

Ela bate a porta, Brooke se ajeita no assento e apoia a cabeça em meu ombro. Em menos de um minuto sua respiração se acalma, me inclino ligeiramente para checar e como imaginei, ela está dormindo.

O percurso até a minha casa parece levar uma eternidade e já estou com câibra no braço por ter passado esse tempo sem me movimentar, mas finalmente chegamos.

— Pode entrar, senhor — peço para o motorista quando ele desliga o carro ao se aproximar do portão principal. Abaixo a minha janela e um dos guardas libera a passagem.

O carro para em frente à porta e aperto o braço de Brooke gentilmente.

— *Sunshine*, chegamos.

— Hm? — ela resmunga e esfrega os olhos, espalhando maquiagem preta por eles.

— Vamos entrar, chegamos em casa.

Ela meneia a cabeça em concordância e me segue para fora do carro.

— Ah, é. Eu moro aqui agora — ela murmura.

— Vem, vou te mostrar seu quarto, amanhã vamos buscar suas coisas.

Cruzamos o hall e guio Brooke, com uma mão na base das suas costas pelas escadas, até o segundo andar.

— Seu quarto é o segundo à direita — digo, abrindo a porta. O cômodo é decorado em um tom de azul pastel com pequenas ondas perto do rodapé.

— É lindo, Ky! Como que eu nunca tinha visto?

— Não estava pronto quando você o viu pela primeira vez e depois eu esqueci, mas é seu. Amanhã vou te apresentar a todos os guardas, te entregar seus códigos de segurança e tudo o que você precisar.

— Obrigada. — Ela se vira para mim com um dos seus sorrisos resplandecentes, fazendo com que suas maçãs do rosto fiquem ainda mais evidentes.

— Agora está na hora de dormir — aviso.

— Sempre imaginei como seria — fala com ar distraído.

— O que?

— Dormir com você. — Ela entra no quarto como se não tivesse acabado de soltar uma bomba em meu colo. E eu estou acostumado a lidar com bombas, porra!

Fico sem reação, encarando-a enquanto ela caminha pelo quarto e para na frente do armário, virando-se para mim alarmada.

— Não tenho roupas limpas, Ky.

Fecho os olhos tentando limpar a minha mente que decidiu me mostrar exatamente como seria ter Brooke, como eu iria me banquetear entre as suas pernas antes de me enterrar fundo. “*Para com essa merda, caralho. É a Brooke, a porra do seu raio de sol!*” me repreendo mentalmente.

— Vai tomar banho. — Indico o banheiro da sua suíte. — Quando sair, vai ter uma roupa pra você dormir.

— Tá, obrigada, Ky.

Forço minhas pernas a se moverem e saio dali, primeiro o Raffi com aquele papo ridículo de dividirmos e agora a Brooke com essa revelação. Eu sou apenas um cara normal, há limites até mesmo para mim.

Pego uma camiseta e uma cueca boxer do meu armário e volto pro quarto dela. A desgraçada esqueceu a porta aberta e consigo ouvir o barulho do chuveiro, largo as roupas sobre a cama e saio dali o mais rápido possível.

— Isso é um teste, Deus? — murmuro, olhando para o teto do meu quarto.

Quando me deito, depois de tomar banho, ainda estou pensando no que Brooke disse e eu precisava parar com isso, e logo. Pra início de conversa ela é o meu *Sunshine*, minha melhor amiga e outra, ela deveria estar mais bêbada do que eu achava. Acabou de sair de um relacionamento e não sabe o que está falando, certo? Certo! Porém não consigo espantar a sensação de orgulho por saber que ela está dormindo com as minhas roupas.

Capítulo 05



Seth Donahue

O ar quente chega a ser sufocante, o fedor de corpos sujos me cerca e se eu tivesse qualquer coisa em meu estômago provavelmente vomitaria. De novo. Sinto uma gota de suor escorrer pela minha testa, mas quando ela cai no chão sua cor é vermelha. Meus pulsos doem contra as braçadeiras de plástico que os mantêm presos contra a cadeira de metal. Hoje é um dia bom, me deixaram sentar ao invés de me manter pendurado por alguma extremidade.

Não há janelas para me ajudar a distinguir há quanto tempo estou aqui, eles esquecem de me alimentar mais vezes do que lembram, mas fazem vezes suficientes para que eu continue aqui, existindo para o seu prazer. Eles acham que essa é a minha primeira vez no inferno, idiotas. Eu nasci no inferno.

Uma porta se abre atrás de mim.

Eu sei o que eles querem de mim, o que acham que vou entregar se conseguirem me quebrar — meus irmãos — os únicos amigos que tenho, e é uma pena que nunca os verei novamente. Em algum momento meus carrascos entenderão isso e será meu fim, contanto que eles sobrevivam, não me importo.

Um homem se aproxima, não consigo prestar atenção em suas feições, meu foco está inteiramente na lâmina curvada que ele tem nas mãos, é a sua favorita, se nossos encontros anteriores servem de referência. Preparo minha mente para a dor, guardando a parte de mim que ainda a sente, enterrando-a tão fundo que não possa ser usada contra mim. Contra eles.

A ponta da faca encosta no meu abdômen, não para cortar, não ainda. A moeda deles é o medo, cada movimento é calculado para arrancar o máximo de terror possível, minha única fonte de diversão nos últimos, Deus sabe quantos dias, é vê-los frustrados por não conseguir o que mais querem: a minha ruína.

Me sento na cama, o coração disparado, minha mão fechada ao redor do cabo da minha faca Strider SMF, enquanto escaneio cada canto do meu quarto, em busca de alguma ameaça. Duas patas pretas como uma noite sem luar surgem no colchão ao meu lado e Banguela cheira o ar com atenção, ele bate uma das patas contra a minha coxa e solto o ar lentamente pela boca.

— Tá tudo bem, garoto. — Dou dois tapinhas na cama e ele pula, afundando o colchão e enfiando a cabeça enorme em meu pescoço. — Desculpa te acordar.

Olho em volta mais uma vez, o relógio em minha cabeceira indica que são 04:28. *Nem está tão cedo hoje*, penso. Fico alguns minutos acariciando o pelos curtos do Banguela, tentando acalmar meus instintos.

“Não estou no deserto, estou em casa. Eu saí.”, repito para mim mesmo uma e outra vez.

O ar parece pinicar minha pele, tento me acomodar na cama mais uma vez, mas tudo me incomoda: a forma como o lençol parece arranhar a minha pele, as árvores se movimentando na brisa lá fora, lançando sombras em meu quarto através da janela sem cortinas. Os vestígios do sonho perseguem minha consciência até que continuar parado não seja mais uma opção.

— Quer correr, garoto? — pergunto, afagando a cabeça do Banguela, seus olhos amarelos parecem brilhar quando ele lambe

meu rosto. — Vou aceitar isso como um sim.

Lavo o rosto com água fria antes de vestir uma calça de moletom cinza e uma camiseta. Coloco a coleira grossa de couro preto ao redor do pescoço do Banguela, e ela se mescla ao seu pelo e apenas os botões de metal dourado e a fivela são visíveis.

Ele se anima e começa a pular.

— Shhhh, todo mundo está dormindo.

O ar fresco da noite é como um bálsamo calmante. Banguela caminha ao meu lado, ele foi treinado na mesma escola que Cérbero e Apolo, mas meu pitbull sempre foi o mais comportado dos três.

— Já vão correr, senhor? — Mark, um dos guardas noturnos, pergunta. — Ih, a hora passou rápido hoje, achei que ainda eram umas duas da manhã.

— Tenho que aproveitar antes do sol nascer — respondo.

Assim que cruzamos os portões, começo a correr lentamente, aumentando o ritmo gradualmente até estarmos correndo em uma velocidade que me impede de pensar em qualquer coisa além da minha respiração. Banguela se mantém ao meu lado, já está acostumado desde filhote a correr comigo.

Minha camiseta já está encharcada de suor quando decido que é hora de voltarmos e o céu começa a dar sinais de que o amanhecer está próximo, o que significa que logo Kyle vai estar de pé. Entramos em casa e Banguela vai como uma flecha direto para o seu pote de água, bebendo ruidosamente e me fazendo rir.

— Tá com fome, Fúria da Noite? — brinco, fazendo referência ao seu nome e sua origem, o dragão temido por sua forma, mas que na verdade é um ótimo amigo e companheiro. Quando ele seca o pote, lhe dou ração e reabasteço seu pote d'água. Pego meu celular e fones da bancada da cozinha onde os deixei e dou alguns tapinhas nas costas de Banguela enquanto ele come, e depois sigo para a academia, nos fundos da casa.

Como eu, Raffi e Kyle somos extremamente ativos e os exercícios são uma parte integral da nossa rotina, quando compramos a casa, remodelamos dois quartos em um para criar uma academia, que conta com os melhores aparelhos do mercado e um espaço grande para treinos de artes marciais. Este é provavelmente o cômodo que eu mais uso.

Jogo a camiseta suada num canto da sala e me dirijo a um dos aparelhos para membros superiores, ponho os fones e coloco a minha playlist para tocar. E assim que “Figure.09” do Linkin Park preenche meus ouvidos, suprimindo minhas memórias e dando voz aos meus sentimentos, eu forço meus músculos até o meu limite.



Estou no final do meu treino, socando um dos sacos de areia ao ritmo de System of a Down. Cada contato dos meus punhos enfaixados com a lona é uma libertação. Para cada memória que ameaça tomar minha mente, um soco. Tento forçar meu cérebro a se concentrar nos movimentos, no momento atual, sem se aventurar pelo passado.

Alguém toca em meu ombro e me viro, desferindo um soco por puro reflexo, mas Kyle desvia facilmente.

— Mal aí, Thorne — falo, tirando um dos fones.

— Minha culpa, não vi que estava de fones. O que você está fazendo hoje?

— Hoje? — Ele meneia a cabeça e tento lembrar se tinha algum compromisso. — Nada que eu consiga lembrar, acho que vou passar no estúdio hoje à tarde, ver se o Tristan quer ajuda.

— Preciso que me faça um favor — Kyle diz.

Meu corpo inteiro entra em alerta.

— O que?

— Vou ter que ir para a sede da Hades' Men. Heron ligou e a família real de Calanthe precisa de uma equipe no Brasil o mais rápido possível. Preciso organizar isso e Brooke tem que buscar as coisas dela no apartamento do...

— Vou com ela — o interrompo e ele sorri.

— Leva a picape, Seth.

— Claro, o que você achou que eu faria? Levaria ela na sua Harley? — pergunto com deboche, empurrando seu ombro. — Temos caixas?

— Acho que não, passa em algum lugar e pega algumas. Ela vai querer ir sozinha, mas não confio no Patrick o suficiente para isso.

— Eu não confio nele, ponto. Ainda mais depois de ontem e o chique que ele deu, ainda acho que fui muito gentil, ele nem foi pro hospital — digo.

— Seth...

Levanto os braços em sinal de rendição.

— Prometo não provocá-lo, mas se ele colocar as mãos nela de novo...

— Justo.



Já passa das onze e meia da manhã e Brooke ainda não acordou, e nem posso julgá-la, pois se eu pudesse dormir tranquilamente por horas a fio, com certeza faria. Não que eu saiba qual é a sensação de dormir uma noite inteira, mas imagino que

seja bom. Até mesmo Raffi já acordou e saiu, levando o Apolo para alguma das suas trilhas de fim de semana.

Vou para a sala e ligo a TV. Cérbero e Banguela me seguem e se deitam aos meus pés, decido jogar Call of Duty até que ela apareça. Se eu não tivesse certeza de que se ela acordasse e não tivesse ninguém em casa para levá-la ela iria sozinha, eu até me arriscaria a ir pro estúdio e tatuar por algumas horas, mas Brooke não esperaria, então o melhor a fazer era aguardar.

Um tempo depois ouço alguns barulhos vindo da cozinha, Cérbero é o primeiro a ir investigar e quando me aproximo Brooke está agachada afagando suas orelhas fofas. Seus cabelos loiros estão presos em um coque que ela aparentemente fez com o próprio cabelo. Ela veste uma camiseta extremamente larga, que eu presumo ser do Kyle já que ela não estava vestindo isso ontem.

— Você quer um biscoito, garotão? É isso? — pergunta e começa a abrir os armários, quando ela se levanta noto que a camiseta cobre até o meio das suas coxas e nada mais. *Olhos para cima, Donahue.* — Eu só preciso achar um.

— Estão no armário à sua esquerda — digo.

Ela leva a mão ao peito, fazendo a bendita camiseta subir ainda mais e vejo a barra preta de um shorts, não, de uma cueca.

— Ai, Seth, achei que não tinha ninguém em casa, nem te ouvi chegar. — Ela pega os biscoitos de onde eu disse e entrega um para Cérbero, e Banguela se adianta para não ser esquecido. — Não conta pro seu pai — murmura, como se eu não estivesse bem ali.

— Raffi e Kyle saíram, mas achei que seria bom te ajudar a buscar suas coisas. — Seu rosto se contorce em uma careta. — Eu posso ir sozinho se quiser.

— Eu agradeço a oferta, mas é a minha bagunça, eu que tenho que resolver, não precisava ficar. Já estou incomodando o suficiente em ter me mudado.

— Deixa de frescura, Brooke. Você não incomoda, mima os cachorros demais, — pisco para ela. — mas nunca incomoda. Ky não mentiu ontem, o quarto sempre foi seu.

— Vocês nunca disseram nada, nenhum de vocês.

— Eu não achei que precisava. — Dou de ombros. — Toma café e se arruma, vou estar na sala. — Me viro para sair, mas ela me chama.

— Hm... Seth? — Viro a cabeça em sua direção e a vejo torcendo os dedos, claramente desconfortável. — Tem uma calça para me emprestar? Meu vestido de ontem não é a melhor roupa para fazer uma mudança e não quero ter que me trocar lá — explica.

— Vai ficar enorme em você, mas vou ver se encontro alguma com cadarço pra você conseguir apertar.

— Obrigada.



Assim que Brooke está pronta, saímos. Passamos na Target e compramos algumas caixas de papelão para facilitar o processo. A cada quilômetro que nos leva para mais perto do seu antigo apartamento, a loira ao meu lado vai ficando cada vez mais calada. Estaciono a picape Chevrolet Silverado em frente ao prédio e me viro.

Brooke tem o lábio inferior preso entre os dentes enquanto encara a construção à sua frente.

— Posso fazer isso, Brooke, só me dizer o que pegar.

— Não, eu vou. — Ela abre a porta e eu seguro sua outra mão antes que ela saia do carro, atraindo sua atenção.

— Nós vamos, você não está sozinha. — Seus ombros parecem relaxar e ela sorri. *Assim é melhor*, penso.

— Vamos acabar com isso de uma vez!

Ela sobe em minha frente e eu a sigo carregando algumas caixas. Brooke para em frente a porta, respira fundo duas vezes, coloca a chave e abre a porta.

— Finalmente, você voltou para casa — ouço o verme falar de dentro do apartamento.

— Vim buscar minhas coisas — a loira esclarece e entra, espero um minuto antes de a seguir querendo saber como o infeliz vai agir quando acha que ela está sozinha.

— Brooke, amor, vamos conversar — ele pede. — Que porra é essa? De quem são essas roupas? — Sorrio, eu sabia que ele ia ficar chateado a hora que notasse.

— Sua vagabunda! — Agora ele foi longe demais, me aproximo da porta enquanto ele continua gritando com ela. — Então é por isso que terminou comigo? Pra se enfiar na cama de outro?

— Pelo menos eu tive a decência de terminar contigo antes.

Vejo que ele está perto demais dela, com uma mão levantada pronta para lhe desferir um tapa, porém em dois passos estou na sua frente. Seguro seu pulso, apertando firmemente, quero quebrá-lo, sentir seus ossos se partindo sob meus dedos.

— Cuidado como fala com ela, seu verme. — Torço seu pulso até quase fraturar e ele ganir de dor. — As caixas estão na porta, Brooke, não tem pressa — falo pra ela com um sorriso, enquanto aplico mais um pouco de pressão no pulso de Patrick.

— Seth...

— Vai lá, a gente só vai conversar — sorrio e ela arqueia uma sobrancelha, tudo bem que é difícil acreditar em mim quando seguro o braço do seu ex-namorado em um ângulo doloroso.

— Ele não vale a pena.

— Eu sei — concordo, ela tem razão, mas ele é um homem que se acha muito forte e pensou que poderia agredi-la sem consequências. Prazer, consequência.

Brooke pega as caixas e some em direção ao quarto.

— Agora, escuta aqui, seu verme. Acabou. Você não vai mais pensar nela, falar com ela, vai deletar o seu número e esquecer que Brooke existe. Ela sempre foi boa demais para você, de qualquer forma. Você teve sua chance, decidiu desperdiçá-la e isso é um problema inteiramente seu — sussurro em seu ouvido. — Ah, acho melhor te deixar um lembrete. — Torço seu pulso até ouvir um estalo suave.

Ele grita e eu o solto, logo Brooke aparece na sala com os olhos arregalados.

— O que aconteceu?

— Nada, não é, Patrick?

Ele não responde, ocupado demais em segurar seu braço contra o peito. Lágrimas enchem seus olhos, patético. Nem está quebrado, só deslocado.

— Já terminei uma caixa, vamos embora logo, prometo — ela informa, com os olhos desviando de mim para Patrick e me pergunto se ela está tentando acalmar a mim ou a ele.

Assim que ela sai, me viro para o pedaço de gente que se encolhe.

— Isso é um lembrete para nunca mais levantar a mão para mulher alguma. Você pode achar que é mais forte do que elas, mas sempre existe alguém mais forte que você — falo lentamente em um tom frio. — Você devia colocar gelo nisso — aconselho. Estou quase me sentando no sofá quando lembro do porque estou aqui e opto por ir ajudar Brooke.

Em menos de duas horas todos os seus pertences já foram guardados em caixas e colocados nos fundos da camionete, incluindo sua prancha de surf.

— Obrigada — ela murmura quando ligo o carro. Antes de virar na avenida olho para o lado e ela tem uma expressão chateada no rosto, enquanto encara a paisagem.

— Foi um prazer. — Começo a fazer o caminho para casa, colocando o rádio numa estação de música pop que ela gosta, mas ela continua emburrada.

Paro em um semáforo e me viro para ela.

— Ele não te merece, Abelhinha. — Ela sorri para o apelido, mas o sorriso não chega aos seus olhos.

— Eu sei, não é isso. Tinha planejado ir para Steamer Lane hoje, já faz semanas que não consigo achar tempo para ir surfar — explica, apoiando o queixo em uma das mãos e voltando a olhar a cidade.

Se esse é o problema, é muito mais fácil de corrigir. Assim que posso faço o contorno, nos desviando da rota que nos levaria para casa e pegando a rodovia.

— Seth, não precisa — diz, assim que nota a mudança.

— Faz tempo que não vou para a praia, Brooke, você tem tudo que precisa? — pergunto.

— Tenho, mas é sério Seth, não precisa.

— Não disse que precisava, mas tenho a tarde livre e o dia está bonito — afirmo e desvio o olhar para ver seu rosto iluminado e cheio de alegria pela primeira vez desde que acordou. Por essa expressão? Eu a levaria para a lua.

Capítulo 06

Brooke Roberts



Estou preparando meu café da manhã quando um focinho úmido encosta na parte de trás do meu joelho, atraindo a minha atenção. Olho para baixo para encontrar um par de olhos verdes, tão claros que quase parecem refletir o cinza do pelo do cachorro que me encara.

— Bom dia, Apolo. — Afago suas orelhas, me afastando da bancada e buscando sua ração no armário. — Dormiu muito hoje, hein? Seus irmãos já apareceram para comer — brinco e encho seu pote, como se convocados pelo som, Cérbero e Banguela aparecem na cozinha. — Vocês já comeram — ralho com eles, que se sentam aos meus pés e me olham com uma expressão que posso jurar ser de tristeza.

— Tudo bem, tudo bem! — Levanto as mãos em rendição e volto pro armário e pego um biscoito para cada um. — Se vocês contarem para alguém, nós três estaremos com problemas — sussurro e recebo uma lambida de Cérbero na mão.

Lavo as minhas mãos e volto a cortar o meu mamão e o meu melão. Checo a hora em meu celular e ponho para preparar uma

jarra fresca de café. Os rapazes têm uma cafeteira que faz tanto café de filtro quanto a forma mais chique, com o moedor de grãos e um daqueles espumadores de leite igual na Starbucks, que é claro eu não sei usar. Aparentemente, o único que sabe é o Raffi, mas ele nunca acorda antes de eu sair para o trabalho.

Coloco minhas frutas na bancada de granito da cozinha e me sirvo de uma caneca, depois encho uma segunda, deixando-a no canto da mesma.

Quase me engasgo com o pedaço suculento de melão que acabei de colocar na boca, quando Seth entra na cozinha, com o suor escorrendo pelo tronco nu, evidenciando cada um dos gominhos do seu abdômen. O cabelo claro está colado na testa, e ele penteia com a mão para trás enquanto se aproxima. Todo dia sou presenteada com alguma versão dessa mesma imagem, mas ainda não me acostumei e para ser sincera, duvido que um dia me acostumarei.

— Bom dia — me cumprimenta e sorri, formando uma covinha em cada bochecha, quando nota a bebida o esperando. — Obrigado. — Levanta a caneca em agradecimento e dá um gole.

Ele nota os cães me cercando e arqueia uma sobrancelha.

— Você não deu comida pro Banguela, né? Ele já comeu quando voltamos da corrida.

Desvio minha atenção para meu prato, fazendo com que meu cabelo escondesse meu rosto, como uma cortina.

— Claro que não, só dei comida pros irmãos dele — minto, enchendo a boca de mamão.

— Brooke, é sério, eu sei que você fica com pena, mas ele não tá passando fome, não — reclama. — E você, seu safado — fala apontando para o pitbull. — Fica se aproveitando dela, você não pense que eu não estou vendo.

— Ele tá sempre correndo com você ou no quintal, tenho certeza que um pouquinho de ração a mais não vai ser problema —

digo e ele levanta o olhar para mim.

— Pelo menos fez ele esperar para comer?

— Que aulas você tem hoje? — mudo de assunto descaradamente e ele sacode a cabeça.

— O mesmo de sempre. Aulas de luta. — Ele checa o celular. — Tá quase na hora de eu sair, quer carona hoje?

— Não precisa, as aulas acabam no meio da tarde e aí, se eu for com você, vou precisar pegar um uber para casa. — Casa. O período de adaptação foi zero, me mudei há menos de uma semana e já me sinto à vontade, já não penso que essa é a casa deles, mas a nossa. “*É temporário, Brooke*”, me lembro mais uma vez, não posso ficar muito confortável.

— Eu posso te buscar, vou estar no estúdio de tatuagem do Tristan, entre um trabalho e outro posso passar pra te buscar. — Ele dá de ombros, como se não fosse nada demais.

— É muito atencioso da sua parte, mas não precisa se preocupar. — Meu celular vibra na mesa, atraindo a minha atenção, checo a notificação e vejo uma mensagem da Liv. — Até porque eu vou ficar ansiosa se demorar para sair ou acontecer algum imprevisto — completo.

— O falecido deu sinal de vida? — Seth pergunta e meneia a cabeça na direção do meu aparelho quando olho para ele.

— Não — falo e suspiro, não é como se eu quisesse falar com o Patrick, mas depois de quatro anos achei que ele ao menos tentaria.

— Ele não vale um segundo do seu tempo, Abelhinha — sorrio para o apelido.

Quando nos conhecemos, na primeira vez que ele veio de férias com o Kyle para Palo Alto, eu ainda era uma estudante de ensino médio e Seth só me chamava pelo nome. Foi depois que eles entraram para a unidade de operações especiais e voltaram da primeira missão no Oriente Médio, que ganhei o apelido.

“Como sempre, eu estava sentada na varanda de casa esperando sua chegada e corri para a casa de Kyle assim que o carro estacionou. Ky me abraçou tão apertado que parecia que ia quebrar minhas costelas, Raffi me abraçou e beijou minha bochecha, bagunçando meus cabelos. Seth, no entanto, tinha o braço numa tala e um olhar assombrado, antes que eu pudesse jogar meus braços ao seu redor ele me interrompeu, levantando uma mão e meneando a cabeça como forma de cumprimento, antes de seguir para a casa do meu amigo, sem uma única palavra.

— Não leva para o lado pessoal, Brooke, Kandahar foi... só dá um tempo — Kyle disse, olhando fixamente para o porta por onde Seth tinha entrado.

Foi quando eu notei que eles estavam diferentes, todos estavam mais ásperos, como se o que eles viveram lá tivesse tirado uma parte deles. Até mesmo Raffi parecia carregar um peso em seus ombros, a postura dos três havia mudado.

— O que aconteceu? perguntei.

— Nada com que você tenha que se preocupar, Sunshine.

— Estamos de volta e é só isso que precisa saber. Vem cá, sua mãe fez aquela torta de maçã, babygirl? — Raffi mudou de assunto.

Durante aquela primeira semana, toda vez que eu estava com eles, Seth ficava num canto mais afastado e evitava sair de casa. Passava o dia inteiro sentado na poltrona da sala de jogos no porão, com o olhar perdido e distante ou então focado em algum jogo. Sem falar ou interagir conosco, mas minhas férias estavam acabando e vê-lo daquele jeito me agoniava. Uma semana era tempo suficiente, não era?

— O dia tá bonito hoje, a gente vai no parque ou no fliperama? — comentei, me aproximando de Seth que nem ao menos desviou o olhar do jogo de luta. — Fazer um piquenique, talvez — sugeri. — Ou podemos ir ao cinema, o que acha, Seth?

Andei até ficar em frente à TV, mas ele continuou a apertar os botões como se eu nem estivesse ali. Kyle me repreendeu com um olhar e balançou a cabeça me pedindo para sair.

— E se fossemos até a praia? — tentei mais uma vez, ignorando meu amigo.

— Para de zunir no meu ouvido, Abelhinha — Seth reclamou com a voz rouca, balançando o braço sem gesso na minha direção, mais especificamente para a minha blusa listrada em amarelo e preto. Parei instantaneamente, sorri por ter finalmente arrancado uma reação, a boca dele se curvou minimamente em resposta e eu me dei por satisfeita, deixando-o em paz.”

Sacudo a cabeça espantando a lembrança com um sorriso e viro meu rosto para Seth. Às vezes, ainda encontro aquele mesmo olhar assombrado em sua expressão, mas depois daquele dia aos poucos ele foi voltando ao seu estado normal.

— Eu sei que não, mas sei lá. — Meu alarme soa, me salvando de ter que explicar o sentimento contraditório. — Hora de ir — aviso.

— Você e seus trinta e cinco alarmes — Seth debocha, enquanto coloco meu prato e caneca na lava-louças.

— Nem todos podem ter precisão militar sem eles. — Dou um tapa em seu ombro. — E são só quatro.

— Três mais do que o necessário — ele grita atrás de mim e consigo ouvir o sorriso em seu tom.

— Bom trabalho, Brooke — Kyle diz quando passa por mim e estou pegando a minha bolsa, ao lado da porta da frente.

— Pra vocês também. Deixem o mundo mais seguro, rapazes, até de noite.



No fim do dia, chego em casa e sou recebida pelos três cães correndo pelo hall de entrada. Me agacho para lhes dar atenção e carinho, Cérbero me derruba e começa a lamber meu rosto, enquanto Apolo cheira minhas costelas me fazendo cócegas.

— Banguela, me ajuda — peço e ele tenta afastar Apolo apenas para substituir o irmão na função. — Não é justo, vocês são enormes — reclamo. — Por que seus pais não escolheram poodles?

Sou tomada por um acesso de riso ao imaginar os três caminhando com pequenos poodles pela rua, a imagem é tão discrepante quanto é cômica. Obviamente seus cães são uma expressão de suas personalidades, são grandes, fiéis e protetores.

— Não é? Vocês são iguaizinhos a eles — digo dando tapinhas em suas cabeças, conforme me levanto.

Subo as escadas para o meu quarto, coloco roupas de ginástica e vou para a academia. Mais um dos benefícios de morar aqui, poder me exercitar diariamente sem ter que sair de casa, ou desviar meu caminho, já que fica bem mais difícil arranjar desculpas quando não posso dizer que vou perder meia hora indo e vindo, sendo que ela fica no andar de baixo.

Como não tem ninguém em casa, aproveito para conectar meu celular ao sistema de som *bluetooth* do cômodo, fazendo com que a minha playlist de exercícios dos anos 2000 soe por todos os auto falantes do teto. Faço meu aquecimento ao som de Dynamite, do Taio Cruz.

Depois do meu treino, caminho até a área ampla que os rapazes usam para treinar *kung fu*, ou alguma outra arte marcial e

ponho uma aula de yoga para tocar, alongando todos os meus músculos cansados da semana longa.

Duas batidas na porta atraem a minha atenção , me viro e encontro Raffi apoiado contra o batente. Seus cabelos castanhos estão presos em um coque, os olhos azuis seguem todos os meus movimentos, enquanto me endireito no tatame.

— Tem formas mais legais de suar — fala sugestivamente, arqueando uma sobrancelha. — Posso te ajudar se quiser, você sabe, né?

Reviro os olhos e caminho até meu celular para desligar a aula que já estava terminando.

— Não tinha ninguém em casa e como sou uma garota independente, posso me ajudar sozinha, sabe como é — respondo.

— A oferta está de pé.

— Vou me lembrar disso. — Dou tapinhas em seu ombro quando passo por ele, indo para o meu quarto. — Mas tem alguma razão para você ter vindo atrapalhar meu yoga?

— O que acha de pizza e uma noite de filmes hoje?

— Pode ser, desde que não seja terror.

— Se você ficar com medo pode ir dormir comigo, eu te protejo, *babygirl*.

— Raffi! — Kyle repreende da cozinha, nem sabia que ele já tinha voltado pra casa. Deve ter acabado de chegar, já que ainda veste o terno azul escuro que não consegue esconder os bíceps musculosos, e a gravata está frouxa ao redor do pescoço. O cabelo loiro continua com o corte militar, mas ele usa algum tipo de pomada para deixar os fios arrepiados. Continua tão lindo quanto era quando eu era uma menina inocentemente, apaixonada pelo melhor amigo, um sentimento que eu achei que tinha superado.

A proximidade de Kyle depois de tanto tempo separados está fazendo com que minha paixãoite infantil retorne e o pior, agora ela vem acompanhada dos desejos de uma mulher adulta. Como se

não bastasse ainda estou me recuperando de um coração partido na companhia dos melhores caras que eu conheço, mas amanhã é sexta-feira e Liv já me intimou para retornarmos a *Underworld* e curtir meu momento solteira, quem sabe eu encontro uma distração.

— Brooke, não dá atenção pra ele — fala, assim que entro para pegar um copo no armário e encher com água na porta da geladeira antes de subir.

— Não sei porque você ainda interfere, sabe que o grandão brinca de flertar comigo desde sempre — respondo.

O moreno passa um braço por meus ombros, me puxando contra ele, inclinando sua cabeça para sussurrar no meu ouvido.

— Quem disse que eu estou brincando? — Empurro seu peito, ignorando o arrepio de antecipação que sua voz grave causou.

— Escolham o filme e peçam as pizzas enquanto eu tomo banho. Nada de abacaxi! — aviso, indo para o meu quarto.

— Quer ajuda? — Raffi oferece.

— Cala a boca, Martinez! — Ouço o som do tapa, me virando para vê-lo segurando a nuca e Kyle voltando a se sentar.

— Dou conta sozinha, garota independente, lembra? — Pisco para ele.

— Pensa em mim, então.

— Para de encorajar, Brooke — meu amigo reclama e levanto minhas mãos em rendição, em seguida subo para o meu quarto.

Me olho no espelho e me questiono mais uma vez se foi um erro ter vindo morar não com um homem gostoso, mas três.

Capítulo 07

Brooke Roberts



— Me conta tudo, como que tá sendo morar com os gostosões? — Liv pergunta, dando um gole em seu drinque e olhando em volta, tentando ver se os rapazes estavam por perto na área VIP, mas eles estão do outro lado do mezanino conversando com um grupo de pessoas que eu não conheço. A boate está cheia mais uma vez, mas diferente da semana passada, as pessoas conseguem andar mais facilmente ao redor da pista de dança, pelo menos por enquanto.

— Não tem muito o que contar. Eu te falei que fui buscar as coisas no sábado, o Seth foi comigo e que quando eu não estava por perto, acho que ele quebrou o pulso do Patrick...

— Voldemort, nós não falamos mais o nome desse ser, Brooke — ela me interrompe. — Mas sim, Seth defendeu sua honra e te levou para surfar, disso eu já sei, mas e aí? Você passou uma semana inteira na casa deles, nada aconteceu?

— Nada de novo. Eu me adaptei como se sempre estivesse destinada a morar lá.

— E deveria, até a decoração do seu quarto foi feita para você. Tão sortuda, Deus tem mesmo os seus favoritos — reclama, me fazendo rir.

— Raffi está flertando mais do que o normal, mas acho que é porque agora nós nos vemos todos os dias.

Minha amiga inclina a cabeça e balança as sobrancelhas sugestivamente.

— Ou ele quer um pedaço. — Dou um tapa em seu braço.

— Liv!

— O que foi? Vai dizer que não quer? Ele é maravilhoso, como se não bastasse o corpo delicioso ainda tem aquele cabelo que é mais sedoso que o meu.

— Você é impossível, não é não querer, eu nunca nem cogitei isso. Quando eu o conheci ainda era apaixonada pelo Kyle e depois eles já eram meus amigos — declaro, antes de terminar de beber a segunda *piña colada* da noite.

— Eles, é? Já incluímos Seth no Harém da Brooke, gosto assim. — Ela começa a se abanar como se estivesse passando calor. — E como está sendo morar com seu amor de infância?

Coço a testa antes de passar a mão pelos cabelos.

— Tudo normal.

— Aham, você quer tentar mentir pra mim de novo?

— É complicado Liv, eu nem sei direito o que estou sentindo. Achei que tinha superado tudo, mas aparentemente não é tão simples. Podemos deixar para falar sobre isso depois? De preferência em um lugar onde não vamos estar correndo o risco do assunto estar ouvindo?

— Acho que você está desperdiçando uma oportunidade, mas Deus dá dentes a quem não tem nozes.

O tema da festa de hoje é década de 2010 então não é surpresa quando “Bad Girls” da M.I.A começa a tocar, a batida

ecoando pelas paredes, então começo a me mover ao ritmo.

— Termina logo de beber para podermos descer! — peço e minha amiga sorri, virando o resto do coquetel de uma vez.

— Prontinho. — Levanta e segura minha mão, me conduzindo para a pista de dança. Quando passamos pelo segurança ao pé da escada, minha amiga para e se vira para ele. — Oi, é bom te ver de novo, Gary.

— Olivia — ele meneia a cabeça como forma de cumprimento.

— Você se lembra, muito bem, vou pensar em uma forma de te recompensar — ela comenta e volta a andar, mas se vira para soprar um beijo em sua direção.

— Começou cedo hoje — provoco.

— Era para ter começado semana passada, estou é atrasada — ela responde rindo.

A pista de dança está mais cheia do que eu tinha imaginado quando vi do mezanino, então precisamos forçar nosso caminho, até conseguirmos um pouco de espaço para nós duas. Conseguimos dançar os segundos finais da música antes de “Uptown Funk!” preencher o ambiente. É um ritmo contagiante e me faz lembrar dos bailes do ensino médio.

Em pouco tempo, já sinto o suor se acumulando na base das minhas costas colando o tecido fino do vestido preto na minha pele, fico levantando meus cabelos para refrescar meu pescoço, Liv faz o mesmo, mas ao contrário de mim ela veste um cropped e uma calça justa.

Eu amo como a música parece preencher cada célula do meu corpo, movendo meus músculos ao ritmo das batidas. Tirando o peso do trabalho, dos últimos dias e substituindo com aquela sensação de euforia.

— Eu senti falta de te ver sorrindo assim — Liv grita no meu ouvido para ser ouvida sobre a música e eu a abraço.

— Eu te amo — respondo do mesmo modo e ela junta nossas mãos no alto e dança sorrindo.

“*Despacito*” começa a tocar e nos juntamos ao coro de vivas enquanto rebolamos ao ritmo latino. Um grupo de rapazes parece se aproximar e noto um deles acompanhando todos os meus movimentos com o olhar.

Ele tem uma barba rala sobre o maxilar quadrado e lábios cheios, quando percebe que estou olhando, sorri e arqueia uma sobrancelha antes de se aproximar deixando os amigos para trás.

— Oi, linda — me cumprimenta gritando no meu ouvido, já que é a única forma de se comunicar. Liv me olha atentamente para saber se quero que me salve do estranho, sorrio para ela que dá de ombros, voltando a dançar.

— Oi — respondo, ainda me movimentando ao compasso da música.

— Nunca te vi por aqui, sou o Ben — O flerte dele é fraco, mas ele se posiciona atrás de mim, rebolando no mesmo ritmo que eu e o calor do seu corpo só faz o meu aumentar.

— E o que faria se tivesse me encontrado antes?

— Posso mostrar? — pergunta, com uma mão tatuada se aproximando da minha cintura e eu aprecio o fato de que ele pediu permissão antes de me tocar.

— Pode. — Mal as palavras deixam meus lábios e ele passa o braço pela minha barriga, me puxando contra ele sem parar de dançar, sinto meu corpo respondendo ao toque e Liv arregala os olhos para mim, concordando com a cabeça, me encorajando.

Quando a música troca, Ben aproveita para me girar e fazer com que eu fique de frente pra ele. Dançamos mais duas músicas, suas mãos sempre em mim, acariciando minha cintura e braços, mas é difícil conversar e por causa das luzes as duas vezes que ele tentou se aproximar quase batemos a cabeça um no outro.

Sempre que nossos olhares se cruzam consigo identificar o desejo ali e me dou conta do quanto eu senti falta de me sentir desejada. Não consigo lembrar a última vez que eu e Patrick dormimos juntos ou que ele tenha feito algo para demonstrar seus sentimentos por mim. *Por que mesmo que eu continuei com ele todo aquele tempo?*

Ele tenta falar, mas não consigo entender uma só palavra, balanço minha cabeça e encolho os ombros.

Ben aperta minha cintura atraindo minha atenção para o seu rosto, sua outra mão sobe por meu braço lentamente até chegar em meu queixo que ele segura, mantendo minha cabeça parada e ele finalmente consegue colar seus lábios em meu ouvido.

— Quer beber algo e ir para um lugar mais calmo para podermos conversar? — Aceno com a cabeça confirmando e me afasto, segurando a mão da Liv e ela se inclina para que possa me ouvir. Conto o que está acontecendo e ela responde que vai subir pra área VIP então e nos encontraremos lá em cima.

Dou a mão para ela e indico o caminho para Ben. Quando chegamos na escada, Liv me abraça.

— Aproveita, ele é gato — sussurra.

— Pretendo.

Ela me solta e fala algo para Gary que eu não escuto.

— Área VIP, agora eu sei porque não tinha te visto antes — Ben comenta e indica o bar com a cabeça.

— É, nós frequentamos a *Underworld* desde a inauguração. — Dou de ombros, não preciso falar que conheço os donos, muito menos que estou morando com eles.

Conseguimos um lugar no canto do bar, perto do corredor que leva para os banheiros, leva alguns minutos até que um dos bartenders consiga nos atender e Ben pede uma cerveja e eu, outra piña colada.

— Então, vai me contar seu nome? — ele pergunta dando um gole em sua bebida.

— Brooke — O coquetel gelado me ajuda a refrescar e bebo quase metade de uma vez, nem tinha percebido que estava com tanta sede.

— Combina com você, o que você gosta de fazer? — Ele é empurrado por alguém querendo chegar ao bar e acabamos no corredor.

— Meu hobby é surfar — afirmo.

— Sério? Que legal, eu tentei uma vez, mas não era para mim.

— Não pode desistir, é um esporte que exige prática. Mas a sensação de pegar uma onda é surreal, só de estar sentada na prancha no meio do mar é como terapia.

— Seu sorriso é lindo — fala e um dos seus dedos toca o canto da minha boca, me fazendo estremecer. Seu olhar desce para acompanhar o movimento da sua mão antes de voltar a focar em meus olhos. Eu tinha dito que o jogo dele era fraco? Errei.

Uma das suas mãos se apoia na parede ao lado da minha cabeça e ele aproxima a cabeça lentamente da minha antes de descer, consigo sentir seu hálito quente contra a pele nua do meu ombro. Sinto minha respiração suspender em expectativa, Ben beija minha clavícula e um arrepio desce pelas minhas costas. Ele sobe trilhando beijos pelo meu pescoço até o meu ouvido e eu suprimo um gemido.

Acontece num segundo, num momento o corpo do Ben está pressionado contra mim e no outro ele está sendo puxado para longe.

— Ei, cara. Qual é? — ele pergunta.

— Que merda é essa, Kyle? — reclamo, empurrando o braço do meu amigo que largou a camiseta de Ben, mas ainda o fuzila com o olhar.

— Fica longe dela. — Kyle avisa. — Só volta pros seus amigos, cara.

— Ei, eu não fiz nada, ela não falou que tinha namorado. — Ben levanta os braços de forma defensiva.

— E não tenho — reclamo, tento contornar meu amigo que está parado entre eu e Ben, mas ele me impede. — Kyle, sai daqui. O que você acha que está fazendo?

— Só confia em mim — fala, finalmente olhando em minha direção.

— Olha, eu não sei o que tá rolando aqui, mas eu tô fora. Foi bom te conhecer, Brooke — Ben declara e sai, provavelmente em busca dos seus amigos.

— Brooke — Kyle começa, se virando para mim.

— Quem você acha que é? — Bato em seu peito. Sua postura exala raiva, como se ele estivesse esperando que Ben fosse brigar com ele. — Você não tem esse direito, não é porque eu estou morando na sua casa que você pode agir como um neandertal controlador e ditar com quem eu saio ou deixo de sair.

— Você pode sair com quem você quiser — diz, respirando fundo, e noto seu punho abrindo e fechando ao lado do corpo.

Aponto para onde Ben acabou de sair.

— Não parece, você acabou de impedir que isso acontecesse.

— Foi pro seu bem, você não tem todos os fatos, Brooke.

— Ah, é? — Cruzo os braços sobre o peito. — E quais são eles? Por que você achou que tinha direito de agir como um namorado ciumento. É isso? Você está com ciúmes?

Não pode ser, pode? Kyle não via dessa forma, tenho certeza, e isso não muda o fato de que ele não pode me tratar como uma criança.

— É claro que não estou com ciúmes. — Ele se vira e segue para fora do corredor, se encaminhando para as escadas. Eu o sigo.

— Pois é o que está parecendo. Qual outra razão você teria? Você nem o conhece — reclamo e ele para no meio dos degraus que nos levariam ao mezanino.

— Você também não — seu tom é sombrio. — Presta atenção, nós não temos provas, por isso não podemos fazer nada, mas ele não é flor que se cheire.

— Você está inventando.

— Vem cá — ele me chama para perto do corrimão e começa a apontar para a equipe de segurança. — Marcus, James e Chris estão de olho nele. Eles me avisaram que você estava com ele e foi por isso que eu descii — completa voltando a me olhar. — Não tem nada a ver com ciúmes, você pode ficar com quem quiser.

— Quem eu quiser? — pressiono, será que estou vendo as coisas como eu gostaria que fossem? — E se eu disser que quero o Raffi? — desafio. — Você vai arranjar outra desculpa para me impedir ou vai admitir que está com ciúmes?

— Nunca sentiria ciúmes do Raffi, ele é meu irmão. Eu confio nele com a minha vida e todas as coisas que me importam, incluindo você, *Sunshine* — ele fala, e a certeza em seu tom me irrita. Uma voz no fundo da minha mente diz que ele não acredita que eu vá realmente seguir adiante com isso.

— Bom saber.

Subo as escadas e escaneio o mezanino, Raffi está em pé conversando com Seth e Liv, eu faço meu caminho até eles.

— Já voltou? — Liv pergunta, confusa. — Achei que fosse demorar mais.

— Eu também, mas Kyle agiu como um idiota.

— Ele tem os motivos dele, Brooke — Seth diz.

— É, foi o que ele disse — respondo.

Meus olhos não deixam Raffi nem ao menos por um segundo, absorvendo todos os detalhes. O cabelo hoje está solto, seus olhos

tem aquele brilho divertido de sempre, ele veste uma camiseta cinza com alguns furos nas mangas curtas que evidenciam os músculos do braço e calças jeans que abraçam as pernas fortes.

— Raffi, a oferta ainda está de pé? — pergunto de uma vez, o álcool me dando coragem para não voltar atrás, como Kyle acha que farei.

— Para você, *babygirl*, sempre — responde e uma de suas mãos desliza pela minha cintura me puxando contra ele. Seus olhos encaram os meus e ele parece olhar para a minha alma. — Tem certeza disso?

— Tenho. — Levanto meu rosto para ele, que sorri maliciosamente.

Conforme ele aproxima o rosto do meu noto as pintinhas de azul mais escuro em suas íris, seu rosto para a milímetros do meu, consigo sentir sua barba arranhando minha pele levemente, seu perfume amadeirado afoga meus sentidos apagando tudo ao nosso redor. É diferente do que experienciei minutos atrás com... qual era o nome dele mesmo?

— Última chance, Brooke — murmura contra meus lábios e a tensão parece se acumular na minha barriga como uma mola que foi puxada até o seu limite e está prestes a estourar.

Colo a minha boca na dele em resposta, e é tudo que Raffi precisa para se liberar contra mim, ele suga o meu lábio inferior e sua língua abre caminho, explorando minha boca com maestria. Ele tem gosto de cerveja misturado com algo que não consigo identificar, mas tenho quase certeza que é apenas gosto de Raffi. Uma das mãos dele sobe para minha nuca inclinando minha cabeça e lhe dando melhor acesso, enquanto a outra me aperta contra seu corpo firme, a mão que está em minha cintura ameaça descer para minha bunda, mas ele parece repensar e afunda os dedos na lateral do meu corpo.

Enquanto isso, minhas mãos aproveitam para explorar seu corpo, descendo pelos braços até subir pelas costas, sentindo os

músculos se moverem sob a pele conforme ele se movimenta. Uma das minhas mãos se afunda em seus cabelos macios, puxando de leve e Raffi morde meu lábio inferior antes de se afastar, com os olhos escurecidos de desejo.

“*O que foi que eu fiz?*”, penso. Eu sabia que ele seria bom, mas não esperava estar tão afetada, meus joelhos parecem feitos de gelatina. Que pegada, senhor, se o beijo é assim...

“*Brooke, para.*” Me repreendo mentalmente, impedindo que o pensamento se complete e eu me afunde em ainda mais problemas.

— *Babygirl*, você é... — Raffi lambe os lábios e balança a cabeça sem terminar, seus dedos afrouxam o aperto em minha cintura e sinto falta do seu toque.

Todos os sons voltam a existir de uma vez, o ribombar da música e as conversas paralelas. Quando me viro, Kyle está sentado ao lado de Seth, os dois conversando enquanto Liv me encara de boca aberta e olhos arregalados.

Fico na ponta dos pés e dou mais um selinho em Raffi.

— Obrigada.

— Foi um prazer — ele arrasta a última palavra.

Nem dou dois passos na direção dos banheiros da área VIP e Liv passa um braço pelo meu e pergunta:

— O que foi aquilo? E que oferta é essa?

Enquanto vamos em direção aos banheiros, explico rapidamente o que aconteceu no corredor. Abro a porta do banheiro e ela entra comigo, vejo meus lábios inchados e vermelhos do beijo no reflexo do espelho.

— Então, eu o desafiei e disse que ia ficar com o Raffi já que podia ficar com quem eu quisesse. — suspiro. — E ele disse que confiava no Raffi como um irmão e do jeito que ele me olhou, eu não sei, parecia que ele queria pagar para ver se eu iria mesmo.

— E você foi, muito bem. O que achou? ?

— Intenso.

— Então por que a cara de quem vai vomitar? — minha amiga pergunta.

— Porque eu fiz merda, Liv. Eu estava chateada com o Ky e usei o Raffi, ele é meu amigo.

— Ele é um adulto que parecia muito feliz em participar.

— O que eu faço agora?

— Agora nós vamos descer e dançar até não sentir mais os pés, dá um tempo para sua cabeça processar tudo, você vai ver que não é nada demais — Liv diz, passando um braço pelos meus ombros e sorrindo para mim através do reflexo.

Fazemos exatamente o que ela sugeriu, dançamos até não aguentarmos mais.



Como na semana passada, pegamos dois Ubers para que possamos deixar Liv em casa. Assim que ela sai do carro e fico sozinha com Kyle, o clima fica estranho.

Ele está quieto e fica o tempo todo olhando pela janela, eu não sei o que dizer para que voltemos ao normal, então o imito. Não quero pedir desculpas, porque não fiz nada de errado, mas queria poder apagar a distância que parece crescer a cada minuto de silêncio opressor. Como se não bastasse, ainda tinha toda a confusão dentro de mim com relação ao que tinha rolado com Raffi.

Por um lado me sentia extremamente culpada, por tê-lo usado para provar meu ponto e o colocado no meio da minha discussão com Kyle, por outro, a forma como meu corpo respondeu ao seu

toque, eu não posso mentir para mim mesma, não tinha sido um beijo qualquer.

Mas Kyle também é responsável pela nossa atual situação. Foi ele quem começou, se for parar pra pensar. Viro o rosto para ele e o luar ilumina seu perfil, fazendo seu cabelo loiro parecer prateado.

— Ky... — sussurro, porém mais parece um grito no silêncio.

— Hm? — responde sem virar o rosto.

— Chegamos — o motorista avisa e Kyle pede para ele passar pela portaria e nos deixar na entrada.

Assim que o carro para eu agradeço e saio. Entro em casa e sigo direto para o meu quarto, estou quase fechando a porta quando Kyle aparece no corredor, com uma expressão indecifrável. Não posso dormir assim, preciso pelo menos pedir desculpas. Afinal, quando eu precisei ele abriu as portas da casa dele para me receber, e como eu retribui? Beijando seu melhor amigo, na frente dele. Amigo esse que mora no fim do corredor.

— Kyle — chamo-o mais uma vez, ele para em frente à sua porta. — Desculpa.

Ele caminha até mim, parando no batente da porta.

— Não tem motivo pra pedir desculpas, Brooke.

— Tem sim, eu...

— Estava certa, você estava certa — ele me interrompe. — Eu estava com ciúmes.

O quê? Como assim?

— Do Raffi? — pergunto, enquanto uma onda renovada de culpa estoura em mim. Eu não acredito que vou causar atrito na amizade deles. — Eu só fiz de implicância.

“Pode ter começado como implicância, mas você sabe que significou muito mais.” A voz traiçoeira se manifesta mais uma vez na minha mente.

— Não — ele nega e tento conter o alívio até ele explicar direito isso tudo. — Eu falei sério, nunca sentiria ciúmes do meu irmão, de nenhum deles. Confio neles com tudo que tenho e com tudo que me importa.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Eu estava com ciúmes do idiota lá. — Kyle coloca uma mão em cada lado da porta. — Não foi por isso que eu o parei, ele realmente não vale nada e só me intrometi para o seu bem, mas senti ciúmes, sim. Então a sua reclamação tinha fundamento e eu não quis admitir — finaliza e abaixa a cabeça.

Kyle sentiu ciúmes de mim, quanto que eu bebi afinal? Será que eu caí enquanto dançava e acabei em uma realidade alternativa?

Dou um passo em frente, diminuindo a distância entre nós e levanto seu rosto com uma das mãos, a intensidade do seu olhar é quase uma presença física, uma carícia que eu sinto na pele.

— Nós dois erramos, podemos dizer que estamos quites? — Meu polegar está tão perto da boca dele que não consigo reprimir o impulso e contorno o desenho dos seus lábios. Eu não faço ideia de onde vem essa coragem, mas vou usá-la enquanto existir. Amanhã, eu lido com as consequências.

—Brooke — Kyle respira fundo, fechando os olhos. — Se você não quer me chamar de neandertal mais uma vez essa noite, eu sugiro que não me provoque. Meu autocontrole tem limites, *Sunshine*.

Faço o movimento contrário com meu dedo, um toque leve, mal encostando de verdade, com ansiedade e expectativa se misturando em meu corpo.

Ele sorri e a barba curta do dia faz cócegas na minha palma. Kyle se endireita e dá um passo, me forçando a recuar e entrando no meu quarto. Ele acaricia minha bochecha com o polegar, mandando uma corrente elétrica direto para o meu ventre que pulsa em resposta.

Kyle se inclina, o nariz dele tocando o meu e o ar parece ficar pesado ao meu redor, mordo meu lábio inferior e o olhar dele é atraído pelo movimento como um ímã.

— Eu quero te beijar. — ele diz.

Não consigo falar, a Brooke de 14 anos está correndo em círculos no meu cérebro, fazendo a dancinha da vitória e erguendo uma faixa com os dizeres: “É o meu momento, fui eu quem pediu sim”.

Kyle desliza o nariz pela minha bochecha até o meu ouvido.

— Posso?

Meneio a cabeça em um sim, ainda sem a capacidade de articular qualquer palavra.

Seus lábios reivindicam os meus em um beijo febril, sua língua exige passagem e quando ela invade a minha boca, vira o meu mundo de cabeça para baixo. As mãos de Kyle descem por minhas costas até apertarem a minha bunda e grudarem o meu corpo contra o dele, me fazendo gemer contra seus lábios e o grunhido satisfeito que recebo em resposta me faz derreter.

Meu cérebro consegue finalmente enviar comandos para os meus braços, que aproveitam para traçar todos os gominhos de seu abdômen e gravá-los na memória. Eu abraço sua cintura e o puxo para mais perto, querendo mais.

Eu chupo seu lábio no momento que uma das mãos de Kyle acha seu caminho até meus cabelos, segurando-os e me mantendo imóvel, à sua mercê. E não existe outro lugar em que eu queira estar agora.

No momento em que sinto algo duro contra a minha barriga, ele se afasta.

— Isso só pode ser um sonho — declaro e sua expressão se ilumina.

— Posso garantir que não é, Brooke. — Minha atenção está na evidência de quão real isso é, e pelos deuses, Kyle é grande.

Ele toca meu queixo gentilmente antes de me dar um selinho.

— Bons sonhos, *Sunshine*. — Ele se vira e sai do meu quarto, tendo o cuidado de fechar a porta.

Eu fico parada no mesmo lugar me perguntando em que universo eu conseguiria dormir agora?

Capítulo 08

Rafael Martinez



O alerta de uma nova mensagem é o som que me desperta.

— Quem que manda mensagem a essa hora da manhã? — resmungo, me espreguiçando preguiçosamente na cama. Por isso que a pessoa não deve beber, esquece de fazer as coisas importantes como colocar o celular no silencioso, desligá-lo ou algo assim para poder dormir.

Pego o meu celular e vejo que já passa das 11 da manhã, bom é fim de semana e uma pessoa precisa descansar. Abro a mensagem e vejo que é da senhora Dolores Martinez e, no mesmo instante, peço desculpas mentais por ter reclamado.

Mamãe: *Você viu que seu irmão passou para o mestrado?*

Raffi: *Claro que vi, Diego não falou que ganhou um barril de 5 litros de cerveja para a primeira semana?*

Sorrio quando a mensagem aparece como lida e sinto minhas orelhas esquentarem, sei que é apenas uma reação psicológica

enquanto imagino minha mãe com as mãos na cintura me xingando em espanhol.

Mamãe: Mi hijo^[5], espero que você esteja brincando, já não basta você nunca aparecer em casa, agora só me falta estar desvirtuando seus irmãos.

Raffi: Esse é o seu jeito de dizer que está com saudades?

Mamãe: Venha para casa e traga aqueles meninos com você, Rafael. Que da última vez que os vi estavam muito magrinhos.

Raffi: Vou tentar ir no mês que vem, mamá^[6]. E levarei seus filhos postigos também. Como estão Marco e Carmen?

Meu coração se aperta de saudade, mas já tentei convencê-la a se mudar para a Califórnia, entretanto ela ama a costa leste e nunca deixaria Fort Lauderdale. Sento na cama, penteio meus cabelos com os dedos e os prendo num coque, enquanto ela digita a resposta.

Mamãe: Estão bem, os negócios parecem que estão dando certo, mas ainda não me deram netos.

Mamãe: Dois anos.

Mamãe: Dois anos que estão casados e ainda não sou uma abuela^[7], mas se eu falo alguma coisa seu irmão fala que são muito novos, isso é influência sua, Rafael. Na idade dele, eu já tinha tido você e ele.

Mamãe: Mira^[8], muito novo.

Gargalho da sua indignação, é sempre a mesma coisa e, é claro, é tudo minha culpa. Porque eu dou o mau exemplo: não sou

casado, tenho cabelo longo e tatuagens. Ela só não pega ainda mais no meu pé por causa do meu tempo com os fuzileiros e o medo que ela sentiu naquela época foi suficiente para me comprar alguma porcentagem de alívio.

Raffi: *Mamá, vai acontecer quando tiver que ser.*

Mando a resposta costumeira que ela odeia, sorrindo a cada letra digitada. Pego um shorts no armário e desço as escadas, precisando de um café.

Separo tudo que vou precisar para fazer um cappuccino, começo preparando o expresso enquanto transformo o leite com o espumador. Essa foi uma das minhas únicas exigências quando compramos a casa, eu queria uma cafeteira onde eu pudesse apreciar um café decente e não apenas o de filtro que perde metade do sabor.

— Faz um pra mim aí — Kyle pede, entrando na cozinha. Estou tão acostumado a vê-lo de terno que quando ele usa roupas normais, como a calça de moletom de hoje, fico confuso.

— Desculpa, Thorne, mas esse café aqui — indico a jarra metálica que uso para despejar o leite espumado. — É único e exclusivamente reservado para os sortudos que já beijaram a Brooke — provoco, piscando em sua direção.

— Odeio ser o cara que estraga a sua felicidade...

— Mentiroso — rebato.

— Mas você não foi o único — ele diz com um sorriso malicioso enquanto tenta alcançar a xícara.

— Peraí, como é que é?

— Eu também beijei a Brooke. — Ele dá de ombros. — O que significa que eu estou incluso na lista desse café.

— Ah-ah — faço que não com o indicador. — Não vale um beijo qualquer quando vocês eram crianças.

— Estou falando de ontem à noite. Sinto que seja um golpe para o seu ego, mas foi com o gosto do meu beijo que ela foi dormir.

— Filho da puta! — eu reclamo entregando-lhe a xícara e começando a preparar outro. — Como que isso aconteceu?

— Depois que eu parei o cretino no bar — concordo com a cabeça, indicando de que sei que de quem ele está falando. O maldito vive tentando drogar as mulheres na *Underworld*, ainda não teve sucesso já que tanto os seguranças quanto os bartenders estão avisados, mas por isso também não conseguimos provas para levar para as autoridades. — Ela me acusou de estar com ciúmes e eu neguei dizendo que só estava a protegendo e que ela podia ficar com quem quisesse, Brooke sendo Brooke me desafiou e você sabe o que aconteceu depois.

— Vamos ao que interessa, eu sei como *eu* beijei ela. A pergunta é: como *você* conseguiu? — Termino de preparar meu café e me volto para ele, querendo logo o resto da história.

— Calma, caralho. É que durante o resto da noite fiquei remoendo o que ela disse e vi que ela tinha razão. A volta pra casa foi esquisita e não estávamos nos falando, achei que era porque ela tava puta comigo e com razão, mas aí ela pediu desculpas e eu falei a verdade, então meio que rolou. — Ele dá de ombros outra vez.

— Rolou? — pergunto.

— Beijei ela e saí — Kyle responde, desviando os olhos para a bebida.

— Saiu assim, deixou ela lá — debocho. — Depois de beijar aquela boca deliciosa? Conta outra.

— Eu fiquei duro, tá bom? E aí saí de lá antes que o pouco de consciência que eu tinha saísse pela janela e eu ultrapasse um limite que não teria mais volta.

Começo a rir, ele só pode estar brincando.

— O que é tão engraçado? — Seth pergunta, ao chegar e se juntar a nós.

— Você acha que consegue voltar disso? Depois de bater uma pensando nela? — Eu pergunto para Kyle e vejo Seth arregalar os olhos, compreendendo rapidamente de quem estamos falando.

— Cala a boca, Martinez — Kyle reclama, mas não nega.

— Você também beijou a Brooke? — Seth pergunta, contornando a bancada para pegar uma garrafa d'água na geladeira. Kyle não responde, só esconde o rosto nas mãos. — Puta merda. — Ele olha entre nós com uma expressão de incredulidade que me deixa confuso.

Ele realmente achou que nenhum de nós cairia em tentação? Eu sei que é diferente das outras vezes em que compartilhamos uma mulher, era sempre uma coisa de momento com alguém que mal conhecíamos. Brooke é diferente, ela está nas nossas vidas há muito tempo, tem uma importância gigante. Todos nós temos um carinho enorme por ela, mas somos todos adultos e a proximidade só ajuda a borrar as linhas.

— Então, quer dizer que o único que ainda é virgem de beijo da Brooke é o bonitinho? — provooco, passando um braço pelos ombros do Seth, que me dá um soco nas costelas. Justo. — Eu, se fosse você, ia lá agora pedir para ela consertar isso, diz que você está se sentindo deixado de lado e isso vai estragar a atmosfera da casa.

— É claro que você iria — o caçula me dá outro soco saindo do meu abraço. Se ele soubesse que eu às vezes ainda me refiro a ele assim na minha cabeça eu acabaria levando outra porrada, mas ele é um ano mais novo que eu e Kyle, logo, ele é o caçula. Uma lógica que ele se recusa a aceitar. — Já que desconhece o conceito de noção. — Seth completa.

— Ponto pro bonitinho — Kyle comenta.

— Você não tem moral pra brincar, não — Seth responde, balançando a cabeça em descrença fazendo nosso amigo rir. — Vocês não duraram uma semana, pelo amor de Deus.

— E o que você esperava? — pergunto. — Nem todo mundo tem o seu controle.

— Nem todo mundo *pode* ter — corrige, dando ênfase na penúltima palavra com um sorriso arrogante. — Thorne, que dia é a visita do Capitão Williams à Hades' Men? — ele muda de assunto, tirando o foco de si mesmo.

— Em duas semanas, acho que na quarta.

— Raffi, vai cortar o cabelo pra ficar apresentável pro capitão?
— Seth pergunta, com deboche claro em sua voz.

— Não mesmo, eu sou um cidadão comum, ele não tem mais autoridade sobre mim. — Kyle se engasga com o café enquanto Seth gargalha com vontade.

— Quero ver você convencê-lo disso — Seth diz.

— Ele não precisa me ver — rebato.

— Nem pensem nisso. — Kyle aponta de mim para Seth, que arqueia a sobrancelha. — Os dois estarão na sede no dia, não vão me deixar enfrentá-lo sozinho. O Capitão quer ver as instalações e nossos planos de aulas, e também quer relatórios sobre nossos casos mais recentes. Ao mesmo tempo em que somos independentes e uma empresa privada, a nossa maior fonte de mão de obra vem dele — O loiro intervém e seu tom é direto, sem espaço para brincadeiras. — Não vou segurar essa barra sozinho, somos a porra de um time.

— Três entram — Seth fala com a voz séria.

— Três saem — completo nosso mantra para todas as missões.

Nos Fuzileiros Navais existe uma regra não declarada, de que não se deixa ninguém para trás, mas nós a adaptamos para o nosso grupo. Antes de qualquer missão repetíamos o mantra para nos centrar e nos preparar para o que estávamos prestes a fazer.

A memória de quando nosso trio quase virou uma dupla toma minha mente e meu olhar se desvia para Seth. A agonia daqueles

dias é algo que eu desejo nunca mais ter que reviver, o medo e desespero durante os mais de três meses assombra meus sonhos até hoje. Fecho os olhos e repito para mim mesmo que nós o trouxemos de volta, ele está aqui.

— Bom — bato palmas, atraindo a atenção dos dois e dispersando a nuvem de negatividade que minhas memórias atraíram. — É sábado e vocês sabem que faz mal ficar falando de trabalho. O que a gente vai fazer pra almoçar?

O loiro dá de ombros enquanto Seth responde que não faz ideia.

— Sinceramente, o que vocês fariam sem mim?

— Teríamos paz? — Seth sugere.

— Não encontraríamos caixas de leite vazias na geladeira? — Kyle acrescenta.

— Vocês não aguentariam a vida sem mim, nem se iludam. Mas o que eu queria dizer, antes de ser rudemente interrompido, é que faz tempo que não fazemos um churrasco. O dia está bonito e podemos usar a piscina.

— Não é má ideia — o loiro concorda.

— Claro que não é, eu só tenho ótimas ideias.

— Ah, é? E Bagdá? — o caçula provoca.

— Bagdá foi um sucesso. — Cruzo os braços.

— Você e eu lembramos dessa missão de formas diferentes. Kyle tem uma cicatriz no ombro por causa da sua ideia genial.

— Você e essa fixação irritante em detalhes completamente irrelevantes para discussão atual — desconverso e ele revira os olhos. — Quem vai no mercado buscar as coisas e quem vai ficar em casa cuidando do fogo?

— A ideia foi sua, você se encarrega de acender o carvão e nós vamos comprar o que falta — Kyle é rápido em delegar e se

esquivar do trabalho de cuidar da churrasqueira, porque quem acende é quem assa.

— Então vão logo.



Tiro as folhas da piscina antes de começar a preparar a churrasqueira, e mando uma mensagem para o Kyle pedindo para trazer mais carvão já que não teremos o suficiente.

Vou até a cozinha para buscar as facas e os pratos, e quando estou me aproximando vejo Brooke com um conjuntinho de pijama, os shorts terminam logo abaixo da curva da sua bunda redonda e minha mão coça para deixar um tapa ali.

Ela murmura algo para sua plateia, desde que ela se mudou todos os cães a seguem para todos os lados. Até encontrei o traidor do Apolo, que supostamente é o meu cachorro, dormindo no quarto dela na quinta, melhor amigo do homem realmente.

— Bom dia — digo e ela pula, se virando com a mão no coração.

— Rafael, puta que pariu que susto! — Eu realmente a assustei se ela está usando meu nome, Brooke tenta esconder o pacote de biscoitos atrás das costas e desvia o olhar para o chão.

— Desculpa, *babygirl*. Não achei que te faria pular. — Banguela cutuca a coxa dela com o focinho e ela se abaixa.

— Oi, garotão, não quis te excluir. — Ela lhe entrega um biscoito e acaricia a cabeça quadrada. Seu olhar encontra o meu quando ela se levanta, ela torce a embalagem nas mãos e suspira, desviando a atenção mais uma vez.

— O que foi? — pergunto, me aproximando e tirando o pacote do seu alcance, mas isso resulta nela torcendo os dedos. Seu tique

quando está desconfortável. — Brooke?

— Eu preciso te pedir desculpas — murmura, levantando os olhos verdes para me encarar.

— Pelo que?

— Por ontem, quando pedi pra você me beijar eu estava brigando com o Kyle e acabei te colocando no meio para provar meu lado da discussão, desculpa, você não merecia isso.

— Isso é por causa do que rolou entre vocês depois? — Seus olhos se arregalam em surpresa. — Ele me contou de manhã, ou melhor, se gabou.

— Não, não tem nada a ver com ele. Já estava me sentindo culpada muito antes — ela diz.

— E você se arrependeu ou só está se sentindo mal porque acha se me usou? — pergunto, pois existe uma grande diferença entre os dois.

— Eu não acho que te usei, eu *sei* — diz com determinação, um pouco do seu fogo voltando por ter sido questionada.

— Então, vamos deixar algo bem claro — declaro, dando mais um passo e fazendo com que ela recue, encostando as costas na bancada, coloco um braço em cada lado seu e abaixo meu rosto até estar diretamente sobre ela. — Você pode me usar quando quiser, *babygirl*, mas se você quiser eu beijo essa sua boca maravilhosa de novo e ficamos quites.

Minha atenção desce para os seus lábios quando ela morde o inferior. Ela não está facilitando e pelo sorriso que se espalha por seu rosto, ela sabe muito bem disso.

Brooke cola os lábios no meus em um selinho, mas antes que eu possa aprofundar o beijo, ela se aproveita da minha distração e se afasta, empurrando meu braço e saindo de onde eu a tinha.

— Pronto! Estamos quites — ela ri e eu balanço a cabeça.

— Dificilmente, mas eu vou aceitar isso, por enquanto. — Eu pisco em sua direção, decidindo mudar de assunto. — Não sei se você tem planos para hoje, mas vamos fazer um churrasco e curtir a piscina.

— Tenho que corrigir algumas atividades das crianças, mas uma tarde na piscina parece uma ótima pedida.

— Vai lá, que quando você terminar a comida vai estar pronta e vai poder curtir sem preocupação. Tem algo específico que você precise do mercado? Aproveita que o Kyle e o Seth estão lá.

— Não que eu me lembre. — Ela se vira para sair, mas para dois passos depois. — Pede pra eles trazerem aquela cidra de morango e limão?

— Pode deixar — afirmo já pegando o celular no bolso e mandando a mensagem.



Uma hora mais tarde, a carne já está na grelha e nós três estamos jogando cartas enquanto bebemos cerveja. Outro costume que trouxemos do tempo nos Fuzileiros, já que não se tem muito para fazer no deserto.

Os cães que corriam no quintal seguem em linha reta para a porta que dá acesso à casa e todos já sabemos que Brooke está prestes a se juntar a nós. *“Ela tem a todos nós na palma da mão.”*, penso e percebo que nos incluí junto com os cachorros.

Ela tem os fios loiros presos em um coque alto, mas o que prende a minha atenção é a extensão de pele dourada exposta. Ela veste um biquíni azul marinho e só consigo lembrar da sensação do seu corpo contra o meu.

— Assim fica difícil *babygirl*, ontem você me beijou. Hoje, pediu desculpas e agora fica me tentando com esse biquíni — provoco quando ela se junta a nós, sentando-se na cadeira vaga.

— Eu não estou fazendo nada, pare de agir como se fosse a primeira vez que me vê de biquíni, Rafael — Ela responde, dispensando meu comentário com um movimento da mão. — O que estão jogando?

— Truco — Seth responde.

— Quê?

— É um jogo espanhol, Brooke — Kyle avisa e passa a explicar as regras do jogo. Agora que ela está aqui poderemos jogar em dupla, porém como ela se sentou oposta ao caçula, vai jogar com ele. Uma pena.

— Pena que você não vai jogar de parceria com o melhor — falo.

— E seria você? — Kyle debocha. — Vai checar a carne, Martinez.

— Eu ganhei os últimos três jogos — respondo e me levanto.

— De dez! — Seth ri.

— Detalhes Seth, detalhes. A gente já falou sobre isso.

— Raffi, traz uma bebida para mim, por favor? — Brooke pede com um sorriso.

— Aham, deixa só eu conferir a carne e já levo. — Viro os bifes de alcatra e pego uma das garrafas de cidra. Estou voltando quando tenho uma ideia genial, finjo bater meu pé na bancada de pedra. — Ai! — reclamo me abaixando.

— Raffi! — Brooke se aproxima preocupada, Ky e Seth a seguem.

— Tudo bem, cara? — o loiro pergunta.

— Não, acho que quebrei o pé nessa merda. — Indico a bancada.

— Vamos pro hospital — Brooke fala, se agachando na minha frente, forço meus olhos a continuarem em seu rosto e não nos seios cobertos pelo pano azul.

— Não precisa, só me dá um beijo que passa — Sorrio e ela me dá um tapa quando percebe a minha farsa.

— Seu idiota, eu fiquei preocupada de verdade.

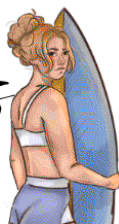
— Valia a tentativa — admito, me levantando.

— É isso que acontece quando você dá corda pra ele, *Sunshine*.

Voltamos para a mesa e a conversa flui facilmente, a comida fica pronta e continuamos jogando enquanto comemos. Mais uma vez, desde que Brooke se mudou, percebo o quanto ela se encaixa perfeitamente em nosso grupo. Sempre achei que fôssemos um trio perfeito e que não nos faltava nada, porém acho que estava errado.

Capítulo 09

Brooke Roberts



O sol aquece minha pele enquanto as pequenas ondulações do mar me balançam sentada na minha prancha. Se eu quisesse surfar deveria estar mais perto de onde as ondas quebram, mas o que quero é a paz que só consigo alcançar aqui. Uma calmaria que minha mente busca desde sexta-feira à noite. Aqui, além da onde as ondas começam, parece que só eu existo, só eu e a imensidão azul ao meu redor. Claro, isso se ignorar os outros surfistas que parecem ter a mesma ideia que eu.

Não esperava nada do que aconteceu. Quando eu era adolescente, costumava fantasiar sobre o dia em que beijaria Kyle, confessaria meu amor por ele, que em troca seguraria minha cintura e inclinaria meu corpo como num filme, para então colar nossos lábios. A fantasia acabava ali, pois era tudo o que eu sabia, no entanto, a realidade superou exponencialmente qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. O desejo quente e a pegada forte me deixaram com as pernas bambas e eu posso ter me demorado no banho por ficar ocupada com outras coisas.

E então, tinha o Raffi.

Meu amigo brincalhão passou a tarde de ontem me provocando, o maior problema? Eu não queria resistir. Não menti quando disse que me senti culpada, mas em momento algum me arrependi do que aconteceu, só do motivo por trás. Nosso beijo foi delicioso e intenso, ainda que inesperado. Por mais que ele tenha brincado que queria de novo, o que será que isso significava?

Kyle não agiu diferente ontem, não que ele tivesse ignorado o que aconteceu entre nós. Já que se uniu ao amigo para provocar tanto eu quanto o Seth sobre o assunto. Além das vezes que o flagrei me encarando e sua única reação foi abrir um sorriso malicioso. Talvez eu esteja fazendo tempestade em copo d'água, afinal só os beijei uma vez. Não precisava mudar nada, porém aqui, sozinha no meu lugar favorito do mundo podia admitir para mim mesma que acordei ansiando por mais. Só não sabia de quem, afinal, como poderia escolher? Os dois são tão diferentes e importantes demais, nunca poderia arriscar nossa amizade ou a deles.

“Brooke, pare com isso. Foi um beijo, chega de surtar. Tá muito emocionada, até parece que nunca beijou ninguém antes”, penso e me deito sobre a prancha para começar a remar em direção às ondas. Precisava deixar o mar clarear a minha mente, me concentrar apenas nos meus movimentos e arredores. Deixar que o ciclo de ir e vir das ondas silencie todas as questões não resolvidas que parecem querer me afogar. Sem drama, sem dúvidas, só água e sal.

Sinto a onda vindo, começando a se formar enquanto eu remo até chegar o momento de ficar de pé, todos os meus sentidos estão em alta. O rugido das ondas aliado as vozes é a trilha sonora, meu coração bate rápido no peito enquanto eu deslizo pela água, o vento bate no meu rosto e sinto o sorriso se formar nos meus lábios que estão salgados. Cada mínimo movimento altera o curso da prancha e então existem as cores, a forma como a luz reflete na água e nada se compara a esse momento. É uma euforia que nunca consegui encontrar de outra forma.

Não sei quanto tempo passa até que volto para a praia em busca de uma bebida. Minha bolsa está guardada na lanchonete, depois de pedir um coco, checo meu celular e leio as mensagens.

Liv: Onde você está?

Liv: Quer tomar um café?

Liv: Ou podemos ir fazer compras.

Liv: Estou entediada, onde você está?

Liv: Eu espero que você esteja me ignorando porque está transando.

Liv: Brooke, tô ficando preocupada.

As mensagens foram enviadas com poucos minutos de intervalo e a última tinha sido há cinco minutos, então mandei uma foto minha segurando a prancha e a praia ao fundo, antes que ela mandasse a próxima. A garçonete entrega meu pedido e dou um gole na bebida refrescante enquanto digito mais uma resposta.

Brooke: Estou em *Pleasure Point*.

A mensagem apareceu como lida no mesmo instante e ela já estava digitando.

Liv: Chego em uma hora, ótima ideia passar a tarde na praia.

Brooke: Não esquece o protetor!

Liv: Bem lembrado, até daqui a pouco.

Falando em protetor, é melhor reaplicar o meu. A viagem de San Jose até *Pleasure Point* leva em torno de 45 minutos se o trânsito estiver tranquilo, então acho que consigo pegar mais umas duas ondas antes da Liv chegar. Termino de beber minha água de coco antes de voltar a surfar.

Pouco mais de uma hora depois volto para areia e encontro minha amiga com os cabelos castanhos presos em um coque, um biquíni verde musgo por baixo de uma saída de praia de renda

branca. Ela está sentada na lanchonete, uma bolsa listrada colorida na cadeira ao seu lado.

— Finalmente — declara, assim que me aproximo e eu jogo a água do meu cabelo nela, que reclama.

— Comprou algo pra mim? — pergunto, indicando o copo de suco em sua mão. Olivia sorri e me entrega uma garrafa d'água. — Obrigada.

Ela levanta e depois de pegar minhas coisas, procuramos um lugar na areia para esticar nossas toalhas, guardo a prancha na bolsa apropriada, protegendo-a dos raios de sol e do atrito com a areia que a danificam, e nós nos deitamos, decidindo pegar sol nas costas primeiro.

— Você vai me contar ou eu vou ter que implorar? — Liv pergunta depois de uns dez minutos deitada em silêncio ao meu lado. Sorrio, até que ela aguentou bastante tempo. Eu tinha mandado mensagem para ela contando que tinha beijado Kyle e é claro que a morena ficou doida querendo mais informações, mas eu disse que explicaria quando nos víssemos.

— Nem sei por onde começar — declaro.

— Sexta à noite você beijou o Raffi, até aí eu tô em dia com a fofoca, mas aí você beijou o Kyle, certo? — Meneio a cabeça. — Começa daí então.

Suspiro e afundo a cabeça nas mãos.

— Depois que a gente te deixou em casa, ficou mó climão no carro... — começo e assim que as palavras saem da minha boca é como se elas fossem as portas de uma represa que se rompeu, então conto tudo. Sobre como Kyle pediu, o beijo em si, a minha demora para dormir, como eu acordei querendo mais, a conversa com Raffi. — E então passamos a tarde bebendo, comendo, jogando cartas e aproveitando a piscina. Eu sempre achei todos eles lindos...

— Eles são deuses gregos, Brooke — Liv me corrige, a primeira vez que ela fala desde que eu comecei a desabafar.

— Isso, mas ontem cada vez que eu olhava para qualquer um dos dois só queria senti-los mais uma vez e Raffi ficava brincando e estava ficando cada vez mais difícil me manter indiferente.

— Pobre Seth, sendo excluído — ela brinca.

— Você também não. O coitado teve que ouvir provocações o dia inteiro ontem, não que ele parecesse se importar, mas isso não quer dizer nada quando estamos falando de Seth, às vezes é impossível decifrar o que se passa naquela cabeça — explico.

— Vai ver ele quer e estava só observando suas reações.

— Era pra você me ajudar a desvendar como as coisas podem funcionar e não colocar mais lenha na fogueira.

— Ué e por que não? Tá cheia de macho querendo apagar o fogo.

— Você é impossível.

— Depois do Voldemort você bem que merecia um, ou melhor, uns homens que abalassem suas estruturas. Por acaso, alguma vez o inominável te fez sentir assim?

Paro para refletir por um segundo, enquanto seus olhos azuis me observam. Volto para o início do nosso namoro, aquela época em que tudo parecia certo e não consigo me lembrar de nenhuma vez em que Patrick me fez sentir o que eles conseguiram.

— Não, não que eu me lembre, mas talvez eu só esteja pensando assim por causa de tudo que aconteceu. Eu acabei de sair de um relacionamento péssimo e estar perto desses homens maravilhosos, que só me provam a cada dia o quanto Pat... Voldemort era um péssimo namorado, só complica as coisas.

— É possível que seja por você ter descoberto que ele é um filho da puta, mas eu não me lembro de você descrever qualquer encontro de vocês como fala do Kyle e do Raffi. Até sua expressão é diferente.

— E você não acha isso estranho? — Ela arqueia uma sobrancelha. — Minha situação com os rapazes — esclareço.

— Por que seria? Desde quando existe uma forma correta de se apaixonar? Não estou dizendo que você está apaixonada, Brooke, calma. Mas que eu saiba não existe um manual pro coração. Se te faz feliz e não machuca ninguém, não consigo ver um problema. Tanto Raffi quanto Kyle estão cientes um do outro e nenhum deles demonstrou ciúme, certo? — Eu meneio a cabeça concordando, porque é a mais pura realidade. — Você mesma os viu ontem e acabou de me dizer que não notou qualquer problema. Não deixe as ideias de normalidade da sociedade pisarem na sua felicidade, você merece mais do que isso.

— Você é a melhor — falo e estico o braço para abraçá-la.

— Me diz algo que eu não saiba. — Olivia ri e eu me junto a ela.

O que eu faria sem ela? Todo mundo merece uma amiga como Olivia Jones, alguém que sempre te apoia, encoraja, que fale a verdade mesmo quando é a última coisa que você gostaria de ouvir, que está ao seu lado nos momentos bons e principalmente nos ruins, alguém que te ame incondicionalmente.

Sinto como se um peso, que eu nem sabia que estava ali, tivesse sido retirado dos meus ombros, simplesmente por saber que não importa o que acontecer, Liv vai estar ao meu lado.

Capítulo 10

Brooke Roberts



A semana passa num borrão, entre preparar as aulas e as atividades e mais a rotina de casa. Por causa de alguma visita que os rapazes teriam na próxima semana quase não os vi, pois estavam preparando tudo no trabalho. Até mesmo Raffi estava saindo de casa cedo, pelo que ouvi. O único com que conversei todos os dias foi Seth, pela manhã quando vinha pegar o café que eu sempre deixava pronto, antes de sair para a escola.

E num piscar de olhos já é sexta-feira novamente, os ensaios para a peça final estão a todo vapor e como hoje as crianças puderam provar suas fantasias, o caos não foi pouco.

— Quais os planos para o fim de semana? — Trevor pergunta, ao me ajudar a arrumar o anfiteatro, agora que todos os pequenos já foram para casa.

— Não tenho nenhum, eu acho. Nada planejado pelo menos — respondo. — Quer dizer, hoje ainda vou para a *Underworld* com Olivia, já está se tornando um ritual toda sexta — brinco.

— Patrick não vai? — Torço os lábios em uma careta.

— Nós terminamos há duas semanas — conto, separando uma pilha de fantasias e colocando em uma das grandes caixas de plástico.

— Desculpa, Brooke. Eu não sabia.

— Nem tinha como se eu não falei — afirmo, dando de ombros. — Não se preocupe Trevor, estou bem.

— Deveria ter percebido, tem certeza que está tudo certo? — pergunta, tocando em meu braço.

— Tenho sim, já estava na hora — respondo, e meu tom deixa claro que não quero falar sobre isso. — E como está Drake, já está dormindo a noite inteira? — mudo de assunto, diante da sua expressão culpada.

— Quem dera, ele acorda de duas em duas horas e teve cólicas três noites essa semana. Tanto é que Millie e eu já decidimos que vamos passar os próximos dias vegetando com ele. Veremos todos os filmes existentes na Netflix — declara com um sorriso.

— Me parece um ótimo plano. Ela já decidiu se vai voltar a trabalhar?

— Ainda não, mas sei que ela está considerando ficar em casa até ele completar o primeiro ano.

— É uma decisão complicada.

O toque do seu celular atrai sua atenção e ele se afasta para atender. Termino de guardar o resto dos acessórios e os poucos adereços de cenários da peça do ano passado, que estamos usando para praticar a desse ano.

Pego minha bolsa e me despeço, enquanto ele ainda está na ligação, e Trevor acena em resposta. Digito uma mensagem rápida para Olivia avisando que já estou indo para casa e que ela pode ir para lá quando quiser. Ela responde quando estou chegando no meu carro, avisando que ainda deve demorar uma hora para sair do escritório.

Sou recebida por três focinhos molhados assim que cruzo a porta da frente, e depois de alguns minutos subo para o meu quarto. Largo a bolsa na escrivaninha e sigo para o meu banho. Saio do banheiro com uma toalha enrolada nos cabelos úmidos e vestindo um roupão, já que ainda não decidi com que roupa irei hoje a noite. Pego meu celular e me deito na cama, rolando o feed do meu *Instagram*, como sempre perco a noção do tempo até Olivia abrir a porta do meu quarto.

— Sério, você acha que existe algum quarto vago nesse castelo? — pergunta, fechando a porta e se jogando ao meu lado, na cama.

— Acho que o meu era o último quarto vago, a não ser que você convença Kyle a transformar o escritório do primeiro andar em um quarto para você — respondo.

— É tão injusto, você tem sua própria portaria! Aliás, obrigada por deixar avisado que eu viria para não ser barrada mais uma vez. — Ela sorri e continua enumerando com os dedos. — Aqui tem academia, piscina aquecida, um jardim gigante, três cães perfeitos, inclusive você sabe que eles estão deitados do lado de fora da sua porta?

— Não sabia, eu normalmente desço pra malhar durante a semana e acabo dando biscoitos para eles no caminho, então os coitados devem estar esperando.

— Tudo isso sem mencionar os três pedaços de mau caminho com quem você divide o teto. Falando nisso, como estão as coisas? — pergunta, jogando o ombro contra o meu.

— Nada aconteceu, sua fofoqueira. — Eu dou um tapa em seu ombro e me levanto. — Você já está pronta? — pergunto, mudando de assunto. Não preciso de Liv me lembrando o quanto eles são perfeitos e o que aconteceu entre nós. Quando não os encontrei nem segunda, nem terça comecei a suspeitar que estivessem me evitando. Afinal, nenhum deles costuma namorar, pensando bem,

tirando os tempos de colégio de Kyle, acho que nunca o vi em um relacionamento.

— Olha bem pra mim, parece que eu estou pronta? — É uma pergunta retórica, mas presto atenção em suas roupas, ela ainda está vestindo a roupa social que usa no escritório de design de interiores.

— Acho que o estilo secretária está em alta hoje em dia — brinco e ela revira os olhos.

— Nós preferimos o termo assistente executiva — responde, sorrindo e virando de costas para o colchão, se apoiando nos cotovelos para levantar o corpo e me olhar. — O que seria um avanço já que aí eu deixaria de ser uma mera estagiária, mas tenho esperanças que no próximo semestre eu seja finalmente contratada como parte da equipe de designers.

— Vai ser sim, você é uma profissional incrível.

— Você quer ligar para minha chefe e informá-la? Eles não me dão nenhuma responsabilidade além de fazer cópias, administrar e-mails e mídias. Ah, e é claro, os pedidos de café. — Olivia se deixa cair dramaticamente de volta na cama.

— Pelo menos eles te pagam, melhor do que ser uma estagiária não remunerada.

— Era o mínimo, mas eu quero tanto trabalhar nos projetos — fala com a voz baixa, cobrindo os olhos com um braço. Minha amiga suspira e volto a me sentar ao seu lado.

— Eu sei, Liv. E se você criar a sua própria versão, do que for que estejam trabalhando no momento e apresentar? Não sei se ajudaria, mas talvez assim, você poderia mostrar o seu talento.

— Não é uma má ideia. O pior que pode acontecer é continuar como está — Ela se senta e olha para mim. — Obrigada, B. Não tinha intenção de estragar o clima — acrescenta.

— E não estragou, você tem todo direito de estar frustrada. — Eu sorrio e a abraço. — Agora vai se arrumar, tem toalhas limpas na

última gaveta da cômoda do banheiro Liv, vai tomar banho enquanto eu seco meu cabelo.

— Sim, senhora. — Minha amiga levanta e faz uma reverência debochada. — Põe uma música pra já entrar no clima, alguma coisa animada, já deu de tristeza — pede, já chegando no banheiro.

— Vou colocar uma playlist da Ariana Grande.

— Eu amo! — Liv exclama e ouço o som do chuveiro assim que dou play e “*Thank u, next*” começa a tocar.

Estou modelando as últimas mechas do meu cabelo quando ela se junta a mim no quarto, vestindo uma calça preta que imita couro e uma blusa de alças em um tom de vinho, com um decote modesto.

— O que acha? — pergunta e dá uma voltinha, entendo porque o decote é tão modesto, já que as costas estão completamente descobertas. O leve bronzeado da semana passada combina perfeitamente com a cor do tecido leve e brilhante.

— Tá linda, como sempre. O que vai fazer com o cabelo? — questiono, já que ao contrário de mim e do meu cabelo que vai até o meio das costas, o de Olivia alcança a sua cintura.

— Acho que um rabo de cavalo alto.

— Bem no estilo Ariana, gosto — concordo e ela se posiciona atrás de mim no espelho de corpo inteiro para escovar seus fios. Prendo as minhas mechas frontais com uma presilha no topo da minha cabeça, deixando que as ondas que acabei de modelar caiam livremente pelas minhas costas, sem ficar na frente do meu rosto.

Caminho até meu armário e começo a passar os cabides de um lado para o outro em busca de algo para usar. Não é que eu não tenha o que vestir, só não estou encontrando nada no guarda-roupas cheio que me faça pensar: “é esse!”, até que no penúltimo cabide me deparo com um vestido que comprei há quase dois anos e nunca usei.

Ele é de um tecido acetinado azul claro com um decote drapeado, e sei que me serve como uma luva, abraçando as minhas curvas e terminando no meio das minhas coxas.

— Liv? — chamo sua atenção segurando o vestido ainda no cabide e ela se vira.

— Pela deusa, como eu nunca vi esse vestido antes? — ela pergunta, ao se aproximar. — É novo?

— Tenho há uns dois anos.

— E como que eu nunca tinha ficado sabendo da sua existência? Estava com medo que eu fosse roubá-lo? Até que é uma possibilidade.

Torço os lábios antes de responder.

— Você-sabe-quem disse que era muito curto e vulgar.

— Vulgar é minha mão na cara dele. Nossa senhora, já foi tarde! — exclama e sua irritação é quase palpável quando ela apoia as mãos em meus ombros. Sua voz fica mais suave quando ela acrescenta: — Brooke, use o vestido, é mais um foda-se na direção dele. Não que ele mereça um milésimo do seu tempo, mas vamos exorcizá-lo aos poucos.

Assim que estou vestida, encarando meu reflexo no espelho, e reconsiderando minha escolha, minha melhor amiga assobia.

— Você vai arrasar alguns corações hoje, garota! Tá maravilhosa e eu vou com certeza pegá-lo emprestado em algum momento — ela comenta, me fazendo sorrir. A pequena semente de insegurança que tentou se formar em meu peito foi esmagada.

— Nós vamos!

Terminamos de nos maquiar ao som de “*7 Rings*” da Ariana Grande, cantando e dançando juntas. Olivia opta por uma maquiagem escura nos olhos, destacando suas íris azuis, e um batom nude, enquanto eu vou pelo caminho contrário, só um delineado e máscara nos cílios, acompanhados de um batom vermelho.

Uma batida forte na minha porta, chama nossa atenção.

— Sim? — chamo, baixando o volume da música.

— Estão prontas? — Raffi pergunta, sem entrar no quarto.

— Quase, colocando os sapatos — aviso.

— Não demorem, o motorista já chegou — Raffi fala, batendo mais uma vez na porta para dar ênfase.

— Tá, tá, já vamos descer — reclamo. — Dois minutos.

— Ah, é. Eu esqueci de acrescentar na lista anterior, agora você tem um motorista — Liv provoca.

— Nós também tínhamos. Só que nós chamamos de Uber, Raffi que gosta da ideia de que eles são seus motoristas particulares — rio, ficando de pé depois de calçar as sandálias prateadas. — Pronta?

Ela meneia a cabeça e pega sua bolsa, saindo do quarto. Descemos as escadas e consigo sentir os olhares de Raffi e Seth sobre nós a cada passo, me fazendo repensar a escolha mais uma vez. Não pensei no efeito que poderia ter nos meus amigos.

— Já era hora, estão lindas, por sinal — Raffi elogia quando chegamos no hall de entrada.

— Por isso demoramos, não se deve apressar obras de arte — Liv diz passando por ele, soprando um beijo e saindo para o pátio.

— Thorne acabou de avisar que saiu do escritório agora e vai direto pra *Underworld* — Seth comenta, guardando o celular no bolso e caminhando em direção à porta.

— Ele é o vício por trabalho. Nos forçou a ficar até tarde todos os dias, sendo que temos até quarta para conseguir tudo, mas não, Thorne queria tudo pronto na sexta — Raffi resmunga, indicando com a mão que eu seguisse Seth para fora de casa, assim que cruzo a porta, ele a tranca e oferece o braço para me ajudar a descer os degraus da entrada.

— Essa noite vai ser interessante — ele murmura do lado de fora do carro. Toda a irritação do assunto anterior sumiu do seu tom, atraindo minha atenção para ele, que me encara com um olhar faminto.

— Por que? — pergunto e ele se inclina para sussurrar no meu ouvido, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Porque esse vestido te deixou ainda mais gostosa, *babygirl*. E tenho minhas suspeitas que ele vai decorar o chão de algum quarto hoje, só espero que seja o meu. — A combinação do seu tom grave e suas palavras, fazem um arrepio percorrer a minha pele. Ele abre a porta para que eu entre, e assim faço, já que não sei o que responder.

Me acomodo ao lado de Liv e Raffi logo se senta do meu outro lado. Minha amiga me olha com as sobrancelhas arqueadas, sei que ela quer saber o que foi que acabou de acontecer e só balanço a cabeça gentilmente, dispensando o momento como se não fosse nada, enquanto o motorista liga o carro e saímos.



Assim que entramos na boate, sigo com Liv para a pista de dança e os rapazes sobem para a área VIP. Hoje, quem estava encarregada de comandar a playlist era a DJ Blue, uma figurinha carimbada nas maiores festas de Ibiza. O fato de a gerência da *Underworld* conseguir fazer com que ela voasse para a Califórnia, era a comprovação da notoriedade do clube, para além das fronteiras da cidade.

— Ela é incrível — Liv grita, me puxando pela mão para o meio da pista.

As batidas reverberam pelo ambiente naquela pegada mais eletrônica, incitando nossos corpos a se moverem de acordo com o seu ritmo. Liv junta as nossas mãos no alto, movendo a cabeça no compasso da música e eu me junto a ela.

Blue põe uma música que não conheço, mas que é ainda mais agitada que a anterior e deixo que seu ritmo guie meus movimentos. Não leva muito tempo para sentir o suor começar a cobrir minha pele, na pista lotada.

Puxo minha amiga para mais perto, para poder falar no seu ouvido, e é quando noto três caras nos observando.

— O do meio não tirou os olhos de você — digo e a morena nada discreta se vira para ver a quem me refiro. — Liv! — ralho com ela, que se volta para mim com um sorriso.

— Gato, gosto — responde e volta a dançar com ainda mais entusiasmo.

Ainda leva duas músicas para ele criar coragem e se aproximar dela. Um dos seus amigos caminha em minha direção, mas rapidamente muda de rumo, voltando para a companhia do terceiro. Descubro o motivo quando sinto uma mão deslizar por meu ombro, viro meu rosto para encontrar Kyle atrás de mim.

— Você está linda, *Sunshine* — ele fala em meu ouvido, ao mesmo tempo em que pergunto:

— O que você está fazendo aqui?

— É a minha boate — declara, com sua outra mão apoiando minha cintura. O calor da sua palma ultrapassa o tecido do vestido e parece queimar a minha pele.

— Engraçadinho. — Reviro os olhos. — Quis dizer aqui, na pista. Você nunca dança — disparo.

Kyle usa a mão na minha cintura para me puxar contra ele. Minhas costas se moldam ao seu tronco firme e ele se move em sintonia com as batidas, forçando meu corpo a acompanhá-lo.

— Estou tentando evitar cometer os mesmos erros, então antes que algum desses babacas pudesse me deixar com ciúmes por dançar com você, me antecipei — ele murmura no meu ouvido, sua boca tão próxima que sinto seus lábios se movimentando contra a minha orelha, me fazendo estremecer.

Meus olhos se desviam para Olivia, que continua dançando e escutando o que o rapaz lhe diz, mas seu sorriso deixa claro que está contente com o rumo da conversa. Minha suposição é confirmada quando ela desvia o olhar para mim e meneia a cabeça, antes de arregalar os olhos ao ver com quem estou.

— O que me diz? — Kyle pergunta, com uma de suas mãos deslizando por meu braço e eu me inclino em direção ao seu toque. — Dança comigo, *Sunshine*.

— Já que você pediu com tanto jeitinho — brinco.

Seguro a mão dele que continua na minha cintura, prendendo-me contra ele, e rebolo lentamente uma vez. A resposta de Kyle é um grunhido de prazer, que faz meus dedos dos pés se contorcerem.

Kyle desliza sua mão para o meu abdômen, ao mesmo tempo em que encaixa uma das suas pernas entre as minhas e conduz nossa dança ao ritmo da música ao nosso redor. Consigo sentir sua respiração no meu pescoço, e seu corpo quente contra o meu é tudo em que consigo pensar. A forma como minha bunda continua a se esfregar contra ele nessa posição é agonizante, e o volume que parece crescer contra mim não ajuda em nada.

Viro meu rosto encontrando o dele e colo nossos lábios rapidamente. Kyle se endireita às minhas costas e usa as mãos, que estão na minha cintura, para me virar de frente para ele, antes de reivindicar minha boca. Sua língua demanda passagem, e reprimo um gemido quando sinto ela deslizar sobre a minha, a explorando.

Kyle aperta minha bunda, me pressionando ainda mais contra ele e sinto sua ereção contra a minha barriga, fazendo meu ventre pulsar em resposta, se preparando para recebê-lo. Meus braços

envolvem seu pescoço, já que não tem qualquer espaço entre nós. Com uma mão, brinco com seus cabelos curtos.

Ele interrompe o beijo e cola nossas testas, nossos olhos se encontram e eu poderia me afogar no desejo que encontro ali. Não sei quanto tempo ficamos ali, só nos encarando em nossa pequena bolha.

— Porra, eu fiquei a semana inteira querendo te beijar — confessa, seus olhos se desviando para a minha boca. — O que eu vou fazer com você, *Sunshine*? — pergunta, mas não espera uma resposta antes de voltar a me beijar, sugando meu lábio inferior antes de o morder e soltar, para deixar sua língua invadir minha boca novamente.

Deixo minhas mãos descerem por suas costas sentindo cada músculo escondido pela camisa social, estou quase alcançando sua bunda quando ele nos separa mais uma vez.

— Precisamos parar, Brooke — fala contra minha pele, já que ele continua deixando beijos pela minha mandíbula. — Ou eu vou acabar te levando lá pra cima e mostrando tudo que imaginei desde o momento em que você confessou que sempre pensou como seria dormir comigo.

O desejo percorre cada molécula do meu corpo enquanto as imagens tomam a minha mente.

— Me mostra — peço, num fio de voz, que duvido que ele tenha conseguido ouvir.

— Brooke... — ele fala com a voz tensa, como se todo o seu autocontrole estivesse concentrado naquela única palavra.

— Me mostra — repito e encontro sua boca novamente, tomando o controle e deixando que ele perceba o quanto estou afetada por ele, ao chupar seus lábios e a sua língua.

Kyle solta um grunhido de satisfação que reverbera em mim antes de se afastar segurando minha mão e me guiando para uma escada secundária. Não é a que normalmente usamos para chegar

na área VIP, mas a executiva que leva diretamente para as salas privadas no terceiro andar.

“Isso está mesmo acontecendo”, penso enquanto subimos, o loiro mantém uma mão na base das minhas costas, seu polegar desenhando círculos que parecem incendiar minha pele. Como quando jogamos uma pedra num lago e as ondas se propagam, cada toque se espalha para todos os lados.

Kyle abre a porta de uma das salas e assim que entramos ele me pressiona contra ela, voltando a reivindicar minha boca em um beijo quente, nossas línguas deslizando em carícias lascivas que nublam a minha mente. Ouço o barulho da porta sendo trancada antes do loiro trilhar beijos pelo meu pescoço e clavícula, e um gemido escapa dos meus lábios quando ele chupa a pele do meu ombro.

Ele aperta meu seio, me fazendo arfar e arquear minhas costas em direção ao seu toque, pedindo por mais.

Enfio meus dedos em seus cabelos puxando sua boca para a minha num beijo desesperado, meu corpo inteiro parece feito de brasa, tudo queima e pede por mais. Uma de suas mãos desce pelo meu braço numa carícia tão leve quanto uma pluma arrepiando a pele pelo caminho até alcançar a barra do meu vestido, o loiro me provoca alisando a pele onde o tecido acaba por alguns segundos.

— Kyle... — seu nome é uma súplica em meus lábios. — Por favor — peço, abraçando a cintura dele com uma perna e o puxando contra mim.

— O que foi, Brooke? — ele pergunta, e percebo que sua voz está mais grossa que o normal.

— Eu quero sentir você — murmuro, rebolando meu quadril, tentando conseguir qualquer forma de alívio.

Sua mão sobe por baixo do tecido fino até chegar na minha calcinha.

— Aqui? — pergunta, e espalma sua mão contra mim, roçando o tecido contra meu clitóris inchado, me fazendo gemer e agarrar os seus braços.

Ele empurra minha calcinha encharcada para o lado e um dos seus dedos desliza pela minha abertura, minha respiração sai entrecortada, a expectativa me fazendo pulsar.

— Tão molhada e pronta pra mim — ele comenta satisfeito, enquanto seu dedo rodeia meu clitóris, sem aviso ele me penetra com dois dedos, e com o polegar continua a estimular meu ponto mais sensível.

Ele retira os dedos e um murmúrio de frustração deixa meus lábios.

— Calma, *Sunshine*. Eu quero provar você. — Com as duas mãos ele me puxa para o seu colo, sua ereção cutuca minha bunda a cada passo em direção da mesa que eu nem tinha notado que estava ali.

Kyle me deita cuidadosamente sobre ela, a madeira fria é um bálsamo contra a minha pele quente, meu amigo me olha e lambe os lábios antes de se ajoelhar.

Ele tira minha calcinha e eu levanto meu quadril para ajudá-lo a se livrar da peça, Kyle começa a trilhar beijos lentos pela parte interna da minha coxa, até chegar em minha entrada.

O primeiro toque da sua língua me faz ver estrelas, tento empurrar sua cabeça para mais perto, mas ele me impede, se mantendo longe o suficiente para que só a ponta da sua língua me toque, me provocando e me levando à loucura.

— Deliciosa — ele murmura, e sopra contra meu sexo úmido, o ar frio me causa calafrios e me contorço ainda mais sobre a mesa.

— Ky... — suplico.

E ele atende, me chupando e lambendo como um homem sedento no deserto e nada pudesse saciar sua necessidade, mas

ele estava disposto a tomar até a última gota para tentar. Meus gemidos estão cada vez mais altos e sinto o orgasmo se formar...

Três batidas fortes na porta, fazem com que ele se afaste.

— Estou ocupado — ele vocifera. Me ergo nos cotovelos para poder encarar a porta, tentando decifrar quem é o ser que me privou de alcançar o clímax.

— Acredite em mim, eu não estaria aqui se não fosse importante — É a voz de Seth.

— Pode esperar?

— Não. — A resposta curta tem intensidade suficiente para que eu saiba que Kyle vai ter que ir. Me sento, exalando ruidosamente.

— Isso — meu amigo aponta entre eu e ele — não acabou, *Sunshine*. Vou compensá-la pela interrupção, eu prometo.

Ele segura minha nuca e une nossos lábios em um beijo abrasador, consigo sentir meu gosto misturado ao dele, porém rápido demais ele se afasta, e um polegar acaricia minha bochecha.

— Vou compensá-la pela interrupção, eu prometo. — ele repete, como se quisesse enfatizar a sua promessa.

Ele se abaixa para pegar minha calcinha e a devolve pra mim.

— Pode ficar com ela como lembrete Ky, está inutilizável de qualquer forma.

— Você não vai sair daqui sem calcinha, Brooke.

— E você vai ficar aqui para me impedir? — questiono e Seth volta a bater na porta, me fazendo sorrir. Ele enfia a peça no bolso da calça e me beija mais uma vez.

— Eu vou matá-lo — ele murmura, se virando e eu o sigo até a porta, assim que ele a abre, saio.

— Seth — cumprimento, com a frustração clara em meu tom.

— É melhor que isso seja um caso de vida ou morte, pois estou vendo que a porra do prédio não está em chamas, Seth. — Ouço Kyle reclamar, enquanto sigo para o bar. Eu definitivamente preciso de uma bebida, ou duas. Bem geladas.

Capítulo 11



Kyle Thorne

— O filho da puta achou que hoje era o melhor dia para finalmente fazer algo! — Raffi exclama, gesticulando para a sala de seguranças. Lá dentro, estão Darius e Gary com Benjamin e outro cara qualquer, pelo que fui informado.

— Já entraram em contato com a polícia? — pergunto, olhando para os meus amigos.

— Fui te chamar primeiro — Seth me informa com uma careta, lembrando-me com precisão de onde eu estava quando isso aconteceu, e ainda consigo sentir o gosto doce de Brooke na minha boca. E pensar que ela está passeando por aí, com aquele vestido tentador sem a porra de uma calcinha enquanto tenho que lidar com esses dois e a merda que decidiu explodir justo hoje.

— E tem o pequeno detalhe de como vamos explicar o olho roxo que agora ele ostenta — Raffi diz em tom de provocação, e meu olhar se desvia para suas mãos, quando não noto nenhuma diferença, olho para Seth, que tem as mãos casualmente enfiadas no bolso do jeans preto.

— Ele bateu numa das pilastras enquanto caminhávamos para cá — Seth diz e dá de ombros, ainda sem mostrar as mãos.

— Seth...

— Estou falando sério, alguém deve ter derrubado cerveja no piso e ele escorregou — meu amigo explica. — Olhe. — Ele mostra os dedos e não há nenhuma marca, mas quando se trata de Seth isso não quer dizer nada. Ele é o melhor de nós em todas as artes marciais, poderia facilmente ter feito Benjamin tropeçar e fazer parecer um acidente para as câmeras. Sua expressão maquiavélica é quase um atestado de culpa. — Ele não tinha entorpecentes ou estimulantes, tinha sedativos, Ky. Benjamin não estava tentando ajudar alguém a se divertir, estava ajudando um possível estuprador e isso faz dele um também.

Meu amigo cruza os braços no peito, deixando claro que foi ele quem garantiu que a cara de Benjamin beijasse uma das pilastras, e ao lado dele Raffi meneia a cabeça em concordância. Nenhum de nós sequer cogitaria repreender Seth, afinal, faríamos o mesmo.

— Temos provas?

— Darius ouviu tudo, e os parou quando estavam trocando a mercadoria de mãos enquanto Gary nos chamou.

— Ótimo, vamos dar um fim nisso e chamar as autoridades. — Enfio as mãos nos bolsos e meus dedos tocam o tecido que ainda está úmido. *Preciso que isso se resolva logo*, suspiro.



Meia hora depois Benjamin e seu comprador são escoltados pela polícia. Me viro para os meus amigos e anuncio:

— Agora que isso está resolvido, por favor, não me interrompam novamente. Eu não quero saber se a boate está

pegando fogo, se alienígenas invadiram a terra, nem mesmo se o apocalipse zumbi começar eu tenho interesse.

— Não o paramos de propósito, Thorne — Seth declara.

— Eu queria ir, mas o caçula. — Seth dá uma cotovelada nas costelas do nosso amigo. — Mas o Seth — ele corrige. — Achou que eu poderia me distrair da missão e querer me juntar.

Reviro os olhos.

— Era uma situação que requisitava a sua presença, sabe disso.

— Sei, mas agora já está acabado. Eu estou indo para casa, certifiquem-se de que a Liv será deixada na porta de casa.

— É claro.

— Como se você precisasse nos lembrar — Raffi murmura contrariado, mas não perco nem mais um minuto com eles.

Me viro e subo as escadas de dois em dois degraus, meus olhos esquadrinham o mezanino até se prenderem nos cabelos loiros, Brooke está sentada em uma das poltronas com um drinque azul que é mais vibrante que o vestido que mal cobre suas coxas.

Quando seu olhar cruza com o meu, ela dá um gole em sua bebida enquanto descruza as pernas e as cruza novamente, os movimentos são deliberadamente lentos para que eu possa vislumbrar o meio de suas pernas. Bom saber que nossa breve pausa não a fez mudar de ideia.

— Qual era o problema? — pergunta quando me sento ao seu lado.

— Estavam tentando vender drogas dentro da boate, mas Darius os flagrou em tempo. Já informamos à polícia, eles levaram tanto o vendedor quanto o comprador. — Debato internamente, mais uma vez, me questionando se deveria contar para ela que era o mesmo babaca que ela estava beijando na semana passada. Acabo decidindo que ela merece saber, mesmo que isso acabe em uma

discussão que pode mudar drasticamente os planos que tenho para esta noite.

— Ainda bem que Darius estava por perto, então. Era alguém conhecido? — ela pergunta, sugando o canudo e minha mente esquece a decisão por um segundo, e a imagina sugando outra coisa, meu pau pulsa em resposta à imagem mental.

— Benjamin — declaro de uma vez e ela meneia a cabeça.

— Não vai dizer: “eu te disse”?

— Não preciso. — Passo um braço por seus ombros, a puxando para mais perto e traçando círculos sobre a pele nua do seu braço. — Você já falou.

— Chato. — Ela vira o rosto para mim com os lábios pressionados em irritação, mas me inclino colando minha boca na sua, numa tentativa de dissuadi-la da sua raiva e consigo sentir o gosto doce do seu coquetel em sua língua.

Sua mão livre aperta minha nuca e eu aprofundo o beijo. Tomo cuidado de cobrir sua coxa com uma das mãos, para que nenhum desavisado consiga vislumbrar mais do que deveria. O que acaba se provando uma faca de dois gumes, já que a tentação de subir meus dedos e agarrar sua bunda se prova difícil de resistir. Tudo que eu quero é enfiar minha mão entre suas pernas, sentir sua boceta esmagando meus dedos novamente enquanto seus gemidos preenchem o ar.

Mordo seu lábio inferior, o sugando, antes de trilhar beijos por sua mandíbula até alcançar seu ouvido. Seu perfume floral parece concentrado ali.

— Que tal sairmos daqui, *Sunshine*? — convido, mordiscando o lóbulo da sua orelha e subindo milimetricamente meus dedos sob o tecido do seu vestido. Ela arfa, fazendo seu peito arquear contra mim.

— Me leve para casa, Thorne — ela diz em um tom que eu nunca ouvi antes, mas que é extremamente sedutor.

Levanto e estendo a mão para ela, que aceita em seguida. Percebo que ao descermos ela parece buscar algo na multidão.

— O que foi?

— Meu celular ficou com Liv, não tenho como avisá-la que estou indo embora — explica, se esticando como se pudesse encontrar a amiga em meio à multidão.

Pego meu aparelho e digito uma mensagem no grupo de casa.

Kyle: *Brooke deixou o seu celular com a Olivia, a avisem que ela já foi pra casa e tentem não esquecer de pegá-lo antes de ela ir embora.*

— Avisei no grupo, Brooke — informo, colocando uma mão no vão das suas costas enquanto caminhamos para a saída lateral, onde fica o estacionamento dos funcionários.

Como vim direto da sede da Hades' Men Corp, hoje trouxe a Harley Davidson. Paro em um dos armários e tiro dois capacetes, logo depois me aproximo da loira, que já está apoiada contra a minha moto. *“Putá merda, parece uma foto de catálogo. Sexy demais.”*, penso, com a cena à minha frente.

Dou um beijo rápido em seus lábios antes de lhe entregar um dos capacetes e colocar o meu. Sento na moto e me viro para ela, que parece analisar a melhor forma de fazer o mesmo, porém ela está de vestido. Brooke balança a cabeça e se aproxima, segurando em meus ombros antes de se acomodar às minhas costas. Meu corpo inteiro parece estar ciente de que ela está de pernas abertas colada em mim, sem nada cobrindo sua boceta deliciosa.

“Foco, Thorne. Você só precisa chegar em casa.”

Seus braços envolvem o meu tronco e dou partida na moto, ela me aperta e imagino que seja porque o ar da noite está frio contra sua pele. Reduzo a velocidade para que o vento diminua e ela não sofra muito.

Assim que saímos da avenida, deixando a *Underworld* para trás, suas mãos começam a acariciar meu abdômen com movimentos lentos, seus dedos descem cada vez mais e ela claramente tem mais confiança no meu autocontrole do que deveria, já que desce a mão o suficiente para alisar a braguilha da minha calça. A atentada agarra o meu pau, que começa a se animar com a atenção, e minha mão aperta o acelerador involuntariamente. É isso, ela vai nos matar.

Paro num semáforo, ergo a viseira do capacete e viro o rosto para trás.

— Brooke... — Tiro uma mão do guidão para alisar sua coxa, a apertando para chamar sua atenção.

— O que? — pergunta, fingindo inocência.

— A ideia de te foder contra a minha Harley é extremamente tentadora *Sunshine*, mas hoje quero poder tomar meu tempo com você. Não quero ter que me apressar por medo de sermos pegos, então se comporta, já estamos quase em casa e, por favor, tente não nos matar — peço, deslizando a mão por sua pele antes de voltar a guiar a moto.

Por obra e graça do destino a loira entrelaça as mãos no meu abdômen e conseguimos chegar em casa. Assim que eu estaciono na garagem, sinto seu aperto afrouxar e seu calor se vai quando ela desmonta, se equilibrando nos saltos, viro a chave e tiro o capacete em tempo de vê-la sacudindo as mechas loiras ao retirar o seu.

— Onde estávamos? — pergunto, ficando de pé e envolvendo sua cintura, a puxando contra mim. Brooke sorri, enlaçando o meu pescoço.

— Acho que você tem uma promessa a cumprir — murmura, e morde o lábio inferior.

Me aproximo e pergunto, com a minha boca quase tocando a sua a cada palavra:

— E que promessa seria essa?

— A de me compensar por ter ido embora e me deixado sem gozar, depois de me levar ao limite — declara e me beija.

Sua língua busca passagem e assim que lhe concedo, ela explora e provoca a minha, sua mão aperta a minha nuca, puxando os fios curtos do meu cabelo. Minhas mãos descem até sua bunda e eu a levanto, Brooke entrelaça as pernas torneadas às minhas costas e começo a andar em direção a porta de entrada, interrompendo o beijo enquanto caminho.

Suas mãos descem para o meu peito e seus dedos trabalham em abrir os botões da minha camisa, ela deixa beijos em meu pescoço e rebola sobre meu pau, que já está impaciente para se enterrar nela. Chegamos na porta de casa e eu apoio Brooke contra a madeira enquanto busco as chaves no meu bolso.

Ela segura meu pescoço e puxa meu rosto em sua direção, reivindicando meus lábios em um beijo ardente, o toque dos seus dedos queima sobre a minha pele e mal posso esperar para me livrar do resto dos tecidos que nos separam.

Sou obrigado a separar nossas bocas para poder abrir a porta. Assim que entro em casa quase deixo Brooke cair, quando os três cães correm para cima de mim.

Brooke ri e se cola ainda mais a mim, apertando as pernas e os braços ao meu redor, minhas mãos se movem massageando sua bunda conforme a reacomodo em meu colo.

— Cérbero, vaza e leva seus irmãos com você — reclamo com ele, chutando a porta para que se feche atrás de nós.

Os três cães olham para a loira em meu colo, como se esperassem permissão dela para se retirarem. Paguei uma boa quantia para que Cérbero me obedecesse e ela simplesmente roubou-o de mim.

— Agora não, meninos — ela fala para eles, que baixam a cabeça e seguem para a cozinha. Brooke volta a me olhar, com um sorriso travesso nos lábios.

— Isso é por que você os mima demais — reclamo, seguindo para as escadas.

Brooke inclina o rosto em minha direção e acho que ela vai me beijar, mas ela desvia até chegar em meu ouvido.

— Posso te mimar também Ky, é só você se apressar. — Ela rebola deliciosamente sobre a minha ereção que já está incomodando, por ainda estar presa.

Começo a subir as escadas e Brooke apoia a cabeça no vão do meu pescoço, gemendo a cada vez que meus movimentos a fazem quicar em meu colo, no terceiro degrau ela começa a rebolar sempre que meu pau bate contra o seu ventre, me fazendo grunhir de prazer.

Aguento mais quatro degraus, antes de colar suas costas contra o corrimão da escada para poder olhar em seus olhos verdes escurecidos de desejo.

— Se você continuar me provocando, teremos duas opções: ou eu te fodo nessa escada ou nós vamos rolar degrau abaixo, e se não morrermos vou te foder no meio do hall de entrada — ameaço. Ao menos era essa a intenção, porém a resposta da loira em meus braços foi se esfregar ainda mais contra mim.

— Promessas, promessas...

Dou um tapa em sua bunda e ela geme em meu ouvido. Seguro-a firme, me apressando para alcançar meu quarto antes que meus instintos mais básicos assumam o controle e eu a possua aqui mesmo. Brooke merece mais do que isso, principalmente em nossa primeira vez. Faço uma nota mental para que se isso se repetir, fazê-la pagar por todo meu comedimento.

Quando chego no andar superior, Brooke me beija mais uma vez, sugando meu lábio inferior para dentro de sua boca quente e voltando a rebolar em meu colo, aperto sua bunda e a pressiono contra meu pau enquanto caminho com passos decididos para minha cama.

Deito a loira sobre os lençóis cinza-escuro, descendo beijos por seu pescoço e colo, minhas mãos acompanham o movimento, deslizando as alças do vestido até deixar seus seios expostos. Sinto o meu sorriso se formar antes de abocanhar um dos mamilos rosados.

Brooke geme e arqueia ainda mais o peito contra minha boca, chupo seu seio direito ao mesmo tempo que a minha mão massageia o esquerdo.

A loira empurra a minha cabeça para baixo, penso em obrigá-la a pagar por todas as provocações, porém seu desejo é o mesmo que o meu.

Deslizo seu vestido até sua cintura e ela me ajuda a retirá-lo ao levantar o quadril. Paro por um segundo, memorizando a imagem dela ali, os cabelos espalhados no colchão, o olhar cheio de tesão, os lábios vermelhos e inchados, os seios redondos do tamanho perfeito para caber em minhas mãos, a pele dourada e macia da sua barriga até chegar ao ápice de suas coxas.

Como se para me ajudar a melhor admirar seu corpo, Brooke abre as pernas, me dando uma visão perfeita do seu sexo e consigo vislumbrar a umidade ali.

Minha necessidade de sentir seu gosto novamente me domina e me curvo sobre o seu corpo, lambendo a extensão dos seus grandes lábios, as suas costas arqueiam levantando do colchão enquanto ela geme.

— Você é deliciosa demais — minha voz não passa de um grunhido. — Sério, acho que posso acabar viciado.

Não espero por uma resposta e passo os braços por baixo de suas pernas, puxando-a mais para mim, abro seus grandes lábios com a língua até encontrar seu clitóris e chupá-lo. Brooke rebola contra meu rosto, esfregando sua lubrificação em minha boca. Alterno entre lambidas e chupadas, exploro toda sua boceta, provocando sua entrada com a minha língua, a loira se contorce, seus gemidos ficando cada vez mais altos.

Deslizando uma mão pela parte interna da sua coxa até alcançar seu ventre, a penetro com um dedo e continuo a chupá-la, levanto o olhar para encontrá-la me encarando, uma mão apertando o seio e a visão faz meu pau pulsar, quero me enterrar nela e senti-la me apertando, assim como está fazendo com o dedo que tenho dentro dela.

Um segundo dedo se junta ao primeiro, em movimentos de vai e vem.

— Kyle... — ela geme meu nome, apertando as coxas ao meu redor. — Mais...

Aumento a velocidade dos meus dedos e com o polegar eu estímulo o seu clitóris, sua respiração entrecortada misturada aos gemidos é o que me faz acreditar que ela está quase, isso e a forma como ela cavalga em minha mão.

— Goza pra mim, *Sunshine*. — É como se as minhas palavras fossem a chave em uma fechadura, as paredes do seu canal me esmagam quando todo seu corpo convulsiona, continuo chupando sua boceta e a estimulando, meus olhos hipnotizados por sua expressão de prazer, até que ela se solta na cama com um sorriso satisfeito.

— Como eu disse, viciante — digo, lambendo os dedos, um de cada vez, enquanto mantenho meus olhos presos nos seus.

Subo deixando beijos molhados por seu corpo, mas sua mão puxa a minha cabeça em sua direção, ela reivindica meus lábios e invade minha boca com sua língua, seu beijo é ardente. Suas pernas se cruzam em minhas costas, pressionando meu pau contra seu sexo molhado.

— Você ainda está muito vestido — ela murmura em meus lábios.

Suas mãos voltam para os botões da minha camisa, nunca quis tanto estar usando uma camiseta que fosse fácil de tirar ou não estar usando nada. Felizmente, só faltavam três botões, ela começa a empurrar o tecido pelos meus ombros, seus dedos traçando o

contorno dos músculos pelo caminho, enquanto morde o lábio inferior.

Assim que se livra da peça, desce a mão até o cós da minha calça e trabalha rapidamente em abrir o botão e o zíper, mas ao invés de tentar tirar a peça, a loira enfia a mão dentro da minha cueca e esfrega a sua palma contra meu pau.

— Caralho — gemo, buscando sua boca e sugando seu lábio, mordendo de leve, antes de começar a me afastar, levando-a comigo. Fico de pé e me livro do resto das roupas, Brooke se ajoelha na beirada da cama, me olhando intensamente.

— Minha vez — ela diz, sua mão voltando a envolver minha ereção, subindo e descendo por toda a extensão, antes de inclinar o rosto em direção ao meu pau, mas seus olhos não deixam os meus, sua língua rodeando a cabeça do meu membro, estremeço e a safada sorri antes de enfiá-lo na boca.

A cena de Brooke chupando meu pau com a bunda empinada é um afrodisíaco por si só, mas aliada a sensação da sua boca quente subindo e descendo ao mesmo tempo em que sua língua provoca minha glândula é surreal.

— Porra, que delícia, isso, assim — gemo e seus movimentos se intensificam, sinto que se não a parar logo, vou acabar gozando em sua boca e quero me libertar sentindo sua boceta me esmagando.

— Brooke. — Afundo minha mão em sua nuca, enrolando seus cabelos entre os dedos e torço meu pulso, trazendo sua boca até à minha, quase com violência. — Vou querer sua boca de novo depois, mas agora preciso me enterrar em você, senão irei enlouquecer — confesso, sentindo meu corpo implorar por senti-la mais profundamente.

Os olhos dela se abrem junto com o sorriso de surpresa, ela lambe o meu maxilar, escalando meu corpo com gestos lentos e sensuais, esculpindo meus músculos com a palma das mãos no

caminho. Quando ela me monta é a minha vez de sorrir, mas meu sorriso não é de surpresa, é de promessas.

Antes que ela entenda como, minha mão direita passa por baixo da sua coxa e a viro rapidamente, arrancando um arfar abafado da sua garganta. Ela apoia as mãos no colchão, vira a cabeça para trás com um sorriso malicioso, e diz:

— Se você me queria assim, tudo que precisava era dizer, Kyle.

— Queria ouvir eu dizer que quero te foder vendo esse traseiro maravilhoso? — Dou um tapa em uma das suas nádegas para enfatizar minhas palavras, seu gemido de prazer é como música para os meus ouvidos. — Agora, seja uma boa garota e pegue uma camisinha na primeira gaveta da cômoda, sim?

A loira estica-se na cama, e faz questão de empinar ainda mais a bunda, antes de me entregar o pacotinho quadrado. Coloco o preservativo rapidamente e dou mais um tapa naquele rabo delicioso, seguro sua cintura e a puxo para mais perto, pincelando a cabeça do meu pau em sua entrada, fazendo Brooke gemer ao usar seu próprio gozo como lubrificante.

Provoco o seu clitóris com meu pau e ela rebola, ansiosa por alguma forma de atrito, sorrio satisfeito.

— Achei que você fosse enlouquecer se não me penetrasse — ela provoca, sua voz cheia de desejo.

Alinho meu cacete em sua entrada e agarro sua bunda com as duas mãos, me enterro nela sem aviso e sinto sua boceta se abrindo para me receber. Brooke urra de prazer, afundando a cabeça na cama e empinando ainda mais a bunda para melhor me acomodar dentro dela.

— Gostosa pra caralho — digo, enquanto suas paredes parecem abraçar minha ereção, achei que não poderia ficar melhor, mas minha amiga rebola e a sensação é gloriosa.

Lhe dou mais um momento para que se acostume com meu volume, e me retiro por inteiro. Mal consigo ouvir seu murmúrio de descontentamento abafado pelo colchão, antes de me enterrar profundamente nela outra vez.

Começo a estocar forte e fundo, saindo até quase o fim e a penetrando novamente, Brooke rebola, acompanhando meu ritmo crescente. Deslizo uma das minhas mãos por sua coluna até alcançar sua nuca e enrolar seu cabelo em meu pulso, para melhor controlar a cadência dos meus movimentos. O som molhado dos nossos corpos colidindo se mistura com nossos gemidos em uma sinfonia de prazer que preenche o quarto.

A tensão em meu corpo parece se acumular em minhas bolas e sei que meu orgasmo está próximo. A mão que ainda estava na cintura de Brooke desce e com o polegar rodeio o seu clitóris, ela levanta a cabeça gritando de prazer.

— Não para — ela pede.

— Não tinha a mínima intenção de fazer isso — respondo, continuando a socar minha ereção em sua boceta encharcada.

— Eu já tô quase...

— Goza no meu pau, gostosa.

Suas contrações estão cada vez mais rápidas, me esmagando dentro dela de forma deliciosa, dou um puxão em seus cabelos, desferindo outro tapas na nádegas que já estão avermelhadas e sinto os espasmos do seu orgasmo.

— Vou gozar... — ela avisa um pouco tarde e se desfaz ao redor da minha ereção.

Solto seu cabelo, deixando que sua cabeça descansa no travesseiro enquanto continuo estocando, suas contrações também me levam ao ápice, enterro meu pau intensamente nela, puxando sua cintura até que sua bunda esteja colada em mim, e liberto minha porra dentro dela.

Sair de dentro dela é quase triste, instantaneamente sinto falta do seu calor e anseio por voltar. Me livro da camisinha rapidamente e deito ao seu lado na cama.

Sua expressão satisfeita alimenta meu ego. Brooke se deita de lado, virada para mim, e seus olhos buscam os meus, ficamos num silêncio cúmplice enquanto nossas respirações normalizam.

Como se ficar longe dela fosse impossível, meus dedos acariciam a pele do seu torço, subindo e descendo por sua lateral, em uma carícia lenta.

— Isso foi... — ela começa.

— Foi como você achou que seria? — Preciso saber, já que, desde sua pequena confissão, não consegui pensar direito em mais nada.

— Foi melhor.

— Fico feliz de superar as suas expectativas — sorrio, me sentindo orgulhoso.

— Acha que consegue de novo? — provoca, mordendo o lábio e me empurrando, ela monta em mim mais uma vez, se esfregando contra meu pau que já começa a dar sinais de vida.

— Só tem um jeito de descobrir. — Puxo a sua boca para a minha em um beijo que é tudo, menos calmo.



O maldito despertador começa a tocar e tenho que sair da cama apressadamente, tentando ao máximo não acordar Brooke ao retirar meus braços que a envolviam, para encontrá-lo no chão, junto com as minhas calças. Meu olhar recai sobre a loira deitada, dormindo tranquilamente abraçada a um travesseiro e só com o

lençol cobrindo a bunda redonda, onde tentei deixar o formato dos meus dedos tatuados ontem à noite.

E que noite, senhoras e senhores, Brooke cavalgou o meu pau com maestria até nós dois gozarmos outra vez, e ainda a comi de novo quando ela foi tomar banho. Até tentei deixá-la em paz por alguns minutos, mas ouvir o som do chuveiro e imaginar seu corpo nu, a tentação foi demais.

Volto para a cama e ponho o maldito aparelho para carregar, por que o infeliz não desligou de vez é algo que sempre irei me perguntar.

Suspiro sabendo que não vou conseguir voltar a dormir, mas também não vou deixá-la sozinha. Cogito pegar o iPad e analisar alguns relatórios, mas trabalho é a última coisa em minha mente quando a minha melhor amiga dorme ao meu lado. Amiga essa que mostrou ter um apetite sexual voraz, porém impeço minha mente de pensar muito sobre como ela ficou tão experiente.

— Oi — sua voz sonolenta me tira dos meus devaneios. Ela se arrasta até meu colo e eu faço cafuné em seus cabelos, encarando os olhos verdes que conheço desde sempre. Brooke morde a parte interna da bochecha, e sei que está criando coragem para perguntar o quer que seja que está se passando em sua cabeça. — Se arrependeu?

— Nem mesmo por um segundo. Somos adultos que sentem atração um pelo outro Brooke, não existe nada de errado nisso — respondo com sinceridade.

— E a nossa amizade?

— Continua igual, quer dizer, agora ela tem mais cores. — Pisco em sua direção. — Não se preocupe *Sunshine*, nada pode acabar com a nossa amizade, não vou mentir e dizer que não estou doido para sentir você de novo, mas...

Ela levanta o rosto e me silencia com um beijo, seus braços envolvendo o meu pescoço conforme ela se senta em meu colo, rebolando lentamente em um convite que eu nunca recusaria.

Capítulo 12



Seth Donahue

A gravata que Kyle me forçou a vestir parece apertar, conforme os minutos passam. *Como é que ele usa isso todos os dias?* Me pergunto mais uma vez, enquanto tento afrouxá-la.

— O Capitão chegou — Raffi fala, colocando a cabeça para dentro da minha sala. Mesmo depois de afirmar que nosso antigo superior não tinha qualquer poder sobre ele, meu amigo aparou a barba, prendeu os cabelos em um coque firme e, assim como eu, também foi forçado a se vestir como um engravatado. Sinceramente, não sei o que Thorne tem na cabeça.

— Ótimo, quanto antes acabarmos com isso, mais rápido poderei me livrar dessa merda — reclamo ao me levantar, seguindo meu amigo até os elevadores, onde nos juntando a Kyle, que já estava esperando.

— Três entram — o loiro murmura, observando os números dos andares mudando.

— Três saem — Raffi e eu respondemos em uníssono.

O que sentimos pelo homem que cruza as portas do elevador é o mais profundo respeito, e não medo, mas sabemos a pressão que é estar sob seu escrutínio. Batemos continência no segundo em que vemos o uniforme azul escuro, o que denota que essa é uma visita oficial. O que é uma honra para uma empresa de segurança criada há tão pouco tempo.

Ele responde com uma continência própria, fazendo as medalhas e condecorações ao lado esquerdo de seu peito refletirem a luz branca do corredor, sob o braço esquerdo está seu quepe^[9] branco. O Capitão é um homem na faixa dos 60 anos, sua expressão severa é evidenciada pelas linhas de expressão em seu rosto, e as pequenas linhas ao redor dos seus olhos azuis indicam que quando não está resolvendo todos os problemas que acompanham seu cargo, como líder de um dos batalhões da MARSOC, ele sorri muito.

— Sargentos — ele diz com a voz séria. Williams está acompanhado por quatro Cabos,^[10] que examinam os arredores em busca de ameaças. — É um prazer revê-los.

— O prazer é nosso — Kyle afirma e indica o corredor. — Se puder nos acompanhar, temos os relatórios que pediu, estão prontos na sala de conferência.

Kyle assume a dianteira, Raffi se posiciona ao lado do Capitão, que desvia o olhar para o coque do meu amigo e franze os lábios, no entanto, não consigo identificar se é em reprovação ou uma forma de se impedir de sorrir. Eu sigo na retaguarda, atrás até mesmo dos Cabos, não foi algo planejado, mas nós sempre agimos como uma unidade que divide o mesmo cérebro. Essa foi uma das habilidades que nos garantiu a notoriedade com que somos conhecidos.

Ouçó o sussurro de um dos homens à minha frente, o Cabo Smith.

— É o *Hellhound*.

Seu colega erra o passo, e eu mantenho minha expressão neutra, já sabia que isso aconteceria. Afinal, nossa unidade era famosa. Minha atenção se desvia para Raffi, e quem conhece o homem divertido e brincalhão pode não imaginar que ele detém o recorde de melhor atirador de elite até hoje, sendo essa a razão pela qual ele é conhecido como *Reaper*.^[11] Kyle é um líder nato, sua rapidez para tomar decisões e a calma para lidar com situações tensas, o fizeram especialista em invasões e o melhor para encarar possíveis explosivos.

Hellhound, era meu apelido, pois de acordo com meu superior direto, o Sargento Washington, eu era como um cachorro com um osso, não largava uma missão até completá-la, e era implacável, como se tivesse vindo diretamente do inferno. Por isso, minha principal função era a de obter informações. Afasto as memórias de todos os interrogatórios quando entro na sala de reunião, fechando a porta atrás de mim e assumindo meu lugar ao lado esquerdo do Kyle.

Passamos as próximas duas horas sentados na mesa oval, apresentando nossa empresa, os planos de aula e alguns dos trabalhos mais recentes, porém mantendo o sigilo de nossos clientes ao usar codinomes.

— Como esperado, é uma operação muito bem organizada — Capitão Williams declara com um sorriso orgulhoso. — Estão de parabéns, Sargentos.

— Obrigado, senhor — respondemos juntos.

— Gostaria de ver as instalações de treinamento? — Kyle questiona.

— Temos uma aula prática acontecendo no momento — acrescento. — É uma das minhas turmas, mas o instrutor de hoje é um dos nossos membros mais antigos.

— Uma das mais requisitadas também — Raffi acrescenta.

— Claro — ele concorda e se levanta, assim que saímos pelo corredor estamos de volta à formação.



Passamos por todas as salas vazias, incluindo as de tiro, práticas de infiltração e resgate, até chegarmos na aula de artes marciais. Todos estão treinando em duplas, seguindo o plano de aulas que eu preparei e entreguei para a Taylor hoje de manhã.

— Thorne, o que eles fazem aqui? — o Capitão pergunta, apontando para os fundos da sala, onde Hill, Walker e Carter treinam.

— Eles são novatos, começaram conosco há pouco mais de um mês, saíram do exército. Seth percebeu que eles têm raiva acumulada, o que sabemos que é um sintoma do estresse pós-traumático, e estou tentando convencê-los a trabalharem com a equipe de apoio psicológico para tratar sobre o período em combate. Aqui na Hades' Men Corp todos os funcionários têm acesso 24 horas à terapia, seja para uma consulta imediata ou tratamento a longo prazo — Ky informa com orgulho.

— Podemos conversar na sua sala? — nosso antigo superior pede, é perceptível que a sua postura mudou completamente. Tensão parece irradiar dos seus poros, e seus músculos parecem rígidos sob o uniforme.

— Claro, senhor — meu amigo responde, já se virando em direção aos elevadores que nos levarão ao andar superior, onde se localizam as nossas salas.

Volto meu olhar para a turma, meus olhos se prendem nos três homens que chamaram a atenção do Capitão e sei que o que quer que ele esteja prestes a nos falar não será bom. Balanço a cabeça e

me junto aos outros, lembrando da conversa que tive com Kyle há algumas semanas sobre o possível problema de raiva dos três.



— Podem nos deixar à sós — o Capitão ordena aos cabos, que saem do escritório assumindo as posições do lado de fora da porta.

Merda, merda. Isso está ficando cada vez pior. Meu corpo se retesa, preparando-se para lidar com a ameaça desconhecida. Conheço o homem à minha frente há mais de seis anos, sua expressão neste momento é a mesma de antes de nos mandar para combate. Como se odiasse o que estava prestes a fazer, mas era o seu dever.

— Quando conversamos vocês me informaram que checavam o histórico de trabalho dos recrutas, que davam preferência para aqueles que eram recomendados, mas que também avaliavam outros veteranos que se inscreviam para o programa, certo? — Ele apoia o quepe sobre a mesa de Kyle, e se vira para nos encarar.

— Sim, senhor — Kyle concorda. — Algum problema?

— Isso está relacionado com os três alunos de quem perguntou, certo? — questiono e sua atenção se foca em mim.

— O que seus instintos te dizem, *Hellhound*? — a pergunta é a sua resposta.

— Eles tem uma raiva descontrolada, mas muitos veteranos que estiveram em combate a tem, é um dos sintomas do estresse pós-traumático — digo. — Até aponteí isso para Thorne, mas nada no histórico deles era suspeito.

Pela minha visão periférica, noto Kyle concordando com a cabeça.

— Depois que Seth reportou suas preocupações até revi suas avaliações, mas nada fora do comum. Senhor, do que se trata?

— Posso ver as fichas deles? — o Capitão Williams pede. — Preciso me certificar, posso estar equivocado, mas o caso que tenho em mente é difícil de confundir.

Kyle nem responde e só caminha até a mesa, desbloqueia o computador e coloca as senhas para abrir a pasta. São todas criptografadas para termos a maior segurança de dados, uma cortesia de um amigo nosso que mora em Londres. Depois de alguns cliques, vira o monitor para o capitão, que se inclina para ler. Pela rapidez com que troca de um arquivo para o outro ele sabe o que está buscando.

— Os documentos que eles lhes entregaram eram falsos — o Capitão declara, se levantando. — Derek Hill, Alan Walker e Mark Carter foram dispensados do serviço militar por conduta desonrosa. Tenho que admitir que eles fizeram um ótimo trabalho em cobrir seus rastros. Se eu não soubesse a verdade não teria desconfiado, os registros de serviço apresentados são operações reais.

— Qual foi a razão da dispensa? — Raffi pergunta, seu tom está venenoso. Só existem quatro formas de se conseguir uma dispensa por conduta desonrosa: assassinato, homicídio culposos, agressão sexual ou deserção.

— Eles violentaram alunas da escola que deveriam proteger — o Capitão declara com uma careta, com repulsão clara em sua voz.

Demoro um segundo para assimilar suas palavras.

Alunas.

Crianças.

Formigas parecem correr por baixo da minha pele, sinto aquela parte de mim que é feita de ódio abrir os olhos e cerro meus punhos. Me concentro na minha respiração, forçando a besta voltar a dormir.

Quando consigo prestar atenção novamente no que está ao meu redor, sinto que perdi uma parte da conversa. Rafael está ao meu lado, mais próximo do que antes e Kyle está dizendo algo para o capitão.

— Você está bem, cara? — Raffi murmura, e eu apenas meneio a cabeça.

— Tudo sob controle — respondo entredentes.

— Cuidaremos disso, senhor. Obrigado por nos informar — Kyle afirma. — Não temos o menor interesse em ter esse tipo de pessoas associadas a nossa empresa, também iremos melhorar o nosso processo de recrutamento.

— Vou deixá-los para resolver isso então, mandarei o e-mail com os documentos assim que sair. — O Capitão acena. — Foi um prazer revê-los.

— Igualmente, senhor — Raffi diz.

— Faça boa viagem, senhor — me despeço, abrindo a porta para ele e Kyle o acompanha até os elevadores.

Meu amigo retorna para a sala e se dirige à mesa com bebidas, no canto do escritório.

— Como que os filhos da puta conseguiram? — reclama, se servindo do uísque guardado no decantador.

— Você que me diz — Raffi rebate.

— Está insinuando que isso é culpa minha? — Kyle questiona, ao olhar para nós.

— Claro que não, mas eu não entendo nada disso. É por isso que não sou o responsável pelas admissões.

Caminho até a mesa, me servindo de uma bebida também, o líquido queima a minha garganta, mas não faz nada para aplacar as memórias de uma casa de madeira caindo aos pedaços e os gritos de uma menina no meio da noite. A besta volta a abrir os olhos, pronta para a ação. *Como deixamos esses vermes nos enganarem?*

— Não importa como fizeram — digo, enchendo o copo mais uma vez. — Vamos melhorar nosso sistema, mas precisamos lidar com eles agora.

— Só temos uma opção... — Kyle começa, mas eu o interrompo.

— Eu discordo.

O loiro deixa seu copo sobre a mesa e vem até mim, apoiando uma mão em meu ombro.

— Eu sei irmão, mas não podemos agir impulsivamente. Hoje, nossa única opção é demiti-los por justa causa, já que se candidataram com documentos falsos. Acredite em mim, gostaria de poder fazer algo diferente. — Ele retira a mão quando me viro para poder encarar Raffi, que se aproxima.

— Thorne está certo, Seth. Não podemos jogar nossas vidas fora por causa deles, não somos vigilantes.

Odeio quando estão certos. Entorno o copo de uísque de uma só vez, esperando que a bebida alimente o monstro que está pedindo por retaliação.

— Odeio que eles possam se safar disso — murmuro, olhando para o chão.

— Não disse que eles se safariam — Kyle diz, atraindo meu olhar para o seu e noto o brilho malicioso. — Vamos vazsar a notícia para a imprensa. Ninguém sabe o que aconteceu porque a corte marcial é um sistema à parte, porém tornaremos tudo isso conhecimento público.

— Espalharemos para a porra de todos os nossos contatos no ramo, para que não consigam mais uma droga de emprego, irmão — Raffi acrescenta.

— Espero que seja suficiente! Vamos acabar logo com isso — digo, me livrando finalmente da gravata. — Quer que eu vá chamá-los? — sugiro.

— É melhor se for o Raffi, não queremos nenhum processo devido a possíveis acidentes — Kyle responde e dou de ombros.

— A aula acaba em cinco minutos, melhor se apressar.

— Estou indo — Raffi resmunga e sai.

— Você está bem? — Kyle pergunta, indicando com a cabeça meus punhos, que eu voltei a fechar sem nem ao menos lembrar de ter dado o comando.

— Ficaria melhor se pudesse esfolá-los pelo que fizeram — respondo simplesmente, e Kyle sorri antes de pegar o telefone e chamar o departamento de recursos humanos.

Dez minutos mais tarde, estou apoiado de braços cruzados na parede de vidro atrás da mesa do Kyle quando Raffi entra, acompanhado por Derek, Alan e Mark. Por suas expressões tranquilas, eles claramente estão alheios à diferença de postura que meu amigo emana. Seu rosto é uma máscara séria, tão distante do cara sorridente com quem tomei café da manhã, é o rosto do *Reaper*.

— Sentem-se — Kyle ordena, com sua voz fria.

Meu estômago embrulha diante da mera visão deles, e como se não bastasse, cada vez que eu pisco vejo a casa onde cresci e é um esforço sobre-humano me manter ancorado no presente. Até mesmo a sensação do ar contra a minha pele parece incitar a sensação de que tem algo rastejando ali.

Eles obedecem e seus olhos seguem Raffi, que se posiciona ao meu lado. A madeira escura da mesa como um limite, nos separa dos canalhas.

— Não vou ocupar muito do tempo de vocês — o loiro começa.
— Os três foram chamados, pois chegou ao nosso conhecimento que os documentos usados para suas contratações foram forjados. O que configura quebra de contrato.

— É mentira — Derek reclama e seus amigos o apoiam.

— É exatamente isso que eu estou dizendo, vocês mentiram e por isso estão demitidos.

— O que você acha que nós fizemos? — Alan pergunta.

— Eu não acho nada, vocês realmente acharam que conseguiriam manter três dispensas por má conduta escondidas por muito tempo? — Kyle retruca e vejo os três vermes empalidecerem.

— Vocês me enojam e desonram o uniforme — Raffi sibila ao meu lado.

— Serão escoltados para fora do prédio e seus crachás serão revogados — o loiro informa, quando uma batida na porta nos avisa que os seguranças já estão à postos.

Os três se levantam, Derek apoia uma mão na mesa e se inclina, com seus olhos queimando de ódio.

— Isso não vai ficar assim, não podem nos chutar como cachorros.

— Nunca chutaríamos cachorros — respondo.

Evito me mexer, por receio de que não serei capaz de me impedir de afundar a cabeça dele na mesa.

Alan segura o braço do amigo, puxando-o em direção à saída, mas ele tira o braço do alcance e nos dirige mais um olhar cheio de raiva, antes de se retirar batendo a porta. Kyle pega o telefone e digita os números do ramal da portaria.

— Zach, certifique-se de pegar as credenciais deles e deixar avisado que eles não são bem-vindos no prédio — meu amigo pede.

Esfrego meu pescoço distraidamente.

— Seth? — Raffi me chama e viro a minha cabeça lentamente para ele. — Cara, eu estava pensando em acrescentar mais umas linhas ao tribal do meu braço, quando você acha que tem tempo?

— Podemos ir hoje, se quiser — respondo, com alívio me preenchendo, a inquietação me deixando e dando lugar à antecipação.

Tatuar era como uma terapia, só que melhor. Era como conseguir alcançar aquele ponto no meio das suas costas que estava pinicando por minutos e coçá-lo. Quando eu tatuava, conseguia afogar todas as memórias e aquietar os impulsos de quebrar coisas ou pessoas, que a besta dentro de mim requeria.

— Tudo certo por aqui, Thorne? — Raffi pergunta para o loiro.

— Sim, eu ligo se precisar de alguma coisa, podem ir. — Ele nos dispensa com um movimento das mãos.

— Te encontro no Tristan — Raffi avisa.

— Obrigado, cara — falo e ele sorri, dando um tapa em meu ombro.

— Sempre.



Duas horas depois, estou traçando o contorno de um dos novos padrões de Raffi, quando nossos celulares vibram na mesinha ao meu lado.

Meu amigo pega o aparelho e me mostra a mensagem no grupo de casa.

Brooke: *Alguém cortou os pneus do meu carro, algum de vocês pode me buscar?*

Uma mensagem de Kyle chega no momento que estou lendo a primeira.

Kyle: *Volte para a sua sala e tranque a porta. Estou indo.*

Raffi: *Estamos indo.*

Digito uma resposta já me levantando e guardando as coisas, e ao meu lado, Raffi está se arrumando também.

— Como que eles ficaram sabendo sobre a Brooke? — meu amigo pergunta, enquanto eu jogo as luvas no lixo.

— Você quer dizer, além do fato de ela estar com a gente toda sexta no clube? Ou então, depois do que rolou semana passada entre ela e o Ky na pista de dança?

— Merda!

— É, mas ela está bem. Foi inteligente em avisar, mesmo que não saiba do motivo, deveríamos tê-la avisado para levantar a guarda de qualquer forma. Ela agora está mais integralmente em nossas vidas.

Ele meneia a cabeça indo em direção ao seu carro, e eu entro no meu. Meus dedos apertam o volante e sinto a raiva correr solta pelas minhas veias. Realmente espero que esses filhos da puta não tenham achado que nos ameaçar e usar Brooke tenha sido uma boa ideia.

Capítulo 13



Kyle: *Volte para a sua sala e tranque a porta. Estou indo.*

Raffi: *Estamos indo.*

Releio a mensagem que mandei e não encontro um motivo para que eles tenham respondido dessa forma, mas já me viro fazendo o que pediram.

Brooke: *Não precisam vir todos, só preciso de uma carona para casa. Posso pegar um Uber.*

Mando a mensagem e meu celular toca em minhas mãos.

— *Sunshine*, explico tudo quando chegar, por favor, volte para a sua sala e tranque até que um de nós chegue, por favor — Kyle pede e a urgência em sua voz apressa meus passos.

— Não é nada demais, Ky. Não tem razão para tanto alvoroço — digo, entrando novamente em minha sala e virando a chave na fechadura.

— Espero que você tenha razão, Brooke. Eu chego em dez minutos. — Posso ouvir o som do motor do carro ao fundo.

— Tá bom.

— Está na sua sala?

— Sim, sim. Meu Deus, que chato — reclamo, mais por hábito do que qualquer outra coisa. Kyle sempre foi protetor, mas também é racional e se ele está preocupado deve haver uma razão.

— Até daqui a pouco. Só abra a porta para um de nós — ele repete.

A ligação se encerra e vejo que já tenho novas mensagens no grupo de casa: *Seth e os que beijaram a B*. A piada, é claro, era ideia do Rafael, e toda vez que troquei ele simplesmente recolocava o nome anterior. Seth já saiu do grupo duas vezes, mas não adianta, eles o adicionam novamente.

Raffi: *Já estamos a caminho. Por que pegaria Uber se tem três caras dispostos a serem seus motoristas?*

Seth: *Faça o que Thorne pediu, é só uma precaução, chego em poucos minutos.*

Enquanto digito a resposta meus olhos se desviam para o ícone do grupo. Uma foto que eu tirei há alguns dias, de Cérbero, Banguela e Apolo, deitados no chão da sala.

Brooke: *Tudo bem, já estou trancada na minha sala de aula.*

Sento em minha mesa e fico mexendo no meu Instagram. Liv me marcou em uma foto nossa na *Underworld*, da semana passada, com a legenda: “Já é sexta-feira?”, deixo um comentário cheio de emojis, logo minha mente volta para aquela noite e tudo que aconteceu.

Meu corpo esquenta com a memória do corpo de Kyle contra o meu, o jeito como seus dedos contornaram todas as minhas curvas, o gosto dos seus beijos, a forma como ele me preencheu e me

levou ao ápice. Desde a nossa conversa na manhã seguinte, não rolou nada além de alguns beijos de boa noite mais demorados, tudo por causa da visita do antigo chefe deles.

A visita.

“Será que é por isso que eles estão inquietos? Aconteceu alguma coisa na reunião?”

Não consigo pensar em outra opção. Só pode ter sido isso, mas o quê? Eu sei o que eles fazem, mas não entendo os pormenores de administrar uma empresa, ainda mais uma de segurança, que cresceu tanto em tão pouco tempo.

Volto a mexer no celular, porém ouço batidas na porta. Levanto meu olhar do aparelho para ver Seth pela pequena janela na madeira. Ele está vestido com uma camisa social branca, é tão fora do seu habitual que me faz sorrir.

— O que está acontecendo? — pergunto, assim que destranco a porta. Ele entra e olha em volta com atenção. Seu cabelo castanho-claro está bagunçado, como se ele tivesse passado os dedos pelos fios várias vezes.

— Tivemos uma situação no trabalho — ele comenta. — Raffi está lá fora, vendo se adulteraram seu carro de alguma outra forma, além de rasgar os pneus. O que eu acho difícil, se tivessem realmente a intenção de sabotar seria muito mais fácil não ter feito algo tão visível, parece mais um aviso — Seth parece falar mais consigo mesmo do que comigo.

— Por que algo na Hades’ Men Corp teria relação comigo e o meu carro?

— Sem sinal de sabotagem — Raffi anuncia, entrando na minha sala. Ele também está de roupa social, com os cabelos presos num coque, e sei que é por causa do trabalho. — Oi, *babygirl*.

Ele me abraça rapidamente, beijando o topo da minha cabeça.

— Oi, querem, por favor, me explicar o que está acontecendo?

— Nós demitimos alguns funcionários hoje e eles não ficaram nenhum pouco felizes. Enfatizaram que pagaríamos por isso — Raffi conta, enquanto se afasta e se apoia na minha mesa. — Atacá-la seria uma forma de nos punir, ainda mais porque nem cogitamos que você poderia estar em perigo.

— Até agora — Kyle acrescenta se juntando a nós. Minha sala parece ficar pequena com esses três homens juntos, além de não terem o tamanho dos meus alunos, ainda tem o fato de que suas presenças são quase uma entidade física. — Você está bem? — meu amigo pergunta, caminhando até mim.

— Estou — respondo. — Só ainda não entendi porque eu tenho qualquer relação com isso. E quem é maluco de ameaçar pessoas só por ter sido demitido? Faz parte da vida.

— O motivo da demissão deles é... — Seth parece buscar a palavra certa. — Complicado. Eles mentiram no histórico e, bom, não importa.

— Vamos mandar seu carro para uma oficina de confiança, checar tudo e resolver isso — Kyle acrescenta.

— Mas por que eu? — insisto.

Isso não faz nenhum sentido, como que alguém saberia que eu tenho alguma ligação com eles. Será que eu estava sendo seguida? Meu coração bate mais rápido no peito com essa ideia e um calafrio percorre meu corpo, me deixando desconfortável em minha própria pele, será que estou colocando as crianças em perigo por estar trabalhando?

— Você pode ter sido vista conosco na *Underworld* algum dia e depois de semana passada... — Raffi balança as sobrancelhas sugestivamente em minha direção antes de continuar. — Sabem que você é importante para nós.

Nós. Não apenas Kyle. Guardo essa informação para pensar nela depois e me concentro no resto da frase.

— Agora vocês não podem ter amigos? — pergunto ultrajada, isso é ridículo.

— Por que acha que nosso círculo social é tão pequeno? — Seth pergunta, cruzando os braços sobre o peito, sua expressão está fechada e seu tom é sombrio. Vejo meus amigos concordarem com a cabeça, como se esse fosse um preço aceitável a pagar.

— Sempre achei que fosse porque vocês são insuportáveis — brinco e um meio sorriso aparece nos lábios do Seth.

— Também, são poucas pessoas que aguentam o Raffi — Kyle acrescenta.

— Já se olhou no espelho, irmão?

— Como eu estava dizendo, — Seth continua, desviando a atenção de nossos amigos e voltando a me olhar. — Ao mesmo tempo em que fizemos alguns amigos também ganhamos vários inimigos, e os caras de hoje são o pior tipo de escória, então, é claro, que não nos enfrentariam diretamente.

— Desculpe, Brooke, nunca imaginei que você acabaria metida nisso — Kyle diz, segurando meus ombros e me fazendo encarar as duas safiras que ele chama de olhos, antes de deslizar as mãos pelos meus braços, fazendo minha pele se arrepiar sob seu toque. Um arrepio completamente diferente do anterior, esse me aquece e me faz lembrar nossa noite. *“Foco, Brooke. Tudo tem hora e lugar.”*, me repreendo.

— Não seja bobo, vocês não têm culpa de nada.

— É por isso que eu queria que você tivesse um segurança — Kyle insiste. Relembrando a conversa que tivemos várias vezes, quando os rapazes abriram a Hades’ Men Corp. Não precisava de um segurança naquela época e não preciso de um agora.

— Nós já falamos sobre isso — dispenso, não vou andar com uma sombra para todo lado, principalmente na escola. — E, estão esquecendo algo muito importante — acrescento, já que meu último pensamento me lembrou de algo muito importante.

— O que? — Raffi pergunta.

— Estamos em um distrito escolar, cheio de adolescentes. Eu posso só ter sido a azarada que foi a escolhida de hoje para ser zoada. Não vamos exagerar e tirar conclusões precipitadas.

— É uma possibilidade — Seth diz, dando de ombros.

— Ótimo — bato palmas. — Agora, algum de vocês pode me levar pra casa?

— Tenho que voltar para o escritório — Kyle avisa.

— Eu vou ficar aqui esperando o guincho — Seth diz.

— Parece que somos só eu e você, *babygirl* — Raffi sorri e se aproxima, passando um braço pelos meus ombros e me guiando para a porta, parando para pegar minha bolsa no caminho. — Até mais, idiotas! — Ele se despede e os outros dois saem da sala, para que eu possa trancá-la.

Olho para Raffi, confusa.

— Trabalhar, esperar a oficina ou ficar com você? — ele enumera com os dedos. — Só existe uma resposta correta, o que faz deles — ele aponta para nossos amigos. — Idiotas — Raffi pisca em minha direção, ouço Seth e Kyle reclamarem que alguns precisam ser responsáveis, caminhamos pelos corredores até a saída antes de nos despedirmos.



Assim que Raffi liga o carro, o rádio começa a tocar em alguma estação de rock, “Viva la Vida” do Coldplay é a canção que sai pelos alto falantes. Meu amigo se junta ao vocalista, fingindo que o volante é uma bateria, e embalada por sua voz, me perco em pensamentos, repassando o que aconteceu.

Tento recordar exatamente o que houve quando cheguei ao estacionamento, mas estava conversando com outra professora e só quando me aproximei do carro que vi o que tinha acontecido, e ainda assim, não lembro de ter visto ninguém por perto. Tenho quase certeza que foi algum adolescente, nunca tivemos casos como esse, eles normalmente escrevem mensagens em vidros sujos ou desenham coisas obscenas, às vezes, levantam os limpadores de para-brisas ou até mesmo os quebram. Mas e se não foi? E se alguém estivesse realmente por trás disso? Será que minha vida está mesmo correndo perigo? O que teria acontecido se tivesse alguém me esperando dentro do carro, ou à espreita nos arredores?

Não percebo que estou balançando o joelho para cima e para baixo até que a mão de Raffi se fecha sobre ele, seu toque quente vai acalmando a ansiedade que começava a assumir o controle do meu corpo.

— Não se preocupe, *babygirl*. Você provavelmente está certa e foram algumas crianças sem ter nada melhor para fazer, mas o dia de hoje foi intenso e nossos nervos estão à flor da pele — ele diz, desviando o olhar da estrada a cada poucos segundos para me encarar.

— E se não foi? — pergunto, minha voz sai mais trêmula do que esperava.

— Se não foi, agora tanto você quanto nós estamos alertas, nada vai te acontecer, Brooke. Você está segura, seria tolice nos desafiar.

Meneio a cabeça, concordando. Os três saíram dos Fuzileiros Navais com as mais altas condecorações, e essa era uma das principais razões para o sucesso astronômico da empresa deles.

— Preste atenção — seu tom é sério, algo que quase nunca ouço e entendo a importância do que ele irá me dizer. — Nada vai te acontecer, *babygirl*, então não fique pensando besteira nessa sua cabecinha linda!



Jantamos todos juntos pela primeira vez em dias, macarrão à bolonhesa, cortesia de Raffi.

— Eu quero aprender a me defender — declaro e três pares de olhos se voltam para mim. Passei as últimas horas pensando nisso, em como todos eles correram para me socorrer, porque consideraram que eu era indefesa, e estavam certos. Kyle muitas vezes insistiu que eu tivesse um segurança, mas e se não precisasse ser salva por ninguém?

Mesmo que a possibilidade seja ínfima, que corri perigo por causa dos caras que foram demitidos, corro perigo todos os dias. Tento não pensar nisso, e nas estatísticas que dizem que minha vida está sempre em risco simplesmente por ser mulher, mas não quero mais me sentir impotente. Quero caminhar me sentindo confiante, sabendo que posso me manter à salvo.

— É uma boa ideia, não por causa de hoje, mas é sempre bom saber se virar — Kyle diz.

— Posso te ensinar, Abelhinha.

— É importante mesmo, ficaria mais tranquilo por saber que você é capaz de se defender de uma possível ameaça, seja ela qual for — Raffi acrescenta, e é acompanhado por murmúrios de concordância.

— Achei que encontraria mais resistência — comento.

— Não vejo porque, deveríamos ter oferecido anos atrás, na verdade — meu amigo de infância responde.

— Podemos lhe dar um treinamento completo — Seth diz com um sorriso, olhando de Raffi para Kyle.

— Seria interessante, tiro e defesa pessoal — É a vez de Raffi dizer.

Os três começam a traçar um plano de aulas animadamente, até parece que lhes dei um presente de natal adiantado. Eles mencionam algumas coisas que não faço ideia do que sejam, mas que aparentemente aprenderei em breve.

Capítulo 14

Rafael Martinez



— Pronta para a sua aula? — pergunto, abrindo a porta do campo de tiro que reservei para usarmos hoje.

— Não pode ser pior que as aulas com o Seth, eu nem sabia que tinha tantos músculos para ficarem doloridos. Achei que por causa do surfe e da academia estava em boa condição física — Brooke fala passando por mim, seu rabo de cavalo balançando a cada passo. Ela levou a sério minha mensagem para se vestir apropriadamente, ou melhor, para o que ela considerava a roupa apropriada: uma calça que imitava couro e se colava as suas curvas com precisão e uma camiseta preta com um decote V. A loira claramente queria testar meu autocontrole.

— São músculos diferentes, *babygirl* — digo e ela se vira com uma careta.

— Não me diga, Sherlock!

Levanto as mãos em sinal de rendição.

— Só quis dizer que é normal, logo já se acostuma e vai até ajudar na próxima vez que estiver no mar.

— Eu sei, eu sei. Só estou reclamando porque estou cansada de beijar o tatame a cada rodada.

— Pode me beijar para dar uma diversificada se quiser — brinco e ela revira os olhos. — Você já segurou uma arma alguma vez? — pergunto e ela nega.

Ótimo, assim ela não terá nenhum vício de movimento, que precisaríamos corrigir. Sigo para uma das salas que contém os mais diversos tipos de armas de fogo, desde revólveres à rifles e fuzis.

— O primeiro passo é você escolher o tipo de arma que vai querer, vamos treinar todos, mas acho que a primeira tem que ser a que você se sentir mais confortável, cada tipo de pistola tem as suas vantagens e desvantagens — explico, indicando a parede ao meu lado.

Ela corre os olhos pela exposição, mordendo a parte interna de uma das bochechas, enquanto considera as minhas palavras.

— Qual seria a sua recomendação? — pergunta, se virando para mim.

— Um revólver ou uma semiautomática. — Aponto para alguns dos modelos de cada uma.

— Qual a principal diferença? — sorrio diante da sua pergunta. Gosto que ela esteja sendo curiosa e atenta, que não esteja fazendo sua escolha apenas pela aparência. Nem sei porque me surpreendo, Brooke é uma mulher inteligente.

— O revólver é confiável e mais fácil de manusear, mas tem espaço para no máximo seis balas e a maioria deles é difícil que você consiga dar tiros contínuos — ela meneia a cabeça. — Já a semiautomática tem capacidade de 15 tiros em média e o gatilho é mais leve, mas para engatilhar é preciso deslizar o ferrolho, o que pode ser pesado — explico e ela volta a considerar suas opções.

— Essa daqui — a loira diz, apontando para uma SIG Sauer P320.

— Os seus instintos são ótimos, *babygirl* — elogio. Se eu fosse escolher, teria sido essa. Ela tem um coice razoável para a sua potência e os cartuchos são de 9mm, ótimos para defesa pessoal. — Essa é uma excelente pistola semiautomática com pente para 17 balas.

Ela sorri e estica a mão para tirá-la do estande, mas eu seguro seu pulso com delicadeza, acariciando a pele macia.

— Algumas regras antes de eu te deixar brincar, Brooke. Primeiro, nunca aponte a arma para algo que você não tenha a intenção de atirar, nem mesmo de brincadeira, é assim que acidentes acontecem. — Enumero com os dedos enquanto dito as regras. — Segundo, sempre assuma que a arma está carregada até checá-la e terceiro esteja sempre ciente dos seus arredores, do seu alvo, e o que tem atrás e ao lado dele.

— Não mirar à toa, armas são perigosas e prestar atenção no que estou atirando — ela repete colocando uma mão na cintura, como se dissesse que ela não é idiota e sabe disso, mas aposto que ficaria surpresa com a quantidade de tiros acidentais que acontecem apenas porque as pessoas não seguem essa pequena lista.

— Isso mesmo. — Alcanço a pistola e checo o pente rapidamente, como eu imaginava, está vazio, dou alguns passos até o armário e pego uma caixa de balas e um pente extra. Brooke me segue de perto, atenta a todos os meus movimentos enquanto caminho para o meio da sala, deixo as coisas sobre uma mesa e começo a alimentar o pente, depois da terceira bala Brooke pega o pente extra e repete meus movimentos.

Ela tem um talento natural, age de forma metódica, pegando cada cartucho e o deslizando de forma precisa na abertura do pente. Seus olhos verdes não se desviam da tarefa, completamente focada. Eu não deveria achar isso tão sexy, certo?

Assim que terminamos, pego a arma e os pentes, dois óculos e protetores de ouvido, e sigo para onde estão os estandes e os alvos.

— Agora vamos lá. — Recoloco o pente no cano da arma e lhe entrego. Seus olhos se arregalam, no instante que sente o peso. Ela mantém a pistola apontada para o chão, enquanto parece testar a sensação dela contra os seus dedos. — Você me ouviu, boa garota!

Ela sorri e um leve rubor colore suas bochechas.

— Nunca descanse o dedo no gatilho, mas mantenha-o reto ao lado do guarda mato — aviso, ao notar que ela instintivamente colocou o indicador contra o gatilho.

— Evitar acidentes — ela murmura.

— Isso. Agora, deixa eu te ajudar. — Posiciono a sua outra mão sobre o cabo da arma, lhe dando suporte. — Pés separados, virados sempre para o seu alvo, braços esticados, e não trave o cotovelo, porque quando disparar vai haver coice.

— Assim? — ela pergunta, se colocando em posição.

— Quase. — Minhas mãos tocam sua cintura e ela prende a respiração. — Calma *babygirl*, só estou arrumando seu quadril — falo, guiando seu corpo para a pose correta.

— Sei, eu te conheço, Raffi. Não se aproveita — a loira rebate.

— Se eu estivesse me aproveitando seria assim. — Colo meu corpo contra o seu, me encaixando às suas costas, sentindo a bunda arrebitada contra o meu pau que já começa a se animar. — Percebe a diferença?

— Você sabe que estou armada, né?

Inclino minha cabeça até a minha boca estar alinhada com a sua orelha.

— E você sabe que tá um tesão armada, né?

— Você é incorrigível.

— Mas você continua tentando — brinco, soprando contra o seu ouvido e vejo os pelos da sua nuca arrepiarem. — Ok, vamos ver como é a sua mira. Está vendo essas marcações ao longo do cano da arma? — pergunto, me afastando um pouco.

— Sim.

— Ótimo, alinhe o cano até que o primeiro fique exatamente no meio dos dois, perto de você, o seu tiro acertará onde ele estiver apontando.

— Tá bom — ela fala, escorregando o dedo para o gatilho.

— Para engatilha-la, você vai precisar deslizar o ferrolho até sentir o clique, você solta e ele vai se encaixar no lugar certo, depois disso ela vai estar pronta para acertar o que você quiser. — Pego os óculos e os fones e lhe entrego. — Então lembre, dedo longe do gatilho, puxar o ferrolho, mirar e atirar.

Brooke coloca a proteção e volta a se posicionar, me coloco as suas costas e ela vira o rosto para mim, baixando a arma. Garota esperta.

— Raffi, me dá espaço, você respirar no meu pescoço é irritante.

— Só queria te ajudar com o coice, e não minta para mim, irritante não é a palavra, *babygirl* — respondo, mas me afasto.

Ela segura firmemente o cabo da arma com a mão direita, puxando com a esquerda o ferrolho. O movimento é firme, ela mira, e percebo seu peito inflar quando ela inspira, em seguida dispara enquanto solta o ar. Seus braços absorvem o coice e quando ela se vira para mim seus olhos estão arregalados.

— Foi assustador e eletrizante — diz e volta a encarar o alvo. Brooke dispara mais três vezes, antes de colocar a pistola sobre o estande.

Me adianto e retiro o pente, em seguida me viro para ela, que já está tirando os fones.

— E então?

— É uma sensação estranha, meu coração está disparado e minha adrenalina deve estar no máximo, pois sinto como se meu corpo inteiro estivesse vibrando. — A loira levanta uma mão e seus dedos tremem levemente. — Como eu fui?

Aperto o botão que traz o alvo para mais perto, para que assim ela possa ver melhor.

— Seu primeiro tiro acertou a parte branca, os outros dois chegaram cada vez mais perto, o terceiro foi no ombro e o último foi bem no meio do peito. Para uma primeira vez, você foi muito bem. Agora você já sabe o que fazer, aqui está o outro pente — falo lhe entregando a munição que estava no bolso da minha calça. — Quero que você atire até sobrar apenas uma bala em cada pente.

— Por que?

— Porque um bom atirador sempre conta seus tiros, isso pode salvar a sua vida. Sempre saiba quantos tiros você tem sobrando. — Dou um sorriso de canto.

Ela meneia a cabeça, recolocando os fones e se posicionando, e não reclama da minha proximidade dessa vez. Ela dá tiro após tiro, a sua pontaria ficando cada vez mais precisa. Meus olhos não perdem um movimento, ela parece uma deusa guerreira, e eu nem imaginava que sentiria tanto tesão em vê-la atirar. Brooke já está no segundo pente quando toco seu ombro, atraindo sua atenção.

— O que foi? — Ela retira a proteção do ouvido e deixa a arma sobre a mesa.

— Você tem noção do quão gostosa você está nesse momento? — pergunto, meu olhar passeando por seu rosto, pelos fios loiros que se soltaram do rabo de cavalo e emolduram seu rosto, pelos olhos verdes brilhando de animação até a boca rosada que tem povoado meus pensamentos, desde aquela noite há algumas semanas. Meus dedos acariciam a lateral do seu rosto, contornando o desenho do seu maxilar. — Você ainda me deve um beijo.

— Desde quando? — ela pergunta, estufando o peito irritada.

— Desde que eu decidi que queria mais um, você não faz ideia do efeito que causa em mim — comento, deixando transparecer a sinceridade em minha voz.

Ela passa a língua para umedecer os lábios, enquanto seus olhos procuram algo nos meus.

— E por que você não me conta? — ela desafia, com um sorriso de canto. E sinto que o ínfimo controle que tenho sobre meus impulsos está rapidamente escorregando pelos meus dedos. *Que se foda!*

— O que eu quero fazer agora é interromper seu treinamento e te foder aqui mesmo — murmuro, minha voz baixando uma oitava nas últimas palavras. Brooke engole em seco, seus olhos descem para minha boca, mas ela não fala nada.

Abro um sorriso de canto, do jeito que eu sei que ela gosta.

Sou recompensado quando sua mão se fecha na barra da minha camiseta e me inclino em sua direção, que fecha os olhos em antecipação. Colo nossos lábios e ela suspira contra a minha boca, partindo os lábios e eu aceito isso como um convite, deslizando minha língua sobre a sua. Puta merda, como eu senti falta desse gosto. Minhas mãos descem para a sua bunda, sem qualquer modéstia dessa vez e a puxo contra meu corpo, para que ela sinta o que faz comigo.

Meu pau incha e endurece dentro das calças, Brooke se esfrega contra ele e sei que se não me afastar agora, vou fazer o que quis desde que ela desferiu o primeiro tiro. Curvá-la sobre essa merda de estande e me enterrar nela.

Mas, por mais que eu queira não consigo me afastar, seu gosto é viciante e eu preciso de mais. Enquanto suas mãos exploram meu tronco e apertam os músculos que ela encontra pelo caminho, subo uma das minhas mãos pela lateral do seu corpo, deslizando sua blusa para cima com o movimento, até alcançar a barra de seu sutiã. Brooke arfa e empurra ainda mais o peito contra mim quando provoco seu mamilo duro sob o tecido.

Nossas línguas continuam a dança se provando e provocando, mas o ar está se tornando uma necessidade, nos separo e um lamento escapa dos seus lábios. Nossos olhares se encontram e

vejo suas íris escurecidas de desejo, as bochechas enrubescidas e a boca inchada estarão gravadas em minha mente para sempre. Me inclino e começo a trilhar beijos pela coluna do seu pescoço, até que meu rosto alcança onde minha mão ainda massageia o seio macio.

Com o indicador contorno o limite do bojo do sutiã de renda preta e a respiração de Brooke sai entrecortada, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Ah, *babygirl*. — Levanto meu olhar para encontrar sua atenção fixa em mim. — Você é linda, sabia?

Não lhe dou tempo de responder e logo abocanho o mamilo rosado, seu gemido ecoa no estande e meu pau pulsa em resposta. Como se dissesse: estou aqui.

Chupo seu seio e envolvo sua cintura, a puxando mais contra mim, levantando uma de suas pernas, extinguindo o pouco espaço entre nossos corpos.

— Raffi — ela geme meu nome, seus dedos seguram meus cabelos e puxam, fazendo um grunhido de aprovação subir pela minha garganta, estou prestes a dar atenção ao outro seio quando seus dedos delicados se fecham em meus ombros. — Raffi, aqui não.

Meu corpo inteiro protesta quando me afasto, ela morde o lábio enquanto arruma sua roupa. Seguro sua cintura e a puxo contra mim, mais uma vez. A loira beija meus lábios rapidamente, e recoloca uma distância entre nós.

— Não faz essa cara — reclama e não sei que expressão tenho, mas deve ser uma de frustração, já que é isso que sinto. — Depois a gente termina.

— Eu não vou esquecer disso, *babygirl* — prometo e me inclino para saborear sua boca mais uma vez. — Bom, acho que vamos de volta ao treino então — murmuro contra seus lábios.

— Acho que sim — ela diz, mas seus braços envolvem meu pescoço, ela me dá mais um selinho antes de se virar e pegar a

arma.

Me posiciono atrás dela, que rebola propositalmente contra a minha ereção. Se ela quer provocar, dois podem brincar disso, seguro sua cintura e me esfrego contra ela, para que sinta toda a minha extensão. Brooke deixa a pistola sobre a pequena bancada e segura o pedaço de madeira, empinando ainda mais a bunda.

— Você quis treinar, atire — informo.

Ela suspira e se endireita, pegando a arma e disparando três vezes, a loira se sobressalta quando o ferrolho pula informando que o pente está vazio.

— Lembro claramente de ter instruído você, para que deixasse uma bala no pente — provoco, murmurando em seu ouvido e roçando meu pau mais uma vez contra ela.

Ela larga a arma na bancada e se vira para mim, com as mãos na cintura.

— Eu perdi a conta, né? — reclama e eu começo a rir, a loira dá um tapa no meu braço. — É tudo sua culpa, você fez de propósito.

— Você tem que ser capaz de manter a concentração, não importando quais são as distrações ao seu redor.

— Não é como se tivesse passado uma borboleta e eu tivesse ido atrás, não é mesmo?

— Tudo bem, vou te dar um desconto porque é a sua primeira aula. — Ela faz uma careta. — Quer ir de novo?

Sua expressão se abre em um sorriso e ela caminha até a mesa, rebolando mais do que o normal e reabastecendo os pentes com a munição na caixa. *Dios Mío*, essa mulher ainda vai me deixar maluco.

Capítulo 15

Brooke Roberts



A água quente do chuveiro cai massageando meus músculos doloridos, nem tinha percebido a tensão que se acumulava neles enquanto atirava no campo de tiro, hoje mais cedo. Talvez seja porque depois de sentir a boca de Raffi em meu seio e sua ereção contra a minha bunda, durante toda a tarde, me concentrar em acertar o alvo exigiu o máximo das minhas funções cognitivas. Foi só durante o caminho para casa que comecei a sentir a dor irradiar pelos meus braços e ombros, se unindo a todas as partes do meu corpo que já estavam doloridas pelo treino com Seth.

Só desligo o chuveiro quando me sinto relaxada, uma leve moleza me domina enquanto visto minha camisola, e depois de escovar os dentes, vou me deitar.

Achei que assim que minha cabeça tocasse no travesseiro o sono me reclamaria, mas parece que a minha mente tem outras ideias. Fico me revirando na cama, sem conseguir achar uma posição confortável.

As memórias da tarde passam como um filme sempre que fecho os olhos, me deixando inquieta, me fazendo recordar com

precisão a sensação dos lábios de Raffi sobre mim, como sua barba arranhava minha pele, a forma como me puxou contra ele e o quanto desejei que não tivesse roupa alguma entre nós.

Meu ventre pulsa em resposta ao bombardeio de imagens, o calor se acumulando ali antes de se espalhar pelo meu corpo. Sem que eu me lembre de dar o comando, minha mão aperta meu peito, o mesmo que Raffi abocanhou de tarde, meus dedos tentam reproduzir as sensações de mais cedo. Não é a mesma coisa, mas serve.

Com a outra mão provooco meu sexo sobre o tecido da calcinha, a necessidade de contato só aumenta, então me livro da peça deslizando um dedo pelos meus lábios até a minha entrada, espalhando minha lubrificação ali. Aperto meu mamilo ao mesmo tempo em que esfrego meu clitóris em movimentos circulares e sou obrigada a morder o lábio para abafar meu gemido.

A excitação só cresce, e ao me penetrar com um dedo imagino que ele pertence à Rafael, continuo com os movimentos de vai e vem adicionando um segundo dedo, com o polegar estimo meu clitóris. No momento em que encontro meu ponto G, minha mente conjura a imagem de Kyle massageando meus seios enquanto Raffi me penetra com os dedos e um orgasmo devastador me toma.

Fecho os olhos aproveitando as ondas de prazer que percorrem meu corpo, conforme elas vão se dissipando a imagem mental de Kyle e Raffi volta, trazendo com ela todo o calor que eu achei que tinha conseguido apagar. Tento ignorar a pulsação em minha boceta que implora por atenção, por algo que não posso oferecer, me viro na cama, mas o lençol parece feito de um material áspero e não do mais suave algodão.

Num ímpeto, levanto da cama e caminho com passos decididos até a minha porta, minha mão hesita na maçaneta.

— Estou ficando doida — murmuro para mim mesma e me viro de volta para a cama desarrumada, evidência da minha inquietação.
— Foda-se.

Saio do quarto, cruzo o corredor e bato duas vezes na porta de Kyle.

— Brooke? — pergunta confuso quando aparece no batente da porta vestindo apenas uma cueca boxer azul marinho deixando à mostra todos os gominhos do seu abdômen definido e os braços fortes. Meu amigo me olha de cima a baixo, seu olhar se demorando em minhas pernas descobertas.

— Preciso de você — digo antes de envolver seu pescoço e buscar seus lábios em um beijo quente em que demonstro minhas intenções.

Minha língua explora sua boca, mordisco seu lábio inferior e ele abraça a minha cintura, me puxando para dentro do quarto.

Kyle nos deita na cama, seu pau endurecendo contra meu ventre, suas mãos agarram meus seios e gemo em meio ao beijo, me derretendo ainda mais contra ele, que desce uma das mãos para a barra da minha camisola. Quando ele a puxa para cima, para se livrar da peça, se afasta e abro os olhos para encontrá-lo encarando o ápice das minhas coxas e só então me lembro que estou sem calcinha. Ops!

Seus olhos azuis escurecem, sua atenção continua como um laser em minha boceta, um grunhido escapa de sua garganta e ele levanta o olhar para os meus, ao mesmo tempo em que esfrega a palma contra meu sexo, um sorriso safado se abre em seu rosto e ele se aproxima. Seus lábios quase tocando os meus quando murmura:

— Meu deus, Sunshine, você está molhada assim para mim? — Seus dedos provocam minha entrada, antes de ele enterrar dois deles em mim, fazendo meus olhos revirarem e minha cabeça cair para trás. — Hm? — incentiva, esfregando a bochecha na minha, fazendo sua barba curta do dia arranhar minha pele, seu cheiro almiscarado inebria meus sentidos.

— Eu tentei resolver sozinha, não foi suficiente — declaro, rebolando em seus dedos, meu gemido ecoando pelo quarto.

— E o que você acha que vai resolver? — pergunta, chupando meu lábio e continuando os movimentos dos dedos.

— Você.

— Eu já estou aqui, o que você quer? — ele tira os dedos sem nenhum aviso e um gemido frustrado deixa meus lábios.

— Quero que você me foda até que eu não consiga mais lembrar meu nome — declaro, segurando seu pescoço e o puxando para mais um beijo.

— Seu pedido é uma ordem, *Sunshine*. — Ele rola na cama, me levando junto e acabo sentada sobre sua ereção ainda presa pela cueca.

Enquanto meu amigo se estica para buscar um preservativo na gaveta, rebolo sobre sua considerável extensão, deixando minhas mãos memorizarem cada um dos gominhos de seu abdômen de forma provocativa. Assim que Kyle consegue o que quer, inverte nossas posições novamente ficando ajoelhado entre as minhas pernas.

Minhas mãos descem para sua bunda durinha e empurram o tecido para longe, ele me ajuda se livrando da peça e colocando a camisinha, depois pincela seu pau sobre meu clitóris, me fazendo arfar. Cruzo minhas pernas em sua cintura, o puxando para mim.

— Tão apressada — provoca, beijando meus lábios e se enterrando de uma só vez em mim. Meu gemido é quase um grito, que é parcialmente abafado por sua boca na minha.

Ele começa a estocar com força, bem do jeito que eu gosto, meus dedos seguram o lençol enquanto meus quadris encontram o ritmo certo para rebolar a cada investida. Ele se retira quase por inteiro para se enterrar novamente.

— Você é tão gostosa — ele diz com adoração na voz.

— Você também não é nada mal de se olhar — consigo dizer entre gemidos.

Uma das suas mãos acaricia a parte interna da minha coxa direita, subindo até o meu joelho que ele segura e levanta, mudando o ângulo que acerta dentro de mim, e parece que está indo ainda mais fundo, se é que é possível.

— Isso, assim... bem assim.

Seu polegar encontra meu clitóris e eu explodo sem aviso ou preparação, o orgasmo me dominando e apurando meus sentidos, tornando tudo mais intenso. Kyle não para, buscando seu próprio prazer.

Uma batida na porta atrai nossa atenção.

— Estou ocupado — ele vocifera na direção do corredor, sem parar nenhum momento.

— Não vim por você, Thorne, tenho assuntos inacabados com a loira — a voz de Raffi soa e meu corpo reage involuntariamente, minha boceta pulsa, esmagando o pau de Kyle que ainda está dentro de mim.

Isso o faz olhar para mim, com uma sobrancelha arqueada, ele deixa minha perna escorregar para o colchão e se debruça sobre mim, o sorriso em seu rosto é felino, seu olhar cheio de promessas.

— É isso que você quer, Brooke? — pergunta, seus olhos azuis parecem enxergar até a minha alma. — Nós dois? — acrescenta, investindo mais uma vez contra mim e arrancando um gemido de mim.

Meneio a cabeça em um sim, sem conseguir formar as palavras, mas meu corpo responde por mim, pulsando e o esmagando mais uma vez.

— Era só ter pedido. — Acaricia meu rosto e sai de mim, resmungo diante da sensação de perda.

Kyle levanta e me ergo nos cotovelos para vê-lo caminhar até a porta despreocupadamente, nu como veio ao mundo, ele abre a porta, escancarando-a. O olhar de Raffi é como uma mira laser me

encontrando rapidamente sobre a cama do seu amigo, sua expressão se torna predatória sobre o meu corpo exposto.

Eles não falam nada, mas Rafael aparentemente entendeu o convite já que entra no quarto tirando a regata branca, admiro seu braço esquerdo e metade do peito que são cobertos por intrincados padrões de tinta preta, seus cabelos estão presos em um coque, mas são seus olhos que incendeiam a minha pele por onde passam, ele me devora com o olhar, afasto as pernas um pouco mais e ele morde o lábio inferior.

— Onde você nos quer? — Kyle pergunta, se livrando da camisinha e caminhando até a cômoda.

Minha atenção vai de um para o outro, Raffi se livra das calças de moletom cinza que vestia e seu pau já está completamente ereto, ele é um pouco menor que Kyle, mas muito mais grosso, com veias saltadas por toda a extensão. Meu ventre pulsa em resposta a visão e sei o que quero, aparentemente ele também.

Raffi caminha até a cama, puxa meu rosto para si e reivindica meus lábios com fervor, sua língua duelando com a minha e despertando as memórias da tarde, adicionando lenha a uma fogueira que já parece não ter fim. Se afasta e murmura:

— Fica de quatro, *babygirl*. — Vejo que ele pega o pacotinho quadrado com Kyle enquanto faço o que pede. — Você não faz ideia de quantas vezes eu sonhei com esse rabo — fala, se posicionando as minhas costas. — Um dia eu ainda vou me enterrar nele — promete e receio se mistura com tesão, apertando meu estômago.

Kyle caminha até a beirada da cama, parando na minha frente, sua mão masturbando sua ereção com movimentos lentos, passo a língua pelos lábios e ele sorri.

— Falei que teria sua boca em mim em outro momento, vem cá, linda — pede e engatinho na cama em sua direção, em seguida sinto as mãos de Raffi no meu quadril.

Raffi roça seu pau contra meus grandes lábios, me provocando lentamente, me negando aquilo que mais quero. Empurra a cabeça

do seu pau contra meu clitóris, investindo contra ele como faria se estivesse dentro de mim, me fazendo gemer e arquear as costas, empinando ainda mais minha bunda em sua direção.

Seguro o membro de Kyle, sentindo sua pele quente contra meus lábios, circulo minha língua pela cabeça e ele geme, seus dedos se emaranhando em meus cabelos.

— Isso é sexy pra caralho — Raffi diz e posiciona o seu pau na minha entrada, rebolo tentando conseguir mais dele.

Deslizo Kyle para dentro de minha boca e é nesse momento que Raffi decide me penetrar, meu gemido me faz engolir Kyle ainda mais, o loiro praticamente rosna de tesão ao sentir sua cabeça contra a minha garganta. O som manda uma onda de excitação diretamente para meu ventre que pulsa em resposta, fazendo Raffi gemer.

A sensação do pau de Raffi me preenchendo enquanto tenho o de Kyle inteiro na boca é como nada que senti antes, nada poderia ter me preparado para esse momento, nem mesmo todos os sonhos que tive nos últimos tempos.

O quadril de Raffi se choca com a minha bunda e sinto que não há um espaço vazio em mim, é delicioso.

Rafael estala um tapa forte em minha bunda e eu rebolo, aproveitando o choque delicioso que reverbera profundamente em mim. Ele apoia a mão no meu quadril, se retirando quase por inteiro apenas para estocar novamente, o que me obriga a voltar a me apoiar na cama porque Kyle também está pronto para mim, ele segura a minha cabeça antes de começar a foder a minha boca.

Os dois parecem sincronizados, se revezando em sair e entrar em mim, assim que me acostumo com seus ritmos consigo corresponder às investidas de Raffi rebolando de encontro ao seu quadril.

— Bem assim, gostosa. Engole todo meu pau nessa boceta deliciosa — ele diz as minhas costas, as mãos segurando meus

quadril para melhor controlar meu corpo. — Porra, como você é linda.

Faço o meu melhor para receber Kyle, chupando-o sempre que ele se enfia em minha boca.

— Essa boca vai ser minha perdição — o loiro grunhe e meu olhar encontra o seu, ele morde o lábio inferior. — Era isso que você queria? Ter nós dois te fodendo ao mesmo tempo?

— Se o apertão que ela deu em meu pau agora serve de resposta, eu diria que sim — Raffi responde antes de desferir outro tapa em minha bunda.

Sinto o tesão se acumulando em meu corpo, como se do meu ventre saísse um elástico que foi puxado ao limite e está acumulando tensão até o momento em que vai estourar.

O pau de Kyle parece endurecer ainda mais e sei que ele está próximo.

— Estou quase — ele avisa, como se eu não soubesse, mas quando Raffi responde, entendo que ele não estava falando comigo.

— Se segura aí Thorne, porra — avisa e aumenta o ritmo de suas investidas ao passo que Kyle diminui as suas, passo a lambar sua extensão antes de engoli-lo novamente, o som molhado de nossos corpos colidindo ecoa pelo quarto, se misturando aos nossos gemidos que estão cada vez mais altos. — Agora, eu tô quase.

Kyle aumenta o ritmo, se juntando a Raffi, poucas investidas depois os dois se liberam em mim, faço o possível para engolir toda a porra do loiro antes de ele se retirar da minha boca.

Raffi se deixa abater sobre mim, com seu corpo colado completamente nas minhas costas, o braço dele serpenteia pelo meu abdômen e encontra meu sexo ardente, os dedos apertam meu clitóris e o orgasmo que já estava prestes a irromper me leva ao limite e além dele. Me perco nas ondas de prazer que tomam meu corpo, deixando uma sensação de formigamento em seu caminho.

Quando ele se afasta, desabo na cama de olhos fechados, completamente exausta. Um momento depois dois corpos se deitam ao meu lado, fazendo um sanduíche de Brooke e nunca me senti tão protegida e saciada em toda a minha vida.

Um deles faz cafuné no meu cabelo enquanto o outro desenha círculos na minha barriga.

— Foi como você queria? — Kyle pergunta em meu ouvido, concordo com a cabeça.

— E quanto tempo você precisa até irmos de novo? — Raffi pergunta, mordiscando o lóbulo da minha orelha.

— Horas? — sugiro e ele ri, chacoalhando a cama.

— Você tem quinze minutos. — Uma mão que eu assumo ser a dele desce pela minha barriga até meu sexo sensível e o acaricia lentamente, e é como se ele estivesse soprando a brasa da fogueira de volta a vida.

Vai ser uma noite muito longa e eu sou completamente a favor.

Capítulo 16



Seth Donahue

— De novo — ordeno e Brooke desvia o olhar do saco de areia para mim, antes de repetir o exercício.

Sua dedicação em nossas sessões de treino são revigorantes, ela não pediu um dia de folga, nem mesmo quando reclamou que seus músculos estavam doloridos. Ela busca a perfeição em cada golpe, a cada movimento. O repetindo tantas vezes quanto fossem necessárias, me pedindo para mostrar novamente sempre que achava que não estava igual e que poderia melhorar.

— Agora intercale: dois socos, gancho de direita e chute — instruo, enquanto continuo observando seu progresso. Ela faz o que peço, e percebo que uma fina camada de suor já está se formando em suas têmporas.

Achei que devido às suas atividades noturnas com Raffi e Kyle, ela poderia dispensar a aula de hoje, mas assim que chegou do trabalho foi se trocar e logo me encontrou na academia, no mesmo horário de todos os dias.

Não existia a menor possibilidade de eu não saber o que aconteceu entre eles, além de todos dividirmos a mesma casa,

quando finalmente todos os sons se aquietaram e achei seguro sair do meu quarto, para correr a fim de liberar a tensão em meus membros, chequei meu celular e o nome do grupo da casa tinha sido modificado, mais uma vez. Nem precisei abrir para saber quem que não pôde esperar o dia raiar para começar a me importunar. Só poderia ter sido Rafael, já que o novo nome é: *Seth e os que transaram com a B.*

Não me ressentia deles, nem mesmo das brincadeiras. Se eu estivesse em suas posições faria o mesmo, talvez fosse até mais insuportável.

Meu olhar volta a se concentrar na loira, que continua a atacar o saco de areia como se fosse um adversário. Ela é linda, por dentro e por fora. Brooke é dona de um coração gigante, sempre pronta para ajudar o próximo e acolher aqueles que precisam. Mesmo não sabendo as circunstâncias da minha criação, ela nunca julgou o motivo pelo qual sempre que estava de férias dos Fuzileiros passava meu tempo livre em Palo Alto com Kyle, ao invés de voltar para Nevada.

Durante cada missão no Oriente Médio, as únicas cartas que eu recebia eram as dela e as mesmas estão até hoje guardadas em uma caixa de metal, em meu armário. O conteúdo das cartas não era a parte mais importante, mas sim o fato de que ela se lembrava de mim, e isso não tinha preço.

Eu nunca poderia corromper a sua luz com a minha escuridão. Essa era uma das poucas certezas que tinha na vida.

— Não tem graça ficar socando o saco de areia, na vida real, meu oponente não ficaria parado — ela reclama, se virando para mim. A respiração profunda pelo exercício faz seu peito subir e descer mais do que o normal.

— Esse é o seu jeito de pedir para praticar comigo?

Sua resposta é um dar de ombros, acompanhado de um sorriso.

— Só se você for me dizer que sim.

— Achei que já estivesse cansada de perder — provoco, enquanto caminho para o meio do tatame, com ela me acompanhando.

— Se eu ganhasse depois de apenas uma semana treinando, diria que você ou perdeu o jeito ou nunca foi tão bom quanto sempre disse — responde, erguendo os braços em posição de combate e dobrando os joelhos.

— O único dia que você vai ganhar de mim, será o dia que eu deixar, Abelhinha. — Me posiciono em sua frente. — Pronta?

Ela não perde tempo me respondendo com palavras e avança sobre mim, desferindo dois socos na altura do meu rosto, antes de se agachar e tentar socar meu abdômen. Eu desvio de todos, mas aprecio sua estratégia.

Deixo que ela me ataque por mais alguns movimentos, esperando que ela me dê uma abertura para contra-atacar, dois chutes e um soco depois, ali está. Ela continua baixando a guarda, quando se perde nos golpes. Desvio o rosto, virando o corpo e segurando o pulso que foi direcionado a mim, meu aperto é firme, não com o intuito de machucá-la, obviamente, mas para restringir seus movimentos e conseguir me colocar em suas costas, com seu braço imobilizado entre nós.

Ela trava, seus músculos retesados, hesitando, assim como fez das últimas vezes.

— Você sempre faz isso — ela reclama, com a respiração ofegante.

— E vou continuar fazendo, até ser natural para você achar um jeito de sair — respondo.

— Só consigo te dar tapas, que nem mesmo fariam cócegas — fala e demonstra estapeando meu ombro.

— Pare de pensar no que você não tem — instruo. — Estou segurando um braço, você ainda tem o resto do corpo todo, Brooke.

— Não consigo sair, Seth. — Ela tenta puxar o braço, mas cada vez que o mexe ele dói mais, o que é o objetivo desse golpe.

— Consegue. Eu já te ensinei como fazer, por isso é tão importante praticarmos, tem que ser uma resposta automática. Em uma situação de risco. — Bloqueio as imagens que meu cérebro configura da loira, sendo atacada por um homem qualquer, isso faz meu sangue ferver. — Você tem instantes para reagir, precisa conseguir adaptar o que aprendeu para o momento.

— Você fala como se fosse fácil. — Ela tenta virar o rosto para me encarar, mas a posição em que se encontra a impede.

— Para de tentar me fazer te dar a resposta, use essa sua cabeça.

Aparentemente, minhas palavras lhe deram uma ideia, já que ela fez exatamente o que eu disse. Brooke joga a cabeça com força para trás, forçando-me a recuar um passo. Poderia até ter dado certo, se eu tivesse sido surpreendido e largado seu braço, mas esse não foi o caso.

Quando ela sibila de dor, quase a solto, mas ela está se movimentando, se aproveitando do espaço criado para girar e ficar de frente para mim, seu braço ainda está girado, porém agora ela consegue encarar seu oponente, o que acaba de lhe devolver um tanto da vantagem. A qual ela aproveita completamente quando com a outra mão segura a minha e empurra os dois braços para baixo rapidamente, se soltando.

— Não era o que eu tinha em mente, mas ganhou pontos pela criatividade — elogio.

— Eu adaptei. — Ela dá de ombros com um sorriso travesso.

— Vamos de novo, então.

Depois de lhe mostrar mais uma vez como sair, reencenamos aquele cenário mais três vezes, até que a sua resposta seja instantânea e a que causa mais dano no oponente, enquanto a mantém segura. Eu sei que na vida real sua adrenalina pode

paralisá-la e realmente espero que ela nunca tenha que usar nada do que aprendeu, mas quanto mais praticar, mais seu cérebro associará a reação de luta ao momento de perigo.

— Muito bem, não adianta passarmos o dia nisso. Temos mais uma hora e quero te ensinar como se livrar quando alguém estiver tentando te sufocar. Esse deve ser um dos maiores perigos, porque depois que a pessoa está inconsciente está vulnerável — digo, tentando a todo custo manter a minha voz estável, mas vejo Brooke estremecer antes de menear a cabeça.

— Tudo bem, vamos lá. — Ela sacode os braços como se tentasse empurrar para longe o que quer que seu cérebro conjurou ao ouvir minhas palavras. Tenho um sentimento similar, mas a minha vontade é tomar um banho de água fervente para limpar a sensação oleosa que parece cobrir minha pele, ao tentar manter as minhas memórias de infância trancadas em um recôncavo da minha mente.

— Brooke — chamo a sua atenção conforme me aproximo. — Em um cenário como esse você não pode hesitar, cada segundo conta, já que se a pessoa estiver te sufocando você tem em média dez segundos antes de perder a consciência.

Seus olhos arregalam.

— Rápido assim?

— Infelizmente. — Estalo o pescoço de um lado e do outro. — Agora, Abelhinha, tente me estrangular — falo, com um sorriso.

A diferença de quase 20 centímetros entre nós me dá vantagem quando suas mãos delicadas envolvem meu pescoço. Seu toque é como uma corrente elétrica, acordando os meus sentidos e apagando toda a sensação ruim que ameaçava me dominar há poucos minutos.

— Procure sempre o ponto fraco e o explore — explico, movendo minha perna dominante para trás antes de abaixar a cabeça em um movimento fluído, me libertando do aperto das suas

mãos ao passar pelos polegares e desviar por baixo de um dos seus braços.

— Eu sou toda um ponto fraco — reclama com uma careta, e não faz ideia de quão certa ela está, mas não da forma que imagina.

— Não comece, você vai ver que nem eu posso te segurar. O que é mais forte, um corpo ou dois polegares? — Ela sorri.

— Um corpo.

— Justamente, a ideia é você usar o seu corpo inteiro no movimento contra a parte mais fraca do oponente.

— Por que eu não posso só dar um chute no saco, caso for um homem? — ela pergunta arqueando uma sobrancelha.

— Porque isso não é uma garantia, você tem dez segundos. Se você errar, ou ele estiver sob o efeito de alguma substância, você acaba perdendo um tempo precioso e o deixa ainda mais irritado.

— Sua racionalidade me irrita.

— Eu sei — respondo antes de lhe mostrar mais uma vez os movimentos, até que ela se sinta confiante de que sabe o que fazer.

Fecho minhas mãos ao redor do seu pescoço fino, a pele macia e quente sob meus dedos é um gatilho para minha imaginação, que substitui a academia ao meu redor pelo meu quarto e um momento muito mais prazeroso do que uma aula. A boca de Brooke se abre em um suspiro e termina em um sorriso, sua reação dura apenas um instante e não tenho certeza se foi real ou ainda parte da ilusão criada pela minha mente, mas no segundo seguinte ela saiu do meu aperto.

— Consegui — ela celebra. — Vamos de novo — pede, se aproximando.

Treinamos diversas variações daquele cenário: um agressor pelas costas, pela frente ou ainda contra a parede, inúmeras vezes.

— Se o seu oponente conseguir te derrubar e estiver tentando te enforcar no chão...

— Eu me fodi e morri — ela me interrompe.

— Não, sempre tem um jeito de se libertar. Ele vai ter mais vantagem, vai, mas não é tão difícil — explico e me aproximo, segurando seus ombros passo minha perna por trás das suas, a derrubando no tatame.

Acabo sentado sobre ela, uma perna em cada lado e recoloco minhas mãos em seu pescoço. Evito pensar e reconhecer todos os pontos em que nossos corpos se encostam, ao invés disso, foco em instruí-la.

— Seu instinto neste momento é me empurrar para longe, mas o que você precisa fazer é: juntar os cotovelos ao lado do corpo, para me impedir de subir mais sobre você, sua mão direita deve passar por baixo do meu braço esquerdo e segurar meu pulso direito. — Conforme a instruo ela faz o que peço. — Seu braço esquerdo vai segurar o meu direito, me impedindo de puxar o braço para trás. Agora sua perna esquerda passa por cima da minha direita, enquanto você levanta a outra perna. Isso. Agora, sem soltar o meu braço, você empurra o quadril para cima.

Ela executa o movimento e inverte as nossas posições, ficando por cima e no meio das minhas pernas.

— É muita coisa para lembrar, mas é mais fácil do que parece — ela diz, com satisfação e orgulho nítidos em sua voz.

Reverto nossas posições para a inicial.

— E o quanto você lembra? — pergunto, colocando minhas mãos na base do seu pescoço. Nossos olhares se cruzam e me perco no verde, muitas pessoas provavelmente os descreveriam como pedras preciosas, esmeraldas talvez, mas eles sempre me lembram a primavera, quando toda a natureza floresce e renasce.

Não sei quanto tempo se passa enquanto nos encaramos, mas consigo sentir meus sentidos cada vez mais conscientes da nossa

proximidade, do seu perfume floral aliado ao cheiro salgado do suor, do calor de sua pele. “*Preciso me afastar*”, repreendo-me mentalmente.

— Cansou ou não lembra de nada? — Brooke pisca e executa o movimento, sem muita dificuldade.

— Você parecia distraído, não me pareceu certo atrapalhar seus devaneios, Seth.

— Engano seu, estava te dando a oportunidade para agir no seu tempo — minto. Cruzo minhas pernas sobre a sua bunda e giro o corpo, colocando ela mais uma vez de costas contra o tatame. — Tente não demorar dessa vez, Brooke.

Ela repete o movimento com mais facilidade ainda e se senta sobre o meu abdômen, se inclinando até ficar com o rosto a centímetros do meu.

— Melhor agora? — pergunta, petulante.

— Muito — meu tom sai mais rouco do que o normal, seus olhos descem dos meus para a minha boca e ela umedece os próprios lábios com a língua, e com toda a minha atenção, acompanho o movimento.

— O que mais você tem para me ensinar? — A loira volta a me encarar e aproxima nossos rostos.

“*NÃO!*” Grita a voz na minha cabeça, bem a tempo de eu desviar o rosto. Por um instante esqueci quem eu sou, o que eu sou. A certeza que eu tenho é que se eu sucumbir aos meus desejos, nunca serei capaz de parar, de virar as costas. Tudo o que preciso é sentir seu gosto uma vez para jogar todas as minhas convicções para o alto, e quebrar a promessa que fiz de nunca corrompê-la.

Brooke se afasta e levanta o seu olhar.

— Desculpa, eu... não importa... — ela balbucia. — Seth, eu entendi errado, achei que...

— A culpa é minha — falo, ficando de pé. — Você não entendeu errado Brooke, só não podemos. *Eu* não posso —

ênfatizo.

A rejeição em seus olhos se transforma em mágoa e se ela enfiasse uma faca em meu estômago doeria menos, sei disso por experiência própria. Estou a machucando e isso era tudo que eu não queria.

— É por causa do que aconteceu entre mim, Kyle e Raffi? Por eu também estar com eles? Você acha que eu sou... — Sua voz endurece, assim como sua postura, mas a mágoa em sua expressão se intensifica.

Levanto a mão, a impedindo de terminar aquela frase, e que se refira a si mesma de forma depreciativa, como acho que vai fazer.

— Não, isso nunca seria problema. Precisa acreditar em mim, nem em um milhão de anos conseguiria pensar algo ruim sobre você, Abelhinha.

— Então, você só não gosta de mim dessa forma, tudo bem. Não vai mais acontecer — fala, se encaminhando para a porta.

— Você não é o problema, eu sou. — Seguro seu pulso, ela precisa me ouvir, entender. — Eu não sou bom para você — declaro resignado.

— Isso não é verdade, Seth — ela declara.

Não consigo prestar atenção ao que ela diz quando a memória do dia em que ela se mudou para cá toma a minha mente. Como se eu precisasse de um lembrete das minhas razões.

“Estava sentado na areia, com o sol aquecendo a minha pele, enquanto meus olhos não a perdiam de vista, Brooke desbravava as ondas e eu estava completamente mesmerizado por ela. As últimas 48 horas tinham revirado completamente a sua vida.

Seu relacionamento tinha acabado, ela teve que se mudar e todos os seus planos para o futuro tinham sido alterados sem aviso, mas lá estava ela: livre, determinada e sorrindo. Sua leveza era fascinante.

Quatro ondas depois ela saiu da água, caminhando com passos firmes e um sorriso exuberante em minha direção, até sentar-se ao meu lado e perguntar se já era hora de voltar, mas toda a sua linguagem corporal indicava que tudo que ela menos queria era abandonar o mar, por isso respondi:

— Ficaremos o tempo que quiser.

Seus braços gelados, devido ao tempo na água, envolveram meus ombros rapidamente, enquanto ela me agradecia e voltava correndo para o mar.”

— Não estou dizendo isso para te magoar, mas eu realmente não posso, Brooke — digo, soltando seu braço e ela sai a passos rápidos da academia.

Como eu poderia explicar que ela é o farol no mar tempestuoso que é a minha existência?

*Caminho até a estante no canto da sala e pego meus fones, a agitação percorre meus músculos, meu coração parece bombear raiva ao invés de sangue, volto para o saco de areia que Brooke estava usando e desfiro o primeiro soco quando *Monster* do Skillet começa a tocar. “Muito apropriado”, penso.*

*“O meu lado secreto, eu nunca deixarei você ver
Eu o mantenho preso, mas não consigo controlá-lo”*

Esmurro a lona continuamente, sentindo o impacto reverberar por meus braços.

*“Então fique longe de mim, a fera é horrenda
Eu sinto a raiva e eu não consigo aguentar isso”*

Sinto quando a pele se rasga, fazendo o sangue escorrer pelos nós dos meus dedos e percebo que não coloquei as luvas. Tento encontrar a parte de mim que se importa, mas só consigo ver a expressão magoada de Brooke. A rejeição em seu rosto.

*“Eu devo confessar que eu me sinto como um monstro
Eu odeio o que me tornei, o pesadelo apenas começou”*

Odeio tê-la magoado, mas é passageiro, Brooke vai superar. Ela tem Kyle e Raffi para cumprir esse papel, e não existem pessoas mais merecedoras do seu afeto e carinho do que meus irmãos.



Estou na sala, encarando a tela pausada do videogame há um bom tempo, bebendo a minha segunda dose de uísque, o que parece ser a única forma de apaziguar a besta dentro de mim hoje, quando Kyle e Raffi se juntam a mim.

Não vi Brooke pelo resto do dia, não sei bem quem de nós dois está evitando o outro, mas pretendo lhe dar todo o espaço que precisar.

— Você pretende jogar ou vai ficar só emburrado no canto? — Martinez pergunta, me fazendo revirar os olhos.

— Não estou emburrado.

— Fala isso pra tua cara então — rebate.

— Caso tenha lhe passado despercebido irmão, estou bebendo, não dá pra fazer os dois ao mesmo tempo.

— Há controvérsias. — Ele se senta e pega um dos controles da mesinha de centro.

— Brooke disse que tem coisas do trabalho para resolver, por causa da peça final que é na semana que vem, e por isso não vai descer — Kyle comenta.

— Engraçado como as coisas mudaram ultimamente, sendo que a única mudança é que agora Brooke mora aqui — Raffi fala, sem tirar os olhos da tela, configurando o jogo.

— Essa não é a única mudança — acrescento.

— Seth tem razão, todos somos atraídos para ela, como planetas orbitando o sol, e nem mesmo os cães escaparam — Kyle diz, indicando o chão, onde antigamente os três peludos estariam dormindo, mas que agora se encontra vazio, o que significa que estão no quarto dela.

— Todos menos o caçula, né? — Raffi me provoca.

— Nunca tocaria nela — admito, ficando de pé e terminando minha bebida em um gole só.

— Por que? — Kyle pergunta.

— Não gosta dela? — indaga Raffi ao mesmo tempo.

— Porque eu a amo — confesso, saindo da sala e fechando a porta.

Capítulo 17

Brooke Roberts



Eu já furei meu dedo três vezes com a maldita agulha nos últimos dez minutos, conforme tento reconectar as asas de anjo à fantasia de um dos meus alunos. As coxias do anfiteatro da escola primária Greenbriar estão em polvorosa, com todas as turmas desde o jardim de infância até o quarto ano tentando se organizar para suas respectivas apresentações.

Alguns professores parecem estar a ponto de se juntar às crianças que choram e esperneiam, as que não estão desesperadas estão correndo pelo corredor, desviando parcamente dos obstáculos no formato de seus colegas. Foi em uma dessas que as asas de Josh se desprenderam.

— Tudo certo por aqui? — Trevor pergunta se aproximando.

— Assim que eu conseguir terminar de dar esses pontos, estaremos prontos, certo, Josh? — respondo, me inclinando e apertando o ombro do pequeno sentado à minha frente.

— Sim, *Miss Roberts* — ele concorda. Para ser sincera, ele está sendo extremamente paciente e só tentou sair da cadeira para brincar uma vez. Quatro pontos depois, está terminado.

— Pode ir, Josh, mas sem correr pelo corredor, logo vamos começar e você quer mostrar sua fantasia para a mamãe e pro papai, certo? — Eu até me sentia culpada de usar a carta dos pais, mas era um momento extremo.

Ele suspira e deixa os ombros caírem, antes de concordar e caminhar para a direção dos seus colegas de classe, noto com alívio que nenhum deles está chorando, mas todos parecem vibrar, cheios de energia pronta para ser usada.

— Como estamos lá fora? — pergunto, me virando para Trevor que coordenava a ordem de entrada com outros dois professores.

— Casa cheia — ele afirma com um sorriso. — Cinco minutos, pessoal! — Ele anuncia antes de se dirigir a professora do jardim de infância.

Volto para os meus alunos e recapitulo com eles rapidamente o nosso número, eles quase não tem falas, vão encenar enquanto eu narro a história que eles ajudaram a criar, como eles são da primeira série nos apresentaremos só depois de todas as turmas do jardim.

Meu celular vibra no bolso da calça e me viro para checar a mensagem.

Liv: *Já estamos aqui. Seus namorados chamam muita atenção, sabia?*

Brooke: *Eles não são meus namorados.*

Digito a resposta rolando meus olhos e evitando decifrar o frio na barriga que senti ao ler suas palavras. É isso que ganho por contar as coisas para Olivia, minha melhor amiga surtou quando contei sobre o ménage com Raffi e Kyle.

Liv: *Não, só te levam para Paris, né?*

Sorrio, mordendo o lábio com a memória. “*Você está rodeada de crianças, Brooke, pelo amor da deusa se controla!*”, me repreendo.

Brooke: *São meus amigos e vieram me apoiar, assim como você.*

Liv: *Ah, claro. Só amigos. Todos os três vieram, por sinal.*

Brooke: *Eu sei.*

É claro que contei para a morena sobre o que aconteceu entre Seth e eu, ou melhor, o que não aconteceu, estava me sentindo uma tola por ter lido os sinais completamente errado, mas não conseguia aceitar que tinha imaginado aquela tensão entre nós. A dor da sua rejeição foi momentânea, mas a vergonha me tomou e o evitei pelo dia inteiro, mas dividimos uma casa e era impossível me esconder para sempre.

Na manhã seguinte, nos encontramos na cozinha durante o café da manhã, como sempre acontecia. Eu me adiantei para pedir desculpas mais uma vez e ele dispensou minhas palavras com um gesto de mão, repetindo que eu não tinha errado, mas que ele não era bom para mim. Depois de alguns segundos, quando um silêncio constrangedor se instalou, nós dois tentamos preenchê-lo com perguntas triviais e acabamos rindo. Naquela tarde, durante o meu treino, ainda restavam resquícios de constrangimento da minha parte, porém Seth me tratou como sempre e desde então voltamos ao normal.

Olivia achava que eu estava certa e tinha lido a situação corretamente, mas que Seth não estava pronto ou disposto a lidar com as repercussões do que isso significava. Eu duvidava seriamente e ainda achava que meu amigo só não queria ferir meus sentimentos ao dizer que não se sentia atraído por mim.

— Vocês são os próximos, Brooke — Trevor me fala, apertando meu ombro para chamar minha atenção.

— Tudo bem.

Me volto para os pequenos que estão esperando e rapidamente conto mentalmente se todos estão presentes, com medo de durante meus devaneios ter perdido um deles, para minha

sorte todos estão ali, a ansiedade finalmente os mantendo em seus lugares.

— Prontos para mostrar tudo que ensaiamos para os seus pais? — pergunto, me agachando diante dos meus alunos.

Seus olhinhos brilham e eles praticamente pulam em seus assentos quando me respondem com sonoros:

— Sim, *Miss Roberts*.

Caminhamos para a entrada lateral e Trevor me entrega um microfone. A turma anterior se curva enquanto a plateia os aplaude e ouço os cochichos de excitação dos meus pequenos.

Assim que o palco se esvazia, respiro fundo antes de anunciar a minha turma, a música tema começa e eles entram todos de uma vez, em sua afobação esquecem que tinham hora para entrar de acordo com a narrativa, mesmo assim assovios e palmas ecoam pelo anfiteatro.

— Era uma vez, em um reino distante — começo a ler o pequeno conto enquanto aprecio o espetáculo que é ver meus alunos se apresentando, eles esquecem o que deveriam fazer e então um colega os ajuda, se perdem e começam a brincar, mas quando chego no viveram felizes para sempre todos estão sorrindo.

Me junto a eles no palco e percebo a enormidade do que fizeram, a plateia está lotada, como Trevor havia dito, mas o pensamento de ter que performar em frente as centenas de pessoas me assusta e sou ainda mais grata pela inocência e coragem que as crianças têm.

Meus olhos varrem a plateia conforme as palmas começam e Liv estava certa, meus amigos realmente se destacam em meio aos outros espectadores, por isso rapidamente os encontro, todos os quatro ostentam sorrisos orgulhosos enquanto seguro as mãos de dois dos meus alunos, que continuam a criar a corrente para fazermos a reverência antes de deixar o palco.

As crianças correm animadas para a sala que serve como nosso camarim, ansiosas por tirarem as fantasias e se juntarem aos pais que viram na multidão. Como esperado, é caótico, todos falando e rindo ao mesmo tempo e uma euforia me preenche, são momentos como hoje que me dão a certeza de ter escolhido a profissão certa. De certa forma, hoje é uma despedida dessa turma com que passei o último ano e sei que eles provavelmente nem vão lembrar de mim, mas eles farão parte da minha trajetória para sempre.

Quase vinte minutos depois alguém bate na porta, são os primeiros pais vindo buscar seus filhos, eles me parabenizam e agradecem, tão logo saem, entram os próximos e assim sucessivamente, até restarem pouco mais de cinco alunos que sei que tem irmãos em outras classes.

— Brooke? — Viro para encontrar a professora Hawkins com um lindo buquê de rosas vermelhas e brancas nos braços. — Alguém deixou para você, devem ter confundido a sala e acabaram colocando na minha.

— Muito obrigada por trazê-lo para mim e parabéns pela apresentação, a dança das crianças do pré estava linda — digo e me adianto para segurá-lo, aspirando o doce perfume das flores.

— Você é boa demais, nós duas sabemos que só é bonito porque elas são umas gracinhas, mas que foi um fiasco — confidencia. — Tenha uma ótima noite Brooke, nos vemos na segunda. — Ela se afasta e mais dois casais entram buscando seus filhos.

Abro o cartão elegante e balanço a cabeça, sem acreditar que os rapazes se deram ao trabalho quando tínhamos combinado de sair para jantar todos os cinco assim que eu terminasse por aqui.

“Parabéns pela apresentação e dedicação contínua ao seu trabalho.”

PS: Esse tom de verde realça seus olhos.”

Um sorriso se abre em meus lábios conforme leio as palavras, olho para o meu vestido verde musgo com decote em formato de coração e sinto minhas bochechas corarem, não tem assinatura, mas sei que foram eles, afinal quem mais seria?

Os últimos pais entram na sala e são envolvidos rapidamente pelos braços ansiosos da filha, eles se despedem e depois de cuidadosamente deixar o buquê sobre uma cadeira, eu começo a caminhar pela sala, jogando todas as fantasias numa caixa de plástico.

— Precisa de ajuda? — A voz grave de Kyle soa atrás de mim e me viro para encontrar meus amigos parados perto da porta. Largo a caixa sobre uma cadeira e me adianto até eles.

— Até que pra um bando de pestinhas foram apresentações legais — Olivia elogia, me abraçando. — Mas que história maluca era aquela que a sua turma apresentou? Nunca ouvi falar daquele conto de fadas.

— Nem teria como, já que foram eles que criaram ao longo do ano — respondo com orgulho.

Assim que ela me solta, dois braços fortes me envolvem e o perfume amadeirado preenche meu nariz.

— Eu achei extremamente divertido, *babygirl* — Raffi exclama em meu ouvido antes de estalar um beijo em minha bochecha.

— É claro que achou, o evento é todo feito idealizando a sua faixa etária — Seth brinca antes de me abraçar rapidamente. — Parabéns, Abelhinha — sussurra.

— Ei, eu sou mais velho do que você — Raffi reclama.

— É a idade mental a que me refiro, Martinez — Seth rebate, piscando o olho para mim.

— Obrigada pelas flores — agradeço assim que Kyle me abraça.

— Que flores? — pergunta, franzindo o cenho em confusão.

— As rosas que enviaram, elas acabaram na sala da professora Hawkins, mas ela já me entregou — explico, apontando para o buquê.

— Caraca, são lindas mesmo — Olivia fala, pegando-as e enfiando o rosto no meio das pétalas.

Vejo meus três amigos se entreolharem, em uma comunicação silenciosa a qual não consigo decifrar. Raffi e Seth sacodem a cabeça e sinto um calafrio na espinha, que se espalha até se concentrar em meu estômago que parece feito de chumbo. Algo está errado.

— O que foi? — pergunto, três pares de olhos azuis se voltam para mim.

— Não fomos nós que mandamos as flores — Kyle anuncia e minhas mãos ficam geladas. Pela reação de Olivia sei que também não foi ela. Meus pais estão em um cruzeiro pelo Caribe, celebrando seu aniversário de casamento, logo não foram eles.

— Deixa eu ver o cartão — Seth pede e a morena lhe entrega o pedaço de papel. — Sem assinaturas, mas quem escreveu estava na apresentação. — Ele vira o cartão com o dedo indicador ressaltando a cor do meu vestido, na observação do bilhete.

— Estava disposto a concordar com Brooke quando ela disse que quem sabotou seu carro foram adolescentes, mas agora receio que estávamos certos — Rafael fala em um tom duro, que eu nem sequer me lembro de já tê-lo ouvido usar. — E quem quer que seja, estava aqui e fez questão que soubéssemos.

— Vou checar o estacionamento e ver se alguém lembra do entregador — Seth declara com a voz fria e sai apressado.

— Raffi, fica com elas, vou ligar para o Adonis, quero saber onde estão esses desgraçados — Kyle vocifera e sai com o celular nas mãos.

— Quem é Adonis e o que está acontecendo? — Olivia pergunta, colocando as mãos na cintura.

— Lembra que há algumas semanas cortaram os pneus do meu carro?

— Aham, foram pirralhos, não?

— Existe a possibilidade de ter sido retaliação, feita por ex-funcionários da Hades' Men — confidencia. A realidade da situação me tomando, o medo que senti e sufoquei pelas últimas semanas ressurgiu e ameaça me consumir. Olho para minhas mãos e vejo meus dedos trêmulos, mais uma vez estava em perigo e não tinha a mínima ideia, mais uma vez meus alunos estavam em risco por minha causa.

Respirar começa a se tornar difícil, mãos delicadas tomam as minhas e o olhar de Olivia encontra o meu.

— Fecha os olhos e respira comigo. — Faço o que ela pede, inspirando profundamente três vezes. — Agora, quem é Adonis? — pergunta novamente, abro os meus olhos para encontrá-la encarando Raffi.

— É um amigo e uma das suas especialidades é encontrar pessoas, por isso não precisa se preocupar. — Suas mãos envolvem os meus ombros e ele me puxa contra seu corpo, seu calor instantaneamente acalma meus nervos e sinto a tensão deixar minhas costas.

Não estou sozinha, tenho os melhores homens ao meu redor. Lembro das palavras de Raffi, de que eles nunca deixariam nada me acontecer.

— Ele é solteiro?

— É difícil acompanhar, acho que ele já foi casado umas quatro vezes, talvez mais — declara rindo, seus dedos começam a massagear meus ombros e tenho a impressão de que ele nem sabe que o está fazendo, que é apenas um reflexo.

Minha amiga arregala os olhos e sacode a cabeça.

— Parece complicado demais — murmura, antes de voltar a atenção para mim. — Vamos ter que jogá-las fora, né? — Indica

com a cabeça o buquê.

— Eu não vou ficar com ele, isso é certo, se você quiser pode pegar pra você.

— Ih, tá reciclando a ameaça do maluco, é sério isso? — Ela estala a língua em desaprovação e carrega o buquê até a lata de lixo, o soltando do alto para fazer um efeito dramático.

— Ninguém viu nada, chequei os nossos carros e nenhum sinal de sabotagem, mas acho que prefiro uma avaliação completa por especialistas — Seth informa, assim que cruza o batente da sala. Seus olhos esquadrinham o ambiente até pararem sobre mim. — Não se preocupe Brooke, vamos resolver isso e lembre-se que você não é indefesa.

Certo, era por isso que eu vinha treinando e praticando, sabia que minha motivação tinha triplicado e amanhã estaria ainda mais disposta a aprender tudo quanto fosse possível. Me afasto de Raffi e me concentro na tarefa de arrumar a sala, e como se tivéssemos combinado, assim que coloco a tampa na caixa, Kyle retorna.

— Adonis vai começar a investigar hoje mesmo, assim que souber de algo ele vai ligar — diz e caminha até mim. — Pronta para ir?

— Pronta — declaro.

— Ótimo, acho que todo mundo já foi embora e a última coisa que precisamos é ficar trancados aqui a noite inteira — Liv fala, gesticulando ao redor.

— Tem razão, vamos? — Raffi pergunta oferecendo um braço a ela, que pega e se vira para mim, rindo e piscando antes de acompanhá-lo para fora, e Seth vai com eles.

— Você está bem? — Kyle pergunta e segura meu rosto com as mãos.

— Sim, sim. Fiquei um pouco assustada, é claro, mas já estou melhor.

Ele beija a minha testa e passa um braço pelos meus ombros
ao caminhar comigo para fora da sala.

Capítulo 18



Kyle Thorne

— Sr. Thorne — Ryan, um dos porteiros, me cumprimenta quando paro e espero o portão abrir. — Chegou uma encomenda para a senhorita Roberts há menos de cinco minutos, o senhor se importa de levar para ela?

— Claro que não. — Ele me entrega uma caixa de papelão, quando eu a coloco no banco de passageiros, consigo ouvir o chacoalhar do que quer que seja que Brooke comprou.

Entro em casa e como sempre Cérbero e seus irmãos aparecem, me cheirando e cumprimentando, depois de uma inspeção cuidadosa atrás de biscoitos Apolo e Banguela voltam para dentro de casa, mas Cérbero caminha comigo até a academia.

Seth e Brooke estão treinando, meu irmão não pega leve e a troca de golpes entre eles é intensa, os dois atacam e defendem na mesma proporção, quase nunca consigo acompanhar seu treinamento já que passo a maioria das tardes na sede da Hades' Men, mas hoje consegui terminar tudo que precisava cedo e fui agraciado com essa visão.

O suor se acumula na base da coluna da loira, seus movimentos são precisos, seus olhos não se desviam do seu oponente, é notável a mudança em seu corpo, em seus músculos, não estou acostumado a vê-los em ação, quer dizer, não dessa forma, mas preciso admitir que é um tesão.

— Chegou cedo, Kyle — Seth diz, ele nem mesmo desviou o olhar da loira, mas é claro que notou minha presença.

— É raro, mas acontece — respondo. — Brooke, chegou uma caixa pra você — informo, e como Seth não para de desferir golpes, minha amiga não ousa perder a concentração para se virar para mim.

— Depois eu vejo — responde, no momento que Seth ganha vantagem e prende seu braço, ela agilmente consegue se soltar, mas ele a derruba, e a loira rola pelo chão, mais uma vez fugindo do seu alcance.

Fico tentado a interromper a luta e trocar de lugar com Seth, mas desde o que aconteceu na apresentação de teatro sei que Brooke tem se empenhado ainda mais e provavelmente não apreciaria o que eu tenho em mente, por isso me afasto e vou para a sala.

Já estou na metade de um dos Velozes e Furiosos quando Brooke aparece e se junta a mim, os cabelos úmidos do banho fazem seu perfume floral ficar ainda mais forte conforme ela se aconchega ao meu lado.

— Como foi o trabalho? — pergunta.

— Entediante, quero ver se pego mais algumas turmas, focar no administrativo é chato demais — respondo, passando um braço por seus ombros e a puxando para mais perto, beijando o topo da sua cabeça.

— Conheço bem essa sensação, agora que só estou indo para a escola para cumprir horários e planejar o próximo ano letivo sinto como se o período de trabalho fosse de dezoito horas, o tempo parece se arrastar — comenta, com uma careta.

— Falta só mais uma semana, *Sunshine*.

— Finalmente, vou surfar todos os dias! — celebra, e é como se isso a fizesse lembrar do meu comentário de mais cedo. — O que chegou pra mim?

— Como que eu vou saber? Você que comprou — brinco, indicando a caixa que está sobre a mesinha de centro.

A loira puxa a encomenda para o colo e depois de brigar com a fita por alguns segundos consegue abrir. Seus olhos verdes brilham de animação e surpresa quando tira a caixa dourada embrulhada com uma elegante fita azul, ela apoia a caixa no colo e posso ver o logotipo da Godiva, sua marca de chocolates favoritos na tampa, um sorriso exuberante se abre em seu rosto.

— Foi você? — pergunta, uma expressão de afeto que me faz puxar seu rosto para depositar um beijo em seus lábios antes de me afastar e responder.

— Não, mas agora queria poder dizer que sim.

Ela desfaz o laço e um pequeno envelope cai, depois de abrir e tirar o cartão sua expressão muda de animação para medo conforme seus olhos correm pelo papel.

— *Sunshine?* — chamo, atraindo sua atenção. — O que foi?

Ela estica a mão, me entregando o cartão que tiro dos seus dedos trêmulos.

“Já que não gostou das rosas, achei que poderia apreciar uma caixa de chocolates. Uma semana até suas férias e contando!”

Brooke se levanta jogando a caixa de bombons sobre a mesinha e sai com passos duros, corro em sua direção.

— Brooke, ei. — Seguro seu braço, antes de abraçá-la. — Vamos descobrir quem está por trás disso, prometo.

— Eles sabem onde eu moro, onde nós moramos — reclama e já não há medo em sua voz, só irritação. — Por que eu?

— Porque são covardes — respondo. Seguro seu rosto inclinando o para cima para que ela me olhe nos olhos. — Ei, vai ficar tudo bem, estão só tentando te assustar.

— Estão conseguindo! Não consigo entender a lógica de me mandar presentes, nenhum deles é uma ameaça, não de verdade, parecem mais lembretes.

— É uma tática barata para te desestabilizar, *nos* desestabilizar — corrijo, porque vê-la chateada e saber que os filhos da puta continuam a usá-la como alvo para nos atingirem já está me dando nos nervos. Vou precisar perguntar para Ryan sobre o entregador, ver se ele apareceu nas câmeras de segurança, mas posso fazer isso depois. Primeiro, preciso trazer o sorriso de Brooke de volta e sei exatamente como fazer isso.

— Vem, vamos dar uma volta — peço, dando um passo para trás e estendendo a mão que ela toma sem qualquer hesitação.

— Não estou a fim de sair de casa, Ky — responde.

— Prometo que vai valer a pena — sussurro em seu ouvido, vendo os cabelos da sua nuca arrepiarem.

— Preciso me trocar? — pergunta e me deixa apreciar seu corpo, ela veste um shorts jeans que evidencia as coxas torneadas e uma camiseta branca, está linda como sempre, mas vamos andar de moto e ela vai sentir frio, principalmente na volta.

— Precisa pelo menos de uma jaqueta...

— Onde vamos?

— Surpresa.



Em menos de 10 minutos já estamos deixando nossa casa para trás, os braços de Brooke envolvem minha cintura e seu corpo

inteiro se cola contra mim.

Sair da cidade e alcançar a rodovia CA-1 leva pouco mais de meia hora, mas logo estamos numa das autoestradas mais lindas que eu já vi. Nosso destino ainda está longe, mas o trajeto é algo a ser apreciado, já que somos acompanhados pelo oceano em um dos lados pela maior parte do tempo, as paisagens mudam e hora estamos no nível do mar e noutra estamos dirigindo sob penhascos com as vistas mais deslumbrantes.

O Big Sur^[12] é o meu lugar favorito no mundo. Abro a viseira do capacete para ser atingido pelo cheiro salgado que permeia o ar, sinto Brooke relaxar as minhas costas quando faz o mesmo. Sei que ela tem uma conexão semelhante com o mar, foi uma das razões para trazê-la para cá, mas hoje tenho planos que não incluem o surfe.

Já perdi as contas de quantas vezes trouxe minha Harley para percorrer essa estrada, sempre foi uma forma de terapia e quero compartilhar um dos pequenos segredos que encontrei em uma dessas viagens com a minha melhor amiga.

A entrada para a praia é praticamente invisível para aqueles que não sabem que ela existe, as pessoas que conhecem são obrigadas a caminharem até o pedaço de paraíso escondido entre dois penhascos, mas uma das vantagens de ter uma moto é que consigo dirigir até lá embaixo.

— Onde você pensa que vai? — Brooke grita.

— Confia em mim?

— Sempre — responde, e volta a apertar os braços ao meu redor enquanto descemos o caminho de terra.

Quando estaciono na praia perdida e isolada, ela solta um gritinho de felicidade e tira os tênis com pressa, afundando os dedos na areia.

— Onde? Como?

— Eu não sei o nome. — Dou de ombros, caminhando até ela e tirando seu capacete. — Mas eu a encontrei por acidente, estava dirigindo um dia e vi dois garotos entrando na mata com uma caixa de isopor, quando me aproximei notei que existia um caminho então eu segui.

— É maravilhosa — exclama, se virando para o oceano.

Envolvo sua cintura e apoio minha cabeça sobre a sua, ficamos em um silêncio cúmplice. O som das ondas se quebrando criando uma melodia calmante ao nosso redor. Brooke suspira ruidosamente e se aconchega ainda mais contra mim.

— O que foi, *Sunshine*?

— Nada.

— Brooke.

— Eu não consigo esquecer o que aconteceu. Primeiro foram os pneus, mas isso já foi há semanas. Por que agora decidiram se fazer mais presentes? O que eles querem? E o que eles ganham me mandando coisas? — Ela se vira em meus braços, levantando o rosto para me encarar. — Como sabem que a coleção *Gold* da Godiva é a minha favorita? Não é um chocolate qualquer, Ky! Nem mesmo são baratos, é o tipo de coisa que você manda para alguém que você gosta. Não faz sentido nenhum.

— Também não entendo qual o objetivo deles, mas você não precisa se preocupar, está segura, e o mais importante, não está sozinha. — Seguro seu rosto com as mãos, acariciando suas bochechas antes de reivindicar seus lábios.

O beijo começa calmo, cheio de ternura, nossas línguas travando uma dança sensual, mas, como sempre, o desejo logo me domina. Brooke morde meu lábio inferior, o sugando para dentro de sua boca, suas mãos descendo pelas minhas costas até apertar a minha bunda.

Uma das minhas mãos desce para o seu pescoço, segurando-o e inclinando sua cabeça ainda mais, me permitindo melhor

acesso. A outra desce e aperta seu peito por cima do tecido grosso do moletom, o que me frustra.

— Me deixa te fazer esquecer, *Sunshine* — murmuro contra sua boca enquanto subo minha mão por baixo das suas roupas, meu dedo circula seu mamilo, e um gemido baixinho deixa seus lábios.

Um sorriso cheio de luxúria se abre em seu rosto.

— Vai finalmente cumprir o que prometeu aquele dia? — pergunta, beijando meu maxilar e mordendo meu queixo. Suas mãos explorando meu abdômen.

— Que dia?

— Quando você disse que me foder contra a sua Harley seria tentador.

— Ah, tem pensado muito nisso, Brooke? — pergunto, beliscando seu mamilo e a fazendo arfar.

— Toda vez que a vejo parada na nossa garagem.

Nossa garagem. Será que ela tem ideia do que faz comigo cada vez que se refere a nossa casa como dela?

— Sabe que tudo que precisa fazer é pedir, *Sunshine*. Achei que já tínhamos estabelecido isso.

Sua mão se fecha em punho na minha camiseta, seus olhos escurecidos de desejos prendem os meus quando ela fala:

— Me fode até que eu esqueça o meu próprio nome — ela ordena, e puta que pariu! Suas palavras foram comandos diretos para o meu pau que está mais do que preparado para venerá-la.

— O único que você vai lembrar vai ser o meu de tanto que vai gritá-lo. — Meus dedos abrem o botão dos seus shorts e descem o zíper apenas o suficiente para poder enfiar minha mão dentro da sua calcinha e apalpar seu sexo, encontro seu clitóris e esfrego minha palma contra ele. Brooke agarra meu ombro e rebola na

minha mão, penetro-a com dois dedos e ela cavalga neles enquanto nos guio de volta para a moto.

Ela vai ficando cada vez mais molhada, melando meus dedos que entram e saem da sua boceta gostosa. Seus gemidos vão ficando cada vez mais altos, ela cola nossos lábios em mais um beijo faminto enquanto me puxa para mais perto, tentando apagar o espaço entre nós. Brooke desce uma das mãos para o meu pau, acariciando a extensão sobre a calça duas vezes antes de começar a trabalhar em abri-la, quando consegue, a peça cai até meus tornozelos e ela envolve minha ereção nas mãos, me masturbando na mesma velocidade em que a fodo com meus dedos.

Sinto suas paredes esmagarem meus dedos quando ela goza, mordendo os lábios para conter seus gemidos.

— Achei que tinha deixado claro que quero ouvi-la gritar, *Sunshine* — digo, mordendo o lóbulo da sua orelha. Ela protesta quando tiro meus dedos de dentro dela. — Agora, apoia suas mãos no assento e empina bem essa sua bunda maravilhosa.

Ela faz como eu peço, tirando os shorts e a calcinha no processo e me presenteando com a visão que é a sua bunda redonda e durinha empinada contra a minha moto. Pego um preservativo na minha carteira e o coloco me posicionando nas suas costas.

Provoco a sua entrada com o meu pau, colocando só a minha glândula, sentindo sua boceta me engolir e meus olhos rolam de prazer. Seguro sua cintura com as duas mãos e me enterro nela, meu grunhido de prazer se mistura ao seu gemido.

Começo a estocar fundo e firme, me retirando quase por inteiro para voltar a socar todo meu pau, Brooke rebola no ritmo das minhas investidas, o som molhado de nossos corpos colidindo, se unindo ao barulho das ondas à distância.

Estalo um tapa contra a bunda de Brooke, fazendo-a arfar e gemer ainda mais alto. Deslizo uma mão por sua espinha, até

alcançar sua nuca, enrolando seus cabelos em meu punho e aumentando o ritmo das minhas estocadas.

Seu sexo pulsa ao redor do meu pau me fazendo ver estrelas.

— Caralho, você é muito gostosa — gemo e lhe dou mais um tapa, vejo a pele ficando vermelha enquanto continuo entrando e saindo de dentro dela.

— Mais rápido, Kyle — ela pede, virando o rosto pra mim, as bochechas coradas e uma camada de suor nas têmporas.

Seguro sua cintura com uma das mãos ainda mantendo seus cabelos na outra, os puxando de leve e fazendo suas costas arquearem, e aumento o ritmo como ela pediu.

— Isso, assim... — ela geme, sua respiração acelera e ela esmaga meu pau cada vez mais, seu clímax se aproximando, mudo o ritmo só um pouco, apenas o suficiente para impedi-la de cruzar o limite.

— Não — ela protesta. — Kyle, por favor... — implora.

Solto seus cabelos, segurando seus quadris com as duas mãos e volto ao ritmo anterior, me enterrando tão fundo quanto possível, seus gemidos se tornam gritos. Poucas investidas depois e ela já está se contorcendo novamente.

Não paro quando as primeiras ondas do seu orgasmo começam, mas curvo-me sobre ela, buscando seu clitóris enquanto continuo com investidas curtas, sentindo o meu próprio orgasmo se aproximando.

— Kyle! — ela grita meu nome quando me esmaga mais uma vez e aquela única palavra é a minha ruína, me levando ao limite e muito além.

— Nunca mais vou conseguir vir aqui sem lembrar de hoje — brinco, me afastando e me livrando da camisinha na única lata de lixo que existe por ali.

Brooke já está abotoando os shorts quando volto, ela me abraça com um sorriso travesso.

— Podemos sempre voltar — fala e fica na ponta dos pés, colando os nossos lábios.

Eu sei que eu a trouxe aqui para acalmá-la, mas porque parece que foi ela quem fez isso? Com Brooke nos meus braços, nesse pequeno pedaço de paraíso parece que nenhum dos problemas do mundo real pode nos atingir.

Capítulo 19



Férias, finalmente.

Antigamente, isso significaria longos dias na praia pegando ondas e relaxando, mas desde a apresentação de final de ano há duas semanas, não consigo afastar o sentimento de que estou sendo observada todas as vezes que saio de casa.

Para ajudar, os “presentes” como Raffi decidiu se referir às encomendas, começaram a chegar com cada vez mais frequência. Uma era diferente da outra, mas deixava claro o conhecimento sobre a minha rotina.

Primeiro foi uma caixa dos meus chocolates favoritos, alguns dias depois chegou uma caixa com um *short John*^[13] da Billabong novo e exatamente do meu tamanho, acompanhado de um cartão que desejava ótimas férias e que eu aproveitasse o presente. No dia seguinte, recebi apenas uma carta, perguntando porque eu tinha jogado fora tudo que tinha recebido. Numa tarde, depois de encontrar Liv em uma cafeteria perto da sua casa, recebi o colar que tinha admirado na vitrine de uma boutique qualquer.

O que me tirava a paz é que elas eram entregues na portaria da nossa casa, o que deixava claro que sabiam onde morávamos, mas interrogar os entregadores não resultava em nada, já que todos eram contratados por um aplicativo de entrega pré-pago, sem que nunca vissem quem os mandou. Os e-mails cadastrados no aplicativo eram falsos e criados ao redor do mundo, usados apenas uma vez.

Suspiro, me deitando na grama do jardim enquanto espero que meus cães achem suas bolinhas espalhadas pelo espaço. *Meus* cães, não conseguia mais pensar neles como de cada um dos rapazes e nem mesmo imaginar minha vida sem suas companhias constantes. O mesmo podia ser dito de seus donos, encaro o céu azul refletindo sobre todas as mudanças nos últimos tempos.

Tudo isso era para ser temporário, mas já estou morando aqui há mais de dois meses e não consigo nem mesmo cogitar empacotar minhas coisas e procurar outro lugar para morar, essa não era mais a casa deles, mas a nossa. Nosso lar.

Uma bola molhada cai na minha coxa e me ergo nos cotovelos para ver Apolo, sentado e esperando para que eu a lance mais uma vez.

— Muito bem, garoto! — elogio, afagando suas orelhas antes de jogar a bola de tênis o mais longe que eu consigo.

Não demora muito para Banguela e Cérbero correrem em minha direção, podia jurar que estavam brigando para ver quem me alcançaria primeiro.

— Acalmem-se os dois — ralho com eles, mas já estão muito embalados para conseguirem frear e acabo num sanduíche de patas e pelos. Cubro meu rosto para me proteger das lambidas, e ouço quando Apolo se junta à festa, não consigo parar de rir conforme sou atacada por eles.

— *Babygirl*, o almoço está pronto — Raffi chama da porta, e deve ter notado minha situação um segundo depois, pois sua risada

se junta a minha. — Ei, seus aproveitadores, não se ataca quem já está caído.

Ele dispersa os cães e me estende a mão.

— É isso que você ganha por mimá-los, eles não te escutam.

Reviro os olhos e me viro para os três peludos ao nosso redor.

— Senta! — Todos os três me obedecem prontamente. — Deita. — Mais uma vez eles fazem o que eu peço, me viro para ele com a sobancelha arqueada e dou de ombros. — Acho que tenho tudo sob controle, eles só estavam demonstrando o quanto gostam de mim.

Raffi envolve minha cintura, se inclinando e lambendo meus lábios antes de reivindicá-los em um beijo quente, sua língua explora a minha boca enquanto sua mão desce para minha bunda e a aperta, grudando meu corpo contra ele.

— Só demonstrando o quanto gosto de você, *babygirl* — diz, colando nossas testas e prendendo meu olhar com a potência da emoção que encontro em seus olhos azuis, tão claros que parecem cinzas à luz do sol, ele se afasta e me estende a mão novamente. — Vem, vamos almoçar, se eu me atrasar mais uma vez essa semana Kyle vai se divertir em me dar sermão.

— Você não pode me culpar por chegar atrasado, Rafael — eu reclamo, mesmo sabendo que a culpa era parcialmente minha.

— Claro que posso, você me distrai e eu esqueço que preciso ir trabalhar.

— E, posso saber, como exatamente eu faço isso? — pergunto, dando um tapa em seu braço e entrando na cozinha.

— Você existe Brooke, simples assim. Por que eu iria querer me enfiar numa sala predominantemente cheia de macho quando poderia ficar em casa com você, fazendo coisas muito mais divertidas. — Seu tom sugestivo deixa claro o que tem em mente.

A noite em que Raffi se juntou a mim e Kyle mudou a nossa relação, nossa amizade continuava ali, mas todos os flertes e

brincadeiras, que antes eu dispensava, agora acabavam com nossos corpos colados e as respirações ofegantes.

— Do jeito que você fala, até parece que vou me transformar numa abóbora durante a noite — ironizo, me servindo do frango com batatas que ele preparou.

— Não, mas a noite eu preciso dividir — comenta e isso me para. Volto meu olhar para ele, que está montando seu prato tranquilamente.

Nossa noite a três não tinha voltado a se repetir, mas isso não impediu nenhum dos dois de reclamar meu corpo em momentos diferentes. Estava fazendo o que Liv havia sugerido naquele dia na praia: aproveitando meu tempo com eles, se eu me sentia atraída pelos dois e não estava enganando ninguém, que mal poderia haver?

— Você está com ciúmes? — pergunto em meia voz.

— Não, Brooke. — Ele deixa o prato sobre a bancada e se vira pra mim, colocando as mãos em meus braços. — Já falamos sobre isso várias vezes, o que quis dizer é que gosto de ter esses momentos com você só para mim.

Ele pega nossos pratos e leva para mesa, antes que eu possa sequer falar algo, acrescenta:

— E não se preocupe com Thorne, ele também está tranquilo com nosso pequeno acordo.

— Então tá bom — concordo e me sento ao seu lado.

Almoçamos conversando amenidades e assim que termina, Raffi me dá um beijo e vai se trocar para ir para a sede da Hades' Men Corp. Já estou lavando a louça quando ele retorna, entrelaçando as mãos na minha barriga, se colando as minhas costas e repousando a cabeça sobre a minha.

— Tá vendo? Como que eu posso ir embora?

— Para de drama, vai trabalhar — rebato, balançando a cabeça em descrença.

— Só mais um beijo e eu vou — ele declara, e desliga a água antes de me virar para ele.

Suas mãos seguram a minha cintura e me levantam até me sentar na bancada, ele se posiciona entre minhas pernas e sorri malicioso antes de colar os nossos lábios em um beijo ardente.

Sua língua explora a minha boca, uma das suas mãos sobe para massagear meu seio enquanto a outra desce e cobre meu sexo por cima do shorts, ele esfrega a palma causando um atrito delicioso com a costura da peça em meu ponto mais sensível, não consigo controlar o gemido que é engolido por ele. Quando rebolo, Rafael morde meu lábio inferior e se afasta, com um sorriso sacana na boca vermelha por causa do beijo.

— Agora, eu não vou ser o único esperando por essa noite. — Pisca em minha direção, e reacomoda sua ereção na calça antes de sair.

— Você me paga, Rafael! — reclamo e ouço sua risada no corredor. — Hoje é noite de filmes — acrescento, mas ele já saiu.

Levo alguns momentos para me recompor e terminar de arrumar a cozinha, nem mesmo vinte minutos depois Seth entra e Banguela corre para cumprimentá-lo.

Eles acham que ainda não percebi que estão fazendo o possível para que eu não fique sozinha. Todos os três agem como se as cartas e presentes não fossem nada, mas sei que não conseguirem respostas os incomoda e os preocupa.

— O almoço ainda está quente, Seth — digo como forma de cumprimento.

— Prefiro comer depois do nosso treino, vou só fazer uma vitamina, você acabou de almoçar? — pergunta, abrindo a geladeira e pegando o que precisa.

— Não, já faz quase meia hora, só preciso me trocar e estarei pronta — aviso.

— Tem certeza? Podemos esperar mais um pouco para não correr risco de ter indigestão.

— Tenho, está mais parecendo que você quer uma folga, o trabalho hoje foi pesado? — pergunto, abrindo o armário e pegando um dos pacotes de ração. Encho cada pote com a respectiva ração, já que cada um dos cachorros tem a própria, mal me levanto e eles já estão à minha volta.

— Banguela — Seth diz, sua voz não se altera, mas o pitbull olha pro dono e se senta na frente do pote, extremamente obediente. Já, Apolo e Cérbero, não perdem um segundo sequer e atacam a comida. — Pode comer — meu amigo dá permissão para o pobre coitado que estava quase babando.

— Isso é maldade — falo, guardando tudo.

— É disciplina, vá se vestir que vamos começar assim que eu terminar aqui — ele rebate e liga o liquidificador, me impedindo de responder.

Me adianto em vestir uma legging e camiseta, me preparando para o treino que ultimamente se divide em fortalecimento de musculatura e lutas práticas. Onde tenho que usar tudo que Seth já me ensinou para pelo menos conseguir me livrar dele por tempo suficiente e correr até o outro lado do tatame, das últimas quinze vezes eu consegui três, o que achei um absurdo, mas ele pareceu extremamente satisfeito com meu progresso.



— Nós não vamos assistir à comédia romântica hoje — Raffi declara, enchendo a mão de pipoca e levando a boca. — E não adianta me olhar com essa cara não.

— Que cara? — pergunto, cruzando os braços.

— Essa, de cachorro perdido na mudança.

— Eu não tô fazendo cara nenhuma, mas é injusto vocês sempre escolherem os filmes — reclamo.

— Ei, é feito um rodízio — Kyle intervém, me fazendo virar para o meu lado direito, onde ele está acomodado no sofá.

— Ah, claro. O único problema é que vocês três — aponto para todos eles. — Têm o mesmo gosto para cinema, então acabamos sempre assistindo algum filme de ação.

— E quando chega a sua vez, nós temos que assistir aquele filme das meninas que cantam — Raffi argumenta.

— Faz quase um mês que assistimos “A Escolha Perfeita” — argumento, olhando de um para o outro. — Seth, me ajuda, é a minha vez.

— Não, não é, Abelhinha. É a minha. Semana passada foi o Kyle, na anterior o Raffi e antes dele, você. Semana que vem você pode escolher o que quiser — ele diz com um sorriso, pegando o controle remoto, abrindo o serviço de streaming e escolhendo o filme da vez: “Busca Implacável”

— Sério, Seth? — Kyle pergunta. — Você já sabe ele de cor.

— Eu gosto, é a minha vez, quando você nos fez assistir “Tokyo Drift” pela milionésima vez ninguém falou nada, então só cala a boca, caralho, e assiste essa obra prima. — Ele aperta o botão no controle e o filme se inicia.

— Raffi, desligue a luz que você tá mais perto — peço.

— Não, não, para aí. — Ele se levanta, sinto imediatamente a diferença de temperatura quando ele sai. — Para essa merda aí que eu tenho que pegar mais pipoca.

— Traz uma coca pra mim — peço com um sorriso.

— E mais cerveja — Kyle acrescenta, passando um braço pelos meus ombros e me acomodando melhor ao seu lado.

— Pra mim também — Seth pede.

— Tenho cara de garçom por acaso? — Raffi pergunta da porta.

— Você não quer que eu te responda, irmão — Kyle provoca, Raffi joga os braços para cima e segue para a cozinha, com Apolo em seu encalço.

Banguela continua deitado aos pés do Seth, ressonando tranquilamente. Já o Cérbero, que estava deitado no chão perto de mim, aparentemente decidiu que seria uma boa ideia ocupar o lugar no sofá ao meu lado, exatamente onde Raffi estava um minuto antes. O rottweiler apoia a sua cabeça em meu colo, eu afago suas orelhas e lhe dou algumas pipocas.

— Isso é uma piada? — Raffi pergunta, as mãos completamente ocupadas conforme ele equilibra todos os nossos pedidos. — Cérbero, sai daí — manda, mas o cachorro só levanta a cabeça e a inclina um pouco, antes de voltar a colocá-la em meu colo, ignorando-o com tranquilidade.

Rafael entrega as bebidas para cada um de nós e volta para o seu lugar, ele estica o braço como se fosse empurrar Cérbero para longe.

— Deixa ele aí Raffi, tadinho — digo.

— Tadinho dele? E de mim, *babygirl*? — pergunta, levando a mão ao peito com afetação.

— Você saiu — dou de ombros. — Nunca ouviu que quem vai ao ar, perde o lugar?

— E onde que é suposto eu ficar agora? — ele pergunta.

— Qualquer lugar, eu quero ver o filme — Seth reclama.

— Já vou arranjar um lugar pra você, Martinez — Kyle diz, e o braço dele que estava sobre meus ombros passa por baixo do meu e ele me levanta, me sentando em seu colo e envolvendo meu abdômen com a mão.

— Droga, por que eu não pensei nisso?

— Porque você é burro — Seth responde o que era uma pergunta retórica.

Raffi se volta para ele.

— Não sou eu que estou sentado no canto sozinho, irmão!

— Eu vou dar início ao filme, fiquem quietos.

— Alguém apaga a luz — peço, conforme os créditos iniciais aparecem na TV. — Obrigada, Raffi.

Uma das mãos do Kyle repousa na minha coxa enquanto a outra brinca com a barra da camiseta do meu pijama. Seus dedos me provocam pequenos arrepios, me mexo tentando me acomodar melhor, completamente ciente do corpo musculoso às minhas costas.

— Acho que esse é o meu novo jeito favorito de assistir TV, *Sunshine* — murmura contra meu ouvido, fazendo os cabelos na minha nuca ficarem em pé, antes de me apertar ainda mais contra ele.

Será que esse filme é muito longo?

Capítulo 20

Rafael Martinez



— Temos alguma novidade? — pergunto, olhando para Kyle e admirando o dia ensolarado, o início de verão visível através das janelas com vista panorâmica para a cidade atrás dele.

— Nada, não sei quem aqueles filhos da puta tem no bolso, mas é muito bom. A encriptação usada em cada uma das atividades é surreal, como se a pessoa tivesse criado o próprio código, e pelo que eu entendi, a chave para decifrá-lo muda de tempos em tempos.

— A ousadia deles está ficando perigosa — Seth acrescenta em um tom irritado, tamborilando os dedos sobre a mesa.

— Precisamos dar um fim nisso o quanto antes, não gosto nada de pensar que ela está exposta — declaro. A sede da Hades' Men é o único lugar onde conversamos abertamente sobre os malditos presentes que Brooke continua recebendo. Contatar a polícia é uma opção tão risível que nem mesmo perdemos tempo considerando-a. Não temos provas, nenhuma evidência concreta que liga os cretinos que demitimos à eles.

O silêncio se instala conforme cada um de nós se perde nos próprios pensamentos. A ideia de ficar parado enquanto espero um

rumo a seguir me irrita, preciso de um alvo, uma direção. Uma forma de garantir a segurança da loira.

Mas a cada dia que passa, acabamos dando de cara com outra rua sem saída e não tem nada que eu possa fazer.

— Bom, se tem uma coisa que ficar olhando para a cara de vocês com certeza não vai fazer é resolver o problema — digo, me levantando. — Por isso, vou para casa apreciar um rosto bem mais bonito. — Pelo menos, se estiver com ela, garanto que nada pode acontecer.



Chego em casa e chamo por Brooke, porém fico sem obter resposta, nada além da recepção calorosa dos três guardiões, e sigo para o jardim.

Como esperado, ali está ela, gostosa como sempre. Brooke está deitada de bruços em uma toalha ao lado da piscina, os cabelos loiros presos em um coque no topo da cabeça, com um biquíni lilás que mal cobre sua bunda redonda. Uma fina camada de suor cobre a sua pele e já quero sentir seu gosto em minha boca. O desejo e atração que sinto por ela parece crescer a cada dia que passa. Como se cada minuto que passo com ela não é o suficiente, quero sempre mais.

Assim que abro a porta ela se vira em minha direção, apoiando o rosto em uma das mãos e abrindo um sorriso exuberante que ilumina seu rosto.

— Estou vendo que está aproveitando bem o fato de que Seth tem aulas hoje à tarde — brinco.

— Não podia desperdiçar esse dia lindo — rebate.

— E passou protetor? — pergunto, caminhando até ela.

— Claro — ela responde, indicando o frasco ao seu lado com a cabeça.

— É uma pena.

— Sabe, eu li em algum lugar que é preciso reaplicar a cada poucas horas — Brooke fala, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Ah, é? E já está na hora?

Ela vira o pulso esquerdo, como se estivesse vendo as horas num relógio imaginário.

— Acho que sim. — Ela me entrega o tubo e eu me ajoelho ao seu lado.

Me abaixo para beijar o seu ombro, a pele macia, quente pelo tempo sob o sol, é deliciosa.

— Raffi... — ela fala meu nome, e eu juro que não existe som mais delicioso que esse meio gemido. Estou mentindo, ouvi-la gritar de prazer é sempre melhor, mas esse é um ótimo segundo lugar.

— Tá bom, tá bom. Estou focado na missão, *babygirl*.

Espremo o protetor solar direto nas suas costas e vejo a pele se arrepiar. Começo a espalhar o creme, fazendo questão de massagear bem seus ombros, o gemido suave que ela solta é um afrodisíaco que envia um comando direto para o meu pau. Desço as mãos por suas costas, apertando e massageando pelo caminho até chegar em sua bunda.

Espalho um pouco mais de protetor em cada nádega, apertando com vontade a pele macia. Desço pelas suas pernas tendo cuidado de cobrir toda sua pele, quando termino subo os dedos pela parte interna, deslizando numa carícia tão leve quanto uma pluma, mal encostando de fato, só o suficiente para causar arrepios até alcançar seu sexo coberto pelo biquini e cobri-lo com a minha mão, a fazendo arfar.

— Vira pra eu passar do outro lado — peço, e ela rapidamente obedece.

Começo pelas pernas, e noto que ela as afasta quando alcanço suas coxas torneadas, espalho o creme por sua barriga, massageando em círculos e depois vou para seus braços. Quando espremo o tubo sobre os seus peitos ela inspira rapidamente com o choque de temperatura. Com a ponta do indicador espalho o protetor sobre um seio, vendo seu mamilo endurecer, repito os movimentos no outro. Brooke arqueia as costas, empurrando o peito contra minha mão.

A loira segura meu pescoço, me puxando contra ela e colando as nossas bocas, ela chupa meus lábios antes de invadir minha boca com a língua, exigindo passagem. Seu beijo é febril, incendiando a minha pele e apagando qualquer vestígio de autocontrole que eu ainda possuía. Me apoio com uma mão ao lado da sua cabeça e cubro o seu corpo com o meu. Brooke abraça minha cintura com as pernas, pressionando sua boceta contra minha ereção, que protesta com a quantidade de roupa ainda nos separando.

Mordo seu lábio inferior quando me afasto, o meu olhar percorre seu rosto corado, os olhos verdes escurecidos de tesão, a boca vermelha e inchada pelos beijos e sou atingido por uma informação dramática.

— Acho que estou apaixonado por você. — As palavras deixam a minha boca no mesmo momento em que o pensamento se forma. Brooke arregala os olhos, sua boca abrindo e fechando, como se não conseguisse achar as palavras. Colo os nossos lábios em um selinho antes de acrescentar: — Não precisa dizer nada, só queria que você soubesse.

Me perco em seus lábios mais uma vez, ela não precisa me responder, não quando seu corpo diz tudo que eu preciso saber. Minhas mãos exploram sua pele, desfazendo os laços do seu biquíni pelo caminho, enquanto Brooke tira minha camiseta, seus dedos trilham meu abdômen.

Começo a beijar seu pescoço, descendo para sua clavícula até alcançar um dos seios, empurro o biquíni para o lado e provooco o

seu mamilo com a ponta da língua, sua mão agarra a minha nuca, me pressionando contra a carne macia, mas eu tenho outro destino em mente e continuo a descer, deixando beijos a cada centímetro de pele dourada por onde passo.

Tiro o tecido solto que ainda cobre sua boceta com a boca, abrindo com a língua seus grandes lábios e sentindo a umidade que já se acumula ali.

— Tão molhada — falo, levantando os olhos para encontrar sua atenção sobre mim.

— A culpa é toda sua — responde, e orgulho me preenche. — O que você pretende fazer a respeito? — ela me desafia.

Eu já disse que adoro desafios? Seguro suas coxas, a puxando contra mim enquanto afundo meu rosto entre as suas pernas, alternando entre lambidas e chupadas, dando atenção especial ao seu clitóris até que a loira esteja se contorcendo e rebolando na minha cara. Meu pau está pulsando e querendo participar da festa também.

— Raffi — ela geme meu nome, puxando meus cabelos para que eu olhe para ela.

— Sim? — pergunto, soprando sobre sua carne quente e arrancando outro gemido da loira.

— Quero você em mim, agora — ela implora, e eu nunca poderia negar-lhe coisa alguma. Me livro das calças e cueca, mas tenho que voltar e pegar um preservativo na minha carteira.

— Vocês sempre tem uma camisinha à disposição?

— Um cara pode sonhar e com você por perto é melhor estar sempre prevenido — respondo, me posicionando entre suas pernas e alinhando meu pau com sua entrada.

Me inclino sobre seu corpo, reivindicando seus lábios no momento em que eu me enterro nela de uma só vez, abafando seu grito com o beijo. A sensação das suas paredes abraçando meu pau é divina, depois de alguns momentos, quando acho que Brooke já

se acostumou com a minha presença dentro dela, eu começo a investir contra ela, tirando meu pau quase por inteiro para meter novamente.

Nossos gemidos se intensificam e eu aumento o ritmo, a loira rebola a cada investida, tornando tudo mais intenso. A porta se abre atraindo a minha atenção, e quando me viro encontro Kyle caminhando em nossa direção.

Sorrio para ele antes de voltar meu foco para a loira, que ao ver nosso amigo esmagou meu pau da mesma forma que fez naquela noite. Diminuo o ritmo das minhas investidas apenas o suficiente para impedir Brooke de gozar enquanto me viro para o recém-chegado.

— Estamos um pouco ocupados aqui, irmão. Seja lá o que for, pode esperar — aviso.

— Pode sim — ele concorda, e se senta numa espreguiçadeira, seus olhos fixos na loira. — Oi, *Sunshine* — cumprimenta.

— Oi — ela meio fala, meio geme.

Com um polegar estímulo seu clitóris sensível, e ela solta um grito quando volto a estocar fundo, retomando o ritmo. Brooke está claramente ainda mais excitada, melando meu pau com sua lubrificação.

— Você gosta de ser observada, *babygirl*? — pergunto, ela morde o lábio e desvia o olhar.

— Acho que ela gosta — Kyle concorda. — Mas não tanto quanto eu gosto de ver esse rosto tomado de tesão, tem noção de quão gostosa você está, Brooke? Olha o que você faz comigo, *Sunshine*.

Não preciso desviar minha atenção para saber ao que se refere, o poder que a loira tem sobre nós é absoluto.

— Martinez, faz a *nossa* garota gozar gostoso — Kyle pede.

— Você o ouviu *babygirl*, goza pra nós.

Aumento a velocidade das investidas, sentindo a pressão do orgasmo começar a se acumular em meu corpo, exigindo libertação.

— Mais forte — ela pede, cravando as unhas nos meus ombros, eu sorrio e atendo seu pedido. — Isso, assim — a loira geme, arranhando as minhas costas. Suas coxas começam a tremer e sua boceta aperta meu pau em ondas conforme seu corpo é levado pelo orgasmo. Duas investidas depois eu a acompanho, alcançando um clímax devastador. Seus braços me envolvem em um abraço e reivindico seus lábios, saindo de dentro dela.

— Ah, é, já ia me esquecendo — Kyle fala, já se levantando.
— Eu vim perguntar, vocês querem comida chinesa para o jantar?

Capítulo 21



— *Frappuccino* de caramelo e um *Iced Latte* para Olivia — chama o barista, e minha amiga se adianta para buscar nossas bebidas.

— Tá, mas peraí, ele se declarou? Com todas as letras? — pergunta assim que me entrega meu *latte*.

Dou um gole na bebida refrescante, minha mente voltando na tarde anterior quando estava na piscina com o Raffi, e meu corpo acorda em resposta a memória, ansiando para senti-lo novamente.

— Aham, sem nenhuma hesitação ou cobrança de uma resposta.

— Mas você sabe como se sente? — minha amiga questiona, apoiando o rosto na mão enquanto toma seu café pelo canudinho de papel.

Suspiro.

— Sei, óbvio, mas não consegui dizer nada. Ele é incrível, carinhoso e divertido, como alguém poderia resistir? — pergunto de forma retórica. — Mas eu sempre ouvi que só podemos amar uma

pessoa por vez, que se você está apaixonada por mais de um então não gosta de uma de verdade.

— Hm... e quem exatamente te disse isso?

— Todo mundo? — Dou de ombros e baixo a cabeça.

Não lembro quando foi que percebi que estava me apaixonando por Raffi, mas depois de todo o tempo que passamos juntos, da forma como ele me trata e me faz rir, eu nunca tive chances de verdade. Quem não se apaixonaria por Rafael Martinez?

— Ah sim, as mesmas pessoas que costumam julgar o valor de alguém pelo emprego que ela tem? Cor da pele? Esse todo mundo? — Liv pergunta, estendendo a mão para segurar a minha e atrair minha atenção para seu rosto. Seus olhos cheios de carinho me fitam. — E daí se você ama dois homens que te amam de volta? E daí que você precisa de dois ou mais homens — ela pisca para mim. — Para te fazerem feliz? Você merece isso, B. Tem gente que passa a vida procurando pelo tipo de amor que você está vivendo, não deixe que ele escape por seus dedos.

Sinto meus olhos arderem e pisco para afastar as lágrimas que ameaçam se formar.

— Olivia Jones, você é a melhor amiga do mundo.

— Eu sei, eu sei, mas ainda quero mais detalhes do que aconteceu quando o Kyle apareceu.

Conto sem dar muitos detalhes, o que a irrita profundamente, mas estamos em uma cafeteria no meio do shopping em horário de pico, não vou ficar descrevendo minha vida sexual tão abertamente.

Assim que terminamos nossas bebidas, vamos fazer compras, que era a desculpa para esse encontro no meio da semana. Passamos em três lojas de roupas, onde Liv encontrou três novas blusas, dois sapatos e um vestido. Já eu, só escolhi duas peças: um shorts jeans claro e uma blusinha de alças com estrelas.

— Onde você quer jantar? — pergunto ao sairmos da última loja.

— Na verdade... — Ela se vira para mim com um sorriso no rosto. — Eu meio que tenho um encontro.

— O que? — Dou um tapa em seu braço. — Como assim? E não me falou nada durante as últimas duas horas, que tipo de melhor amiga é você?

— O tipo que te ouve e presta atenção em todos os desdobramentos da sua vida a ponto de esquecer um pequeno detalhe — ela rebate.

— Justo, mas quem é?

— Então, é um dos advogados que trabalha em um escritório no mesmo prédio que trabalho. — Ela dá de ombros como se não fosse importante, mas consigo notar o brilho de animação em seu olhar.

— É por isso que você queria fazer compras — acuso. — E porque estava tão indecisa em qual dos vestidos escolher.

— Sim, e seu conselho foi ótimo, o vermelho ficou deslumbrante — ela repete minhas palavras de quando provou a peça.

— Eu espero um relatório completo pela manhã, Jones — falo, entrelaçando meu braço com o dela e caminhando para os elevadores. — Melhor, quero uma selfie antes de você sair de casa e que compartilhe a localização.

— É claro, como se alguma vez eu fizesse diferente — ironiza. — Onde estacionou?

— Acho que no terceiro andar — digo, tentando me lembrar com precisão da cor das pilastras. — Laranja, é o terceiro, não?

Eu adoro esse shopping por isso, cada andar é de uma cor, então facilita na hora de saber onde foi que deixou seu carro, coisa que eu costumo esquecer.

— É sim, eu tô no verde, que é o primeiro piso do estacionamento.

Apertamos os botões para cada andar e logo já estamos no de Liv.

— Tchau, B. Eu te ligo amanhã.

— É bom mesmo e não esquece de me mandar a foto.

— Tá bom — fala já do lado de fora, as portas começam a se fechar quando ela diz: — Te amo.

— Eu também — consigo dizer antes de ficar sozinha no elevador.

Pego meu celular no bolso da calça jeans e vejo que tem mensagem nova no grupo de casa: *Seth e os que pegam a B.*

A mensagem é um vídeo dos cães, correndo pelo quintal de manhã e buscando alguma coisa, a graça está na narração do Rafael que faz três vozes diferentes e diz as coisas mais absurdas.

As portas se abrem e saio do elevador, olhando rapidamente o caminho à minha frente e buscando o número 87, que é onde meu carro está, antes de voltar minha atenção para o vídeo.

Tudo acontece muito rápido, num momento estou sozinha e no outro tem alguém atrás de mim, sua respiração ofegante indica que correu até ali, o seu braço passa pela frente do meu corpo, me prendendo. Pânico me domina, começo a ofegar e o suor frio cobre minhas mãos.

“Você não pode hesitar, procure o ponto fraco.” A voz do Seth preenche minha mente, e é como se ligasse um interruptor.

Faço o que fui ensinada e abaixo o rosto, protegendo meu pescoço ao mesmo tempo em que largo tudo que tenho nas mãos e me preparo para correr, só preciso fazer a manobra que ele me ensinou e estarei livre.

Mas a outra mão da pessoa que me segura cobre meu rosto, com um pano em sua palma, e o cheiro forte de produto químico

nubla a minha mente, meus músculos parecem enfraquecer e não querem responder aos comandos.

Fecho meus olhos e deixo que a memória muscular, que Seth insistiu que eu ganhasse, tomar conta. Abro meus olhos e giro nos braços do meu agressor, mais lento do que deveria, mas ainda assim eficaz. Minha visão escurece nos cantos, porém não perco tempo e corro desesperada para a saída de incêndio e elevadores, *preciso buscar ajuda*.

Meu estômago revira e engulo a ânsia de vômito, meus joelhos parecem gelatina, meu sangue parece pulsar nos meus ouvidos e não consigo ouvir se o homem está vindo atrás de mim, mas não arrisco olhar para trás, alcanço a área dos elevadores e consigo distinguir a silhueta de alguém. Esperança explode em meu peito, *consegui*.

— Por favor, me aj... — começo a dizer para o estranho que me estende a mão, acho que ele vai me ajudar, mas ela se fecha em meu punho, me puxando violentamente em sua direção, perco o equilíbrio e caio em sua frente. Meus joelhos doem, mas é o que vejo entre seus dedos que faz meu sangue gelar.

“Desculpe, Seth, eu tentei”, penso com amargura.

O segundo homem enfia a agulha em meu pescoço, sinto o ardor conforme ele esvazia a seringa, seu sorriso maquiavélico é a última coisa que vejo antes de sentir meu corpo colidir com o concreto.

Capítulo 22



Kyle Thorne

Analiso as fichas de profissionais disponíveis e separo seis, três para cada um dos dois trabalhos para o qual fomos contratados.

Uma batida na minha porta atrai minha atenção e meus dois amigos entram, se acomodando nas cadeiras em frente à minha mesa. Raffi cruza uma perna sobre o outro joelho ao passo que Seth se inclina para ver os perfis que dividi em duas pilhas.

— Para onde estamos mandando eles? — pergunta.

— Um vai ser o novo segurança pessoal de uma socialite em Miami, seu pai está interessado em concorrer para o cargo de governador ou outra merda assim. Já esse trabalho aqui — bato duas vezes com o indicador sobre a pasta bege. — Exige um pouco mais de experiência e discrição, fomos contratados para ajudar na proteção de uma testemunha do assassinato de um dos mandantes da máfia irlandesa em Chicago.

— Vamos proteger algum azarado dos irlandeses? — Raffi pergunta com descrença.

— Não, vamos ajudá-los a proteger uma menina inocente de 16 anos que estava no lugar errado e na hora errada.

— Quem está atrás dela? — Seth questiona, e quase consigo ver as engrenagens em ação na sua mente conforme ele cria planos e analisa quem encaixa melhor para o sucesso do trabalho.

— Os russos — respondo. Quando recebi a ligação, meu primeiro instinto foi agradecer pela preferência e explicar que não tínhamos o costume de nos envolvermos com os assuntos da máfia, mas eles insistiram para que eu os ouvisse e então me contaram sobre a menina, eu não poderia voltar atrás.

— Merda — diz Raffi, e sacudo a cabeça em concordância.

Seth se levanta e avalia os perfis dos nossos funcionários com atenção.

— Eu escolheria esse daqui para Miami e esses dois para a menina — fala, voltando para o seu lugar.

— Interessante. — Entrego os papéis para Raffi, que arqueia uma sobrancelha empurrando-os de volta.

— Confio nas decisões de vocês — completa. — Afinal, sempre foram melhores nessa parte de planejamento e estratégia. — Ele dá de ombros.

— Ótimo, vou informá-los das suas próximas tarefas amanhã cedo — murmuro, mais para mim do que para meus companheiros. — Preciso pedir para Camila marcar reuniões com os três. — Anoto num bloco de notas ao lado do computador, para lembrar de falar com a nossa auxiliar administrativa.

— Temos alguma nova informação? — Raffi pergunta, e seu tom deixa claro do que está falando. Brooke e a ameaça constante que ela parece estar recebendo.

Porém, quanto mais penso sobre o assunto mais me parece que não estamos vendo o quadro novo. Quando estavam apenas ameaçando sua segurança parecia provável que fossem Hill, Walker e Carter, mas agora? Com os presentes, o conhecimento da sua

rotina e hobbies, indicavam que Brooke tinha um *stalker*, mas então por que furar os pneus?

— Não — declaro, deixando toda a minha frustração sair com aquela única sílaba.

— Então, acho melhor eu ir pra casa, ela já deve estar saindo do shopping e temos treino — Seth diz, se levantando quando o telefone toca em minha mesa.

— Thorne — atendo, e o chiado na linha me faz franzir o cenho.

Uma voz robotizada fala:

— Cheque seu email, mandamos um presente para você.

— Não tenho tempo nem paciência para esse tipo de trote, tenha um bom dia — respondo. Estou prestes a encerrar a ligação quando suas palavras me fazem gelar.

— Faça o que digo Thorne, ou pode nunca mais ver seu Brilho do Sol.

Desbloqueio a tela do meu computador, entrando no meu email e tem uma nova mensagem com o título: *Sunshine*. Meu coração bate descompassado no peito, sinto uma dormência em meus dedos. Isso não pode estar acontecendo. Minha visão periférica pega meus irmãos se levantando e contornando a mesa, sem dúvidas acionados pela expressão de pânico que deve estar estampada em meu rosto.

Raffi xinga baixinho quando abro o email e uma foto de Brooke, inconsciente e amarrada a uma cadeira de metal, em frente a uma parede qualquer, preenche a tela.

— Onde ela está? — vocifero, Seth aperta o botão que coloca a ligação em viva-voz, a risada computadorizada preenche a sala.

— Ela está segura, por enquanto. — A pessoa pausa por alguns segundos antes de continuar. — Nós avisamos que vocês pagariam.

— *Hijos de puta!* — Raffi exclama ao meu lado, socando a mesa, me sinto tentado a me juntar a ele, mas estou paralisado, meus olhos fixados nos hematomas que já aparecem nos braços de Brooke, na forma como sua cabeça pende para o lado.

Meu coração se aperta e quase perco as próximas palavras dos seus captores.

— Passamos várias semanas pensando em como poderíamos nos vingar, pela humilhação pela qual nos fizeram passar. Vocês são tão ruins quanto o tão honrado exército, um pequeno errinho com umas poucas muçulmanas nojentas e perdemos o nosso cargo, depois fomos expulsos do programa e vocês ainda tem a pachorra de espalhar nossos históricos por todo o mundo, garantindo que não consigamos emprego e acharam que não teriam retaliação? — a voz computadorizada fala, mas faz pouco para esconder a raiva e ranço que permeiam cada palavra.

Eram mesmo Hill, Walker e Carter. Culpa faz bile subir pela minha garganta, eu deveria tê-la protegido. Nós deveríamos tê-la mantido a salvo.

— Então como os vermes que são ao invés de nos enfrentar cara a cara, decidiram ir atrás da Brooke? — Seth cospe as palavras, veneno em cada uma delas. Sua voz é gelo puro, as pessoas sempre pensam que o inferno é feito de chamas, mas é porque elas nunca ouviram esse tom. Um frio tão profundo que queima.

— Aí, está ele, o *Hellhound*. Sabe, nós estudamos muito das suas técnicas de interrogatório, você sabe quais, mas nunca encontramos a oportunidade para colocá-las em prática, quer dizer, até agora. — A ameaça é clara e vejo meu irmão estremecer, não sei se de medo ou de ódio, talvez uma mistura dos dois. — Mas esse não foi o propósito da ligação. Veja bem, nós pensamos na melhor forma de fazê-los pagar. A questão se resume em quanto a loirinha vale para vocês?

— Se vocês machucarem a ela, se voltarem a tocar em um fio de seus cabelos, vou esquartejá-los — Seth sibila.

— Vai ter que entrar na fila, irmão — Raffi concorda com o tom duro, estalando os dedos.

A voz silencia por alguns momentos, mas o chiado continua, até que o som de notificação no meu computador atrai nossa atenção.

O remetente do novo email é o mesmo do anterior e quando abro o anexo, tenho que controlar o impulso de jogar o monitor longe. Algum filho da puta, que está vivendo com os dias contados, puxa os cabelos da Brooke para que sua face desacordada encare a câmera, isso já é o suficiente para fazer com que eu veja vermelho, mas a faca, que ele segura contra o pescoço fino dela, faz a minha fúria incandescer.

— Escuta aqui, seu filho da puta arrombado, eu não sei o que você quer, mas eu vou te dizer o que você conseguiu: você e todos os seus coleguinhas estão mortos — informo, com ódio em cada sílaba.

— Acho que vocês ainda não entenderam a situação em que se encontram. Vocês não estão em posição de nos ameaçar, se continuarem, nós mataremos a loirinha, é simples assim. Então, fiquem calados e prestem atenção. Meus amigos e eu decidimos que gostamos da Hades' Men Corp...

— Você só pode estar delirando se acha que vamos readmiti-los — Raffi o interrompe, meneio a cabeça em concordância. Eles só podem ter ficado malucos, como se eu pudesse olhar na cara deles e não colocar uma bala bem no meio dos seus olhos.

— Eu não considero um delírio e sim uma troca justa.

— Troca? — Seth ecoa meus pensamentos em voz alta.

— Ah, sim. Eu fui interrompido antes de terminar. Vocês nos darão o controle e posse da Hades' Men Corp, e nós devolveremos a loirinha em um só pedaço. — A voz computadorizada parece rir.

— Acha que daremos nossa empresa para vocês?

— Acho, mas sei que vocês vão precisar de um tempo para colocar as coisas em ordem, apenas tenham em mente que cada minuto a mais que levam é outro minuto em que a loirinha estará conosco, e que prometemos devolvê-la viva, não intocada.

A ligação é encerrada e pavor, como eu só senti quando Seth foi levado, me preenche mais uma vez.

Me viro para os meus irmãos e vejo no olhar assombrado do Raffi que ele também está de volta ao inferno que vivemos em Kandahar, mas dessa vez consegue ser ainda pior, pois sempre soubemos que Seth sabia se virar, conseguiria esperar por nós. Mas Brooke? Nós a resgataríamos, tinha tanta certeza disso quanto do fato de que a mulher que retornará não será a mesma que foi levada.

Seth está estático, seus punhos abrem e fecham, ele parece plantado no lugar. Meu coração se aperta pelo caçula, pois ele é o único de nós que sabe o que minha melhor amiga sentirá quando acordar, e o pior, essa é a primeira vez dele do lado de cá.

— Onde eles estão? — Seth pergunta entredentes.

— Vamos descobrir — Raffi diz, tocando o ombro do caçula que pisca algumas vezes como se lembrasse de onde está.

Alcanço meu celular sobre a mesa e ligo para a nossa melhor chance de encontrá-la rapidamente. Ninguém no mundo é melhor do que Adônis Etienne, ele trabalha de forma autônoma, um gênio com computadores, foi quem criou todo o sistema de segurança da Hades' Men e já trabalhou com INTERPOL, FBI, MI6 e sabe se lá quais outras agências, para encontrar pessoas desaparecidas.

Ele precisava encontrar Brooke.

O telefone chama quatro vezes antes que ele atenda, cada toque me lembra as batidas de um relógio e trazem uma imagem diferente das torturas que Brooke pode sofrer.

Não espero por seu cumprimento, a ansiedade me impele e as próprias batidas do meu coração parecem me pedir que eu corra, que vá buscá-la.

— Eles levaram Brooke — falo, e as palavras parecem pairar no ar ao nosso redor como uma nuvem negra. — Não quero saber em que você está trabalhando, em quanto vai custar, precisa encontrá-la. — O que era para ser uma ordem sai como uma súplica. — Eles a levaram — minha voz quebra, e meus olhos ardem conforme as primeiras lágrimas correm pelo meu rosto.

As palavras se repetindo num ciclo infinito em minha mente.

Eles a levaram.

Eles a levaram.

Eles a levaram.

Capítulo 23

Brooke Roberts



A primeira coisa que percebo quando recobro a consciência ainda de olhos fechados é a dor, tenho quase certeza que foi ela quem me despertou. Meu pescoço dói, estou em uma posição desconfortável, quando tento girar meus ombros para aliviar a tensão quase grito ao sentir meus pulsos repuxarem.

É então que a memória do estacionamento volta e lembro da seringa e do sorriso. Junto com ela vem o pânico, não sei onde estou, quem são essas pessoas e o que querem. Minha respiração acelera e meu coração martela dentro do peito, meus outros sentidos se aguçam e o cheiro embolorado embrulha meu estômago.

Tanto meus pulsos quanto meus tornozelos estão amarrados à cadeira. Tenho medo de abrir meus olhos, de ver a realidade e saber que isso não é um pesadelo. Mas o barulho de uma porta de metal batendo ecoa pelo espaço e por reflexo, ou instinto, busco sua origem.

A imagem com que me deparo é ainda pior do que tinha imaginado. Estou mesmo em um galpão enorme como nos filmes,

até mesmo as luminárias que pendem do teto são iguais, mas ao invés de dois captosres, conto seis. Todos do tamanho de um pequeno armário e com cicatrizes, identifico as armas em suas cinturas e instintivamente sei que não estão ali para enfeite.

Sinto uma gota de suor gelado, que tem pouco a ver com o ar abafado do ambiente e muito com o pavor que me preenche, escorrer pela minha espinha. Minha boca seca e fica difícil engolir até mesmo a minha saliva. Mais uma vez me questiono de suas intenções, uma coisa é clara: não querem me matar, ou já teriam feito. Quer dizer, pelo menos ainda não.

Por um segundo, um sentimento de gratidão me toma e quase choro com o pensamento reconfortante de que pelo Liv não estava comigo, não sei o que meus captosres teriam feito, se ela agora estaria ocupando uma cadeira ao meu lado ou pior, não ocupando mais espaço nenhum.

Preciso dar um jeito de sobreviver. Não sei quanto tempo fiquei desacordada, mas certamente Seth já percebeu que eu não apareci para nossa sessão, se ligar para Olívia vai descobrir que saímos juntas. Então eles vão me procurar e me levar pra casa.

Casa.

Quase consigo sentir a grama sob meus pés e ouvir o latido dos cães no jardim, não é difícil imaginar que a qualquer momento um dos rapazes vai me chamar para entrar para fazermos algo juntos, ou ainda melhor, se juntar a mim. A memória é tão potente que a saudade é como um soco e um soluço irrompe por meus lábios, atraindo a atenção de todos à minha volta.

— Finalmente — um deles diz, sentado sobre uma mesa a alguns metros de mim, juntando as mãos e batendo uma palma. — Já estava começando a me preocupar que você nunca acordaria.

Ele pula da mesa e caminha em minha direção. Ele segura uma mecha do meu cabelo, torcendo entre os dedos.

— Você até que é bem bonita para uma putinha.

Não respondo seu insulto, só continuo a encará-lo, marcando suas feições, o nariz grande e cheio de cravos, o bigode que o fazia parecer o Leôncio do pica-pau. Um pensamento aterrorizante cruza minha mente: *“nos filmes sempre que a vítima vê seus rostos é porque não tem intenção de deixá-la viver.”* Não era como se eu não tivesse cogitado essa hipótese, mas ser confrontada por ela faz meu estômago revirar.

— Será que ela é surda? — o homem pergunta para seus colegas que negam com a cabeça. — É rude não responder as pessoas sabia, putinha?

Nem vejo de onde vem o tapa, mas sinto sua mão estalando contra o lado direito do meu rosto, minha bochecha arde e meus olhos enchem de lágrimas, mas pisco rapidamente para impedir que caiam e volto a encará-lo, com o que espero que seja uma expressão desafiadora.

— Ah, eu vou me divertir brincando com você — fala e tira a jaqueta que vestia jogando para trás.

Dessa vez estou preparada para seu tapa, então parece doer menos.

— Eu ainda vou te fazer falar, nem que seja aos gritos, putinha. — Sua mão nojenta segura um punhado de meu cabelo torcendo o até que meu couro cabeludo esteja doendo e puxa minha cabeça mais para cima, meus pulsos protestam ao serem esticados. Ele solta meus cabelos abruptamente para deslizar um dedo por meu rosto, que eu viro tirando do seu alcance. — Muito bem, pelo menos uma reação. Sabe, não tem graça brincar sozinho, você tem que participar.

Ele aponta para mim e sorri, meu sangue gela nas veias, eu nunca poderia esquecer esse sorriso. Foi ele quem enfiou a agulha no meu pescoço, foi em sua direção que eu corri.

— Eu e você vamos passar um tempo juntos, nos conhecendo melhor. — Ele segura meu queixo me forçando a

encará-lo de novo. — E nos divertir no meio tempo. O que acha disso?

Quando não o respondo, ele se afasta novamente, voltando para junto dos seus comparsas. Tento descobrir o porquê de estar aqui, penso em todas as encomendas, em como os rapazes andavam preocupados. *Ótimo, se eu sair daqui não vai haver jeito de convencê-los que eu não preciso de um segurança*, penso amargamente, mas se estiver sendo sincera daria tudo para poder estar na sala da nossa casa discutindo isso com os três.

Não faço ideia de quanto tempo passa, poderia ser meia hora ou três, estou sempre sendo vigiada, mas nenhum deles fala comigo desde a primeira interação. Tento ouvir suas conversas, mas me deixaram afastada o suficiente para que só ouça murmúrios indistinguíveis.

Observá-los é extremamente angustiante, ao mesmo tempo em que é entediante, a ansiedade que me preenche a cada movimento brusco me mantém alerta. Por isso que quando meu captor retorna para perto de mim, me preparo para o que quer que seja.

— Bom, não queremos que você morra, então trouxemos água. — Ele indica o copo que eu nem tinha notado em sua mão. A simples menção de água, me lembra do quão sedenta me encontro, meus lábios estão grudando pela desidratação, mas beber significa precisar usar o banheiro.

Uma ideia me ocorre, é loucura, devo estar completamente insana por apenas cogitar isso, mas é uma chance. Se eu for rápida o suficiente, posso conseguir fugir.

Quando o sequestrador que parece ser o chefe, já que é o único que se dirige a mim, vira o copo contra meus lábios, eu bebo, o gosto é de água parada, mas ainda assim desce pela minha garganta dolorida de forma refrescante. Assim que termino, ele volta para junto dos outros.

Poucos minutos se passaram quando um toque estridente de celular ecoa pelo ambiente, aquele que assumo ser o chefe segura o aparelho e sai do armazém por uma porta de ferro.

— Eu — começo algum tempo depois, minha voz sai baixa e arranhando minha garganta, tento novamente. — Preciso ir ao banheiro.

Isso atrai a atenção de dois dos meus guardas, que se aproximam e parecem debater o que fazer.

— Por favor — imploro.

Os dois se entreolham e um dá de ombros pro outro, não sei porque não falam e me deixam a par de suas decisões, meu coração dispara quando um deles aponta uma arma para minha cabeça, e é nesse momento que o outro se aproxima tirando um canivete do bolso e cortando as braçadeiras.

Ainda sob a mira da arma, finalmente se dirigem a mim.

— Por aqui.

Levantar gera um novo leque de dores, meu corpo inteiro parece dolorido pelo tempo que passou na mesma posição na cadeira extremamente desconfortável, tento alongar meu pescoço e rolar os ombros para aliviar um pouco da tensão. O que eu não daria para ir para uma das aulas de yoga que Liv insiste em me convidar.

Não era ingênua em imaginar que me deixariam sozinha de verdade, mas pelo menos me afastaram um pouco do grupo. Infelizmente, não me foi dada qualquer privacidade ao indicarem um vaso sanitário imundo, num dos cantos do armazém.

O que segura a arma não tira os olhos de mim, finjo que vou abrir o botão da minha calça. Abaixo a cabeça como se estivesse com vergonha, apostando que eles acreditam que sou indefesa, e noto quando ele baixa a guarda, só um pouco, mas o suficiente para me garantir alguns segundos a mais antes que consiga mirar e atirar. E então, eu ataco, jogo todo meu corpo e uso o impulso do

movimento para ganhar ainda mais força quando o atinjo no meio do estômago. Ele cede dois passos e não perco tempo olhando para trás enquanto corro em direção da porta de ferro a alguns metros.

Faltam menos de dois passos para alcançá-la quando sinto meus cabelos sendo puxados violentamente para trás, de volta para a cadeira. Chuto e me debato, tentando atingir seja lá quem for.

— Quem foi o idiota que a soltou? — a voz gélida e repugnante do meu sequestrador esbraveja.

Sou jogada no chão, o impacto com o concreto faz toda a lateral do meu corpo latejar e rouba o ar dos meus pulmões, não tenho tempo de me recuperar antes de sentir uma bota colidir com a minha barriga, me curvo segurando-a enquanto o grito fica preso na minha garganta.

Ergo os olhos em tempo de ver o segundo chute em minha direção, sou jogada para trás com o impacto e minha cabeça bate em alguma coisa, minha visão nubla e começo a tossir algo molhado, ao olhar para o chão vejo sangue.

— Achei que você tinha entendido o nosso acordo, você se comporta e não te machucamos — fala com deboche.

O terceiro chute me atinge, me fazendo gritar mais uma vez quando ouço um som muito parecido com o de ossos se quebrando. *Será que quebrei as costelas?*

Quando seu ataque parece que vai me dar uma trégua, junto todas as minhas forças, para erguer o meu tronco do chão, um dos meus ombros fraqueja, mas depois de inspirar tão profundamente quanto a sensação de facada na minha lateral me permite, consigo manter minha cabeça alta.

Cuspo sangue aos pés dos meus carcereiros, tentando me levantar e lutar, mas ele me atinge mais uma vez, me entregando mais uma vez à abençoada escuridão.



Quando recobro a consciência, estou de volta à cadeira, meus pulsos protestam quando tento movê-los. Meu captor se aproxima e se agacha em minha frente.

— Ótimo, você acordou, agora vai aprender o que acontece quando não se comporta. — Ele caminha de volta até a mesa no centro do armazém e volta com um pano enrolado.

— Você — aponta para um de seus comparsas. — Traz aquela cadeira pra cá — ordena.

Ele faz o que seu chefe pede, colocando a cadeira de metal diretamente em minha frente, e segundos depois ela é ocupada por ele.

— Precisa entender que não tem para onde ir, ninguém vai vir buscá-la, putinha — ele fala, inclinando a cabeça para o lado.

— Está errado — murmuro e ele ri.

— Veremos — meu captor sugere. E com uma calma assustadora, desenrola o pano sobre sua coxa, minha respiração acelera enquanto encaro os longos alfinetes e me debato contra as braçadeiras, sinto minha pele se abrir, mas a dor é distante diante do pavor do que meu captor pretende fazer com os pinos.

— Isso mesmo, eu gosto quando elas lutam. — Seu tom é como óleo, parece grudar em minha pele, e só quero poder me esfregar até não restar nada, ele pisca como se soubesse.

Ele agarra minha mão e estica os meus dedos.

— Sua pele é tão macia, entendo porque eles te mantêm por perto — diz, confirmando minhas suspeitas de que ele conhece Kyle

e os outros. Seu tom sugestivo aliado com suas palavras, causam uma onda de pavor renovada, que se espalha por mim.

Antes que eu consiga entender o que pretende, ele segura meu indicador e enfia um dos longos alfinetes debaixo da minha unha, o urro que escapa da minha garganta é animalesco e gera uma nova pontada onde fui atingida antes, a dor irradia do meu dedo para o resto do corpo, as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Continuo encarando meu dedo e consigo ver a ponta prateada sob a base da minha unha, acompanho o sangue pingar na minha calça um pouco abaixo de onde já tem uma poça por causa dos meus pulsos.

Quando meu torturador segura meu dedo do meio, começo a tremer, quero implorar para que me deixe em paz, mas sei que isso só o agradaria. Fecho os olhos achando que pode ajudar, mas estava redondamente enganada. A segunda vez consegue ser ainda pior, a dor é lacerante, sinto a bile subir na minha garganta e engulo a ânsia de vômito. As lágrimas caem com ainda mais força, meu captor aproxima o rosto do meu, tento empurrar meu corpo para trás e criar distância, porém não tenho para onde ir.

Por um instante tenebroso penso que ele vai me beijar, mas o que ele faz é quase tão horrível quanto, ele lambe a minha bochecha.

— Será que já foi suficiente para aprender a sua lição? — pergunta quando volta para o seu lugar, pegando o dedo seguinte, dessa vez, seus movimentos são deliberados, lentos até, aumentando ainda mais a tensão, tento fechar minha mão, mas não tenho forças.

Na quarta agulha, perco o controle da minha bexiga e acabo fazendo xixi nas calças. No sétimo, meus gritos se tornam suplicantes, meu choro já não tem fim, não sinto meus dedos da mão direita, meu corpo inteiro chacoalha com os espasmos de dor que irradiam de todos os lados.

— Por favor, para, por favor — choramingo quando meu carcereiro segura seu próximo alvo. — Não, não, não — grito e por entre minhas lágrimas vejo o brilho de animação em seus olhos.

Assim que a dor aguda e penetrante me atinge, tudo fica preto e sinto vontade de sorrir, a realidade parece distante e me sinto leve, flutuante ao ser envolvida mais uma vez pela escuridão aconchegante.

Capítulo 24

Rafael Martinez



Os minutos se arrastam enquanto Kyle explica, com a voz embargada e sem se importar com as lágrimas que escorrem por seu rosto, os últimos acontecimentos para Adônis. E cada segundo que passa, aumenta gradualmente o aperto no meu coração. Eu prometi para Brooke que não deixaríamos nada acontecer a ela, eu dei a minha palavra e ela está agora... Tento impedir as imagens do que a loira pode estar sofrendo, mas minha memória escolhe me levar de volta para Kandahar, para o momento exato em que reencontramos Seth.

A cabeça dele pendia contra o peito, e ele estava imundo, uma mistura de sangue seco e a maldita areia do deserto, mas isso era de se esperar depois de mais de três meses em cativeiro, a sua pele era uma confusão de hematomas em diferentes estágios de recuperação, desde os mais pretos até os esverdeados. Um dos seus braços estava dobrado em um ângulo que não era normal. Porém foram os seus olhos que me quebraram, a desolação completa que encontrei ali. Lembro com precisão da forma como o medo de termos chegado tarde demais foi substituído pela sensação de alívio que senti quando o vi respirando.

Sacudo a cabeça, voltando para o presente, mas minha atenção vai para o caçula que se serviu de uma dose de uísque e encara o nosso amigo, aguardando respostas assim como eu, e percebo que os nós dos seus dedos estão brancos pela força com que segura o copo. Não consigo nem ao menos mensurar o que ele está sentindo. Os pesadelos que a sua mente está revivendo, mas seu olhar assombrado é suficiente para fazer os cabelos da minha nuca arrepiarem.

Vejo o cursor no monitor de Kyle mexer por conta própria e sei que Adônis o está controlando remotamente, ele abre páginas e janelas pretas, digitando códigos, e logo uma imagem toma a tela.

— Eu encontrei o momento que ela foi levada, vejam se vocês reconhecem os caras — ele fala pelo viva-voz, e não sei o que esperar quando o vídeo começa, pelo menos o sistema de vigilância do prédio é muito bom, já que a imagem aparece em alta qualidade.

Acompanho com atenção o momento em que as portas do elevador, no que parece ser o estacionamento, se abrem e Brooke sai com o celular nas mãos. A câmera a segue conforme ela caminha em direção ao que presumo ser seu carro. Consigo ver o vulto preto correndo em sua direção, o desgraçado é rápido e em poucos movimentos tem seus braços ao redor dela.

Brooke larga tudo que tem no chão e mesmo depois do maldito *hijo de puta* ter colocado um pano sobre seu rosto que provavelmente tinha clorofórmio ou algo similar, ela consegue sair do seu aperto.

Com minha visão periférica vejo Seth concordar com a cabeça, com um misto de orgulho e admiração em seus olhos. Volto minha atenção completa para a tela, meu coração batendo nos ouvidos quando ela começa a correr de volta para o elevador e escadas de incêndio, mas os efeitos da droga são claros na forma como ela se mexe. Brooke está quase no elevador quando as portas se abrem. Observo com horror o homem lhe estender a mão e ela esticar o braço apenas para ser puxada e cair de joelhos.

— Ela nunca teve chance. — O soco de Kyle na mesa de madeira faz o monitor tremer e desvio os olhos para meu irmão por um segundo, uma veia em seu pescoço pulsa rapidamente e parece prestes a explodir, não lembro de tê-lo visto tão desconcertado em momento algum nos dez anos que nos conhecemos. Quando volto a minha atenção para o vídeo, vejo o segundo miserável injetar algo no pescoço dela.

Toda a sequência é devastadora, mas sei que o momento que ficará eternamente gravado em minha memória é o segundo em que Brooke entendeu que não tinha para onde ir, seus ombros caíram derrotados e posso jurar que consigo ver toda a esperança deixar o seu corpo.

Ele a joga sobre o ombro como se ela não passasse de um saco de batatas e uma SUV preta, sem placas, aparece e os dois cretinos que estão vivendo com as respirações contadas entram e o carro some do alcance da câmera.

— E então, reconhecem algum deles?

— Não, como você sabe não são nenhum dos três que demitimos, então devem ser mercenários contratados por eles.

— Tá, já estou rodando suas caras pelo reconhecimento facial das agências, vou tentar seguir o carro e descobrir onde ela está — Adônis declara antes de encerrar a ligação, não esperando por uma resposta.

Não que eu tivesse algo a dizer.

Meu corpo parece entorpecido, é quase como se a minha mente não o controlasse mais, como se eu estivesse vendo tudo através de um véu. Achei que depois de ter saído dos Fuzileiros Navais nunca mais fosse ter que sentir isso, essa impotência, o pavor que gela meu sangue ao ponto de já estar sentindo meus dedos dos pés gelados dentro do sapato.

Não podemos perdê-la. É tão simples quanto isso. Brooke é uma parte tão integral das nossas vidas que sinto como se uma parte de mim tivesse sido levada. Me dou conta de que é

exatamente isso, meu coração foi levado, não o órgão obviamente, já que esse martela em meu peito, tentando escapar das garras do pânico que se fincam nele. Mas sim, a razão de valer a pena acordar todos os dias.

Nenhum de nós diz nada, pelo menos era o que eu achava até prestar atenção ao meu redor e perceber que perdi algum pedaço da conversa.

— ... o carro dela — Kyle está dizendo, seu tom é vazio.

— Eu vou buscá-lo — Seth responde, no mesmo tom sem emoção. — Quero ter uma palavrinha com o chefe de segurança daquela bosta.

— Seth, não é como se eles pudessem ter impedido profissionais — o loiro determina, limpando o rosto com as costas da mão. O som de vidro quebrando é alarmante, busco sua origem e vejo o sangue escorrer por entre os dedos do caçula e os cacos do copo caírem no chão.

— Eu sei — o caçula fala com a voz fria. — Mas preciso fazer alguma coisa. — Ele se põe de pé, há agitação em todos os seus movimentos, como se ele estivesse vibrando, um elástico tensionado ao ponto de ruptura e a mais ínfima pressão o fará romper. — Precisamos buscá-la.

— Nós vamos — falo, e os dois me olham. — E vamos lembrá-los do que acontece quando mexem com aqueles que amamos.

Os sorrisos dos meus irmãos prometem violência, mesmo que seus olhos ainda estejam carregados de dor.

Esses vermes miseráveis acham que vão conseguir nos chantagear em entregar tudo que conquistamos, não é que Brooke não valha isso, ela vale. Vale o mundo inteiro e por ela eu o veria queimar. O erro deles foi terem tocado nela e esquecerem quem nós somos, não éramos conhecidos como os homens do Hades por acaso.



Lembro de ter entrado no carro com intenção de ir para casa, mas sinto como se estivesse num piloto automático, por isso fico confuso por um momento quando me dou conta que estou no campo de tiro onde ensinei Brooke. Parado em frente aos armários com inúmeras pistolas, minha atenção vai direto para a SIG Sauer P 320 que a loira escolheu naquele primeiro dia.

Meus dedos envolvem o cabo frio da pistola e depois de checar seu pente, pego um extra e uma caixa de munição antes de caminhar até um estande, não consigo me forçar a ficar no mesmo que dividimos naquela tarde, não quando ele carrega tantas memórias alegres.

O processo de encher cada pente com balas é metódico, não exige concentração o que, é claro, é péssimo, já que deixa minha mente livre para conjurar imagens cada vez mais grotescas do que Brooke pode estar sendo sujeita nesse exato momento.

O primeiro disparo é uma libertação, o alvo de papel adquire o rosto de cada cretino que tocou nela e eu os acerto continuamente. Esvaziando pente atrás de pente, disparando até que o eco surdo de cada tiro se torne uma prece em minha mente, se repetindo infinitamente.

Agente firme Babygirl, nós vamos achá-la.



Já passa das 22:00h quando estaciono, e constato que sou o último a chegar em casa. Apolo é o primeiro a me alcançar na porta,

com seus irmãos logo atrás, por alguns minutos afago suas orelhas lhes dando um pouco de atenção, depois me encaminho para a cozinha, mas os três permanecem encarando a porta e me dou conta de que estão esperando por Brooke.

— Ela vai voltar, meninos — murmuro e não sei quem eu quero confortar mais, a eles ou a mim.

Não vejo nem Kyle, nem Seth enquanto como um sanduíche rápido, a casa está silenciosa de forma angustiante, como se as próprias fundações estivessem prendendo a respiração à espera do retorno da loira.

Não esperava dormir quando subi para o meu quarto e tomei banho antes de me deitar, mas assim que a minha cabeça encostou no travesseiro foi como se eu tivesse sido nocauteado com um tranquilizante para ursos.

O grito de Brooke ainda ecoa nos meus ouvidos quando me sento em um pulo na cama. Checo meu celular e é o meio da madrugada, levanto da cama decidido a fazer alguma coisa para espantar os vestígios do pesadelo que ilustrou precisamente diferentes tipos de tortura e sempre que eu corria em direção de Brooke era como se estivesse em areia movediça, quanto mais eu lutava mais longe eu ficava.

Vou até o meu armário, tiro as duas pistolas do cofre e as ferramentas que preciso para limpá-las e desço até a sala, colocando tudo sobre a mesa e me concentrando na minuciosa tarefa de desmontar as armas.

— Também não consegue dormir? — Seth pergunta e ergo o olhar para meu amigo.

— Consegui desligar por umas duas ou três horas, mas meu subconsciente não me deixou esquecer o que estava em jogo — respondo.

— Não consegui nem meia hora — ele confessa, se sentando do outro lado da mesa. — Cada segundo é excruciante, como vocês conseguiram aguentar três meses dessa... — Ele parece ter

dificuldade de encontrar a palavra. — Impotência? Eu quero buscá-la, achar respostas e tudo que posso fazer é ficar sentado, esperando que Adônis a encontre enquanto ela sofre nas mãos daqueles filhos da puta.

— Não conseguimos, foi diferente daquela vez. — É estranho, não lembro se alguma vez já conversamos abertamente sobre aqueles três meses amaldiçoados. — Nós estávamos encarregados de te encontrar, lutávamos todos os dias para que a busca não fosse interrompida e desafiávamos ordens de superiores quando eles sugeriam que era tarde demais, mas todos os dias eram permeados com essa angústia, um pavor paralisante e a necessidade de movimento.

Sem dizer mais nada, Seth alcança a outra pistola e a desmonta, começando a limpá-la. Um silêncio cúmplice se instala entre nós até o primeiro choramingar vindo do hall de entrada ecoar pela casa, e não demora para os outros dois cães se unirem no choro.

— Precisamos encontrá-la — Seth diz.

— Nós vamos — respondo, e espero poder cumprir essa promessa.

Capítulo 25

Brooke Roberts



Eu queria saber como desativar a parte do meu cérebro que controla o olfato, para que pudesse deixar de ser agredida por todos os cheiros nauseantes que me atingem cada vez que respiro. O ar empoeirado e rançoso do armazém se mistura com o cheiro de suor e sujeira, e então tem o mais constante de todos, lembra ferrugem e se aloja no fundo da minha garganta.

Talvez eu o sinta tanto porque meu nariz tem sangrado constantemente no último dia. *Dias?* Já perdi a noção, fui alimentada duas vezes com um mingau aguado e frio, que fez meu corpo protestar, mas acho que consegui digerir boa parte dele antes de esvaziar o conteúdo do meu estômago ao ser eletrocutada com um *taser* repetidas vezes.

Nenhum dos meus sequestradores fala comigo, tirando o que parece comandar tudo e é o encarregado de me lembrar o que acontece se eu tentar fugir novamente, como se eu pudesse esquecer quando tenho um lembrete permanente na forma dos meus dedos brutalizados.

O número de homens no galpão muda constantemente, nunca menos do que seis, e uma vez quando recobrei a consciência contei doze.

Em algum momento do dia o sol brilha precisamente sobre mim, sendo filtrado pelas janelas imundas, ele aquece a minha pele, tento sempre fechar os olhos e bloquear toda a realidade à minha volta, e me imaginar sentada na minha prancha, no meio do mar, sendo banhada pelo sol.

Não sei como ainda consigo chorar já que recebo um copo d'água em intervalos irregulares, mas sempre que desmaio e lembro da minha casa, acordo com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Lembro de Cérbero sempre me pedindo um biscoito extra, da forma como Apolo me cumprimenta quando cruzo a porta de entrada e Banguela que se deita apoiando a cabeça em meu colo, a saudade deles é enorme, mas não é nem um décimo da falta que sinto da minha rotina matinal com Seth, e seu sorriso que sempre reflete em seus olhos espantando a dureza que muitas vezes encontro ali. Ou o quanto sinto falta do abraço do Kyle e seus cuidados infinitos. Ou então do jeito divertido e brincalhão do Raffi, meu coração se aperta cada vez que penso que não disse que o amava e posso ter perdido minha chance.

“Não, eu vou sair daqui. Eles vão vir me buscar. Eu vou sobreviver.” Minha mente me corrige e a voz que soa dentro da minha cabeça é irredutível, forte, e não deixa espaço para alternativas. *“Eles vão vir, só preciso aguentar mais um pouco.”* Me apego a essas palavras, só mais um minuto, só mais uma hora.

— Oh, o que foi que você disse? — Não tinha notado que meu captor estava por perto, ele se agacha na minha frente, e nem percebi que tinha dito em voz alta.

— Eles vão vir me buscar — repito e minha voz sai firme, surpreendendo até mesmo a mim. — E você vai morrer — informo.

Sua risada é sem humor e me causa arrepios.

— Vamos ver quanto tempo essa sua esperança vai durar, putinha. — Ele dá um tapa em meu rosto, não é forte, não como os outros, mas só para me lembrar que não posso revidar. Como se eu precisasse ser lembrada da minha impotência. — Eu acho que você não passava de um buraco quente para eles enfiarem o pau sempre que sentiam vontade e já te substituíram. — As risadas dos seus companheiros ecoam pelo galpão.

— Você vai morrer — repito, colocando todo o ódio e desprezo que sinto nas palavras enquanto encaro seus olhos repugnantes. — E eu vou gostar de ver! — grito, surpreendendo a mim mesma pela veracidade da minha declaração.

Seu punho fechado colide com a lateral do meu rosto e sinto meus dentes se chocarem, meu pescoço dói por causa do efeito ricochete e um zumbido soa em meu ouvido.

Eles vão vir me buscar, só não sei se estarei aqui quando chegarem.

Capítulo 26



Seth Donahue

Três dias. 83 horas e contando desde que Brooke foi levada. Dormir nunca foi o meu forte, mas nos últimos dias quando consigo mais do que uma hora considero uma vitória. Kyle e Raffi estão na mesma situação, dormindo em média três ou quatro horas.

Já perdi as contas de quantas vezes Rafael limpou todas as armas que temos pela casa, até mesmo as novas que Kyle trouxe da sede. Ele desmonta uma por uma, metodicamente, limpando-as e enfileirando-as. Menos de uma hora depois de terminar a última, ele está de volta. Até mesmo as minhas adagas ele já afiou.

Thorne passa horas encarando a tela do celular, como se pudesse forçá-lo a tocar com o poder da mente. Quando não está focado no aparelho está me fazendo companhia na academia, malhando e lutando a cada momento disponível.

Pois não nos resta fazer nada além de nos preparar, Adônis é o melhor equipado para encontrar Brooke, tem uma equipe inteira ao seu dispor e sei que vai conseguir. Eu descobri que o pior tipo de tortura que existe é a espera, e, de tortura eu entendo.

Nada é capaz de distrair a minha mente, as memórias de quando fui capturado se mesclam com as vezes em que fui escolhido para recolher informações de terroristas, mas tudo que vejo é o rosto de Brooke. Sempre ela, cada vez que pisco sou agredido por outra imagem criada pela minha própria cabeça. Em alguns momentos, não consigo distinguir o que é real do que é imaginação.

Repito o meu mantra com cada vez mais frequência. “*Não estou no deserto, estou em casa. Eu saí.*” Porém, isso não é suficiente para apaziguar a necessidade de violência que percorre cada fibra do meu ser. A cada segundo que passa, faço um esforço digno de Atlas segurando o céu para me manter no controle.

— Seth, quando foi a última vez que você comeu? — Raffi me pergunta, segurando a barra de ferro que uso para fazer supino.

— Não sei, acho que foi quando você fez aqueles sanduíches, por quê?

— Porque isso foi hoje de manhã, já faz mais de dez horas — ele explica, colocando a barra no suporte. — Você não vai servir de nada se desmaiar de fome quando formos buscá-la.

— Temos alguma novidade? — pergunto, já sabendo a resposta por sua expressão, mas sem conseguir resistir mesmo assim.

— Nada ainda, aparentemente a ligação e tudo que foi feito até agora, incluindo o aluguel do carro, foi feito através da internet usando vários IPs ou algo assim. Eles tem um *firewall*, acho que esse é o nome, de ótima qualidade e isso está atrasando o Adônis — ele me informa, caminhando à minha frente em direção a cozinha que já tem outro sanduíche preparado.

— Obrigado — falo indicando o prato e ele dá de ombros.

— Não foi nada, estava fazendo um pra mim.

Estou na terceira mordida quando Kyle entra na cozinha apressado, sua postura alerta e vibrando de energia me diz tudo

que preciso saber antes mesmo que abra a boca.

— Sabemos onde ela está — declara. E a besta puxa contra as amarras que mantenho sobre ela, como se sentisse o cheiro do sangue que está prestes a ser derramado e mal pudesse esperar para senti-lo. — Saímos em dez minutos — adiciona, e some pelo corredor.

Largo a comida no prato e me adianto para sala, onde todo o nosso arsenal está preparado, com Raffi ao meu lado. Quando entramos, Kyle já está vestindo o colete à prova de balas. Nós o imitamos e nos armamos, nenhum de nós diz uma única palavra, focados nas tarefas em mãos. A sensação é de estarmos no estrangeiro prestes a cumprir quaisquer ordens que nos fossem dadas, já fizemos isso centenas de vezes, mas dessa vez é pessoal.

Deixamos a casa antes do tempo planejado. Kyle dirige a Silverado muito acima do limite de velocidade, rumo à área empresarial no outro lado da cidade. Cada quilômetro parece se estender como nos pesadelos que você corre sem parar, mas nunca sai do lugar.

Meu coração grita para que nos apressemos ao passo que a besta ruga exigindo ser libertada. *Aguente firme, Abelhinha, estamos chegando, só mais alguns minutos.* Imploro, mesmo sabendo que cada minuto parece uma hora quando tiraram tudo que você tem.

Finalmente, o armazém toma forma à nossa frente e é preciso todo o meu autocontrole para não saltar do carro e correr porta adentro.

Paramos um pouco afastados para aproveitar os vestígios da noite e nos camuflar, um ao lado do outro, encarando o galpão onde Brooke está.

— Três entram — Raffi entoa.

— Quatro saem — respondemos em uníssono, não tínhamos planejado isso, mas todos nós sabíamos que só sairíamos dali com

Brooke.

— Certo, vamos buscar nossa garota! — Kyle diz engatilhando sua arma, Raffi ao seu lado faz o mesmo. Tiro minhas adagas duplas com lâminas onduladas de suas bainhas e avançamos, uma unidade dividida em três corpos.

Sei que meus irmãos estão fortemente armados, prontos para enfrentar um pequeno batalhão, mesmo que Adônis tenha estimado 20 mercenários pelas câmeras de segurança ao redor do armazém. Com apenas dois guardas guardando a entrada, chega a ser uma forma de insulto que eles não estejam mais bem preparados para nos enfrentar, mas isso só significa que será ainda mais rápido para ter Brooke na segurança dos meus braços. Contudo, hoje, trago apenas duas pistolas semiautomáticas no coldre, elas são o meu plano reserva e eu não tenho a menor intenção de usá-las.

Preciso sentir a vida de cada um dos cretinos que machucaram Brooke se esvair, hoje, vão descobrir porque meu apelido é *Hellhound*.

Estamos a dez metros da entrada quando me afasto, seguindo pela lateral enquanto meus irmãos chamam a atenção dos guardas, antes que eles tenham a chance de tirar as próprias armas dos coldres, rasgo suas gargantas, o sangue quente aquece minhas mãos e eles caem sem causar comoção.

O som da porta de ferro sendo aberta ecoa pelo espaço, sinto a presença de Kyle e Raffi às minhas costas enquanto conto rapidamente quantos inimigos estamos prestes a enfrentar. Seis, oito, mas então eu a vejo e perco a conta. Nada mais importa.

Sangue cobre grande parte do seu cabelo loiro. Quando ela nos nota, um pequeno sorriso se abre em seu rosto antes de ela fazer uma careta, como se aquele pequeno movimento tivesse lhe causado dor. O chão ao seu redor reluz vermelho sob as luzes amarelas, tanto seus braços quanto suas pernas estão amarrados a cadeira, sua pele é um caleidoscópio de hematomas e tem algo de errado com suas mãos. Cólera em sua mais pura forma preenche

meu corpo quando entendo o que aconteceu. Meu sangue parece ferver nas minhas veias e o controle que escolho ter sobre a besta que vive sob a minha pele evapora.

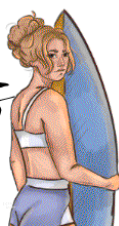
O som animalesco que dilacera minhas cordas vocais ao se libertar completamente soa como um rugido. Brutal. Bárbaro. Irrefreável. Não consigo marcar o que meus irmãos estão fazendo exatamente, mas ouço o barulho de tiros ao meu redor, porém o som parece distante conforme traço uma linha reta até Brooke.

O primeiro infeliz que entra em meu caminho é recebido pela minha lâmina diretamente na base do seu abdômen, eu a deslizo para cima até o seu esterno, puxando-a de volta e enterrando no próximo. Sangue respinga no meu rosto a cada novo oponente que comete o erro de se enfiar na minha frente esperando outro resultado.

Um dos mercenários mais próximos a ela, tira uma arma das costas e aponta para mim, disparando em seguida, corro em ziguezague em sua direção, porque eu marquei seu rosto três dias atrás. Sinto o sorriso se formar em meus lábios conforme me aproximo, ansioso por puni-lo por tudo que fez contra Brooke, já que ele tinha sido o filho da puta miserável que a atacou e injetou a droga. Memorizei suas feições para ter certeza que me encarregaria de colocar um fim na sua existência patética.

Capítulo 27

Brooke Roberts



O estrondo da porta de ferro sendo aberta chama minha atenção, meu pescoço está tão dolorido que é preciso um esforço sobre-humano para levantá-lo. Meu primeiro pensamento é que devo ter desmaiado de novo e isso é um sonho, porque parados no vão da porta estão Kyle, Raffi e Seth.

Eles vieram! Meu coração volta a bater com força renovada, eles vão me tirar daqui, eu vou voltar para casa!

É então que noto suas expressões duras e a agressividade que parece irradiar deles. As mãos de Seth estão vermelhas de sangue e quando nossos olhares se cruzam, sorrio. Minha bochecha inchada dói, me fazendo vacilar. Sua expressão se agrava e sua postura muda, levo alguns segundos para compreender que o som bestial saiu da sua garganta.

O que acontece em seguida parece estar em câmera lenta, uma parte distante da minha mente lembra que isso pode ser uma reação da adrenalina que bombeia em minhas veias. Seth avança em minha direção com uma lâmina perversa em cada mão, retalhando um dos meus captos como se não passassem de

folhas de papel, nem mesmo parece se incomodar com o sangue que salpica sua pele.

Atrás dele, Raffi e Kyle disparam as armas, cada tiro atinge a marca. Não sei se meus sequestradores sabiam que eles estavam a caminho, pois hoje havia uma concentração ainda maior deles, mas isso não parecia incomodar meus amigos. Vejo um mercenário se aproximar pelas costas de Seth e abro a boca para avisá-lo, mas uma bala o atinge antes mesmo que eu consiga emitir algum som, meu olhar segue o trajeto da bala e encontro Raffi, com os longos cabelos presos em um rabo de cavalo firme, e também com o rosto manchado de sangue. Procuro por Kyle que avança pelo lado contrário, eliminando todos os cretinos que se enfiam em seu caminho, e assim como seus amigos, ele também já está coberto pelo líquido vermelho.

A carnificina que acontece ao meu redor deveria me incomodar, o nível de violência que os homens da minha vida demonstram e sua maestria em criar tal nível de destruição deveria me assustar, então por que tudo que eu sinto é orgulho e amor? Talvez até mesmo admiração. Sei que eles nunca me machucariam, e pela primeira vez desde que me envolvi com eles não tenho a menor sombra de dúvida sobre o que sinto. Eu me apaixonei por eles, por todos os três, que em suas individualidades me completam de formas diferentes.

Vejo meu torturador retirar a arma das costas e apontar na direção de Seth, meu coração se aperta. O som do tiro tão perto faz meu ouvido zunir. *NÃO!* Grito mentalmente, mas som nenhum deixa minha boca enquanto acompanho Seth correr em ziguezague, um sorriso ferino em seus lábios conforme avança sobre aquele que se parece com Leôncio.

O movimento dele é rápido demais para que eu compreenda, mas num segundo meu torturador está apontando a arma e no segundo seguinte está gritando e segurando o pulso, sangue escorrendo por entre seus dedos. O som do corpo de Seth colidindo

com o dele parece repercutir em mim, eles caem ao meu lado, com meu amigo desferindo murros na cara do meu agressor.

Alguém segura meu braço, e dessa vez minha voz funciona, e um grito aterrorizado deixa minha garganta.

— Sou eu, *Sunshine*. — A voz de Kyle me acalma instantaneamente. Sinto um soluço subir pelo meu corpo e fazer meu corpo convulsionar, minhas costelas protestam e um gemido de dor escapa meus lábios. — *Shhhhh*, vai ficar tudo bem, acabou. — Ele passa a mão pelos meus cabelos, segurando meu rosto e secando minhas lágrimas.

Percebo que os tiros acabaram e quando olho para o lado, Rafael está ali.

Vou para casa, isso é real.

Ele se abaixa e pega uma das adagas de Seth que continua a agredir meu carcereiro, mas ele parece acertá-lo apenas em pontos não vitais.

Com movimentos rápidos, Raffi me solta e me puxa para seus braços. Minhas pernas estão dormentes e só de ficar em pé sinto uma tontura que faz minha visão balançar, ou talvez seja eu.

— Perdão pela demora, *babygirl* — ele murmura, me abraçando. Ignoro todas as dores que transpassam meu corpo tal qual um pisca-pisca em uma árvore de natal. Sinto o calor de outra pessoa às minhas costas, Raffi desliza o braço sobre um dos meus ombros, me amparando, e Kyle assume o outro lado, me levando em direção à porta, lentamente.

O silêncio se instala, seguido pelos gemidos agonizantes do meu captor. Todos nos viramos, vejo Seth parado com um pé sobre o peito do cretino que parece sofrer para respirar. *Ótimo*, penso e a voz gélida que emitiu o pensamento é uma que eu nunca ouvi antes.

— Brooke... — Seth me chama, e sua voz treme, olhando mais atentamente vejo que seu corpo inteiro parece vibrar. — Deveria te

oferecer a chance de vingança? A oportunidade de acabar com isso você mesma?

Ele caminha até mim, não se preocupando com o homem no chão, tira uma pistola do coldre e me oferece, por um momento achei que ele me daria uma das adagas que usou para estripar os outros. Não lembro de dar o comando, mas envolvo o cabo da arma com os dedos, e minha mão tremendo.

Parece mais pesada do que em todas as vezes que Raffi me levou para praticar.

— Não precisa fazer isso, Brooke — Kyle diz. Mas meu olhar está fixo no homem que passou os últimos nem sei quantos dias me torturando. Que ameaçou me estuprar, me matar, que acusou os homens ao meu redor de tantas coisas vis, que disse que pra eles eu não passava de um buraco quente pra sentirem prazer. Que tentou obliterar a minha esperança de que algum dia veria o mundo além das paredes fedidas desse galpão.

— Ele tem razão — Raffi concorda, e Seth se vira para eles.

— Vocês não entendem. — Volta sua atenção para mim. — Vamos acabar com isso agora, quando sairmos daqui você terá a certeza que ele nunca mais vai poder tocá-la. Pode assumir sua vingança agora, ou ficarei feliz em executá-la por você, Abelhinha. — Os olhos dele brilham de forma incandescente sob a luz amarelada do armazém.

Respiro fundo, o que é uma péssima ideia, pois sinto uma pontada forte nas costelas, onde o homem sangrando à minha frente me chutou incessantemente.

Os olhos do meu carcereiro são duas poças de ódio. Sei que ele vai me aterrorizar para sempre. Não, quando eu sair daqui ele não terá mais qualquer parte minha ou do meu tempo, me recuso a dá-lo ainda mais poder, deixar que me prive da minha vida. Sobrevivi a ele e a todas as suas ministrações cruéis. Ele já me roubou o suficiente.

Kyle começa a dizer algo, mas eu desligo a parte do meu cérebro que o escuta. A mão de Seth envolve a minha cintura, seu calor é uma âncora, um lembrete do que ainda me espera do lado de fora dessas paredes.

Arrumo minha postura o melhor que posso com todas as dores que permeiam meu corpo. Esquadrinho os ombros, ajusto meus dedos no cabo da arma que está melado com o sangue das mãos de Seth e encaro meu torturador uma última vez.

Talvez eu devesse deixar Seth fazer isso, nunca mais poderei voltar atrás.

— Vai me matar, putinha? — me desafia, e cospe sangue em minha direção.

— Eu disse que eles viriam me buscar — declaro e puxo o gatilho. Uma vez. Duas. Três. Exatamente como Raffi me ensinou, duas no peito e uma na cabeça. Não foi exatamente no meio da sua testa, mas cumpre seu papel e o corpo dele cai para trás com o impacto, sangue borrifando em mim no processo.

Eu matei um homem.

Matei um homem.

Sou uma assassina.

Minha respiração acelera e é o único som no armazém abandonado.

Meus braços continuam segurando firme a arma, meus ombros travados. O eco surdo dos tiros continua disparando em meus ouvidos, como se eu ainda estivesse pressionando o gatilho. Mãos quentes acariciam meu braço até alcançar minhas mãos, gentilmente afastando meu dedo do gatilho e travando a arma antes de entregar para alguém as minhas costas.

Meus olhos continuam vidrados no corpo sem vida, no sangue que empoça a sua volta. Na forma como seu peito continua inerte.

Um par de olhos azuis substitui a imagem mórbida quando Seth para na minha frente, enxugando as lágrimas que nem tinha

me dado conta que escorriam pelo meu rosto. Ele sorri ternamente antes de aproximar o rosto do meu e colar nossos lábios. Reivindicando não apenas a minha boca, como a minha alma destroçada.

— A partir de agora, sempre que se sentir perdida na escuridão, estenda a mão e eu estarei lá — sussurra em meu ouvido quando interrompe o beijo, antes de afastar o rosto e fixar seu olhar penetrante no meu. — Nada que você possa se tornar pode me afastar de você, Abelhinha. Não mais.

Suas palavras parecem uma promessa marcada a fogo na minha pele. No meu coração. Na minha alma.

— Vem, *babygirl*, vamos para casa — anuncia Raffi, e uma terceira mão toca a minha cintura.

Casa.

Vou mesmo sair daqui, a enormidade dessa realização me atinge, meus músculos relaxam, e com isso a adrenalina se vai e todas as minhas dores voltam com o dobro de força.

Meus joelhos fraquejam e Seth me ampara. Seus olhos buscando em mim a origem da dor.

— Talvez possamos passar num hospital antes? — sugiro.

— Já avisei o Dr. Young que estamos a caminho — Kyle informa, e sinto seu toque em meus cabelos.

Todos os meus homens estão sujos de sangue, Seth sendo o pior deles. Levanto a mão para tocar o rosto de Kyle e noto o sangue seco que pontua minha pele. Pela primeira vez, desde que tudo entre nós começou, sinto que meu lugar é com eles. Minha cabeça finalmente entendeu o que meu coração já sabia há muito tempo: eu pertencço à eles, tanto quanto eles à mim.

Capítulo 28

Brooke Roberts



Não lembro exatamente o que aconteceu depois que deixamos o armazém, assim que Raffi me ajudou a sentar no banco de trás e o carro entrou em movimento, apaguei. O sono me dominou como se eu tivesse sido desconectada da tomada. Tenho a impressão de que Kyle me carregou para dentro de um prédio e me deitou em uma cama dura e desconfortável, e então percebo onde estou

A próxima coisa que noto é um homem loiro, alto, e de jaleco branco, Dr. Young, se não me engano foi o nome que ele disse, que aparece para me tratar. Basicamente, todo lugar que ele toca dói, e depois de vários raios x, ele constata que eu tinha mesmo quebrado três costelas.

O doutor se aproxima, com uma seringa em suas mãos, minha respiração acelera e começo a tremer.

— Brooke, é um remédio para ajudar com a dor — Raffi diz apertando a minha mão, meneio a cabeça concordando. Sinto uma lágrima escorrer quando a agulha penetra a minha pele.

— Tirando as costelas, não há mais nenhuma fratura, os curativos em seus dedos precisam ser trocados todos os dias para

evitar infecções... — ele determina, mas sua voz parece distante e acho que os analgésicos já devem ter começado a fazer efeito. — Os cortes foram limpos e os mais profundos suturados, também preciso que vocês mantenham um olho neles. Fiquem atentos para qualquer...

Tudo fica escuro e a dor some, me sinto flutuando em uma nuvem.



Acordo com o coração disparado e me sento sobressaltada, está tudo escuro e isso me assusta, sempre acordei na cadeira antes, para onde me levaram? Minha respiração acelera, e então meus sentidos entram em ação e percebo que estou livre, um movimento à minha direita atrai a minha atenção e me viro em tempo de ver Kyle acender o meu abajur.

O soluço faz meu corpo inteiro balançar. *Estou em casa. Como pude esquecer?*

— Estou aqui, *Sunshine*. — O colchão afunda quando ele se senta e cuidadosamente me encaixa contra o seu peito. — Você está segura, está em casa — diz, passando as mãos em meus cabelos. — Vai ficar tudo bem, você está segura, está em casa — repete.

— Estava tão escuro — consigo dizer entre os soluços. — Achei que tinham me levado para outro lugar, para longe, e que nunca mais fosse voltar.

— Desculpe, vou deixar a luz acesa a partir de agora, você está com dor? — pergunta, sem parar de pentear meus cabelos com os dedos, de forma tranquilizadora.

— Um pouco — respondo depois de algum tempo.

Ele se estica, pega um copo e dois comprimidos e me entrega.

— Toma isso, vai ajudar — faço o que ele pede, devolvendo o copo em seguida. Depois de colocá-lo na cômoda, Kyle se acomoda novamente, me abraçando cuidadosamente. — Precisa dormir, Brooke, você está segura e não vai a lugar algum.

Meus olhos pesam algum tempo depois e sou abraçada pela escuridão mais uma vez. Passo as próximas horas ou dias, acordando por poucos minutos, um deles sempre ali, me acalmando e reconfortando. A luz do abajur sempre acesa.



— Ficou fora do ar por bastante tempo, hein, putinha? — a voz asquerosa pergunta, puxando meus cabelos e me forçando a olhar sua cara repugnante.

Não. Não. Não. Eles vieram, eu fui pra casa. Não posso estar aqui, me deixa morrer.

— NÃO! — O grito rasga a minha garganta seca.

Um par de mãos segura meu braço.

— Brooke?

Passos rápidos se aproximam.

— O que foi? — alguém pergunta. Não, não alguém, Raffi.

Alívio me percorre e abro os olhos. Seth segura meu braço, com uma expressão preocupada em seu rosto, Raffi e Kyle estão parados no pé da cama, com a mesma expressão em seus rostos.

— Tive um pesadelo — admito, aliviada. Foi só isso, só mais um pesadelo.

Seth se senta ao meu lado, cauteloso com minhas costelas ao passar o braço pelos meus ombros.

— Pode dormir tranquila, eu não vou a lugar algum, Abelhinha — declara, beijando o topo da minha cabeça e me ajudando a voltar a me acomodar nos travesseiros.

— Chamem se precisarem — Kyle diz, se vira para sair do quarto, e Raffi o segue.

— Não vão. — As palavras deixam meus lábios antes que eu realmente perceba que falei em voz alta, mas não quero que saiam, passei tanto tempo me perguntando se os veria novamente, se aguentaria o tempo necessário para que me encontrassem.

Os dois se viram para mim, desviam o olhar para o Seth que meneia a cabeça, e caminham para o outro lado da cama, ao mesmo tempo em que Seth se deita ao meu lado.

— Eu vou deitar do outro lado — Raffi informa.

— E por que você? — Kyle questiona, segurando o ombro do amigo.

— Porque eu disse primeiro, Thorne — fala com um sorriso, se livrando da mão dele e se acomodando ao meu lado, passando o braço sobre a minha cintura.

— Isso é ridículo, não é assim que as coisas funcionam — Kyle reclama, se deitando. — Precisamos de uma cama maior.

— Essa é uma super *king size* — Raffi responde.

— E eu ainda estou caindo para fora — protesta, me fazendo rir e minhas costelas doem, fecho os olhos respirando tão fundo quanto possível sem movê-las demais.

— Coloca na lista de compras Thorne, agora cala a boca — Seth fala, aproximando o rosto do meu e depositando um beijo em minha têmpora. — Dorme bem, Abelhinha.

Estou quase adormecendo quando sinto um peso nas minhas pernas.

— Ah, não. Cérbero sai daqui — Raffi ralha com o cão, abro os olhos e vejo-o deitado na ponta da cama, Banguela sobe em seguida, se ajeitando sobre as pernas de Seth e Apolo late antes de pular na cama, como se dissesse que não ficaria de fora.

— Deixa eles — falo. Sentindo uma alegria tão intensa que afasta o medo e traz um sorriso para os meus lábios.

— O que eu não faço por você, *babygirl*?



Três dias depois, acordo sentindo o calor de um corpo ao meu lado, uma mão repousando gentilmente no meu pescoço, e abro os olhos para encontrar Seth adormecido ao meu lado. Desde o dia em que pedi para que não me deixassem, os três têm revezado em dormir comigo. Ainda acordo com pesadelos, mas a frequência diminuiu, sentir a presença deles constantemente, mesmo quando estou no décimo quinto sono, ajuda.

Tento sair da cama sem incomodá-lo, é tão raro vê-lo dormir, mas assim que me mexo seus olhos se abrem, e o carinho que encontro em seu olhar é de tirar o fôlego.

— Bom dia, Abelhinha — diz com a voz rouca, antes de se inclinar e colar os nossos lábios.

Sua língua desliza sobre meu lábio inferior, num pedido que rapidamente aceito, ele explora a minha boca sensualmente, e a mão que descansava em meu pescoço sobe para acariciar minha bochecha. Seus movimentos são lentos, deliberados, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Minha mão segura sua nuca e o puxa contra mim, mordo seu lábio inferior querendo mais e Seth atende. Ele paira sobre mim, suportando o peso com um braço, enquanto a outra mão desliza pela lateral do meu corpo, e um

gemido de dor escapa dos meus lábios quando ele toca minhas costelas.

— Desculpa — pede se afastando, mas eu o puxo mais uma vez, depositando um selinho em sua boca.

— Não é culpa sua, não vejo a hora de ficar boa.

— Ah, é? E o que você quer tanto fazer quando melhorar? — pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Respirar sem sentir pontadas, já seria um bom começo — provoco, e me levanto.

— Justo.

Capítulo 29



Kyle Thorne

— Se você precisar de alguma coisa, é só chamar — lembro Brooke quando a deixo no sofá. Depois dos primeiros dias em que basicamente só dormia, a loira estava se recuperando lentamente, passava os dias na sala de TV, vendo seus filmes de comédia romântica e repousando.

— Como se um de vocês não fosse aparecer aqui em cinco minutos com alguma desculpa esfarrapada para ter certeza que estou bem — ela responde, rolando os olhos.

— Achei que estávamos sendo discretos — brinco, me abaixando e beijando seus lábios rapidamente. — Liv quer te ver. — Lembro da mensagem de texto ameaçadora que a morena me enviou, exigindo que a deixássemos ver sua amiga, não confiando em nós quando dissemos que ela estava se recuperando e ainda não estava pronta para receber ninguém. O que era compreensível, já que passamos três dias mentindo para ela, dizendo que Brooke estava doente e tinha perdido o celular.

— Eu sei, trocamos mensagens o dia inteiro, acho que ela vai passar aqui amanhã — ela diz, arrumando as almofadas para que

suportem suas costas e tronco de forma confortável e ajudem a amenizar a dor.

— Ótimo — respondo, deixando-a na sala na companhia dos seus fiéis guarda-costas. Era praticamente impossível encontrá-la sem pelo menos um dos cachorros à sua volta, eles estavam ainda mais protetores desde que ela voltou.

Eles não eram os únicos.

Passamos um pente fino pela casa, retirando toda e qualquer arma dos cômodos comuns, os faqueiros foram colocados dentro de armários, todo e qualquer alfinete, agulha ou semelhante foram colocados no escritório.

Brooke não tinha entrado em detalhes do que aconteceu, mas seus ferimentos falavam por conta própria. Por isso, estávamos empenhados em diminuir a quantidade de gatilhos tanto quanto fosse possível.

— Thorne. — Me viro, encontrando Raffi e Seth com expressões sérias. — Onde ela está? — pergunta num sussurro.

— Na sala, o que foi?

Raffi indica com a cabeça para que o siga e segue pelo corredor, entrando no escritório.

— O que aconteceu, Seth? — pergunto para o caçula que dá de ombros.

— Eu não sei, ele apareceu assim na academia e disse que era para eu acompanhá-lo — responde, seguindo nosso irmão.

Entro no escritório e fecho a porta.

— Pra que tanto mistério? — questiono.

— Por causa disso aqui. — Raffi tira um envelope do bolso. — Chegou hoje de manhã. Entregue naquele mesmo esquema, endereçada a Brooke e sem remetente. Os caras da portaria me entregaram quando voltei do mercado.

Sabíamos que não tinha acabado, não quando Derek, Alan e Mark não tinham estado no armazém e por consequência ainda respiravam.

— Você abriu? — Seth pergunta e Raffi meneia a cabeça confirmando. — O que diz?

— Eles estão brincando com a cabeça dela. — Ele entrega o envelope ao caçula.

— Eles conseguiram o que queriam, deveriam estar esperando a retaliação. Por que continuariam por perto quando sabem que têm os dias contados? É ousado demais até para suas cabeças insanas — comento.

Seth abre o envelope e lê em voz alta.

— *“Que bom que está em casa, mas lembre-se que tudo isso só aconteceu porque você os escolheu.”*

— Os escolheu? — questiono.

— Aqueles três covardes operam através do elemento surpresa, rapidez e força bruta. Isso aqui. — Seth sacode o cartão para enfatizar. — Não faz o menor sentido.

— Não foram eles — Raffi diz em um tom sombrio.

Era a única opção que fazia sentido, mas como? Desde quando?

— Todo este tempo? — vocalizo a pergunta que faz meu sangue gelar.

— Sempre existiram duas ameaças — Seth declara, com agressividade em seu tom. — E apenas uma delas tem nomes e sobrenomes para que possamos os caçar.

— Exato, isso é muito mais profundo e doentio — Raffi declara, e só consigo pensar em como essa outra pessoa esteve perto o suficiente para ver a apresentação de Brooke na escola, a seguiu quando saiu com a Liv e todos os presentes serem

extremamente pessoais. — E passou despercebido por tempo demais.

— Ela não está segura. — Pavor permeia a minha voz, um medo intenso de rever aquele nível de terror em seus olhos.

— Não ainda. Mas vai ficar. Vou garantir isso nem que seja com meu último suspiro — Seth vocifera, pregando o cartão na mesa com uma das facas que estava na estante às suas costas.

— Vamos — corrijo. — Três entram.

— Três saem.

CONTINUA...



Recadinho...

Eu sei, eu sei, vocês querem me matar. Como que eu ousei terminar o livro desse jeito?

Não sei se é o melhor momento para falar com vocês, mas primeiro quero agradecer cada um de vocês por ter lido meu livro. Por ter embarcado nessa jornada e conhecido esses personagens que já ocupam um espaço enorme no meu coração.

Mas o que vocês querem saber é: quando vem o livro dois? A resposta é: o mais breve quanto possível. A continuação da duologia Hades' Men é o meu próximo lançamento. Já temos capa, título e roteiro.

Então, já preparem o coração e as calcinhas porque ainda tem muita coisa pra rolar!

Ei, você

Muito obrigada por ter chegado até aqui! Você não sabe o quanto isso significa para mim!

Se você gostou da história, poderia me ajudar a levá-la a outros leitores? Isso é super importante para mim como uma autora independente que acabou de começar a se aventurar nesse mundo maravilhoso da escrita.

Você sabe como pode me ajudar? É muito fácil, rápido e de graça! Vou deixar abaixo algumas coisas que são super simples e podem contribuir muito:

1. Aproveita que você finalizou o livro para deixar sua avaliação sobre a história na Amazon! Além de ser um feedback e ser um termômetro para continuções, você pode acabar incentivando outros leitores a ler! Diga-me tudo o que você achou, eu adoro a opinião de vocês, as reações, tudo mesmo.

2. Que tal fazer um post em uma das suas redes sociais sobre o livro? E pode ficar à vontade para me marcar, eu amo acompanhar as leituras de vocês! Assim posso compartilhar com todos os meus leitores!

3. Obrigue (gentilmente e com muito amor) aquela sua amiga literária a ler “Atração Fatal” para que ela também se apaixone por Seth, Kyle e Raffi, é sempre bom ter alguém para surtar sobre o livro que acabamos de ler, né? Se possível indique também para seus amigos e familiares!

Fique à vontade para me seguir nas minhas outras redes sociais:

Facebook: Haay Di Maffei

Twitter: @HaayDiMaffei

Instagram: @HaayDiMaffei

Te vejo nas próximas histórias!

Agradecimentos

À minha família, que sempre me apoiou e acreditou: Eu amo vocês, cada um de vocês.

Jen, obrigada principalmente por me aguentar todas as madrugadas falando sobre o livro, sobre como estava tendo trabalho com alguma cena, por betar e aguentar todos os meus surtos (não foram poucos) e por amar o Seth quando ele ainda não passava de uma possibilidade.

Fran, minha Ohana, você sempre esteve ao meu lado, me encorajando e impulsionando. Obrigada, por todas as mensagens em que você perguntava como eu estava. *"I love you in case I die."*

Nathália, minha gêmea, por todo seu apoio. "Enquanto houver você do outro lado, aqui do outro eu consigo me orientar."

Nany, obrigada por ter aguentado todos os meus surtos, por ter aceitado quando eu desmarquei nossos passeios para poder terminar esse livro. E obrigada pelos post-its matinais.

Bruna, achou que eu não ia te mencionar? Você fez toda a diferença nessa reta final. Obrigada por todas as broncas e risadas!

Kah, minha beta e revisora, muito obrigada por embarcar nessa missão, você foi guerreira e esse livro não estaria aqui se não fosse por você.

As minhas parceiras, vocês são mulheres incríveis e eu tenho muita sorte de ter vocês junto comigo durante esse lançamento.

Obrigada pelas mensagens de apoio e compreensão, vocês não fazem ideia do quanto isso me ajudou e motivou.

Laryssa e Camila, obrigada por todo o apoio e compreensão, eu amo vocês! Vocês são incríveis!

Kel, Glei, Luiza, Thata, Cris, Fla, eu amo vocês. Obrigada por todo o amor e carinho, e pelo companheirismo de todos os dias.

Ao 9:05, vocês sempre torcem por mim, me apoiam e querem o melhor para mim. No meu coração nós sempre seremos “The Three Big Ones”, então, Carlos e Helton, muito obrigada.

Léo, meu eterno Boy, você é especial e seu apoio significa muito, obrigada por tudo. Amo você.

Às minhas lindas dos Calos Fofos, obrigada por todo o apoio, carinho e conversas no meio da noite.

Rafa, obrigada por ser sempre uma voz amiga, um abraço apertado, ou uma palavra de conforto quando eu mais preciso. Você é uma mulher incrível e o mundo é seu! “I’m with you till the end of the line!”

À você, leitor, que acreditou nesta estória, me acompanhou nesta jornada e me apoiou: Obrigada!

Como sempre, eu quero pedir desculpas se eu esqueci de mencionar alguém. São tantas as pessoas que participaram da criação desse livro, que fizeram a diferença na minha vida, então um obrigada a todos.

Conheça a Autora



"Sonhadora criatura tem mania de leitura."

Hayesha Di Maffei é catarinense de nascimento e hoje vive na Inglaterra, mas se considera uma filha do mundo e deseja explorá-lo por inteiro, realizando seu sonho de criança.

O amor pela leitura se tornou combustível para a imaginação que se diluiu nas palavras que você encontra em seus trabalhos. Escreve desde que se lembra, mas só dividiu com o mundo em 2020, quando publicou seu primeiro conto "Através do Tempo". Hoje, já tem mais livros na Amazon como: "A Singularidade de Nós", "A Arte do Roubo" e a continuação de seu primeiro conto "Além do Tempo", e segue trabalhando nos próximos lançamentos.

Conheça

Leia, agora, uma amostra
de *A Singularidade de Nós*



JÁ DISPONÍVEL NA AMAZON!

SINOPSE

UM JOGADOR MULHERENGO. UMA EDITORA DETERMINADA. ELE NUNCA NAMORA, ELA NÃO ACEITA SER APENAS MAIS UMA EM SUA CAMA.

Jasmine Bianchi, uma brasileira morando em Boston esbarra em Christopher Jensen, o astro do time de futebol americano. O encontro se transforma numa troca de farpas que deixa o atleta momentaneamente atordoado, mas interessado na morena aparentemente imune ao seu charme.

Quando Jasmine se vê no papel da protagonista de um dos seus adorados romances, só tem duas opções e já leu livros o suficiente para saber que a vida real não é um conto de fadas.

Regra de ouro do manual básico de qualquer mulher: não tente converter um cafajeste. A decisão mais lógica é sufocar seus sentimentos para não perdê-lo. A amizade deles se torna importante demais para misturar com as incertezas de um relacionamento. O único problema é que talvez Chris possa ter algo a dizer a respeito.

"A Singularidade de Nós" vem para mostrar que as mais belas histórias de amor, podem ou não, surgir de um simples e casual encontro de vulnerabilidades.

CAPÍTULO 01

Jasmine 

Se existe uma sensação melhor do que chegar em casa depois de um longo dia de trabalho, eu desconheço. Poder tirar os sapatos de salto alto, tirar a roupa social e tomar um banho relaxante, vestir uma roupa confortável e finalmente descansar no seu sofá é divino. Ainda melhor se incluir um bom livro a tudo isso.

Ler sempre foi a minha paixão. Desde menina, os melhores presentes sempre foram livros, então não foi surpresa para ninguém quando ingressei no mercado editorial. Foi um longo caminho, mas hoje sou paga para ler livros. Brilhante! Não fosse o fato de ler o mesmo livro apenas algumas centenas de vezes, ter que argumentar com autores, negociar mudanças e tentar chegar a um acordo, o que pode ser bem cansativo. Não me entenda mal, eu amo meu trabalho, mas em dias como hoje eu só quero chegar em casa e desligar um pouco.

Pego meu celular da mesinha de centro para checar as horas: seis da tarde, então são onze da noite em Londres, o que significa que há uma pequena chance de minha amiga de infância ainda estar acordada. O meu amor pela leitura não me trouxe apenas um trabalho incrível, mas me trouxe Laura ainda nos tempos de colégio. Nossa paixão pela literatura nos uniu e acabamos trabalhando juntas por muitos anos no Brasil, onde nascemos. Até nos candidarmos para vagas em uma grande editora internacional, achávamos que moraríamos juntas, porém as vagas eram para filiais diferentes e acabamos com o Atlântico nos separando, ela em Londres e eu em Boston.

Jasmine: Está acordada?

Envio uma mensagem enquanto escolho algo na televisão e a resposta chega em um instante.

Laura: *Mais ou menos.*

Jasmine: *Como está o manuscrito do Escocês?*

Meu celular toca em resposta. Já atendo rindo me preparando para a revolta.

— Olha, nem me lembre! Ele não quer mudar aquele capítulo por nada, não consigo chegar em um consenso — ela fala e a irritação é palpável em sua voz.

— Ah, sei bem como é. Por incrível que pareça, consegui convencer Melissa a arrumar aquele prólogo hoje!

— É para glorificar de pé! — ela exclama em concordância, até porque já deveria estar exausta de me ouvir reclamar, foram duas semanas muito longas. É maravilhoso o quanto conversar com a minha amiga de infância me ajuda a desestressar depois de um dia longo.

— Tirando o trabalho, como estão as coisas? E o Theo? — mudo de assunto. Theo é o namorado de Laura, um professor de literatura em uma universidade em Londres.

— Theo está ótimo, muito feliz com a turma nova!

— O que será que os alunos pensam do Professor Watson? — questiono com um ar de deboche.

A primeira vez que eu vi Theodore eu acabei rindo muito. Ele é muito bonito, mas não é meu tipo. Com seu cabelo loiro encaracolado, uma barba por fazer e um estilo casual. Mas depois de conhecê-lo e ver o quanto faz Laura feliz eu só implico com ele por pura diversão.

— Jazz, não fale assim do meu namorado! — reclama.

— Uh, olha ela defendendo o amorzinho.

— Você é tão ridícula. E você? Novos amores? — Lá vamos nós.

— Nada de novo. Seguimos com a programação normal — digo calmamente.

— Jasmine, você precisa deixar as pessoas entrarem na sua vida. E não, eu não estou falando do Traste. — Reviro meus olhos, mesmo sabendo que ela não pode ver.

— Para de revirar os olhos. Eu não preciso te ver pra saber que você está revirando os olhos pra mim.

Pega no flagra.

— Ele não é um traste e somos só amigos. — Traste era o jeito carinhoso de Laura se referir a Christopher, um dos meus maiores amigos desde que havia me mudado para Boston.

— Sei. — Escuto uma voz ao fundo antes dela completar — Jazz, tenho que ir. Boa noite

— Sem problemas. Noite, Laura. Amo você.

— Eu também. Beijo e tchau! — A ligação se encerra.

Levanto do sofá e contorno a bancada que divide a cozinha e a sala. O apartamento é pequeno, mas eu o acho aconchegante. Preparo uma xícara de chá antes de voltar ao sofá e ao meu programa.

Acordo assustada com o toque do meu celular, não tinha percebido que estava tão cansada. Ainda com o coração aos pulos vejo o nome de Christopher na tela antes de atender.

— Que foi? — falo um pouco irritada.

— Nossa, que brava! — ele ri.

— O que você quer, Chris?

— Só liguei pra saber se queria pizza...da Santarpio's. — ele comenta, com um tom de divertimento. Santarpio's é a melhor pizza da cidade, talvez do país. Eu nunca negava pizza do Santarpio's. Nunca.

— É claro que sim, amanhã? — A perspectiva de pizza no dia seguinte já foi o suficiente para me acalmar. A campainha do meu apartamento soou naquele momento. — Só um minuto, Chris, a campainha *tá* tocando.

Abro a porta do apartamento esperando que fosse algum vizinho que tivesse recebido uma encomenda minha por engano.

— Eu estava pensando em hoje mesmo! — Chris fala assim que me vê. Lá estava ele segurando a caixa de pizza e o celular equilibrado no ombro musculoso. O sorriso dele me faz sorrir, e o cheiro da pizza é um bônus. — Eu vou poder entrar ou vamos comer no corredor? — brinca e eu reviro os olhos, mas me afasto dando passagem para ele.

— Eu não acredito que você estava dormindo no sofá como uma velha! — meu amigo comenta com uma expressão divertida assim que entra no apartamento, vendo minha manta favorita sobre o sofá.

— E eu não acredito que você achou uma hora vaga na sua agenda para vir me ver! O que foi? Não tinha nenhuma modelo disponível hoje? — rebato sarcasticamente antes de me sentar no sofá e abrir a caixa de pizza.

— Para sua informação, eu privei uma arquiteta de sair comigo para vir aqui. Achei que estava em tempo de uma noite de filmes — disse tranquilamente, tão cheio de si quanto sempre. Chris senta-se ao meu lado, mas me adianta e pego a primeira fatia. Ele sorri e se serve.

— O que, em outras palavras, significa que o treino hoje foi mais pesado devido à alguma besteira que você fez, e você está sem energia e vontade de ter que lidar com toda a burocracia de um encontro. — Eu brinco, dando de ombros.

Ele quase se engasga de rir.

— Você me conhece demais.

— Não, você é previsível.

Se alguém nos visse hoje nunca acreditaria em como foi quando nos conhecemos.

CAPÍTULO 02

Um ano e meio antes

Jasmine 

O salão do hotel estava cheio de pessoas vestidas elegantemente. Garçons com travessas de champanhe e canapés circulavam entre os convidados. Não era a minha primeira festa de lançamento de um livro, mas era a primeira em Boston, com a editora nova, e eu queria desesperadamente causar uma boa impressão.

Me aproximei da autora para parabenizá-la. A mulher era linda, uns dez centímetros mais alta que meus 1,70m e seu corpo esbelto estava envolto por um terninho rosa *pink* justo que destacava seus olhos claros.

— Parabéns pelo lançamento, o livro é inspirador.

Ela abriu um sorriso exuberante, digno de um comercial de pasta de dentes.

— Muito obrigada, foi muito difícil o processo de me expor e dividir algo que sempre foi tão privado. Meus romances sempre foram meu tesouro — Caroline Diaz respondeu humildemente.

— Sério? Eu achei que teria sido fácil, que já estaria acostumada a estar sob o olhar do público — comentei.

— Por causa do meu marido? — perguntou calmamente, o sorriso ainda presente, mas um brilho nos olhos surge quando fala do marido.

— É, não deve ser fácil ser casada com o melhor *running back* da liga — eu falei com um sorriso.

Passei tanto tempo na adolescência lendo romances que tinham o futebol americano como um elemento da narrativa que eu

havia ficado curiosa e decidi assistir a um jogo. Acabei me apaixonando pelo esporte, para desgosto de meu pai que, como bom brasileiro, ama o “verdadeiro futebol”, como ele costuma dizer.

— Livros e futebol? — indagou e eu acenei em concordância.
— Você vai se dar bem com ele — ela comentou, o sorriso lindo ainda em seus lábios.

E, como se fosse a deixa, um burburinho começou entre os convidados e então uma grande parte do *New England Patriots* entrou no salão. A atenção de Caroline foi totalmente roubada ao ver o marido e se despediu rapidamente, indo em sua direção.

Meu chefe, Brian O’Neil, se aproximou.

— Caroline Diaz pareceu bem feliz com a conversa de vocês, o que disse a ela? — Ele parecia genuinamente intrigado.

— Nada demais. Só nos falamos brevemente sobre o livro e a liga.

— Que liga? — perguntou confuso.

— A *NFL*? Ela é a esposa de um dos *running backs* do Patriots — eu respondi um tanto incrédula, olhando de Brian para o aglomerado de homens altos que agora rodeavam Caroline.

— Ah sim, nunca achei que você gostasse de futebol, pelo menos não do americano. No Brasil, o futebol é sagrado, por isso...

— Brian, eu entendo, mas eu gosto de futebol americano. Nunca fui muito fã de esportes, mas o futebol americano conquistou meu coração logo no primeiro jogo que assisti. — eu o interrompi, tentando falar da forma mais educada possível já que, se tem uma coisa que me incomoda, é quando as pessoas fazem suposições sobre mim, sejam elas devido a de onde eu vim, ou o fato de ser mulher, ou o que for, apenas me tira do sério.

— Oh, eu entendo, me desculpe.

— Vou ver se acho algum daqueles garçons com canapés, com licença, sr. O’Neil — falei já me distanciando.

Eu ainda vi quando o camisa 28 dos Patriots pegou Caroline no colo e rodou com ela nos braços. Eu estava longe demais para ouvir sua gargalhada, no entanto.

CHRISTOPHER

Quando James nos chamou para a festa de lançamento do livro da Carol, eu fui o primeiro a dizer que iria. Nunca que eu recusaria uma festa! Como estávamos no meio da temporada sabíamos que o treino não podia ser adiado, nem mesmo pela esposa do *running back*, então acabamos nos arrumando no ginásio e indo direto.

Logo que chegamos Carol nos viu e veio cumprimentar, assim que ela estava ao alcance de seus braços James a rodopiou no ar como se estivéssemos em um daqueles filmes românticos. Foi então a vez de cada um de nós parabenizá-la pelo livro e, logo após, saí em busca de algo para beber.

“Por que todo garçom só tem comida na bandeja?” Eu pensei quando passei pelo terceiro e nada de bebidas.

Foi quando longos cabelos cacheados e negros chamaram a minha atenção. Eu realmente preciso achar bebidas agora.

Andei entre os convidados em busca de um garçom, sempre que avistava um, alguém me chamava. Quando você joga para o time da cidade acaba sendo reconhecido o tempo todo. Não que eu me importe, nunca tive problemas com a atenção. Amo minha carreira, amo o jogo e amo os fãs. Porém, a moça de cabelos cacheados estava se distanciando cada vez mais.

Tirei mais uma foto e, assim que os rapazes saíram, um garçom passou por mim. Um com bebidas, até que enfim!

— Eu preciso de duas, tudo bem?

— Ah, c-claro. Sou seu fã! — o rapaz, que não deveria ter mais que 19 anos, falou corando.

— Obrigado — respondi, já escaneando o salão em busca dela.

— Você deve estar cansado disso, mas você poderia tirar uma *selfie* comigo? Meus amigos nunca vão acreditar — ouvi ele falar, mas meu foco ainda estava dividido entre o rapaz e a busca pelos cabelos cacheados. Ela havia se perdido no meio da multidão.

— Claro. Cadê seu celular?

Com a foto tirada e as duas taças em mãos, eu voltei a procurá-la. Ela não poderia ter ido embora, Deus não seria tão cruel.

Alguém esbarrou em mim e, para minha surpresa, quando me virei, lá estavam os cachos negros. Claro que não pude deixar de perceber o vestido azul escuro acinturado que delineava seu corpo e deixava um dos ombros desnudos, mas foi o rosto que me chamou a atenção. Bom, depois dos cabelos, é claro. Seus olhos me encararam, eram pretos tal qual as mechas, tinha uma covinha no queixo e lábios carnudos cobertos por um batom vermelho.

Notar isso foi rápido, então antes que ela pudesse se desculpar por ter esbarrado em mim, eu me antecipei.

— Champanhe?

— Não, obrigada, eu estou dirigindo — ela respondeu e pude notar um sotaque leve, mas não consegui identificá-lo.

— Oi, eu sou Christopher Jen...

— Jensen, o *Wide Receiver* culpado por não termos nenhum *touchdown* no primeiro quarto do jogo de domingo. Eu sei quem você é. Você está se sentindo melhor? — *Uau. Quem é essa garota? E ela está mesmo me atacando, isso é sério?*

— Eu estou bem — respondi um tanto atordoado com a ousadia.

— Ah que bom, achei que iria sair no *Injury Report* dessa semana que você estava no banco devido a performance fraca — Ela cruzou os braços, enfatizando os seios, e parecia genuinamente chateada. Mas *perai*, performance F-R-A-C-A?

Respirei fundo.

— Ninguém sai no Injury Report por performance fraca, não que eu tenha...

— Pois deveria — ela me interrompeu, *de novo*.

Fiquei em silêncio processando o que tinha acabado de acontecer. *Quem essa mulher acha que é?* Devo ter ficado quieto por tempo demais, pois ela acenou com a cabeça como se a conversa tivesse acabado. Dei um gole no champanhe que eu tanto desejava, mas ela estava se afastando. Eu precisava ser rápido, deixei as taças em uma das mesas e a segui.

— Então você é uma fã? — perguntei quando me aproximei o suficiente. Ela se virou para mim.

— Do jogo? Sim. Do time? Claro! Sua? Não muito. — Conforme ela falava, ela enumerava os pontos com os dedos e terminou com um sorriso triunfante. Os dentes brancos contrastando com o vermelho do batom.

— Ai! Essa doeu — falei apertando o peito como se tivesse levado uma facada.

— É assim que eu me sinto quando você não pega a bola — ela falou e pude ver o divertimento em seus olhos negros.

Não conseguia entender como essa mulher parecia tão imune a mim, não era normal e eu não gostei nada disso. *Ela deve estar fingindo*.

— De qualquer forma, boa sorte no jogo de segunda! — Ela sorriu e covinhas se formaram em suas bochechas, fazendo companhia para a do queixo.

— Você já assistiu a um jogo no *Gillette Stadium*? — perguntei com um sorriso presunçoso.



“Você já assistiu a um jogo no Gillette Stadium?” A frase ecoou em meu cérebro. Eu entendi perfeitamente, mas me pareceu tão surreal que por um momento achei que estava dormindo.

Minha confusão devia estar estampada em meu rosto já que o sorriso dele se alargou. Christopher era muito mais bonito ao vivo do que na TV, muito mais imponente também. Seu rosto é longo, assim como seu nariz, o maxilar é tão marcado que a barba curta não consegue esconder sua forma. Os cabelos são do mesmo tom de castanho claro que a barba.

Encarei os olhos azuis e ele arqueou a sobrancelha esperando uma resposta.

— Não, eu não posso dizer que já fui — eu admiti finalmente.

— Você gostaria de ir?

Ah, então essa era a cartada final, o último golpe de Christopher Jensen, a cantada infalível, mas estávamos falando do Gillette, não é um cafezinho na esquina.

— Eu..ér...bem, sim! — eu me atrapalhei um pouco.

— Ótimo — ele respondeu. — Para você entrar é só você me dar seu nome que eu ponho na lista e pronto!

— Sútil! — comentei, franzindo os lábios.

Ele piscou antes de responder.

— Eu sei, mas é assim que funciona. — Acabei balançando a cabeça em descrença.

— Meu nome é Jasmine Bianchi.

Ele estendeu uma mão que eu envolvi com a minha e começamos a rir.

— Eu sabia que você tinha um sotaque, Bianchi é italiano, não? — ele me questionou, ficando ainda mais perto do que antes, e eu pude sentir seu perfume cítrico.

— Sim, Bianchi é italiano, mas eu não sou, não diretamente pelo menos.

— Como assim? — indagou inclinando a cabeça, como geralmente acontece com as pessoas quando eu me apresento assim.

— Eu sou brasileira, meus avós eram italianos.

CHRISTOPHER

— Brasileira? Interessante! — Deus realmente tem seus favoritos, pois, para minha sorte, alguém chamou por ela, a fazendo virar de costas, abandonando nossa conversa, mas me dando total oportunidade de conferir o material. E, nossa, realmente ela tem a famosa bunda das brasileiras. Murmurei um parabéns ao acompanhar o rebolar enquanto ela se afastava de mim.

Que mulher displicente. Ela só podia estar se fazendo de difícil, afinal sou eu! Quem não se interessaria? Eu conhecia esse jogo dela e estava disposto a jogar. Quando ela se virou em minha direção novamente, já estava escrito “modo caça” na minha expressão e tenho certeza que ela notou.

— Você está bem? Está com fome? — ela perguntou.

— Estou ótimo. — Abri um sorriso pensando que estava mesmo com fome, mas de um tipo diferente de comida, antes de pedir por seu número para poder avisá-la onde buscar seu ingresso para o jogo. Ela pareceu relutante, mas acabou me dando o número. Ponto para mim!

— Então tudo bem, aproveite sua noite Christopher e bom jogo segunda. Obrigada pelo ingresso — agradeceu e se virou, indo embora, sem nem mesmo me dar tempo de me despedir.

E ela já estava envolvida em outra conversa no minuto seguinte.

— Oi, você não é o Christopher Jensen? — Uma voz fina falou atrás de mim e me virei para encarar um par de olhos azuis me devorando.

— Sou sim! — falei com um sorriso e sua mão já estava apoiada em meu bíceps.

CAPÍTULO 03

Jasmine 

Quando finalmente chegou a segunda-feira do jogo dos Patriots, o tal jogo que Chris me convidou, eu estava em um estado de absoluta alegria e nervosismo. Ironicamente eu tenho duas *jerseys* e ambas são do mesmo jogador: número 80, Christopher Jensen, e eu não ia ao jogo com o nome dele nas minhas costas. Ele já parecia ter um ego impressionante e eu decidi não adicionar nada a isso, portanto resolvi que passaria em uma loja quando saísse do trabalho a caminho do estádio.

Meu celular apitou com uma nova mensagem.

Número desconhecido: *Oi, ansiosa para o jogo? Quando chegar ao estádio é só se encaminhar para a bilheteria, dar seu nome e eles irão te levar ao seu lugar. Espero que você dê sorte!*

Número desconhecido: *Ah, é o Chris!*

Dei uma risada e revirei os olhos.

— O que foi? — perguntou Sarah, minha colega de trabalho, que estava passando pelo meu cubículo.

— Nada de importante, lembra que eu falei que ia ao jogo hoje? Pois era só a confirmação de que tenho ingresso mesmo — comentei dando de ombros como se não estivesse super empolgada para ir.

— Olha, eu até poderia ter me esquecido, mas você mencionou esse jogo umas 7 vezes só na última meia hora — ela debochou.

— Existe alguma razão para você vir aqui além de me importunar? — questioneei encarando minha amiga.

Sarah Hamilton é linda: olhos escuros, nariz curto e arredondado e seus cabelos castanhos escuros estão normalmente em *box braids*. Ela começou na mesma semana que eu, então criamos logo um laço por estarmos as duas nos sentindo deslocadas na nova editora.

— Chegaram três novos manuscritos, Brian pediu que eu os deixasse com você. — Ela os colocou em minha mesa, indicando que eu teria muito o que fazer pela próxima semana.

Ao sair do trabalho, consegui passar em uma loja de artigos esportivos e comprar uma nova Jersey, dessa vez com o número 28 e o nome do *running back*, Diaz. Muito melhor.

Quando cheguei ao estádio, que era uma construção gigante, vendo as multidões se aglomerando, todo aquele barulho e o lugar inteiro pulsando de euforia, por um momento, foi como voltar ao Brasil, aquela energia de pessoas, os sons e as cores, igual em dia de jogo no Maracanã.

Segui as direções que Chris me deu e fui atendida por uma moça simpática, mas que sorria como se soubesse de algum segredo. Quando cheguei ao meu lugar, tive que me controlar para não chorar: eu estava sentada nas primeiras fileiras logo atrás do banco onde o time ficaria.

Eu conseguia ver tudo!

Peguei meu celular e mandei uma foto do local para Laura, sabendo que ela estaria dormindo, mas que veria quando acordasse.

Já que estava com o celular achei melhor mandar uma mensagem de boa sorte para Christopher e aproveitar para agradecer pelo lugar incrível, mesmo achando que ele não fosse ver. Eu estava enganada, no entanto, já que uma mensagem com uma carinha piscando chegou logo em seguida.

Quando o time entrou em campo as arquibancadas explodiram em aplausos e gritos. A sensação crescente de que o jogo seria eletrizante passava de espectador para espectador e logo eu me

senti parte da massa de corpos que me cercava, como se fôssemos um.

O jogo estava acirrado, mas nossa defesa estava incrível e mantinha a ofensiva do time de Nova Iorque longe da zona de *Touchdown*. Já estávamos na metade do primeiro quarto quando a ofensiva do Patriots começou a avançar incontrolavelmente. Trey Jones, o *quarterback*, continuava a achar alguém livre e estávamos já muito próximos de conquistar o primeiro touchdown do jogo.

Minha respiração ficou presa na garganta quando eu vi a bola voar da mão de Jones em direção a Jensen e, quando ele a agarrou e caiu dentro da área de touchdown, eu gritei. Meu grito se misturando com os dos milhares de fãs.

Ganhamos o jogo, com Christopher batendo o próprio recorde da temporada ao marcar três touchdowns na mesma partida. Meu corpo inteiro vibrava ainda com a adrenalina de toda aquela atmosfera, eu sempre me alterava quando assistia às partidas em casa, mas estar no estádio elevou isso a outro nível.

Eu ainda não queria ir embora, então mesmo com todo mundo correndo para as saídas, eu me sentei e aproveitei para tentar acalmar meu coração, deixando que a adrenalina saísse do meu corpo com respirações profundas, enquanto eu guardava cada segundo das últimas três horas na memória.

Jasmine: *Parabéns pelo jogo, parece que você foi liberado do injury report da próxima semana! Eu estou brincando, você jogou muito bem mesmo!*

Eu mandei a mensagem para Chris, ainda sentada na arquibancada.

Meu celular tocou em resposta.

— Parabéns! — Foi a minha forma de atender.

— Obrigada e tenho que te agradecer por me trazer bons ventos, acho que você é meu amuleto da sorte. Eu até falei para os

rapazes isso e eles querem te ver. Vai ter uma festa para comemorar a vitória, quer ir?

— Eu sou o seu o que? — Eu sei que ele disse algo sobre uma festa, mas não consegui me concentrar em nada.

— Amuleto da sorte. Você veio e eu joguei super bem! — ele falou como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Só porque você criou vergonha na cara e jogou direito, não quer dizer que eu tenha feito algo — respondi, me levantando e começando a caminhar para a saída. O estádio ainda não estava vazio, mas a grande maioria já devia estar enfrentando filas para sair do estacionamento.

— Isso foi um elogio. Nossa. De qualquer forma, vem pra festa, vai ser legal! Eu te levo. — Revirei os olhos.

— Não vou, eu trabalho amanhã.

— E daí? — Suspirei buscando paciência.

— E daí que eu não estou a fim de ir trabalhar sem dormir direito e eu não tenho que me explicar pra você, Christopher.

— Não precisa ficar nervosa, só achei que você fosse gostar de ir a uma festa do time — Ele soou chateado e isso me irritou, ele não deveria ficar chateado com a minha recusa, nem nos conhecemos.

— Boa festa, Christopher e parabéns pelo jogo de novo! — falei tentando soar menos irritada e falhando. Não dei tempo para que ele respondesse e encerrei a ligação. Isso não era saudável para minha sanidade.

Já estava no amplo corredor do estádio, perto de um dos bares que ficam à disposição, quando ouvi alguém me chamar. Procurei quem poderia estar me chamando, já que não conhecia muitas pessoas na cidade, e quando localizei a pessoa que me chamou, um sorriso se formou em meu rosto.

— Caroline! Dê parabéns ao James por mim, que jogo! — eu falei assim que me aproximei.

— Eu não sabia que estaria aqui, se eu soubesse teria te convidado para ir para a área VIP comigo — ela falou me abraçando.

Era engraçado o quanto ela me lembrava Laura. Mesmo não sendo nada parecida fisicamente com a minha amiga de infância, tinha alguma coisa nela que me fazia pensar que seríamos ótimas amigas.

— Ah, não tem problema, fiquei num local ótimo, vendo tudo, logo atrás do banco do time — eu respondi já me virando para seguir meu caminho. — Foi muito bom te ver, mas eu já vou indo.

— Espera — ela pediu segurando meu braço. — Vai ter uma festa para comemorar a vitória, vem comigo. Eu sempre fico entediada nessas festas.

— Eu até gostaria de ir — eu menti com um sorriso —, mas eu trabalho amanhã e não quero chegar muito cansada.

— Por favor! Só um pouquinho. — Eu suspirei, mas como sentia essa conexão com ela, ficou mais difícil inventar uma desculpa.

— Tá bem! Mas vou ficar por no máximo meia hora. Onde é? — Eu perguntei já pensando que, se fosse muito longe, não conseguiria chegar de trem, e seria uma ótima desculpa.

— Não se preocupe com isso, vem comigo e vamos juntas! — Que sorte a minha.

CAPÍTULO 04

Jasmine 

Na festa de lançamento do livro de Carol eu não tinha tido a chance de conhecer James Diaz, mas na viagem de carro com o casal tive o privilégio de o conhecer e desmistificar o homem que, para mim, era o melhor de todos os tempos. Foi como ver o meme “ele é gente como a gente” diante dos meus olhos.

A festa era na casa de um dos jogadores, um dos *linebackers*. Ao chegarmos, me senti extremamente deslocada quando vi o tamanho da mansão, como se eu não pudesse estar ali, não conhecia ninguém.

“Só trinta minutos, Jasmine, você consegue.” Eu repeti para mim mesma, tentando me acalmar.

A sensação só piorou quando entramos e parecia uma daquelas casas que vemos em filmes. Uma linda escada em espiral era vista logo depois do amplo hall de entrada, mas seguimos na direção dos sons de conversa e música, entrando em uma sala grande com sofás espalhados e uma mesa de tênis de mesa, que no momento servia para algum jogo envolvendo bebidas.

Assim que os colegas de time viram James entrar, os gritos de viva começaram e demoraram alguns minutos até gradualmente diminuírem. Carol me puxou pela mão em direção a cozinha depois de James lhe beijar o rosto e ir ao encontro dos amigos.

Pegamos nossas bebidas e quando me virei, um par de olhos azuis estava sobre mim.

— Pensei que você não fosse vir, que tinha que trabalhar, Amuleto da Sorte. — Ele piscou para mim.

— Carol me convenceu a vir, só por alguns minutos e depois vou pra casa. E não sou um amuleto.

— Veremos sobre a questão do amuleto, mas estou feliz que veio — ele falou e senti seus olhos passearem por meu corpo.

CHRISTOPHER



Essa mulher me tirava do sério! Uma de suas sobrancelhas se arqueou quando notou meu olhar sobre seu corpo, mas ela estava linda, diferente das outras mulheres da festa: uma calça jeans e a Jersey do time. Infelizmente não era a com o meu número, ela bem que disse que não era minha fã. “*Mas vai ser.*”

— Oi Carol — eu falei e beijei-lhe o rosto. — Obrigada por convencer meu amuleto a vir!

Ela era meu amuleto sim, essa temporada estava sendo muito difícil para mim e por alguma razão desta vez eu joguei como na temporada passada, conseguindo achar aberturas na defesa, pegar bolas que no jogo passado eu não teria conseguido.

— Chris, comporte-se — ela sussurrou. Os olhos verdes analisando meu rosto.

— Sempre me comporto — eu falei fingindo estar ofendido.

— Carol, vamos. — Jasmine a puxou pela mão, evitando me olhar.

Ela saiu, os cachos negros balançando no ritmo de seus quadris e eu me perdi admirando a paisagem até que Jones me chamou para a mesa de jogos. O segui por vários motivos, um deles era que eu queria beber, o outro era que a mesa de jogos dava uma vista privilegiada do *meu* amuleto da sorte.

Jasmine



Decidi que a melhor forma de agir era ignorar a criança no corpo de homem chamada Christopher Jensen e dar atenção a Caroline. Nossa conversa fluía fácil, logo percebemos ter várias coisas em comum e, quando me dei conta, meia hora já havia vindo e ficado para trás por quase uma hora.

Comecei a me despedir, mas ela pediu que eu ficasse, que me levaria em casa logo, pois já estava cansada e logo diria ao James que estávamos indo, só mais alguns minutos. Fiz meus cálculos mentais de quantas horas de sono eu precisava de verdade antes de trabalhar. *Se formos em meia hora ainda conseguiria fingir ser um ser humano racional na editora.*

— Então sobre o que estamos conversando? — perguntou alguém com uma voz conhecida se sentando ao meu lado. Revirei meus olhos e me adiantei em responder antes que Carol tivesse chances.

— Carol estava me contando como é ser mãe, sabe, todas as coisas que envolvem gerar um ser humano e, é claro, amamentação. — Não era esse o assunto, obviamente, já que estávamos discutindo os últimos filmes que vimos no cinema, apenas pensei que o assunto o deixaria desconfortável e ele iria embora, mas meu plano falhou miseravelmente quando os olhos de Chris se fixaram em meu peito.

— Ah, interessante. — Seus olhos conseguiram voltar a encarar os meus e ele deu uma piscadinha, antes de virar para Carol e perguntar das crianças.

Uma piscadinha.

Deus, dai-me paciência!

Ele esticou o braço casualmente e o descansou nas costas do sofá, nos meus ombros. Eu tinha que admitir que ele era bom no que fazia, pois só percebi que ele tinha feito isso quando senti seu calor envolver minhas costas, era reconfortante e irritante.

Eu precisava andar.

— Carol, já volto! — Eu me levantei e fui em busca de um banheiro ou qualquer outro lugar, precisava recuperar minhas forças.

Christopher tinha uma fama e eu não seria mais uma conquista. Ele é lindo, tem um corpo musculoso devido a todo o treinamento para ser um Wide Receiver, olhos tão azuis que lembram o mar e um sorriso que enfraquece as pernas.

Onde eu queria chegar? Sacudi minha cabeça como se isso fosse ajudar a colocar meus pensamentos em ordem. Christopher Jensen estava fora de cogitação. Eu não me deixaria levar por um sorriso lindo, ou olhos que me davam vontade de mergulhar. “*Jasmine Bianchi, se controle, você não é uma adolescente*”, eu me repreendi mentalmente.

Acabei em uma varanda com vista para a piscina no quintal da casa, o ar frio da noite me acalmou e me distraí olhando o horizonte.

— Não lembro de ter te visto em nenhuma dessas festas antes. — Uma voz masculina soou atrás de mim. Quando me virei em direção a voz, me deparei com um rapaz de olhos castanhos, cabelo escuro e um sorriso brincalhão.

— É a primeira vez que eu venho, fui convidada pela Caroline.

— Eu imaginei, eu me lembraria de você. Sou o Peter.

— Jasmine — falei enquanto apertava a mão que ele estendeu.

— Belo nome.

— Obrigada, e como você acabou aqui? — eu perguntei, sabia que ele não era um dos jogadores.

— Eu sou Peter Jones, eu sou irmão do Trey Jones. — O quarterback, eu não sabia que ele tinha irmãos, nem que um deles era tão bonito.

— O camisa 13. Sei quem é — eu falei com um sorriso.

Uma brisa passou pela varanda e um calafrio me percorreu, automaticamente fazendo meus braços me envolverem tentando

manter o frio longe, o que não passou despercebido por Peter, que sugeriu que voltássemos para dentro da casa. Eu concordei e assim que passamos pelas portas duplas de vidro uma mão segurou meu braço.

— Aí está você, Carol está preocupada.

Olhei para o sofá onde eu estava sentada minutos antes e Carol estava em uma conversa com uma das líderes de torcida. Eu não a conhecia, mas ela ainda vestia o uniforme.

— Sério? Ela não parece preocupada, ela parece ocupada na verdade, igual a mim — respondi a Christopher, retirando sua mão do meu braço. Seus olhos seguiram o movimento e algo que não consegui distinguir passou por seus olhos.

— Oi, *Little Jones* — ele falou, cumprimentando Peter com um aceno da cabeça. Achei um pouco absurdo chamar de “pequeno” um homem que tem quase a mesma altura que ele, mas ele era o irmão mais novo de Trey, o que me fez crer que eles se conheciam, e pelo jeito, Christopher tinha mania de dar apelidos para as pessoas.

— E aí, Chris. Jogou bem hoje — Peter respondeu calmamente.

— Tive alguém pra me dar sorte, não é, Jasmine? — Chris respondeu me cutucando o ombro.

— Como você é irritante — falei exasperada. — Acho que tem alguém te chamando, Chris! — Eu apontei alguém às costas dele e, quando ele virou para procurar, eu sai andando com Peter me acompanhando.

— Então você e o Jensen... — ele começou a frase e a deixou no ar esperando que eu preenchesse as lacunas.

— Nos conhecemos, mas nada mais do que isso. Como eu disse, eu sou convidada da Carol.

— Que bom — ele respondeu com um tom de alívio.

— Por quê?

— Porque eu não poderia competir com ele, e eu quero muito te beijar — ele falou indo direto ao ponto, decidido. Gosto disso.

— E o que te impede? — perguntei encarando seus olhos cor de chocolate e abrindo um sorriso.

Ele deu um passo para mais perto e suas mãos abraçaram minha cintura. Ele estava tão perto que sua respiração fazia cócegas em minha testa. Olhei para cima para poder continuar vendo seu rosto, ele devia ter mais de 1,80m.

— Só precisava da sua permissão — ele falou antes de colar a boca na minha.

Seu beijo era quente, suas mãos percorreram minhas costas me causando arrepios enquanto as minhas subiram por seus braços sentindo os músculos por baixo da camiseta. Não sei quanto tempo se passou enquanto fomos nos conhecendo, mas precisamos de ar e nos separamos.

Seu sorriso passou de brincalhão a malicioso e me percebi mordendo o lábio inferior em resposta.

— Jasmine... — Peter sussurrou, mas foi interrompido por Carol.

— Jazz, eu estou indo, acabei me perdendo em uma conversa e não percebi que já havia passado em muito o horário que combinamos — ela falou, já se desculpando. Eu tinha esquecido completamente que trabalhava no dia seguinte. Chequei meu celular e me xinguei mentalmente, eu estaria um zumbi no trabalho.

Suspirei e passei as mãos pelo cabelo, eu estava tão ferrada. Olhei para Peter, ainda parado ao meu lado, uma mão na base das minhas costas.

— Peter... eu adoraria ficar, mas eu trabalho amanhã e preciso ir. — Me inclinei e beijei seus lábios rapidamente. — Foi um prazer te conhecer — eu falei com um sorriso, me virei para Carol e indiquei o caminho.

Começamos a sair e James apareceu ao lado de Carol, um braço a envolvendo instantaneamente, completamente sóbrio e

fiquei feliz em saber que ele era um motorista consciente. Ao passarmos pelo sofá onde antes eu estava sentada com Carol, vi Chris com a líder de torcida no colo e revirei os olhos com o clichê da situação.

Estávamos quase à porta quando ouvi Peter me chamar.

— Você não me deu seu número, como que eu vou te chamar para um encontro de verdade sem ter seu número? — ele falou com o sorriso divertido de volta ao rosto.

Ele me estendeu o celular e eu adicionei meu número. Mais um beijo rápido e nos despedimos. *Laura vai surtar quando eu contar.*

Como previsto eu fui completamente inútil no trabalho e o máximo que consegui fazer foi fingir trabalhar durante o dia enquanto me mantive acordada à base de cafeína, no entanto, o resto da semana fluiu e já me via entrando em uma rotina no novo emprego.

Na sexta eu tive um encontro com Peter que foi, para minha surpresa, muito romântico e atencioso. As coisas esquentaram e acordei na manhã de sábado em sua cama. Após o café da manhã, encontrei uma desculpa para voltar para casa.

Quando cheguei em casa, fiz uma chamada de vídeo com Laura para contar sobre o encontro e ela já aguardava ansiosíssima por detalhes, porém quando contei que sai de manhã ela me repreendeu.

— Jazz, você tem que aprender a deixar as pessoas entrarem na sua vida, se o rapaz é um fofo, por que não passar o dia com ele? Ele não te expulsou da cama dele — ela me repreendeu.

— Porque eu não tive vontade, e muito engraçado você me dar lição de moral para deixar as pessoas entrarem na minha vida quando eu dei o mesmo discurso há três meses em relação ao Theo. — Eu mudei de assunto, eu sei que ela entende o porquê, mas ela quer me ver feliz como ela é.

— Mas eu ouvi e olha como eu estou agora. — Eu simplesmente dou risada.

— Laura, eu vou pensar nisso, tá? Da próxima vez eu espero ele me expulsar — falei e pelo sorriso dela sei que ela entendeu o sarcasmo.

— Você é ridícula.

— Também te amo.

— Jazz, eu vou desligar que Theo quer ir passear no parque — ela comenta.

— Vai lá.

— Te amo, tchau — ela se despede e a ligação se encerra antes de eu responder.

O dia estava bonito em Boston e, mesmo estando frio, decidi ir ao parque também.

É um dos meus passeios favoritos na cidade, andar por um dos inúmeros parques e, quando o clima permite, achar um banco ou uma árvore e ler.

O dia estava muito frio para ler, mas o passeio valia a pena, Boston é linda no outono.

Na quinta-feira daquela semana, meu celular tocou e o nome de Chris surgiu na tela.

— Oi? — eu atendi surpresa, o que será que ele queria?

— Jasmine, você vai no jogo amanhã? — ele falou à guisa de cumprimento.

— Não. Chris, o jogo é em Miami e mesmo que fosse aqui eu tenho um manuscrito para ler e revisar até segunda, vai me tomar o fim de semana inteiro.

— Mas... eu preciso de você, eu sei que você não levou a sério o que eu disse a respeito de você me dar sorte, mas eu realmente joguei melhor no último jogo e única diferença foi você — explicou e seu tom de voz era diferente, não tinha o toque de brincadeira que

coloria sua voz como na última vez que nos falamos, estava sério. Ele realmente acreditava que eu tinha lhe dado sorte.

— Eu vou estar torcendo de casa, prometo. Eu sei que você vai jogar bem — falei tentando acalmá-lo, o motivo eu não sabia já que ele tinha o costume de me irritar.

— Não é suficiente, voa com a gente hoje à noite.

— Eu não posso, Christopher, eu tenho um prazo a cumprir, não posso simplesmente largar tudo pra assistir a um jogo — eu falei, decidida.

— Por favor, Jasmine. — Seu tom de voz transmitia agonia e me percebi apertando o celular em minhas mãos.

— Não posso, vai dar tudo certo, você vai jogar bem e vai ver que só está sendo supersticioso.

Ouvi seu suspirar, mas ele não falou nada.

— Christopher, me escuta, eu não sou um amuleto da sorte, você jogou bem porque você treina incessantemente, porque é um bom jogador. — Deus, eu esperava que isso não inflasse o ego dele mais do que o necessário.

— Veremos. — Ele desligou.

Na minha cara.

Esse homem me tirava do sério, como assim ele desligou na minha cara depois de praticamente me implorar pra ir assistir ao jogo dele?

No dia do jogo, eu estava nervosa, angustiada, mais do que o meu normal para um dia de jogo. O jeito de Chris no telefone havia me deixado desconcertada. Quando o jogo começou, apesar do time estar fazendo um trabalho incrível, Christopher não estava conseguindo se livrar da defesa, não conseguia pegar a bola.

Metade do jogo e estávamos perdendo, mas ainda dava pra recuperar. Eu imaginei que ele não fosse ver, mas mandei uma foto minha com a Jersey do time, só depois de enviar que lembrei que estava usando a dele.

Quando o último quarto começou, a diferença já era grande, precisávamos de um milagre para ganhar. De alguma forma Jones encontrou um *Tight End* e conseguiu avançar até a metade do campo do oponente, mas a defesa deles era muito boa e o jogo acabou com o nosso lado perdendo.

Meia hora depois meu telefone tocou.

— Eu falei que você me dava sorte. — A derrota era tão gritante em sua voz que eu me senti mal.

— Não tinha como eu ir, eu te falei — respondi me justificando.

— Perdemos.

— Mas a temporada não acabou, vocês ainda estão no topo da divisão, no próximo vocês recuperam — eu falei tentando de alguma forma animá-lo. Era estranho ficar tão preocupada com uma pessoa que eu mal conhecia, mas seu tom mexeu comigo.

— Nós voltamos pra Boston amanhã e eu sei que você tem o prazo, mas tem tempo pra tomar um café?

— Tenho — eu falei, eu não sabia naquele momento que esse café seria o que mudaria tudo.

CHRISTOPHER

Desde o momento que o jogo acabou eu me sentia mal, em algum nível de consciência eu sabia que Jasmine não era a culpada, mas a maior parte de mim nunca foi racional então eu tinha a sensação que se ela estivesse no estádio, teríamos ganhado.

Além da bronca do treinador e da cara de decepção do Trey, eu ainda precisava lidar com a minha própria cabeça e isso nunca dava certo. Futebol era a minha paixão, minha vocação. Eu não sou particularmente bom em nada, tirando os momentos em que estou em campo... ou num quarto. O sentimento de ter decepcionado não apenas os meus colegas de time, mas os fãs, me dilacerava.

Ainda não sei o que me levou a ligar, mas estava feito.

Cheguei mais cedo do que o combinado no café, que ela escolheu por ser mais perto da casa dela, e me sentei em uma das mesas afastada das janelas. A sineta na porta da cafeteria soou cinco minutos depois, ainda faltavam quinze para o horário combinado, mas eu olhei em direção a porta mesmo assim e lá estava ela.

Os cabelos estavam presos, mas alguns cachos que eram mais curtos escapavam e emolduravam seu rosto. Seus olhos negros como pedras obsidianas observaram o lugar e, quando me encontrou sentado aos fundos, um sorriso se formou nos lábios deliciosos (pelo menos era o que eu achava que eles eram. Não podia ter certeza, já que não os tinha provado).

Ela caminhou em minha direção com passos decididos que faziam seu quadril oscilar com um balanço hipnótico.

— Oi — eu falei simplesmente.

— Oi, Chris. Já pediu? — ela perguntou, o sorriso cauteloso.

— Ainda não, estava te esperando.

— O que você quer? Eu faço nossos pedidos.

Depois que eu escolhi, ela saiu. E mesmo em meio a toda a minha frustração com o jogo e com o meu desempenho, ao vê-la se afastar eu me perguntei qual seria o motivo dela ser tão imune a mim. A atração que eu senti no primeiro dia ainda estava presente, *que corpo escultural!*

Ela voltou com nossos pedidos e se sentou à minha frente. Seus dedos ficaram tamborilando na caneca, ela parecia inquieta, mas sua postura era firme. Se não fossem os dedos a mexer ritmicamente eu não suspeitaria de nada.

O Christopher à minha frente era tão diferente do que eu tinha passado a esperar. O sorriso sarcástico e sedutor tinha desaparecido, seus olhos azuis como o mar não tinham o mesmo brilho que tinham na última vez que nos vimos.

Ele não falava nada e como foi ele quem me chamou, também fiquei calada. O único som em nossa mesa era o de minhas unhas traiçoeiras que não paravam de bater na cerâmica quente. Depois que dei o primeiro gole, senti o calor preenchendo meu corpo e o gosto adocicado do chocolate branco da minha mistura com café favorita, eu inclinei minha cabeça ainda o observando.

— O livro é bom? — ele perguntou.

— Cabe correção, mas tem potencial. Ainda estou na metade, tenho até amanhã de manhã para terminar e escrever minha revisão para apresentar na reunião — respondi, o livro era mesmo muito bom, sobre uma garota que se apaixona por gêmeos, um homem e uma mulher, ainda não o havia terminado e não tinha me decidido sobre quem do casal de irmãos merecia mais a protagonista.

— Pelo menos algo deu certo — ele falou e a frustração era clara em sua expressão.

— Christopher Jensen — eu falei, talvez um pouco dura, pois seus olhos encararam os meus. — Não é o fim do mundo, a temporada não acabou.

— Você fala assim porque não foi você que decepcionou uma legião. — Seus olhos desviaram dos meus, seus ombros largos se curvaram e me perguntei como seria carregar esse peso. Ele realmente se importava com como os fãs se sentiam, ele sentia que os tinha decepcionado.

De certa forma, sim. Quando eu não o conhecia e ele era apenas um dos jogadores na TV, eu o xingava e provavelmente estaria muito chateada com a derrota de ontem.

Minha mão segurou a dele e ele voltou a me olhar. Aquela sombra ainda estava em seus olhos, como uma tempestade

chegando no litoral. O calor de sua pele contra a minha, causou espasmos na minha barriga.

— Eles são fãs, podem estar chateados, mas eu prometo que no próximo jogo eles estarão torcendo por você de novo, clamando seu nome e você vai mostrar que vale a pena continuar a torcer por você, pelo seu time, não é a primeira vez que perdem. — Eu apertei sua mão. — Mas quando importa, vocês jogam como gladiadores e nada pode pará-los. Perderam ontem, mas ainda estão liderando a divisão. E no próximo jogo eu tenho certeza que você não vai decepcionar ninguém.

— Como você pode ter certeza? — ele questionou ainda desconfiado.

— Simples. — Eu dei de ombros. — Lembre-se de como você se sente neste exato momento enquanto estiver em campo e faça de tudo para não ter que sentir novamente.

Ele sorriu, a primeira vez que sorriu desde que eu cheguei. Seu rosto se suavizou e seus ombros voltaram a postura normal. E assim o Chris que tinha conhecido há poucas semanas parecia estar de volta.

CAPÍTULO 05

Dias atuais

Jasmine 

— O que em outras palavras significa que o treino hoje foi mais pesado devido à alguma besteira que você fez e você está sem energia e vontade de ter que lidar com toda a burocracia de um encontro. — Eu brinco.

Ele quase se engasga de rir.

— Você me conhece demais.

— Não, você é previsível.

Enquanto comemos a pizza com que Chris me surpreendeu, tentamos decidir que filme vamos ver, eu quero algo calmo e tranquilo e ele quer ação, tiros, porrada.

— A casa é minha, eu escolho — argumento decidida.

— Eu trouxe a pizza — ele desafia.

Continuamos assim até que por fim concordamos em uma mistura de ação com comédia, assistindo a um desses filmes de heróis.

CHRISTOPHER 

Na metade do filme que ela escolheu e me forçou a ver, ela pega no sono. E eu nem posso brigar com ela, ela parecia exausta

quando cheguei, mas o dia tinha sido difícil e não consegui me forçar a ir no encontro com a arquiteta loira. Eu queria paz, mas quando cheguei em casa estava quieto demais.

Então entrei no meu carro, comprei uma pizza e bati na porta do apartamento da única pessoa que conseguia me irritar e me trazer paz ao mesmo tempo.

Agora ela estava apoiada contra meu peito, sua respiração estava tão calma e eu não estava pronto para ir embora ainda. Então continuei a assistir ao filme enquanto passava a mão por seus cabelos. Volta e meia eu me pegava observando-a dormir, tão plena que me fazia sorrir.

Quando o filme acabou, levantei cuidadosamente para não acordá-la enquanto limpava a bagunça na mesa de centro. Eu havia cometido o erro uma vez de deixar a bagunça para ela no dia seguinte e por semanas tive que ouvi-la reclamar. *Nunca mais!*

Depois de colocar tudo no lugar voltei ao sofá, a pegando no colo, e o suspiro que ela soltou me fez sorrir. Ela é sempre decidida, cheia de ideias, teimosa, mas dormindo ninguém diria isso. Dormindo ela parecia um anjo.



O suave balançar me acordou, eu devia estar mesmo cansada para dormir durante o filme. Quando abri os olhos e me deparei com o maxilar definido coberto pela barba que começava a crescer, ele sorriu.

— Achei que já tínhamos passado dessa fase em que você quer me levar pra cama — brinco.

— Nunca. — Empurro seu ombro e seus olhos me encaram com uma emoção que, em meu estado sonolento, não consigo discernir. — Calma Jazz, eu nunca faria nada com você

inconsciente. Ou com qualquer outra, por sinal. E eu já sei que você só quer minha amizade — ele fala.

Sinto aquele aperto no meu peito, aquele aperto que era familiar pelos últimos 8 meses. Não é mentira, mas também não é a verdade. Não toda ela pelo menos.

— E sabemos que eu não durmo com ninguém — ele comenta, rindo, fazendo meu corpo reverberar.

— Ah, é claro, o mantra de Christopher Jensen! Como eu poderia me esquecer: se acordar com elas em sua cama, elas inevitavelmente vão achar que estão namorando. Você é tão ridículo. — Minha voz é sonolenta, mas essa frase foi marcada em mim logo no começo de nossa amizade. Ele gosta de lembrar a todos dela.

— Isso mesmo! — Ele me deita em minha cama. — Boa noite, Jazz. — Um beijo em minha têmpora e sai.

Ainda escuto a porta do apartamento fechar e o barulho da chave passando por baixo da porta. Sorrio antes de voltar a adormecer: *Ele lembrou que tenho medo de dormir com a porta destrancada.*

CHRISTOPHER

Acordo em minha cama e me espreguiço lentamente. Pego meu celular para checar as horas e ver se alguém mandou mensagens. Ainda está cedo para encontrar os rapazes na academia, não temos treino hoje, mas gostamos de malhar juntos.

Jasmine: Obrigada por limpar tudo e trancar a porta!

Um sorriso surge em meus lábios ao ler a mensagem, ela fica feliz com coisas tão pequenas. O que é uma diferença enorme das outras mulheres que eu conheço. Para alegrar Jasmine Bianchi

você precisa de um bom livro, um bom filme, comida ou apenas a presença. Ela adora conversar, bom, com quem ela conhece e gosta. Não é que ela não goste de joias, flores ou roupas, ela adora. Mas quando você a ver com um livro novo, a felicidade genuína em seus olhos é contagiante.

Christopher: *Tudo para não ser forçado a ouvir suas reclamações.*

Há também uma mensagem de meu irmão mais velho dizendo que Colin, seu filho, sente minha falta. Respondo dizendo que passarei para ver o pequeno no fim da semana.

Por fim, três mensagens da arquiteta que eu deveria ter encontrado na noite anterior.

Audrey: *Chris, que pena que não pudemos nos ver.*

Audrey: *Espero que tenha conseguido resolver o problema que surgiu.*

Ih, o que que eu falei pra ela? Não faço ideia.

Audrey: *Quem sabe possamos nos ver uma outra hora.*

Isso. Boa ideia. Sexo é sempre uma ótima ideia.

Christopher: *Bom dia, linda, consegui resolver tudo. Sobre nos vermos, quais seus planos pra hoje?*

Levanto e vou tomar um banho. Jazz vive implicando com o que ela chama de meu mantra, mas eu sou feliz com a minha vida de solteiro, e em todas as poucas vezes em que eu cometi o erro de acordar na mesma cama com a mulher com quem eu dormi na noite anterior, foi difícil explicar que eu não queria nada sério, que a noite tinha sido ótima, talvez pudéssemos repetir, mas eu não lido bem com exclusividade. O mundo não pode ser privado dessa obra prima que meus pais fizeram! Por isso a regra é clara, eu vou pra casa

delas e assim que todo mundo está feliz e satisfeito, eu volto para minha.

Nos encontramos em um restaurante da cidade à noite, um dos bons, a decoração em diferentes tons claros, os lustres de cristais iluminam bem o ambiente, mas mantém uma aura confortável com as luzes amarelas.

Eu, como bom cavalheiro que sou, já aguardava na mesa quando Audrey apareceu. Seu corpo esguio delineado por um vestido preto que destacava sua pele clara, seus olhos verdes se iluminaram quando me viram. Porém foram seus cabelos que me chamaram a atenção, pois hoje diferente da vez em que nos encontramos seus cabelos exibiam cachos. Não cachos naturais, mas, ainda assim, cachos.

A conversa fluía e eu fazia um esforço de me manter presente, de me interessar pelo assunto. No entanto, enquanto a loira falava sobre sua profissão, sobre seu trabalho, não havia paixão em sua voz, o que tornava o assunto um tanto enfadonho. Mas eu não estava aqui pela conversa, não é mesmo?

— E o que você vai querer, Audrey? — eu pergunto enquanto escolhemos a sobremesa, um sorriso em meus lábios e arqueio uma sobrancelha sugestivamente e ela entende. Ela volta o olhar para o menu, mordendo o lábio inferior e lançando um olhar sedutor.

— Acho que eu tenho um pote de sorvete em casa... — ela fala.

— Eu amo sorvete. — E pago a conta antes de sairmos.

Mal passamos pela porta do seu apartamento e minhas mãos a envolvem, a puxando para mim, e eu a beijo. Em poucos passos suas costas já estão contra a parede, minhas mãos passeando por ela, descobrindo os pontos sensíveis. Um gemido escapa de seus lábios quando minha boca passa para seu pescoço, queixo, uma mordida leve em sua orelha antes de voltar a seus lábios.

Sem que eu me dê conta, suas mãos já tiraram minha camisa e sobem por meus braços até minha nuca.

— Quarto? — eu murmuro contra seus lábios e uma de suas mãos solta meu pescoço e indica a direção. Minhas mãos descem pelo seu quadril e a levantam do chão, suas pernas abraçam minha cintura e então eu acho o quarto.

Os poucos passos até a cama são suficientes para que as peças de roupa fiquem pelo caminho.

Nossos corpos unidos e os movimentos rítmicos, nos aproximando da tão almejada libertação. Já conseguia sentir o orgasmo se formando, abri os olhos para observar Audrey enquanto estimulava aquele ponto sensível entre suas pernas, sentindo-a se contrair ao meu redor. Um segundo antes de alcançar o clímax seus cachos pareceram negros e a visão deles me fez ultrapassar aquele limite.

Assim que pisquei, eram loiros novamente.

“*Que merda foi essa, Christopher?*” pensei, mas deixei para refletir a respeito mais tarde.

Ainda ofegante, me deitei ao lado de Audrey, uma de minhas mãos ainda acariciando preguiçosamente seu torso enquanto nossas respirações se normalizavam, preparando para a próxima rodada. A conversa era superficial, mas mantinha o toque sensual, de flerte.

Horas mais tarde enquanto eu dirigia pra casa fiquei repassando o momento em que os cabelos de Audrey pareceram negros, deve ter sido algum efeito da luz, afinal o quarto estava escuro e a luz vinha da porta aberta no corredor. É, deve ter sido isso, era a única explicação. E eu não gozei por causa disso, eu já estava quase lá. Uma coisa não está relacionada com a outra, ainda mais se levar em consideração que nas outras duas vezes isso não aconteceu.

Quando me deitei para dormir, estava satisfeito com minhas conclusões e pronto para uma boa noite de sono, ou manhã.

[1] US Marine Corps (USMC) – O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos é o braço da força marítima terrestre das Forças Armadas dos Estados Unidos responsável pela condução de operações expedicionárias e anfíbias. Muitas vezes referidos apenas como *Corps*.

[2] O treinamento de recrutamento do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos é um programa de 13 semanas, incluindo processamento interno e externo, que cada recruta deve concluir com êxito para servir no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

[3] Show and Tell - é um exercício comum nas escolas estadunidenses em que as crianças levam brinquedos/animais de estimação ou alguma outra coisa para mostrar para os colegas e contar o motivo que os levou a escolher aquele item naquele dia.

[4] MARSOC – United States Marine Forces Special Operations Command – é um comando componente do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos (SOCOM).

[5] Mi Hijo – meu filho em espanhol.

[6] Mamá – mamãe em espanhol.

[7] Abuela – avó em espanhol.

[8] Mira – olha em espanhol.

[9] Quepe é o nome dado ao chapéu militar.

[10] Cabo é uma posição nos Fuzileiros Navais Americanos, que está sob Sargento na hierarquia.

[11] Reaper - ceifador em inglês.

[12] Big Sur é uma parte da rodovia CA-1, que percorre a costa do estado da Califórnia. É famoso por suas paisagens e diversos pontos turísticos por todo o trajeto.

[13] Short John - é a roupa curta de borracha (shorts e manga curta) usada por surfistas